
DARK VERSE
BOOK TWO
THE MYSTERIOUS MAN
THE COUNT OF MISSING GIRLS SHOOTS UP TO 25
THE REAPER
RUNYX

AVISOS

Prezem pelo grupo, não distribuam livros feitos por nós em blogs, páginas de Facebook e grupos abertos.

Nunca falem sobre livros que foram feitos por nós para autoras, digam que leram no original.

Prestigiem sempre os autores comprando seus livros, afinal eles dependem disso não é mesmo?



A presente tradução foi efetuada pelo grupo WICKED LADY, de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra. Incentivando à posterior aquisição.

O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto. Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo WICKED LADY poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que foram lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo WICKED LADY de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

Wicked Lady

STAFF

DISTRIBUIÇÃO: Wicked Lady

TRADUÇÃO: Lady Zsadist

REVISÃO INICIAL: Lady Zsadist

REVISÃO FINAL: Lady Draconi

LEITURA FINAL: Lady Ward

FORMATAÇÃO: Lady Rexroth



THE REAPER

RUNYX

LIVRO DOIS

DARK VERSE

Wicked Lady

Série Dark Verse

Ordem de Leitura

LIVRO UM



LIVRO DOIS

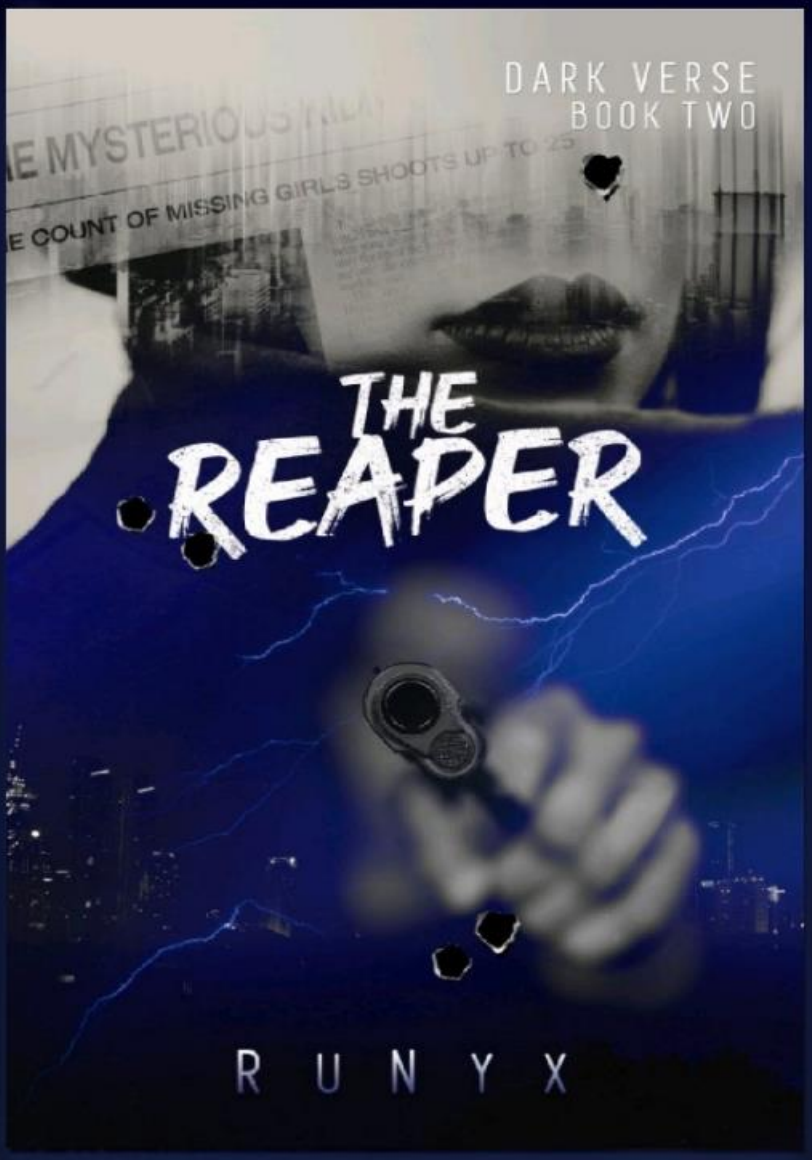


Wicked Lady

Série

Dark Verse

LANÇAMENTO



LIVRO DOIS

Para os meus pais.

Por sempre me apoiarem, dando-me força e incentivando meus sonhos. Eu não seria quem eu sou sem o vosso amor incondicional.

Eu amo vocês.

Nota da Autora

Este é o segundo livro da série *Dark Verse* e começa diretamente onde o primeiro livro, *The Predator*, já lançado. Se você não leu o primeiro livro, recomendo fazê-lo para uma experiência completa de leitura.

Este livro contém cenas explícitas de violência e natureza sexual. Também existem alguns avisos que considero justo alertá-lo caso você seja sensível a esses assuntos – ataques de pânico, assassinato, menções de estupro e tortura, menções à escravidão humana.

Se algum desses assuntos o deixar desconfortável, preste atenção. Se você continuar lendo o livro, espero que você aproveite a jornada. Obrigada.

PLAYLIST

A lista de reprodução é para Tristan e Morana para o Livro 1 e o Livro 2.

A lista de reprodução é para Tristan e Morana para o Livro 1 e o Livro 2.

Devil Devil – Milck

Carnival of Rust – Poets of the Fall

Animals – Maroon 5

Closer – Nine Inch Nails

One Way or Another – Until the Ribbon Breaks lyrics

Every Breath You Take – The Police

Eyes on Fire – Blue Foundation

A Little Death – The Neighbourhood

Russian Roulette – Rihanna

Between the Bars – Elliott Smith

Toxic – Sofia Karlberg Cover

Hypnotic – Zella Day

Carry You – Jeffrey James

Bravado – Lorde

Salted Wound – Sia

Crazy in Love – Beyonce (Fifty Shades Cover)

Wicked Game – Ursine Vulpine ft. Annaca

Bedroom Hymns – Florence + The Machine

Cut – Plumb

Fire Breather – Laurel

Broken – Seether ft. Amy Lee

Monster – Imagine Dragons

Demons – Imagine Dragons

Don't Let Me Go – RAIGN

Help – Hurts

I Found – Amber Run

Making Love on the Mountain – The Woodlands

Lullaby – Nickelback

Touch Me – Rui Da Silva Ft. Cassandra

Bleeding Love – Leona Lewis

My Heart Is Open – Maroon 5

Partition – Beyoncé

50 Shades – Boy Epic

Trust – Boy Epic

Dirty Mind – Boy Epic

Walk Through The Fire – Zayde Wolfe ft. Ruelle

You Belong To Me – Cat Pierce

My Love Will Never Die – Claire Wyndham

A Little Wicked – Valerie Broussard

You Should See Me in a Crown – Billie Eilish

Flesh – Simon Curtis

Dinner & Diatribes – Hozier

I'm A Wanted Man – Royal Deluxe

Dangerous Woman – Ariana Grande

Not Afraid Anymore – Halsey

Game of Survival – Ruelle

Shameless – Camilla Cabello

Craving You – Thomas Rhett

Madness – Ruelle

Blood and Muscle – Lissie

Fear and Loathing – Marina and the Diamonds

Black Magic Woman – VCTRY

I Can't Go On Without You – KALEO

"Eu te amo como certas coisas sombrias devem ser amadas, em segredo, entre a sombra e a alma."

– Pablo Neruda

Sinopse

O que acontece quando o vento indomável e o mar sem fim colidem na escuridão da noite?

Tristan 'The Predator' Caine não estava preparado para Morana Vitalio.

Depois de passar a vida inteira com um voto que quebrou em uma noite chuvosa, ele se vê dividido em uma batalha entre seu passado doloroso e um futuro incerto.

A única coisa que ele sabe? A vida dela ainda pertence a ele.

Para Morana, a linha entre inimigos e aliados ficou turva.

Tudo o que ela considerava querido se desintegrou e o desconhecido se abate sobre ela, deixando-a com liberdade e a vida em risco no território inimigo.

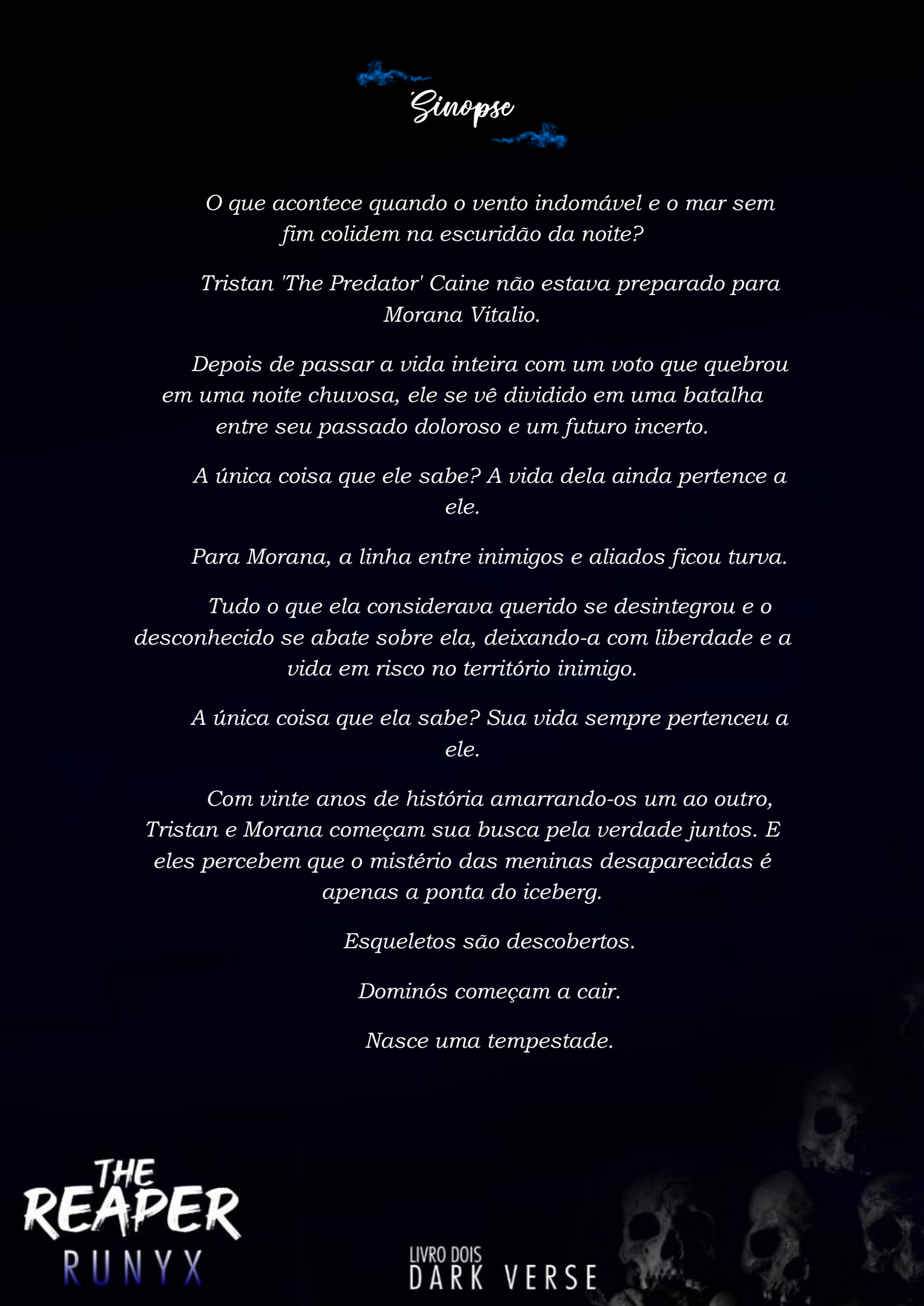
A única coisa que ela sabe? Sua vida sempre pertenceu a ele.

Com vinte anos de história amarrando-os um ao outro, Tristan e Morana começam sua busca pela verdade juntos. E eles percebem que o mistério das meninas desaparecidas é apenas a ponta do iceberg.

Esqueletos são descobertos.

Dominós começam a cair.

Nasce uma tempestade.





Prólogo

O brilho laranja do cigarro aceso era o único lampejo de vida na noite escura e tempestuosa.

O homem sentado atrás do volante olhou para o cemitério à sua esquerda, seus olhos castanhos rastreando os amantes se beijando entre os mortos. Enquanto ele não podia ver a garota, escondida como ela estava por trás da estrutura alta de seu amante, ele sabia exatamente onde ela estava, exatamente como ele conhecia todos esses anos.

Ele os observou da escuridão de seu carro, sua janela abaixou apenas uma polegada para deixar a fumaça escapar antes que ela o sufocasse. Não que ele tenha medo da morte, de maneira alguma. Ele só tinha um objetivo, um objetivo que o estava dirigindo há muito tempo. Ele ficou esperando, dia após dia, semana após semana, ano após ano, dando um passo metafórico mais próximo de sua meta.

Dando uma longa tragada em seus pulmões, ele sentiu a fumaça penetrar em suas células e se misturar com as cinzas de sua antiga vida. Ele esfregou o joelho distraidamente, acariciando o fantasma de uma dor que o assombrava.

Um relâmpago iluminou tudo por uma fração de segundo. Se o Predador tivesse se virado, ele o teria visto facilmente. Mas um dos melhores caçadores da máfia estava

distraído pela mulher. Ele estava irracional, desleixado. Ele estava emocionalmente investido nela.

O homem observou-os se separarem, observou o homem mais novo se abaixar para pegar a arma caída, observou-o entregá-la a ela. Ele observou, silencioso como as sombras, enquanto a mulher o seguia até o veículo que esperava.

Abrindo a janela completamente, o homem jogou o cigarro meio fumado para fora, com gotas pulverizando seu rosto com o entusiasmo de um amante reconciliador, beijando sua pele. Seus olhos se voltaram para o anel de prata brilhando no dedo anelar direito, o crânio cinzelado até os últimos detalhes. Foi feito para ele há muito tempo como um presente. O crânio já fora sua joia principal. Agora, era o fantasma dele.

Ao longo dos anos, ele se perguntou sobre a linha tênue entre justiça e vingança. De que lado ele acabou dependia muito da garota. Ele usava o anel, não pelas lembranças de riso e amizade, mas pelo lembrete de tudo o que havia perdido.

Era hora de trazê-lo de volta.



A chuva caía constantemente em cascatas.

As gotas espirraram contra o para-brisa e tiveram uma morte instantânea, caindo sobre o vidro enquanto ocasionais rajadas de trovão rasgavam o céu noturno.

Morana ainda estava do outro lado da janela, ainda olhando para o chuveiro, ainda removida das gotas tentando penetrar nas paredes invisíveis e tocá-la.

Desta vez, porém, ela não estava intocada. Ela já foi beijada por elas, devastada por elas, fez amor por elas. Desta vez, ela estava encharcada, molhada e tremendo com a força da memória daquelas gotas de chuva acariciando sua pele por um momento congelado em seu coração.

Desta vez, como tinha sido naquela noite na cobertura, ela não estava sozinha.

Ela ainda não tinha virado o pescoço para olhá-lo no carro.

Ele também não estava intocado. Mais cedo, ela assistiu com fascinação extasiada quando ele silenciosamente entrou no veículo depois de se afastar dela.

As nuvens rolaram. O raio havia se partido. Os ventos haviam chicoteado.

E ela ficou do lado de fora, exposta por um longo tempo enquanto ele passava por trás de suas paredes.

Mas não completamente.

Embora ele tivesse ligado a ignição, ele não fez nenhum movimento para puxar o carro para fora, esperando silenciosamente por ela enquanto ela estava na periferia e deixava os olhos permanecerem no local exato em que ela fez sua escolha e o forçou a fazer a dele. Suas pegadas foram arrastadas pela chuva, lama e grama cobrindo do lado de fora o que havia sido um ponto de virada dentro dela. O dilúvio também lavou a maior parte das manchas em seu corpo remanescente da explosão e abriu o ferimento que ela tinha no bíceps. Isso a preocupou um pouco, já que molhá-lo era algo que ela havia evitado na noite passada e agora estava completamente encharcada.

Mesmo quando ela ficou sentindo e contemplando a tensão em seu braço, ele nunca tocou a buzina, nem abriu a porta, nem acelerou o motor. Ele não fez um único movimento para indicar abertamente que estava esperando por ela. No entanto, ela sabia disso simplesmente porque ele ainda estava lá, uma presença silenciosa, mas magnética, permanecendo vigorosamente na área vazia – uma vida consciente entre a morte e a destruição que o cercavam.

Silenciosamente, ele ofereceu a ela um lugar atrás daquelas paredes que o protegiam. Tão silenciosamente, ela aceitou. Ela contornara aquela besta de veículo e subira direto no banco do passageiro. Ele simplesmente saiu do cemitério.

O ar quente que soprava da saída de ar caía bem em sua pele úmida e fria agora, enquanto ela empurrava as palmas diretamente na frente delas, deixando o calor da circulação penetrar lentamente em seus ossos. Permitindo que seus olhos vagassem livremente pelo interior do carro dele pela primeira vez, ela não ficou nem um pouco surpresa com os assentos de couro preto que agora estavam completamente encharcados de umidade, graças a ambas as roupas. Era sua primeira vez no carro dele, um lindo BMW preto do qual ela sentia inveja se estivesse sendo honesta.

Balançando a cabeça levemente, ela virou-se para o console, vendo 'Play Music' brilhando no painel digital e ergueu as sobrancelhas, perguntando-se por um segundo que tipo de música ele se entregaria se ele o fizesse. Seu gosto pela música se inclinava para o Rock ou o R&B? Ou era tão eclético quanto o gosto dela? Perguntas simples que ela nunca se permitiu ponderar sobre ele vasculharam sua mente enquanto observava os objetos ao seu redor.

Seus olhos errantes e inquisitivos pararam diante de um pequeno pingente. Era realmente pequeno, feminino, pendurado em uma corrente de prata pendurada no espelho no centro, um pequeno disco redondo nele.

Sem parecer óbvia demais, a curiosidade a superou, Morana apertou os olhos e tentou descobrir se havia uma inscrição na forma plana de disco.

Havia.

'‘irmãzinha’'

Oh senhor... era dela.

Luna.

Morana sentiu seu coração apertar dolorosamente, todo seu conhecimento recém-adquirido a fazendo recuar no encosto, seu olhar caindo no homem silencioso ao seu lado.

Ele parecia relaxado em seu assento, sem apertar as mãos no volante ou na alavanca de câmbio quando o trocou, com a respiração suave e regular. Tudo parecia bem. Exceto por uma coisinha – ele estava olhando para frente com uma devota concentração que ela duvidava que ele precisasse, evitando os olhos dela desde o momento em que ele entregou a arma caída para ela.

Desde que ele tinha beijado a merda fora dela.

Morana deixou os olhos voltarem para aquele pingente pequeno e simples, tecendo movimentos circulares com o movimento do carro, e sentiu o peito doer. Aquela minúscula

joia dançando livremente entre eles – a prata que trazia a marca e já pertencera à sua amada irmãzinha – dizia mais sobre ele do que qualquer outra coisa jamais poderia. Tanta dor, tanta raiva, tantas cicatrizes...

E junto com o peso em seu peito veio outra epifania – o carro também era território dele. Ou então aquele pingente nunca teria ficado lá, tão exposto, tão bonito, tão vulnerável. Sua própria existência no carro dizia que era muito, muito particular.

E ela percebeu – assim como ele fez em sua cobertura naquela primeira noite de chuva, quando decretou que ela ficaria em seu apartamento em vez de sair com Dante – ele a deixara entrar em seu território. Novamente. Mesmo depois de fazer uma escolha, ela não podia nem começar a entender.

As consequências dessa escolha ainda se agarravam a seus músculos, ainda circulavam em seu sangue, ainda zumbiam em todas as células de seu corpo. Ela ainda podia sentir o metal frio daquela arma contra as batidas do seu coração palpitante. Ainda podia sentir a pressão daqueles lábios pulsando contra os seus inchados. Ainda podia sentir o deslizar da língua acariciando o interior da boca.

Um calafrio devastou seu corpo – pelo frio ou pelas lembranças, ela não sabia.

Perguntas rodaram em sua mente, palavras se formaram em sua garganta e vieram direto para a ponta de sua língua, mas ela as mordeu, não querendo quebrar o

silêncio. Ela acabara de forçá-lo a entrar em um lugar e, sabendo o que sabia dele, entendeu que ele não reagiria bem a ser coagido a conversar, até que tivesse tempo para processar tudo.

Ou bem, pelo menos é o que ela gostaria, se estivesse no lugar dele. Ela ainda estava incerta sobre ele, sobre onde estava seu cérebro, mas estava viva e tremendo ao lado dele depois de lhe dar uma chance de matá-la. E isso foi o suficiente. Por enquanto.

O som de seu telefone tocando no painel quebrou através do silêncio tenso.

Morana olhou para o telefone reflexivamente.

'Chiara chamando'

Uma leve carranca enrugou as sobrancelhas antes que ela pudesse parar.

Chiara? Quem diabos era Chiara? E por que ela ligaria a essa hora da noite?

Virando a cabeça atentamente para a janela, Morana concentrou-se nas gotas de chuva que caíam do vidro, nos outros veículos na estrada quase vazia, ciente de que ele rejeitou a ligação. Se ele fez isso porque estava dirigindo, ou

por causa da presença dela, ou simplesmente porque não estava de bom humor, ela não sabia.

Mas um nó minúsculo em seu estômago se desenrolou, preocupando-a por sua própria existência. Não deveria surgir esse nó. Não deveria ter havido nenhuma reação a mulheres lindamente nomeadas que o chamavam no escuro da noite. Ela não tinha energia para isso. Isso era ruim.

Sacudindo os pensamentos que aglomeravam sua cabeça, ela optou por estudar a mão grande dele, enquanto ele trocava as marchas suavemente, de um jeito que ela nunca teve tempo ou inclinação. Ela pegou o enorme relógio metálico em volta do pulso forte dele com um mostrador azul-marinho que parecia caro, as veias que corriam na parte de trás da mão dele, a poeira esparsa do pelo que ondulava bem debaixo da manga dele, os dedos longos e fortes que ela sentiu dentro dela intimamente. Contorcendo-se apenas um pouco, ela deixou seu olhar viajar mais baixo, olhando novamente para a pele quebrada sobre os nós dos dedos, a carne ainda tumultuada. Embora ele pudesse facilmente ter causado esse dano na noite passada na parede do chuveiro, parecia recém-machucado.

Ela abriu a boca para perguntar a ele, viu o canto dos lábios dele abaixar infinitamente e calou a boca.

Não é a hora. *Não é uma boa* hora.

As milhas voaram enquanto ele dirigia, tecendo habilmente o carro através do tráfego leve e, após longos e

tensos minutos, ela viu os portões familiares de seu complexo de apartamentos, o prédio subindo alto no céu tempestuoso, o mar uma visão ao longe esquerda da estrutura.

Os dois guardas nos portões, com armas presas aos quadris, acenaram para ele respeitosamente e ele dirigiu pela pequena entrada para o estacionamento subterrâneo. Luzes brancas iluminavam todo o espaço, brilhando no metal de todos os veículos escuros que dormiam ali. Morana olhou para todos os carros e ficou imaginando por um momento quem morava no prédio, exceto ele e Dante.

Antes que ela pudesse seguir essa linha de pensamento, ele manobrou o carro em seu lugar ao lado de sua bela motocicleta. Morana olhou para a força sombria dela, um desejo de montar a coisa novamente ecoando em seu coração, vindo da memória preciosa daquele primeiro passeio de motocicleta, daquela primeira lembrança de se sentir verdadeiramente livre.

Seu desejo se abriu quando ouviu a porta se abrir e se virou para vê-lo pular do carro, batendo a porta atrás dele, tudo antes que ela pudesse desfazer o cinto de segurança. Ela teve a sensação de que ele queria se afastar dela e novamente, embora isso a deixasse um pouco louca, ela entendeu. Se ela estivesse no lugar dele, provavelmente o abandonaria no próprio cemitério e fugiria por seu precioso espaço. Honestamente, ela esperava isso dele também.

E, assim como no cemitério, embora tenha chegado primeiro aos elevadores particulares, ele não subiu, mas esperou silenciosamente por ela. Morana silenciosamente abriu a porta e trancou-a atrás dela, deixando a mão acariciar o assento da motocicleta uma vez, o ar fresco da garagem fazendo sua estrutura molhada tremer enquanto ela caminhava com passos rápidos para onde ele estava, dentro da caixa de metal com seu pé ao lado das portas para impedir que se fechem.

Surpresa com o gesto, ela entrou quando ele se retirou e pressionou o código da cobertura. Ela observou as portas se fecharem, os espelhos refletindo suas formas encharcadas. Morana olhou para a imagem que eles faziam. Enquanto ele parecia inteiro, seu corpo alto e musculoso envolto naquele terno ensopado e gravata pingando, aqueles abdominais evidentes contra a camisa branca estampada em seu torso; ela parecia a morte esquentada. Suas roupas estavam levemente rasgadas pela explosão, seu top claro agora com um tom esverdeado de marrom, manchas de sujeira e lama estragando o tecido e em alguns lugares, até a pele. Seu cabelo estava emaranhado e embaraçado, metade no rabo de cavalo caído e metade fora, as bochechas eram a única mancha de cor no rosto, os olhos enormes e levemente vermelhos.

O contraste entre os reflexos deles naquele momento – a pele dele mais escura do que a palidez dela; suas roupas escuras e limpas contra a suja dela; seu corpo alto e largo

para o corpo pequeno e cheio de curvas; o poder que irradiava de seu próprio ser, mesmo em uma condição desgrenhada, no momento em que ele nem estava olhando para ela, picando sua pele – provocou um arrepio na espinha.

Embora o pensamento de ter o corpo desse homem contra ela a tivesse despertado até alguns dias atrás – embora a um nível que ela nunca tivesse entendido – era um frenesi caótico dentro dela agora. Fascinação e luxúria, compaixão e luxúria, raiva e luxúria, misturados em um conjunto ardente que ela podia sentir em seu estômago, sabendo que, embora agora não fosse a hora, ela o teria novamente um dia – desta vez tão nu quanto ela, desta vez com sua carne contra ela, seu suor, seu perfume, suas cicatrizes esfregando-a enquanto ela o marcava com as dela.

Ele seria a ruína dela. E ela o arruinaria de volta.

Mas agora não era a hora.

Respirando fundo para se concentrar, para dar a ele e a si mesma o tempo para processar os eventos das últimas vinte e quatro horas, ela espiou onde ele estava, lembrando-se da primeira vez que ela entrou neste elevador com ele. Ele estava encostado na parede dos fundos, a poucos metros dela, percorrendo o telefone, sem olhar para cima ou fazendo contato visual com ela. Era estranho, essa falta de contato visual entre eles. E agora que ele lhe negava aqueles olhos magníficos dele, ela percebeu o quanto passara a confiar neles para lê-lo.

Ela sabia que ele sabia que ela estava olhando para ele. No entanto, ele deliberadamente manteve o olhar no telefone.

Soltando um suspiro, ela começou a esfregar os braços para se aquecer, consciente da leve dor no ferimento, quando as portas finalmente se abriram, mostrando-lhe a vista majestosa da chuva e da cidade do lado de fora das janelas que ela adorara tanto, isso sempre a deixava sem fôlego por uma fração de segundo.

E então, vozes raivosas a alcançaram.

Uma alta, masculina. Uma suave, feminina.

Reinando em sua surpresa – ao encontrar Amara lá e ouvir Dante soar tão diferente de si, Morana ficou colada ao local e olhou para o homem silencioso ao seu lado, vendo-o finalmente desligar o telefone e se concentrar nas duas pessoas lá dentro.

“Você não tinha o direito!” Dante falou, sua voz mais alta do que Morana já ouvira, sua raiva transbordando em cada palavra. “Não era sua história para contar.”

“Eu não podia simplesmente ficar de lado e deixá-lo se destruir!” Amara retorquiu, sua voz ainda baixa e rouca, mas firme o suficiente para deixar Morana saber que ela estava falando sério. “Eu o vejo fazer isso há anos e não suporto.”

“Isso não é sobre você, caramba!”, Dante gritou e Morana se encolheu. “Você quer contar a alguém como conseguiu essa cicatriz? Faça. Diga a todos. Mas você não

conta a ninguém como ele conseguiu as dele, Amara! Eu contei tudo isso com total confiança e você a traiu. Você o traiu. Como. Você. Pode. Porra?"

"Você me acusa de traição? Deus, eu nem te reconheço algumas vezes," Amara sussurrou, a raiva em sua voz fervendo, seu tom um mundo inteiro diferente de como tinha sido uma hora atrás falando desse mesmo homem. "Sim, eu disse a uma mulher inocente que não fazia parte do que aconteceu com ele sobre o motivo de sua vida estar em risco. Eu disse a verdade sobre ele a uma mulher que o deixa tão vivo que nunca o vi assim antes. Se traindo você e ele, ele tem uma chance de ter uma vida melhor do que a dele, então eu trairia você cem vezes mais! Ela merecia saber e ele merece uma chance!"

"Não comece com isso de novo", disse Dante. "É uma coisa simples, porra. Confiamos em você e você quebrou. Era a história dele para contar e ele teria dito a ela se quisesse. Ele não fez."

"Porque ele está com medo, isso vai mudar as coisas!" Amara gritou, sua voz suave cansada. "E as coisas precisam ser mudadas, você não entende?!"

"Assim não."

Houve um silêncio por um segundo antes de Amara perguntar em voz baixa. "Você está bravo porque eu traí Tristan, ou porque eu traí você?"

Boa, garota.

Morana aplaudiu silenciosamente a mulher que se tornara sua amiga, que derrubara um homem que gritava, com uma voz suave e cheia de cicatrizes. Algo semelhante ao orgulho a encheu.

Antes que outra palavra pudesse ser pronunciada no apartamento, o homem volumoso a seu lado – que se detinha cada vez mais a cada palavra – saiu do elevador e virou à direita, caminhando em direção à sala de jantar de onde vinham as vozes. Morana seguiu rapidamente, alguns passos atrás dele, mordendo os lábios para manter seus pensamentos para si mesma.

Ela parou na beira da sala, vendo Dante e Amara congelados, a centímetros de distância um do outro, mas ambos olhando para Tristan Caine com os olhos arregalados. O olhar de Dante piscou para ela por um momento, levando-a da cabeça aos pés, seus olhos observadores permanecendo nos lábios dela por um longo segundo que de repente a fez perceber o quão inchados estavam. Morana não desviou os olhos dos dele, em seu rosto bonito e perturbado. Ele balançou a cabeça uma vez antes de se afastar bruscamente em direção à janela e encarar a vista.

Amara não olhou para ela, nem por um momento. Mas olhou de volta para o homem ao seu lado, com a coluna ereta e o queixo erguido, sem remorso no rosto pelo que tinha feito. Morana sentiu seu respeito pela mulher subir um pouco –

porque estar no lado receptivo dos olhos de Tristan Caine perfurando buracos em você, era intimidador *pra* caralho.

Ela olhou para ele e o encontrou encarando Amara, com o queixo cerrado.

Ninguém pronunciou uma palavra.

A tensão entre os dois parecia subir mais e mais, tanto, que Morana se debateu por interferir por um momento. Mas então ela viu os lábios dele se moverem.

“Vá para casa, Amara.”

Sua voz – aquela voz de uísque e pecado – falava pela primeira vez em horas, suavemente para a bela mulher, uma exigência e um pedido reunidos em uma.

Amara assentiu sem nenhum argumento ou explicação, pegando sua bolsa no balcão e passou por eles em direção ao elevador. Ela parou ao lado do console e se virou para olhar Dante enquanto ele olhava pelas janelas, seus olhos verdes escuros com raiva.

“Pare de ser covarde, Dante”, ela cuspiu suavemente em sua direção. “Já está na hora, caralho.”

Ah, oh.

Com isso, ela entrou no elevador e fechou as portas atrás dela.

OK.

Mas não havia terminado, parecia. Morana observou com as sobrancelhas erguidas na linha do cabelo enquanto Dante punha as mãos ao lado dele, antes de pegar um vaso no armário mais próximo e jogá-lo no chão, esmagando-o em pedaços cintilantes. Recuando com o repentino barulho, o belo cristal quebrando alto e os pedaços quebrados espalhados por todo o chão, Morana respirou fundo.

Ela estava cansada demais, sobrecarregada demais, para testemunhar qualquer coisa mais emocional de qualquer tipo, não até a manhã seguinte. De certa forma, ela estava realmente agradecida a Tristan Caine por manter o silêncio e não ser o turbilhão forte que ele poderia ser às vezes. Por enquanto, ela precisava relaxar para que não se parecesse com aquele vaso no chão – quebrado por uma força que não podia suportar.

Então, sabendo que seria melhor para ela recuar e deixar os homens para sua meditação e privacidade mútuas, para cuidar de sua ferida, ela deu um passo para trás.

Recuando em direção ao quarto de hóspedes em passos silenciosos, ela abriu a porta e entrou, consciente do silêncio do apartamento, o único barulho vindo da torrente colidindo com as janelas de vidro. Soltando o fôlego que ela estava segurando desde que subiu no elevador, Morana rapidamente colocou o telefone em carga, foi ao banheiro e começou a ligar a água quente no banho.

Sentando-se na borda ao lado da banheira afundada, ela começou a limpar o ferimento novamente, sibilando quando a picada fez seus olhos já sensíveis lacrimejarem, e fechou-o com ataduras. Depois, despindo as roupas, jogou-as no canto, sabendo que nunca mais as usaria. A água estava boa, a porta fechada, ela mergulhou um dedo na banheira grande e finalmente afundou.

Era como um abraço de corpo inteiro da melhor água morna que ela já havia mergulhado.

O *melhor* abraço.

Gemendo com a incrível maneira como a água acariciava seus músculos doloridos e beijava seus pequenos cortes, ela abaixou a cabeça uma vez antes de jogá-la de volta nos ladrilhos atrás dela, mantendo os braços na borda ao lado dela, os olhos fechados.

Ela não se permitiu pensar em nada – nem no carro, nem nos assassinatos a sangue frio, nem no pai, nem na tentativa dele de matá-la, nem no homem que a procurara, nem na escolha que ambos haviam feito, e *definitivamente* não o beijo que ainda picava seus lábios pesados. Ela não se deixou reviver – nem a chuva, nem a arma, nem o homem. Ela não se lembrou disso – nem as carícias suaves, nem a fome forte, nem a escolha silenciosa.

Ela ficou ali, deixando a água ser sua amante carinhosa, que a acalmava, limpava e a relaxava completamente em seus braços.

O pensamento poderia esperar até amanhã. Ela ignorou a corda que a mantinha unida, ignorou a dor que puxava esticada em cada pensamento, ignorou tudo. Ela apenas ficou lá.

Depois de longos, longos minutos, quando a água esfriou e sua pele começou a enrugar, quando ela quase dormiu com a simplicidade de um bom banho após um dia duro, ela de alguma forma se arrastou para fora da banheira, puxando o ralo, os olhos ardendo, a exaustão e a falta de sono dos últimos dias a alcançando. Tudo o que ela queria era se colocar naquela cama confortável, puxar os cobertores finos sobre a cabeça e dormir tranquila pelos próximos dez anos. No mínimo.

Suspirando, ela apagou as luzes do banheiro e saiu para o quarto ainda escuro, sem roupas, sem se importar, porque estava exausta e não preocupada, pois tinha certeza de que ele não entraria no quarto hoje à noite, não depois de tudo o que ele veio evitando desde o cemitério.

Sem outro pensamento, ela subiu na cama, aconchegando-se na abundância de travesseiros, um gemido escapando dela no conforto luxuoso.

Um zumbido do telefone a fez espiar um olho aberto. Isso veio à vida.

Agarrando-o na mesa de cabeceira e removendo o carregador, ela desbloqueou a tela, para ver alertas de 4 chamadas perdidas e 3 mensagens de texto de Tristan Caine.

Piscando, o sono desaparecendo de seus olhos, ela engoliu em seco, clicando nos textos, vendo sua última mensagem para ele.

Morana Vitalio: *Eles deveriam estar. Afinal, acabei de explodir um carro e matar dois homens a sangue frio.*

(Enviado às 16h33)

Tristan Caine: *Onde você está?*

(Recebido às 16h34)

Tristan Caine: *Isso não é divertido, Srta. Vitalio. Onde você está?*

(Recebido 17 h)

Tristan Caine: *Eu juro por Deus... ONDE VOCÊ ESTÁ, PORRA?*

(Recebido às 17:30)

Então nada.

Os nervos se enrolaram em sua garganta, o estômago pesado com o estrondo de emoções que ela estava tentando evitar. Morana fechou os olhos e colocou o telefone de volta no suporte, virando-se de lado.

Eram quase dez e meia agora. O que significava que ela o vira no cemitério às 21 h. O que ele fez desde o último texto?

Não. Deliberadamente sacudindo-se, ela inalou profundamente – o leve aroma cítrico do amaciante nos lençóis que enchiam suas narinas – e disse a si mesma para dormir apenas a noite toda. Havia muito tempo pela manhã para pensar, processar, planejar. Por enquanto, apesar do dia, ela estava viva e cansada e seu cérebro podia esperar por algumas horas.

Assentindo para si mesma, ela quase fechou os olhos novamente quando as vozes de fora invadiram sua consciência. Frustrada, ela cobriu os ouvidos com o travesseiro.

E depois abaixou.

Os homens estavam conversando.

Puxando o lábio inferior com os dentes, ela se perguntou sobre o que eles estavam falando quando o silêncio na cobertura a ajudou, suas vozes, embora não altas, ainda flutuando até ela o suficiente para que ela pudesse ouvi-lo.

“Papai ligou quando você estava fora”, falou Dante.

Portanto, não há perguntas sobre a saúde emocional de ambos. *Homens.*

O som de cristais tilintando contra o plástico dizia a ela que ambos estavam limpando a bagunça no chão.

“As coisas estão aumentando em casa, Tristan”, afirmou Dante, no tom calmo e coletivo que ela associava a ele. “Está ficando pior. Precisamos voltar.”

Tristan Caine não falou por um longo momento.

Então, sua voz rolou sobre sua pele nua.

“Sim nós temos.”

Morana se entregou ao seu tom áspero por um segundo, antes que as palavras soassem. Ele estava indo embora?

Esse nó em seu estômago se apertou, um tipo estranho de pânico a encheu por algum motivo. Depois das últimas horas, das últimas semanas, depois de garantir que ela não fugisse quando quisesse, ele deixaria a cidade? E ela? Logo depois que ela fez a aposta de sua vida?

Seu coração afundou.

Segurando os cobertores nos punhos, ela tentou manter a cabeça quieta e se concentrar no que eles estavam dizendo.

“Vamos abordar o elefante enorme na sala?”, Dante.

“Eu não vejo um.” Displicente. Indiferente. Ele.

Ela ouviu Dante suspirar. Ela tinha certeza de que o suspiro tinha sido seu amigo por um longo tempo. “O que você estava fazendo na casa daquele bastardo hoje à noite, sozinho de tudo?”

Esse não era o elefante na sala que ela imaginara. Mas de quem eles estavam falando?

“Fazendo uma visita a ele”, respondeu Tristan Caine.

As sobrancelhas dela se ergueram naquele tom convidando o desafio.

Dante não decepcionou.

“As coisas já estão fodidas para você no momento, Tristan. Caso você tenha esquecido, alguém está fora por seu sangue...”

“Sempre tem alguém.”

“...e você continua dando combustível. Não precisamos que Gabriel Vitalio se importe conosco agora, não quando estamos aqui.”

Um.

Dois.

Atordoada.

Morana olhou para o teto, atordoada de sua mente enlouquecida. Ele visitou o pai dela? Na mansão dele? Sozinho? *Ele era louco?!*

Seu cérebro forneceu-lhe a imagem de suas mãos na hora – aquelas juntas machucadas e quebradas que lhe haviam dito, mesmo quando ele a beijara, que ele tinha feito o inferno da noite de alguém. Ela desapareceu e ele foi para a mansão de seu pai sozinho e ainda conseguiu sair? E agora tinha a pele rasgada nos nós dos dedos?

O que. Ele. Fez?

Respirando pesado, com o coração acelerado como um cavalo selvagem fora de controle, Morana não podia sequer começar a entender as implicações disso. Ela simplesmente não podia.

E, no entanto, havia algo mais também. Uma novidade. Porque ela caíra da escada e ele punira o pai dela. Porque ela desapareceu e ele entrou na cova dos leões, queimou e saiu ileso. A novidade de se sentir assim, pela primeira vez em sua vida, umedeceu seus olhos. Tendo ficado sozinha por toda a sua existência, sabendo que ninguém suaria se ela desaparecesse, o fato de que este homem – o homem que a odiava por vinte anos de sua vida – rasgou a carne, fez seu coração apertar de certa forma que, ela nunca havia experimentado antes, de um jeito que ela não conseguia entender. Apenas sentir.

Respiração falhando, ela continuou ouvindo, os nós dos dedos brancos de agarrar os lençóis.

"É bom que não fiquemos aqui por muito tempo, não é?"

Uma longa pausa.

“Isso inclui Morana?” Dante perguntou calmamente.

O coração de Morana bateu em seu peito, martelando com uma força que se misturava com as emoções inexplicáveis dentro dela, enquanto esperava uma resposta dele, para entender o que ele faria. Porque enquanto ele lhe dera silêncio, ele também dera suas ações. Ela precisava das ações dele agora.

Quando ele não disse nada por um longo momento, Dante suspirou novamente, e seu coração deu um salto. “Tristan, ela é filha dele. Por mais que eu entenda por que ela esteve aqui, não podemos deixar isso continuar. Vitalio pode retaliar. E poderia terminar mal. Você sabe disso.”

Mais silêncio.

“Você não anda concentrado tanto quanto costuma estar na ameaça e eliminá-la. Não podemos permitir uma guerra completa como essa, Tristan. Você anda distraído...”

“Não é culpa dela...”

“Não é?”

Uma pausa.

Dante continuou. “Olha, eu não a quero sob o teto daquele idiota mais do que você. Temos uma casa segura para a qual podemos levá-la. Talvez consiga seus passaportes falsos, tire-a do país como fizemos com Catarina e as

meninas. Vou ficar para garantir que tudo corra bem e ela não seja machucada e..."

"Ela vem comigo."

Três palavras.

Suave. Gutural. Irrefutável.

A respiração que ela estava segurando em sua garganta escapou rapidamente, seu coração batendo tão forte que ela se sentiu fraca. Colocando a mão no peito nu, ela sentiu a batida rápida sob a palma da mão e respirou fundo algumas vezes, alívio e algo mais a enchendo.

Ela vem comigo.

Ela queria ir? Deixar o único lar que conheceu, a única cidade que conheceu, a única vida que conheceu? Ela sabia que poderia lutar com ele nisso, mas ela queria?

Não.

Dante ficou em silêncio por um longo minuto e Morana se perguntou como eles seriam naquele momento, quão fechados eles estavam um para o outro, quão difícil eles desafiavam o olhar do outro.

"O pai vai retaliar", Dante advertiu naquele tom calmo.

Tristan Caine bufou. "Como se eu desse a mínima."

“Não é com retaliação contra você que me preocupo”, esclareceu Dante. “É sobre ela. Por fazer o que ele nunca poderia fazer.”

*Que era o que exatamente? E*la imaginou.

“Deixe isso, Dante”, Tristan Caine proferiu, sua voz uma lâmina perigosa. “Ele saberá a situação exata quando pousarmos. Apenas prepare o avião para a manhã.”

“Esteja pronto às 8”, afirmou Dante.

“Feito.”

OK.

Respirando fundo, ela ouviu o toque suave do elevador, indicando que Dante havia chamado.

“A propósito”, Tristan Caine chamou, “Chiara chamou.”

Chiara Mancini. A ligação. Quem era ela?

“Pelo quê?”

“Eu não atendi. Nem o farei,” respondeu Tristan Caine. “Mas se ele conseguir que ela...”

“Eu vou cuidar disso antes de embarcarmos”, respondeu Dante e o elevador tocou outra vez, dizendo que ele havia saído.

Quem diabos era essa mulher?

Morana virou-se de lado, olhando pelas janelas de vidro menores do quarto, observando a chuva e se maravilhava com o quão drasticamente sua vida havia mudado desde a última vez em que ela estivera na mesma cama na chuva assim. Ela estava pensando em pular além daquelas janelas, mesmo hipoteticamente. Agora, ela não conseguia entender deixar algo tão precioso dentro dela – algo que a fez sentir tudo tão agudamente, algo que ela começou a lutar.

Vida.

Ela estava viva e nunca a sentiu tão visceralmente como havia feito no último dia. Ela absorveu os novos fatos que aprendeu sobre ele desde o cemitério – que ele tinha um pingente de sua irmã ainda pendurado no carro depois de vinte anos, que tinha ido à mansão de seu pai, por algum motivo, sozinho e espancou alguém e ainda conseguiu contar a história, que lhe dizia como ele era totalmente temido. Ela não conhecia muitos homens, inferno, qualquer homem, que poderia reivindicar entrar na casa do inimigo sozinho, ter uma briga e sair respirando.

Um arrepio rasgou sua espinha, e ela fechou os olhos quando o fato mais recente permaneceu – que ele estava disposto a levá-la com ele, para longe deste lugar que não lhe dava mais nada, para longe deste inferno, testando a ira não apenas do pai dela, mas Lorenzo Maroni. E que ele tinha certeza de que ela não seria ferida. Ela sabia em seu interior que ficaria ilesa. Porque mesmo que ele sempre falasse sobre matá-la, ela percebeu que ele não reagira bem ao fato de ela

ser prejudicada – tanto quando ela o procurou depois que o pai a deixou cair da escada, como quando atirou no braço dela para salvá-la. Ou quando ele pensou que ela tinha ido e acariciou seu amado carro.

Seu coração se apertou com a lembrança.

Antes que ela pudesse se afogar, ela ouviu um suave sopro quando o ar no quarto mudou.

A porta se abriu.

A surpresa a encheu quando algum instinto, uma voz profundamente enraizada, disse a ela para não mover um músculo ou abrir os olhos para que ele não saísse sem fazer o que ele veio fazer. O que ele veio fazer? Vê-la dormir, como ele tinha feito antes? Ou para conversar, o que ela ainda não achava plausível?

De repente, tornou-se consciente de seus braços expostos no ar, de seus seios mal escondidos pelos cobertores, da única perna nua que ela esquecera de cobrir, nua até o quadril. Ela sentiu algo elétrico vibrar através de seu corpo, os braços arrepiados, os dedos dos pés formigando, fazendo o calor subir pela perna exposta, os mamilos ardendo com força, um deles quase espreitando por cima das cobertas.

Apesar disso, ela não se mexeu, não fez nada para se cobrir melhor, não fez um movimento para indicar que estava apenas dormindo pacificamente, sua respiração, mesmo

quando a regulava por pura vontade, mantendo o corpo deliberadamente relaxado.

Ela não sabia se ele ainda estava na porta, ou se ele entrou no quarto, ou se ele se aproximou da cama. Ela não sabia se ele tinha uma visão melhor da perna ou do peito. Ela nem sabia se o olhar pesado que sentia sobre si era real ou apenas uma invenção de sua imaginação. O que ela sabia, no entanto, era que ele a tinha visto dormir uma vez antes, por quanto tempo, de quão longe ela não sabia. Ela estava dormindo então. Desta vez, ela não estava. E ela queria ver o que ele faria, se revelaria algo mais sobre si mesmo quando pensava que ninguém estava assistindo.

Mantendo a inspiração suave, o coração trovejando no peito quando um trovão soou do lado de fora, Morana se impediu de enrolar os dedos nas palmas das mãos, de morder os lábios macios, de manter os tremores contidos. Seus lábios estavam em chamas, o peso do olhar dele descansando sobre eles, acariciando-os com os olhos, abrindo-os em sua mente. Tudo poderia ter sido fantasioso da parte dela, mas de alguma maneira, a mesma voz profunda lhe dizia que ele a estava observando, e esse mesmo instinto profundo a fez querer arquear as costas e deixar cair os cobertores.

Ela não fez.

Ela deixou seus lábios sentirem a chama daqueles olhos, sentiu a fome dentro de seu interior, sentiu a lembrança de sua boca diretamente sobre a dela.

Algo feroz e ardente invadiu sua barriga.

Seu coração batia forte, pulsando nos ouvidos, uma dor florescendo em seu núcleo, entre as pernas, fazendo sua pele formigar, fazendo-a sentir-se indevidamente quente sob as cobertas que ela queria lançar, chiando seu sangue com êxtase sem ele colocar um dedo nela.

Mas ela permaneceu quieta durante tudo – através daquele fogo que fluía através de seu corpo, através do caroço no peito, através das emoções em seu coração. Ela ficou quieta e relaxada do lado de fora, com a perfeição da máscara que vestira com facilidade ao longo dos anos.

Momentos se passaram.

Momentos longos e carregados.

Momentos curtos e pecaminosos.

Com a facilidade da areia escorregando pelos dedos.

Com a dificuldade de um relógio quebrado.

Momentos se passaram.

Com batimentos cardíacos.

Com respirações.

E o ar mudou novamente.

Ele estava lá.

Ela sabia, com repentina clareza, ela sabia – ele estava bem diante dela.

Ele ficou entre ela e a janela pelo que ela podia sentir, seu corpo se virou para ele, seu rosto respirando longe de suas coxas. Ela podia sentir a proximidade daquele olhar, a proximidade de seu calor, o perfume almiscarado que flutuava em seu corpo, aquele perfume – ampliado por suas roupas molhadas – era tudo ele.

A curva de seu estômago tremia, escondida sob as camadas, seu coração batia com a antecipação que pairava entre eles, as palmas das mãos suando enquanto ela reunia todas as suas forças para se manter relaxada, para ver o que ele faria.

Uma parte dela estava perturbada pela profundidade com que ele a afetava, pelo poder que tinha sobre o corpo dela. A outra parte, no entanto, se deleitava e glorificava as sensações, por se sentir tão viva, de uma maneira que nunca se julgara capaz.

Ela não entendeu isso. E no momento, ela não queria.

Ela apenas ficou respirando suavemente.

Dentro.

Fora.

Dentro.

Fora.

De...

Um dedo.

O dedo dele, suavemente sobre o ferimento dela.

Não era um toque leve. Não foi um toque. Apenas foi.

Pairando sobre sua pele, no precipício de um penhasco, mas nunca realmente caindo, um toque fantasma, quase hesitante, traçando as ataduras de borboleta com um golpe de borboleta que ela nunca teria detectado se tivesse sido tudo menos intensamente consciente de todos os seus movimentos.

Seu coração quase parou, a pele de todo o braço agitando, suando, esticando.

O toque fantasma desapareceu e Morana quase abriu os olhos para chamá-lo de volta, quando reapareceu sobre sua mandíbula, leve como o ar. Aquele dedo fantasma, nunca realmente a tocando, afastou uma mecha de seu cabelo e expôs toda a linha de sua garganta e ombro nu à leitura dele. Ela podia sentir o pulso vibrando na base do pescoço, uma gota de suor escorrendo pelo lábio superior, enquanto o dedo passava sobre a linha da mandíbula, como a maneira que a arma dele a rastreara horas atrás.

A lembrança daquele metal sólido, insistente e frio, e a realidade do dígito leve, quase inexistente, enviaram um raio de eletricidade diretamente ao seu núcleo. Todo o seu ser tenso para aquele quase toque. Todo o seu corpo estava

faminto por sentir isso em sua carne. Seu cérebro estava tropeçando devagar, seu controle sobre suas faculdades ficava atordoado, seus pulmões morrendo de fome por um gole de ar que ela se recusava a tomar.

Somente o instinto, aquela coisa incômoda, dizia a ela que ele desapareceria se ela mostrasse alguma indicação de estar consciente. E ela não queria isso. Ainda não.

Isso... isso a estava *animando*.

O dedo fantasma traçou a concha de sua orelha.

Os dedos dos pés quase enrolaram.

Ele viajou pelo terreno de sua pele aquecida, passando por cima do queixo novamente – e ela amaldiçoou e abençoou o fato de que ele não a tocou, ou sua pele teria traído sua farsa. Era como escutar as conversas mais íntimas. Com o coração batendo forte, batendo rápido demais para acompanhar, ela apertou as coxas para encontrar alguma compra.

E então, o toque fantasma parou em seus lábios.

Entrega frágil perdida.

Aqueles lábios sensíveis e inchados, que ainda exibiam a marca de sua boca, tremeram.

Apenas minuciosamente, mas eles fizeram.

O coração dela parou.

Ele sentiu isso?

Ainda.

Tudo dentro dela ficou parado – como uma presa cheirando um predador.

Tudo nele ficou parado – como um predador cheirando uma presa.

Mas quem era quem nos últimos minutos?

E ele sentiu isso?

Ela teve sua resposta em uma fração de segundo.

O dedo se retirou.

Ele saiu tão silenciosamente quanto viera.

Ela ouviu o barulho da porta. E então fechou novamente.

Ela soltou.

Um tremor enorme sacudiu todo o corpo, o peito arfava alto como se tivesse corrido uma maratona, as mãos tremendo enquanto jogava as cobertas para longe de si mesma, todo o corpo iluminado por dentro com uma labareda que ela não conseguia controlar.

Ela se sentiu arrasada. Do lado de dentro. Do lado de fora.

E ele nem a *tocou*.

Cavando a cabeça de volta no travesseiro atrás dela, seus mamilos doendo no ar frio, ela pegou os seios com as mãos pequenas e os apertou, ofegando enquanto os mamilos se afundavam mais contra a palma da mão, disparando faíscas nas pontas dos dedos dos pés.

Ele nunca tocou seus seios. Mas, por aquele momento roubado, ela imaginou as mãos dele – aquelas mãos grandes e ásperas, fortes contra sua carne macia, habilidosas contra seus mamilos. Ela imaginou os calos daqueles dedos esfregando seus mamilos quando ele os puxou, imaginou as mãos dele a envolvendo completamente sinuosamente, imaginou-o apertando seus seios juntos enquanto ela fazia o mesmo com as mãos, os lábios se separando quando respiravam pouco.

Sentindo-se líquida, flexível, seus músculos enrolados no limiar de um inferno pronto para consumi-la, ela deixou seus dedos trêmulos viajarem entre as coxas.

E ela estava encharcada.

De certa forma, ela nunca, nem sequer esteve.

Completamente, encharcada.

Um pequeno gemido saiu de seus lábios e ela virou o rosto para o travesseiro ao seu lado, então no limite, ela sabia que não demoraria muito para enviá-la para aquele abismo de êxtase.

Ela deslizou um dedo dentro dela, facilmente. Empurrou outro.

A fome em suas paredes a mordia, girando fora de controle. Ela lembrou como era senti-lo dentro dela – grande, pesado, poderoso. Lembrou-se de como ele espatifou suas paredes – com foco, ferocidade e fogo que a deixaram em chamas. Ela lembrou como cada golpe atingiu aquele ponto dentro dela, como cada impulso fazia sua coluna se curvar, como cada tapa de carne contra carne a encharcava ainda mais.

Ofegando, ela esfregou o clitóris com o polegar, apenas uma vez.

E explodiu.

Gloriosamente.

Suas costas arqueando quando ela mordeu o travesseiro para abafar seus gritos. Seu corpo inteiro saiu da cama por uma fração de segundo enquanto o fogo corria por suas veias e enrolava em seu núcleo, explodindo na mais deslumbrante das explosões, cegando-a por um segundo.

Foi arrebatamento.

Foi um êxtase.

Foi delírio.

Ela caiu de volta no colchão, ainda mais exausta, flácida, sem força em seu corpo para mover um único

músculo, leves calafrios subindo e descendo sua estrutura depois.

Deus, como isso aconteceu? Ele nem a tocou, não emitiu nenhum som, e ainda assim ela estava pingando.

Isso a assustava. Isso a emocionava. Isso a animava.

Ele a animava.

Acalmando-se lentamente, seu corpo muito mais relaxado, muito mais suscetível a dormir, com a tensão em seu corpo liberada, ela sacudiu e puxou os cobertores sobre ela novamente, seus olhos indo uma última vez à janela para olhar a chuva.

E seu coração parou.

Ele estava lá.

Na escuridão.

Encostado na parede ao lado da janela.

Mãos nos bolsos das calças.

Gravata desfeita, pendurada no colarinho.

E aqueles olhos magníficos brilhando nela.

Ele estava lá.

Ele esteve lá durante tudo isso.

Com o coração preso na garganta, ela olhou pela primeira vez desde o cemitério e sentiu-se queimada, o corpo inteiro corando sob essa intensidade, ao perceber o que ele acabou de assistir.

Ele sabia que ela o estava interpretando mais cedo, e ele a tocou de volta.

Corando até as raízes, ela segurou o olhar dele, os olhos vagando por um momento em direção à grande protuberância que forçava a frente da calça dele, antes de subir de volta aos olhos dele, o conhecimento de tê-lo despertado enquanto se lidava eletrificando-a, excitando algo imprudente dentro dela.

Ela sabia que ele não quebraria esse silêncio, não hoje à noite.

Mas ele a estava observando novamente, apesar de si mesmo.

Isso trouxe um pequeno sorriso aos seus lábios.

Ela viu quando o olhar dele seguiu aquele sorriso antes de se virar de costas e aconchegar-se nas cobertas, fechando os olhos deliberadamente.

Ela sentiu os olhos dele por longos minutos, mas desta vez seu coração não bateu mais forte. Desta vez, seu coração estava batendo no peito, aninhado em um tipo estranho de conforto que ela não conseguia entender, apenas sentir. Ela tinha passado pelo dia e visto através dele, e ele conseguiu

passar um pouco do passado e visto através dela. E isso, por algum motivo bizarro, confortou-a.

Ela o sentiu sair tão suavemente quanto entrou, deixando-a completamente sozinha no quarto desta vez, o conhecimento de seu interesse, seu desejo dentro dela.

Quase à beira do sono, Morana tentou fazer com que sua mente se desligasse e descansasse o máximo possível. Porque ansiedade e antecipação acasalavam em seu estômago.

De manhã, o início de algo novo começaria.

De manhã, sua vida ia mudar.

De manhã, eles estavam indo para Tenebrae.



Pânico

A chuva finalmente parou, deixando aparecer o céu azul-claro e a luz do sol que se derramavam na sala da cobertura pelas enormes janelas. Banhada pelo sol brilhante da manhã, toda a cidade estava esparramada além das janelas, parecendo fresca, limpa, a sujeira manchada coletada ao longo dos dias havia sido lavada da existência, a cidade tendo acabado de acordar de seu sono. Naquele momento, quase parecia puro.

Ela viveu lá por muito tempo para acreditar mais nessa miragem.

No entanto, Morana apreciava a vista de tirar o fôlego, sentada no banquinho ao lado da ilha da cozinha, bebendo café acabado de fazer, desfrutando da calma, já que o proprietário do apartamento ainda estava no andar de cima em seu quarto. Tinha sido um dia difícil para eles ontem e noite para combinar. Ela não o invejou pelo resto, se era isso que ele estava fazendo. Desde que ela nunca se aventurou em seu quarto novamente, ela só podia assumir.

Não que ela não tenha sido tentada, especialmente depois do show que ela inadvertidamente fez para ele na noite passada.

Morana exalou suavemente quando o elevador apitou, atraindo os olhos para Dante quando ele entrou, parecendo tão organizado como ela sempre o via. Vestido com um terno cinza carvão com uma gravata cinza mais escura que se encaixava perfeitamente em seu corpo enorme, com o cabelo penteado e se afastando do rosto bonito, Morana o observou se aproximar dela, seus olhos castanhos escuros não tão distantes quanto antes, mas ainda cauteloso.

Ela se perguntou se ele estava preocupado com ela testemunhando seu momentâneo lapso de controle na noite anterior depois que Amara partiu. Decidindo ser mais sincera, porque enquanto ele tentava se proteger, ele não tinha sido nada além de bom para ela, Morana deu um pequeno aceno de cabeça.

“Você gostaria de um pouco de café?”, ela perguntou educadamente.

Dante recusou com a mesma polidez, aproximando-se do banquinho ao lado do dela, encostando-se nele enquanto a olhava pensativo.

“Tristan já acordou?”

Morana deu de ombros, mantendo o rosto deliberadamente em branco, ignorando a maneira como seu corpo reagiu ao simples nome do homem. “Eu não o vi esta manhã, se é isso que você está perguntando.”

Ele assentiu. “Bom. Eu queria falar com você sozinha.”

Então, ele poderia tentar convencê-la a ficar para trás.

“Tudo bem”, ela concordou, fingindo ignorância do que ouvira na noite passada entre os dois homens.

A luz clara cintilou em seus olhos escuros quando Morana o observou por cima do aro.

“Tristan precisa voltar para Tenebrae”, ele começou sem preâmbulos, sua voz forte e firme. “Eu também. Ele quer levá-la conosco e, embora eu não tenha absolutamente nada contra você, preciso explicar algumas coisas primeiro, sem Tristan atrapalhando a questão para que você possa tomar uma decisão informada.”

Morana colocou a caneca quente de café nos lábios, tomando um pequeno gole quando a gratidão a encheu, pelo filho desse inimigo que havia mostrado sua bondade quando se machucara e que ainda estava lhe dando gentileza, mesmo que por suas próprias razões. A capacidade de fazer suas próprias escolhas lhe foi negada por tanto tempo, que ela a estimava agora, e sentiu um lampejo de respeito por Dante por lhe dar as ferramentas naquele momento.

“Estou ouvindo”, ela o encorajou a continuar.

“Amara te contou tudo”, afirmou ele friamente, mesmo quando uma infinidade de emoções passou por seu rosto antes que ele as controlasse.

Morana assentiu, sem mencionar mais nada.

“E desde que você ainda está aqui, estou assumindo que você e Tristan chegaram a um entendimento?”, ele perguntou.

“Isso realmente não é da sua conta,” afirmou Morana baixinho, interrompendo-o agora e sobre qualquer dúvida sobre o que aconteceu na noite passada entre eles.

Dante inclinou a cabeça. “Mas o que é da minha conta é a Outfit. Serei claro com você, Morana. Alguém está enquadrando Tristan muito mal. E está de alguma forma conectado ao que está acontecendo com a Outfit nas últimas semanas, exatamente como você descobriu.”

Morana engoliu um pouco mais de sua bebida, mantendo os olhos no homem a alguns metros dela.

“Não é hora de Tristan ser teimoso”, continuou Dante, soltando um suspiro. “A vida dele está em risco e um movimento errado pode acabar com ele. E trazendo você para Tenebrae com ele? Movimento errado. Alguns meses atrás, eu ficaria bem com isso. Teria sido problemático? Claro que sim. Mas nós poderíamos ter resolvido isso. Mas agora, como estão as coisas?” Ele balançou a cabeça, respirando fundo antes de continuar.

“Sem mencionar, meu pai”, Dante zombou da palavra. “Você acha que seu pai é uma merda? Confie em mim quando digo, ele não tem absolutamente nada sobre Lorenzo Maroni. Meu pai convidaria você para sua casa como um anfitrião gracioso e cortaria sua garganta enquanto você sorria de

volta. Ele não tem amor, não tem afiliação com nada ou com ninguém. Somente poder, poder e mais poder."

Morana já odiava o homem, apenas por tudo que ouvira falar dele.

Dante respirou fundo antes de falar novamente. "Qualquer história que você compartilhe com Tristan é discutível agora, Morana. Você ainda é filha de seu pai e ainda é inimiga de Lorenzo Maroni. Tristan trazendo você para o seu território sem permissão, sem qualquer conhecimento, especialmente depois do que ele fez com seu pai ontem à noite...", ele parou abruptamente.

Seu coração começou a bater forte.

"O que ele fez ontem à noite?", ela perguntou, com medo da resposta, pulso alto em seus ouvidos.

Dante suspirou cansado, passando a mão no rosto. "Não importa."

Sim.

Isso importava. Mas ela não respondeu à pergunta, não disse nada.

Dante inalou, seu corpo enorme se tornando maior por uma fração de segundo. "O que importa é o que você quer fazer. Qualquer que seja sua decisão, Morana, saiba que você terá minha proteção de qualquer maneira. Se você deseja fugir para outro lugar, também posso providenciar isso. Se

você deseja vir, nós resolveremos isso. E se você se recusar a sair, Tristan não irá forçá-la."

Morana levantou uma sobrancelha, cética. "Realmente?"

Dante riu. "Oh, ele tentará intimidá-la a seguir o caminho dele. Mas ele não vai forçar você."

"Então, ele vai me deixar em paz se eu optar por ficar aqui?" Morana perguntou, completamente séria, querendo saber seus pensamentos.

Dante refletiu sobre sua pergunta por um longo momento, seus olhos na bela vista do lado de fora, antes de voltar a encará-la, completamente sério também. "Ele nunca vai deixar você ficar, Morana. Vocês dois estão ligados por coisas que eu nem acho que vocês entendem. No entanto, a pergunta é: você quer que ele deixe você ficar?"

Ela já não tinha feito essa escolha ontem à noite, de pé em um cemitério? Ela já não o forçara a fazer sua escolha, de pé na chuva brutal?

Mas ontem à noite, ela estava preocupada apenas com o modo como isso os afetava. Ela deliberadamente não pensou em mais nada.

Morana sentiu a gravidade da situação, de tudo o que ela não estava pensando na noite passada, atingindo-a como um caminhão. Na noite anterior, ela se concentrara apenas em suas próprias emoções, guiada pelo instinto, pensando com o coração.

Estava na hora de pôr o cérebro para funcionar. Era hora de ver a foto como um todo, em vez da pequena porção que a preocupava. Era hora de pesar essas decisões. Porque, embora ela tenha decidido emocionalmente onde estava na noite passada, à luz do dia, ela não podia ignorar como suas decisões poderiam afetar todo o resto.

Dante estava certo. Se ela fosse à Tenebrae, não havia como dizer o que o pai faria. Embora ele tivesse tentado matá-la, ela sabia que seu orgulho teria levado uma surra séria e ele retaliaria. Ele provavelmente a usaria como um motivo para declarar a guerra que os dois territórios dançavam por mais de anos, possivelmente acusando Tristan Caine de roubar sua filha.

E isso era apenas parte da equação. Ela nem sabia como Maroni reagiria, mas, pelo que parecia, a dele seria pior do que a resposta do pai dela. E com a vida de Tristan em jogo, com alguém desconhecido, mas versado em computadores enquadrando-o, enviando-lhe informações sobre a Aliança e o senhor do planejamento sabia quais outros esquemas nefastos, Morana podia sentir tudo de repente desabar sobre ela.

Seu coração começou a acelerar junto com seus pensamentos, piscando um após o outro, mudando, mudando, transformando antes que ela pudesse entender um completamente.

O fardo dessa responsabilidade começou a sufocá-la de repente.

Ela não queria ser responsável por essas pessoas. Ela não queria ser responsável por ninguém. Pela primeira vez em sua vida, ela queria ser totalmente egoísta. Ela queria ser imprudente. Ela queria subir na traseira da motocicleta e lançar as mãos ao vento. Ela queria dormir à noite sabendo que não seria prejudicada. Ela queria provar a vida que afiaria em sua língua apenas alguns dias atrás.

Seu coração batia alto nos ouvidos, uma gota de suor escorrendo pela linha da espinha, as palmas das mãos ficaram úmidas. Morana virou-se para as janelas, olhando para a vista enquanto sua respiração acelerava, girando além de seu controle, a enormidade de tudo quebrando ao seu redor, puxando-a para baixo.

A capacidade de fazer uma escolha que ela apreciava momentos atrás a estrangulou. Ela queria escolher subir na parte de trás da motocicleta, não no banco do motorista. Ela não sabia como dirigir, não sabia como controlar o animal, não sabia para onde guiá-lo. E ela podia se sentir indo para a colisão, sentir a inevitabilidade de quebrar tudo por dentro do impacto.

Sua respiração ficou instável.

Ela não entendeu essa reação, não entendeu seu próprio corpo naquele momento. Quase parecia que ela estava fora de sua pele, assistindo tudo em algum tipo de reação atrasada.

Preto deslizou pelas bordas de sua visão.

Um peso de chumbo caiu sobre seu peito, tornando-a incapaz do simples ato de respirar.

Ela sentiu a caneca meio cheia de café deslizar para longe de seus dedos repentinamente inertes, ouviu o barulho da cerâmica contra o chão, até sentiu as gotas quentes espirrando em suas pernas nuas e balançando.

No entanto, ela se sentiu entorpecida.

Olhando para um espaço que ela não podia mais ver.

Existindo em um lugar que ela não podia mais sentir.

Correndo com o sangue que ela não podia mais ouvir.

Seu corpo estava sem sentido, sua mente vazia, um sentimento sombrio e feio a engoliu enquanto ela se debatia por dentro, o mundo exterior se afastando dela, a colisão vindo em sua direção a uma velocidade vertiginosa.

Ela ouviu sons, tudo o que um zumbido a seu redor, tentou entender, tentou fazer barulhos, mas falhou, mergulhando no que quer que a estivesse engolindo.

Pensamentos a percorreram e ela não conseguiu entender nada, girando dentro de sua própria mente até se sentir tonta, seu corpo balançando, o monstro feio tentando morder sua carne, alimentar-se dela, fazê-la afundar.

Ela tentou lutar contra isso.

Ela se debateu.

Ela mordeu.

Ela arranhou.

Ele ainda afundou suas presas nela, puxando dela até que a pressão em seu peito pareceu explosiva, como se ela fosse rachar e quebrar em um milhão de pedaços, para nunca mais ser montada novamente, aqueles pedaços dela perdidos para sempre por dentro de sua própria mente, para a feiura, a escuridão, o vazio tentando consumi-la como um buraco negro.

Dedos físicos envolveram sua garganta.

O monstro que a comia empinou a cabeça.

Ela atacou com força a mão que a segurava pelo pescoço, as unhas arranhando tudo o que podiam encontrar, tentando escapar de tudo, profundamente, profundamente dentro de si mesma.

Seus pulsos atacantes foram rapidamente reunidos em uma mão atrás das costas, a do pescoço, sacudindo a cabeça.

“Olhe para mim.”

Três palavras penetraram em sua névoa.

Esse timbre comandante.

Aquele tom de navalha.

Uísque.

Pecado.

Morana conhecia aquela voz. Ela conhecia o barítono, reagia ao gelo. Ela se agarrou àquela voz, engolindo o uísque fumegante, deixando-o escorrer pela garganta e entrar em seu corpo, aquecendo-a por dentro enquanto tremores sacudiam seu corpo.

A escuridão em torno de sua visão retrocedeu um pouco, a emoção feia a manteve cativa liberando suas rédeas.

“Respire.”

Ela piscou, tentando limpar o preto.

Uma vez.

Duas vezes.

A escuridão se retirou, deixando aparecer...

Azul.

Azul limpo.

Azul magnífico.

Ela se atou a isso – o azul brilhante que parecia uma safira ardente, às pupilas escuras aumentadas naquelas poças de azul, à intensidade delas focadas nela.

Ela se amarrou a eles, não ousando piscar para não se afogar novamente, não ousando procurar em outro lugar para que a âncora tivesse desaparecido.

Deus, ela estava com frio.

Ela sentia tanto frio. Até as pontas dos dedos, até os dedos dos pés. Ela sentiu um calafrio percorrer sua espinha ainda, por mais que tentasse, o gelo se recusou a sair.

A pressão em seu peito se intensificou.

“Respire.”

Ela sentiu algo forte, algo duro, algo quente pressionado contra o peito, movendo-se em um ritmo que desalojava a rocha que pesava seu próprio peito. Morana se agarrou a ela, concentrou-se no ritmo ao sentir o corpo contra o peito e tentou copiá-lo.

A coisa pressionada contra seu peito se contraiu.

Morana contraiu a dela em sincronia.

Dentro.

Aquela primeira onda de ar em seus pulmões quase a derrubou.

Avidamente, sem perceber, ela engoliu o máximo de ar que pôde, nunca tirando os olhos daqueles azuis ardentes. Ela não se reconheceu naquele momento, mas reconheceu isso.

Dentro.

Fora.

Dentro.

Fora.

“Respire.”

Respiração.

Ela estava respirando.

A escuridão que embaçava seus sentidos recuou lentamente, dedos longos do monstro que a tocaram se curvando, retirando-se, desaparecendo quando seus sentidos físicos e mentais juntaram forças novamente. Aquelas sombras desapareceram, recuaram, permitindo-lhe a clareza que havia sido embaçada.

Lentamente, eventualmente, ela voltou a si mesma.

Lentamente, eventualmente, ela ficou ciente de tudo.

Tornou-se consciente dele.

Contendo-a.

Amarrando-a.

Ao seu redor.

Ela percebeu seu corpo ainda no banquinho, as pernas afastadas para acomodar a forma dele entre elas. Ela

percebeu todo o torso dele pressionado deliberadamente contra o dela, para que pudesse sentir cada respiração que ele respirava agudamente contra si mesma, para que ela pudesse acompanhar o ritmo uniforme dele e acalmar seu coração trovejante. Ela percebeu uma das mãos grandes dele segurando as duas dela atrás das costas pelos pulsos, o aperto forte, mas não doloroso, o ângulo pressionando seu peito mais fundo no dele.

Um tremor enorme sacudiu seu corpo.

Dedos flexionados em seu pescoço.

A consciência daquela mão grande e áspera enrolada em sua garganta surgiu sobre ela.

E ela não se sentiu ameaçada.

Pela primeira vez, mesmo que ela o tenha visto esmagar pessoas com a mão no mesmo local, enquanto olhava naqueles olhos ardentes, não se sentia ameaçada.

Ela se sentiu protegida.

Segura.

Intocável.

Era uma novidade e, naquele momento de fraqueza, ela se deixou divertir.

Ela não tinha lembrança de como ele chegou lá, ou quando ele chegou lá. O tempo entre a caneca derramando café no chão e agora estava em branco.

O que diabos aconteceu com ela? Havia algo no café?

Ela descartou esse pensamento assim que veio. Ela mesma fez a bebida.

Era outra coisa.

Enquanto ela tentava entender os últimos minutos e recuperar o fôlego, a mão dele começou a se afastar de sua garganta.

E o monstro levantou sua cabeça feia.

“Não.”

Ela não reconheceu sua voz, não reconheceu o desespero, a necessidade gutural nela.

Ele parou, seus olhos brilhando com algo primitivo, e o coração dela começou a bater forte, o peito arfando contra o dele, os olhares trancados.

Sem uma palavra, ele firmou seu aperto.

Algo dentro dela se acalmou.

Ela sabia que não era essa pessoa carente. Ela nunca precisou de ninguém. Mas naquele segundo, algo dentro dela reconheceu que ela precisava que ele não se mexesse. Não

entre as pernas, nem contra ela, nem de qualquer lugar. Não até que ela voltasse completamente para si mesma.

E, naquele momento, ela deixou a gratidão pelo que ele estava fazendo tomar conta dela. Ele não precisava fazer nada. Não é uma coisa. Ele poderia deixá-la se afogar e deixá-la desaparecer por muito tempo dentro de sua cabeça. Eventualmente, ela teria arrancado a saída, talvez pior pelo desgaste, talvez com cicatrizes mentais que durariam por muito tempo. Ele poderia ter deixado isso acontecer. Mas ele não fez. Ele pulou direto em sua tempestade, pegou-a, puxou-a e permaneceu lá, ancorando-a. E para alguém que nunca confiou em ninguém além de si mesma, havia algo tão profundamente libertador, algo tão, tão agudo que fez seu coração se apertar no peito.

O som de um pigarro a tirou de seus pensamentos.

Morana virou a cabeça para o lado em direção ao som, piscando ao encontrar Dante ali, com um copo de água na mão, o rosto completamente neutro.

Oh merda.

Corando até as raízes, Morana se contorceu no banquinho, sua bunda entorpecida por ficar sentada ali por muito tempo, estando em uma posição como estava antes de qualquer outra pessoa que a deixava um pouco desconfortável. Ela puxou as mãos do aperto firme, sentindo os calos deslizarem contra sua pele mais macia e pegou a água.

Tristan Caine se afastou, suas mãos deixando-a completamente, enquanto o calor de seus dedos persistia, impresso em torno de sua garganta na memória da carne. Ela se concentrou nessa impressão, focada naquele calor para mantê-la enraizada.

Engolindo grandes goles de água em sua garganta repentinamente ressecada, Morana finalmente respirou fundo depois de terminar o copo e se centrou.

“Obrigada”, ela murmurou para Dante, devolvendo o copo para ele, limpando as mãos na bermuda.

Ele assentiu, os olhos levemente preocupados. “Você está bem agora?”

Morana assentiu, emocionada com a preocupação dele. “Eu estou agora. O que aconteceu?”, ela perguntou, olhando de um homem para o outro.

Tristan Caine – sem palavras, como era o estilo dele hoje em dia – caminhou pela ilha até a cozinha, vestindo calças escuras cargo que abraçavam seu belo traseiro e uma camiseta azul-marinho grudada em seu tronco, enfatizando seus ombros e bíceps grandes. Ele estava vestido casualmente, não como se estivesse planejando sair em breve.

E se ela pudesse perceber tudo isso, ela estava definitivamente se sentindo mais como ela mesma.

Ela o viu se mexer na cozinha, abrindo a geladeira e puxando uma pequena barra de alguma coisa.

“Você teve um ataque de pânico”, a voz uniforme de Dante a fez girar em seu assento, surpreendendo-a.

“Eu não tenho ataques de pânico!”, ela respondeu, a ideia completamente estranha para ela.

Dante deu de ombros sem querer. “Sempre há uma primeira vez. Sua mente passou por muita coisa nos últimos dias. Era apenas uma questão de tempo.”

Morana cuspiu, piscando ao lembrar-se da escuridão, do peso no peito, da incapacidade de respirar, e percebeu que, de fato, ela havia sofrido um ataque de pânico. E que Tristan Caine, de fato, a salvou de sua própria cabeça.

Algo deslizou ao longo da bancada em sua direção, distraindo-a.

Morana olhou para a barra de chocolate, os olhos voando para o homem que a estendia, atordoada.

Ele estava lhe dando chocolate.

Como se não fosse nada.

Apenas deslizando uma barra de chocolate para ela antes de ir embora.

Lembrou-se de ler em uma revista sobre homens dando chocolates para mulheres. Homens que queriam dormir com essas mulheres. Ele estava fazendo isso ao contrário.

A súbita vontade de rir a dominou, uma risada escapando antes que ela pudesse parar. Ela olhou para aquele pedaço de chocolate, o som de sua risada, desconhecida até para ela, ecoando no amplo espaço, fazendo suas bochechas doerem, seu estômago doer, fazendo-a doer. Rir não deve doer. Mas sim.

Ela não conseguia se lembrar da última vez que riu. Ela não conseguia se lembrar de como ela era então. Ela se lembrava, porém, de estar sozinha e assustada quando criança, lembrava dos dias em que seu peito doía. Ninguém havia lhe dado chocolates naquela época. Ninguém a sustentou. Ninguém fez nada por ela.

E, no entanto, agora ela teve um ataque de pânico, e este homem, de todas as pessoas, havia lhe dado chocolate.

Para confortá-la.

À sua maneira.

Lágrimas escorriam pelo rosto, misturando-se com o riso quando Morana percebeu que estava perdendo.

Ela estava realmente perdendo.

Ela estava desmoronando.

E parecia glorioso, porra.

Por um momento completamente suspenso no tempo, ela flutuou, em algum lugar entre agonia e alegria, em algum lugar entre sensação e dormência, em algum lugar entre se importar demais e não dar a mínima, e foi uma perfeição absolutamente linda.

Por aquele momento.

Ela se sentia livre, não sobrecarregada por demônios, responsabilidades, histórias.

Um momento.

E então esse momento terminou.

Com uma mão grande em sua mandíbula e destemidos olhos azuis segurando os dela, novamente, esse momento transcendeu, transformou.

“Você não deve nada a essas pessoas.”

Baixo. Rude. Áspero.

Puxando algo dentro dela.

“E tenho certeza que não. Não deixe que eles te controlem.”

Morana engoliu em seco .

Uma veia estalou no lado de seu pescoço grosso.

“Você quer ir para Tenebrae?”, ele perguntou suavemente, sua voz de uísque enganosamente baixa.

‘Comigo’ permaneceu não dito, mas não foi ouvido.

Morana inalou profundamente, com a mente clara de tudo, menos de seus próprios desejos.

Ela assentiu.

“Então é isso.”

Ele soltou o rosto dela, recostando-se e olhou para Dante.

Morana respirou fundo e olhou também para o outro homem, que estava de lado, olhando-a com um leve sorriso no rosto.

Morana piscou confusa com o sorriso, sem entender.

Dante inclinou a cabeça, tirando o telefone do bolso do paletó. “Então é isso. Deixe-me fazer algumas ligações.”

Sem outra palavra, ele caminhou em direção à sala de estar, deixando-a sozinha com o homem que voltara a ficar em silêncio, que trabalhava pela cozinha preparando o café da manhã. Morana o viu abrir ovos com uma mão em uma tigela enquanto ele acendia a panela com a outra, toda ação suave, todo músculo proeminente, toda linha de seu corpo delineada à luz do sol. Ela o observou trabalhar em torno de seu espaço e olhou para aquela barra de chocolate que significava muito mais para ela do que ele jamais poderia compreender.

Ela sentiu algo desconhecido se alojar em seu peito. Exceto pelo fato de que desta vez, o desconhecido não era um monstro feio que a deixava com frio.

Não.

Desta vez, era bonito, quase hesitante, e isso a aqueceu até os ossos.

Ela não sabia o que era. Mas vendo esse homem com passado horrível, presente marcado e futuro desconhecido trabalhar silenciosamente, confortavelmente pela cozinha, depois de trazê-la de volta da borda – duas vezes – em poucos minutos, sabendo o quão importante era a implicação desse pequeno momento, Morana afastou o invólucro do chocolate com dedos trêmulos, escondendo-o rapidamente dentro do bolso para valorizar, e deu uma pequena mordida.

A doçura derreteu em sua língua, descendo pela garganta, aquecendo-a ainda mais.

Ela se sentia como ela, só que melhor.

Segura.

Em uma reviravolta completa dos últimos minutos.

Dando outra mordida, ela observou as costas dele.

“Obrigada”, ela falou baixinho no espaço entre eles, as palavras arrancadas profundamente dentro dela.

Além de um minúsculo vacilar em seu ritmo de bater aqueles ovos, não houve resposta dele em reconhecer suas palavras. Mas ela sabia que ele tinha ouvido. E se elas o aqueceram até um grau por dentro quanto ele a aqueceu, foi o suficiente.

Por enquanto, era mais do que suficiente.

Com esse pensamento, ela ficou em silêncio, concentrando-se no chocolate celestial e na visão pecaminosa.



Morana havia viajado na primeira classe durante toda a vida – algumas viagens durante a faculdade, duas viagens a simpósios e uma viagem improvisada à Tenebrae, semanas atrás, que havia mudado o curso de sua vida. A primeira classe era bastante normal para ela.

Foi por isso que ela ficou surpresa quando Dante lhes contou, durante um delicioso café da manhã com torradas com manteiga e ovos, que o jato estava pronto e os esperava. Ela assumiu, simplesmente porque é assim que ela sempre viajou, que todos os mafiosos haviam viajado dessa maneira também. Dante deu um pequeno sorriso, dizendo a ela que a Outfit fretava aviões sempre que precisavam – e precisavam muito.

O que significava que o pai dela não sabia que a Outfit tinha jatos particulares (o que significava que os espiões dele não eram tão bons), ou que ele era mais pobre do que eles. Ambas as opções deram a ela uma espécie de alegria interna, por algum motivo distorcido. Ela gostou do fato de o pai não ter todos os brinquedos no parquinho. Ela gostou porque, para o pai, essas eram as coisas que importavam.

E ele estava perdendo. Isso lhe deu alegria.

Então, depois de se refrescar e se recompor rapidamente, sabendo que não podia se dar ao luxo de perdê-lo novamente, uma vez que aterrissassem na zona de perigo, Morana havia empacotado sua escassa coleção de roupas emprestadas, o que a lembrou de que precisava comprar algumas roupas. Ela também mandou um texto para Amara, informando-a sobre o mais novo empreendimento, prometendo a si mesma que manteria contato com a outra mulher. Ambas precisavam de um amigo e não podiam deixar que outras pessoas ditassem suas vidas a tal ponto novamente.

“Não deixe que eles te controlem.”

Ele estava certo. Ela não podia. Não mais.



Respirar

Colocando seu precioso laptop e outros equipamentos, o invólucro de chocolate pressionado com segurança entre as páginas de sua agenda, ela terminou em quinze minutos. A primeira coisa, por uma questão de prioridade, que ela precisava fazer quando se acomodasse era fazer compras. Ela estava vivendo com as roupas emprestadas de Amara que não se encaixavam direito, e isso a fez perceber o quão terrível era sua situação.

Saindo para a sala, Morana olhou para as janelas e para a vista além, dizendo adeus particular a elas. Ela não sabia quando e se algum dia voltaria àquela vista, e dar adeus ao lugar a fazia trancar as lembranças estimadas, as emoções estimadas que ela havia inspirado nela. Ela colocou-a em segurança dentro dela – a lembrança daquela noite chuvosa, uma das mais especiais em seu coração, diretamente relacionada às janelas.

Ligeiramente emocional, ela se virou em direção ao elevador, apenas para encontrar Tristan Caine encostado na parede em um terno sem o paletó, observando-a em silêncio.

Algo passou entre eles naquele instante – a memória compartilhada de uma noite simples e estimada.

E foi isso.

Ele se afastou quando Dante se juntou a eles; ela seguiu e, em poucos minutos, estava escondida na parte de trás do carro de Dante, indo para o aeroporto, os dois homens tomando a frente enquanto dois outros carros seguiam atrás deles.

Agora, sentada no saguão do aeroporto quase vazio enquanto o avião deles se preparava, Morana observava pelas portas de vidro os dois homens conversando em particular do lado de fora do pequeno avião branco, um homem de uniforme de piloto com eles, dois dos guardas de segurança no saguão com ela.

“Não reaja”, uma voz pesada com um leve sotaque veio de alguns metros atrás dela, atraindo sua atenção.

Ela quase se virou, mas se conteve, curiosa. “Desculpe?”

O dono da voz pesada continuou. “Você mudou o jogo, Srta. Vitalio.”

“Quem é você?” Morana perguntou, sua atenção no homem sentado atrás dela, enquanto seus olhos ficavam colados aos homens da Outfit ainda lá fora.

O homem ignorou sua pergunta. “Eu não sou seu inimigo, mas conheço as pessoas que são. E eu tenho uma oferta para você.”

Toda a atenção de Morana chamou a atenção do homem. “O que você quer dizer?”

“Você descobre algo para mim, eu darei as informações que você precisa.”

Morana ficou calada.

“Lembre-se de mim”, o homem falou. “Conversamos depois.”

Morana olhou para cima e encontrou os olhos fixos no olhar de um predador.

Ele ficou perto da porta em vez de onde ela o vira momentos atrás, ao lado do avião, seus olhos azuis inflamados quando pegaram os dela, segurando os dela. Em uma fração de segundos, ele a separou e a recompôs com aquele olhar concentrado. Em uma fração de segundo, seu sangue palpitava por todo o corpo, apenas com o toque daquele olhar.

Ele manteve os olhos em cativeiro por um longo segundo antes de olhar para o assento atrás dela. Morana se virou, apenas para encontrá-lo vazio.

Sem palavras, sem olhar para ela novamente, ele se virou e caminhou em direção ao jato que esperava com longos passos, e Morana o seguiu, uma carranca confusa no rosto.

Eles percorreram a distância em segundos, alcançando as escadas.

E então ele fez a coisa mais louca.

Ele pegou a mão dela e a ajudou a subir as primeiras escadas. Como se ela fosse uma donzela medieval em perigo, precisando de ajuda para subir escadas altas com um zilhão de saias e não uma mulher do século XXI vestindo jeans e sapatos confortáveis, sendo muito capaz de subir os degraus por conta própria.

Morana sentiu as sobrancelhas baterem nos cabelos.

Tristan Caine não abria portas nem ajudava senhoras a subir as escadas.

Pelo menos, ele nunca teve até então.

A mão dele – exatamente como ela sabia que seria, áspera, grande, consumidora – segurou a dela, como se substituísse qualquer outro toque.

Só por um segundo. O gesto foi apenas uma fração de segundo antes de ele pegar a mão de volta, enfiando-a nos bolsos das calças.

Morana não disse uma palavra, apenas mordeu o lábio e silenciosamente, rapidamente subiu, finalmente entrando no jato.

Uma emoção a atravessou.

Ela o sentiu pular atrás dela, sua presença enorme nas costas dela enquanto ela avançava, observando o interior

luxuoso. Esta é sua primeira vez em um avião particular e ela não queria perder um segundo.

A área além da porta dava para um espaço pequeno, mas bem planejado, com dois sofás pregados ao chão e duas poltronas, cercando uma mesa de vidro no centro em três lados. Havia um frigobar atrás de um dos sofás e uma TV colada na parede direita, todo o interior em tons de marrom e creme. Além da área de estar, havia uma pequena porta que estava fechada no momento.

Localizando Dante no sofá, com a gravata solta e um copo de uísque na mesa, Morana caminhou até a cadeira diante dele, colocando o laptop na mesa, ciente de todo o tempo em que Tristan Caine abaixou a cabeça e se moveu atrás dela, a respiração dele na cabeça dela devido à proximidade fechada do corredor estreito.

“Fique à vontade, Morana”, convidou Dante. “É uma longa jornada.”

Morana tirou os sapatos e afundou na poltrona macia, enfiando as pernas debaixo dela.

“Não há aeromoças?”, ela perguntou confusa. Os homens não gostam de mulheres bonitas atendendo a eles nesses aviões particulares?

Dante balançou a cabeça quando Tristan Caine caminhou até a porta fechada e desapareceu atrás dela.

Uma carranca franziu a testa.

“Ele gosta de tirar uma soneca no avião”, explicou Dante.

Portanto, não há pessoas de fora, exceto os pilotos.

“Ele confia em você”, Morana comentou.

Dante riu. “Tanto quanto ele pode, eu acho.”

O capitão chamou então, avisando que decolariam. Morana fechou os olhos quando o avião roncou embaixo dela, seus nervos sendo atingidos como sempre faziam o primeiro momento de decolagem.

Era isso.

Não havia como voltar agora.

Sua presença nesse voo definitivamente desencadearia uma série de eventos, a maioria dos quais ela nem ficaria sabendo até que fosse tarde demais. Ela sabia disso.

A pista se tornou um borrão.

Morana olhou pela janela, contemplando a cidade que fora sua casa a vida toda, uma finalidade que se instalou nela. Ela estava deixando para trás tantas lembranças, a maioria delas que não valem a pena manter – seu pai, a casa dele, o carro morto, o lugar no cemitério, a cobertura... alguns queridos, outros não. E embora só a conhecesse por alguns dias, deixar Amara trouxe um gosto ruim na boca.

E então eles estavam no ar – um homem dormindo, o outro ainda lá.

Olhando para Dante, ela o encontrou considerando-a com seus olhos escuros.

“Eu tenho que admitir, você me surpreendeu, Morana”, afirmou ele casualmente, inspecionando-a.

Ela levantou as sobrancelhas. “Eu fiz?”

Ele assentiu, tomando um gole de uísque, oferecendo-lhe um copo. Ela recusou.

Ele explicou. “Por mais que eu não aprove como descobriu a verdade, estou surpreso. Eu esperava muitas coisas quando pensei sobre esse cenário ao longo dos anos..., mas nunca isso.”

“Por "isso", você quer dizer eu acompanhá-lo à Tenebrae?”

Dante balançou a cabeça. “Quero dizer, você ficar. Qualquer outra mulher já teria corrido para as colinas. Honestamente, não sei o que teria feito se você fugisse. Porque ele teria te perseguido, você sabe.”

Morana fechou os olhos por um segundo, seu coração batendo forte. “Eu sei.”

“O que você está fazendo, Morana?” Dante perguntou suavemente, a preocupação em sua voz fazendo seus olhos se abrirem. “Por mais que eu ame Tristan, melhor que meu

sangue, eu nunca o aceitaria com minha irmã, se eu tivesse uma. Eu mentiria se dissesse que não estava um pouco preocupado – por vocês dois. Há algo muito quebrado nele e se você está aqui porque acha que pode consertar, estou lhe dizendo agora, não pode."

Morana olhou para Dante em silêncio, uma pequena bola de raiva enrolada em sua barriga. "Serei honesta com você, Dante. Eu gosto de você. Você e Amara foram incrivelmente gentis comigo, quando eu mais precisava. E é por isso que sempre vou te admirar. Mas," ela se inclinou para frente, chamas lambendo seu sangue, "o que há entre ele e eu está entre ele e eu. Como você disse à Amara ontem à noite, se ele quiser lhe contar, ele o fará. Você não ouvirá nada de mim."

Ela respirou fundo, acalmando o temperamento, lembrando-se de que ele não era seu inimigo.

"Mas porque seu coração está no lugar certo", ela disse em voz baixa, "vou lhe dizer uma coisa – não quero consertá-lo. Eu quero *me* consertar. E ele é a única coisa que parece funcionar."

"Então", Dante perguntou, sua voz controlada, apertando a mão em torno do vidro, "você está usando-o?"

Morana sorriu. "E ele não está me usando? Para lutar contra qualquer demônio que vive dentro dele?"

Dante permaneceu calado. Ambos sabíamos a resposta para isso.

Morana olhou para um ponto na mesa, sua voz suave, seu coração batendo suavemente dentro do peito.

“Seus demônios dançam com os meus”, ela murmurou baixinho, a verdade dessa afirmação penetrando em seus poros. “Isso é tudo que posso lhe dar.”

Ela encontrou o outro homem olhando para ela com um olhar pesado.

“E se seus demônios te pegam como eles fizeram esta manhã?”, ele perguntou baixinho.

Morana engoliu em seco. “Vamos torcer para que ele encontre o meu, então.”

Dante assentiu, expirando alto, erguendo o copo para ela em um brinde. “Nesse caso, desejo-lhe boa sorte. Você certamente precisará disso com ele.”

Um sorriso apareceu nos lábios de Morana. “Foi assim que você o colocou no seu canto? Boa sorte?”

Dante bufou uma risada, balançando a cabeça, seu rosto bonito ganhando vida. “Pura, teimosa sorte. Eu era muito voluntário naquela época.”

“Naquela época?” Morana solicitou.

Seu sorriso diminuiu e as palavras de despedida de Amara voltaram para ela. Ela o chamou de covarde. Foi ele? Pelo que Morana ouviu e viu dele, não parecia ser o caso.

Sua voz interrompeu seus pensamentos, sua mão girando o líquido âmbar dentro do copo.

“Eu convenci Tristan a aceitar minha parceria ao longo dos anos. Convenci-o.” Ele olhou para ela. “Ele é muito mais teimoso, Morana.”

“Eu também sou.”

Dante sorriu, bebendo o uísque. “Isto vai ser divertido.”

Morana deixou escapar, olhando pela janela para os castelos de nuvens, o silêncio entre eles, sociável, quando ele começou a trabalhar em seu telefone e tomou um gole de uísque. Morana olhou para as nuvens brancas, imaginando como seria ter um Dante em seu canto quando jovem, olhando para ela, olhando-a de volta. Ela teria dormido melhor à noite sabendo que ele existia? Ele quase a chamou de irmã. Sua amizade, sua aura fraterna, de alguma forma, tornaria tudo mais fácil?

Ela realmente não sabia. Encontrando-se subitamente cercada por pessoas que inspiravam tais pensamentos nela, que a faziam pensar sobre o que fazer, Morana o acalentava e o temia, como um potro dando seus passos hesitantes pela primeira vez em pernas trêmulas.

E o fato de esses dois estarem agora no canto dela por causa do homem a quem eram leais não se perdeu nela, mesmo que seus motivos ainda estivessem perdidos para ela.

Ele a queria viva. Ele a queria com ele. Ele a queria. Ponto. Mas além disso? Poderiam vinte anos de ódio intenso, vinte anos de foco em uma única razão de sobrevivência, vinte anos de dizer a si mesmo “um dia”, ser realmente varridos em poucos dias? Ela não acreditava nisso. Por mais forte que fosse, teimoso, voluntarioso, ela não achava possível.

E, no entanto, lá estava ela, viva. Ao contrário dos pensamentos dela, ele havia feito uma escolha na noite anterior, uma escolha antitética aos últimos vinte anos de sua vida. Lá estava ela, depois de ser trazida de volta da borda por ele, duas vezes. Lá estava ela, depois de comer uma barra de chocolate que ele silenciosamente lhe dera após seu ataque de pânico. Ele a observou como um falcão, reivindicou sua carne para si – mesmo com os menores gestos – e, no entanto, manteve um pedaço de si mesmo distante dela, enquanto ela continuava expondo vulnerabilidade após vulnerabilidade.

Morana realmente não o entendia naquele momento.

Mas, para ser honesta, ela duvidava que ele se entendesse naquele momento.

Respirando fundo, ela fortaleceu sua determinação, prometendo tocar no ouvido e confiar em seus instintos.

Nenhuma quantidade de planejamento funcionaria com um homem tão imprevisível quanto ele. O que ela disse a Dante era verdade. Os demônios dela dançavam com os dele. Ela deixou a liderança dele e seguiu em conformidade.

Soltando um suspiro, ela desbloqueou o telefone e começou a verificar seus programas em andamento, mergulhando no lugar que sempre lhe trazia paz, sempre fazia sentido quando o resto do mundo louco não – seus códigos.

Horas se passaram, tanto Dante quanto ela imergiam em seus trabalhos, mudando de posição, comendo lanches, bebendo água ou uísque, alongando-se e desfrutando das alegrias de estar em um jato particular.

Depois de um tempo, quando ela mudou de posição e enrolou as pernas debaixo dela, a voz de Dante a interrompeu.

“Antes que eu esqueça”, disse ele, fazendo-a olhar para ele. “Eu preciso avisar você sobre algumas coisas que eu tenho certeza que Tristan não vai pensar em mencionar.”

Morana desligou o telefone, sua curiosidade aguçada. “Diga”, ela murmurou, bloqueando o telefone, concentrando-se no homem diante dela.

Ele coçou a lateral do pescoço distraidamente e começou a falar. “Sobre Tenebrae... bem, nós temos uma grande propriedade à beira do lago...”

Morana lembrou-se da propriedade monstruosa, mas não tinha visto o lago da última vez que esteve lá, distraída pelo possível assassinato que tentara cometer. Deus, parecia uma vida atrás.

"É quase como uma espécie de composto", ela voltou sua atenção para Dante enquanto ele prosseguia. “Há um total de cinco alas na propriedade, incluindo a casa principal, todas desconectadas uma da outra. A única maneira de passar de uma para a outra é percorrendo o terreno, e todo o complexo fica em uma das colinas fora da cidade principal.”

Morana se inclinou para frente, completamente fascinada, tentando imaginar tudo em sua cabeça.

“Uma das alas é onde todos os funcionários moram com suas famílias – a governanta e seus assistentes, os jardineiros, como tal.” Família de Amara. “É enorme.”

Morana indicou para ele continuar quando ele fez uma pausa.

Ele se inclinou para a frente, os cotovelos apoiados nos joelhos.

“A segunda ala é o centro de treinamento.”

Morana lembrou-se do que Amara havia dito a ela sobre o garoto isolado na área de treinamento, longe de todos os outros. A bile subiu na garganta só de pensar em como ele havia sido alienado e ela a empurrou para baixo, rangendo os dentes.

A voz sombria de Dante interrompeu seus pensamentos. “Você nunca deve, em circunstância alguma, entrar nessa ala. Ninguém que não seja treinador ou trainee é permitido lá. Você nunca, nunca vai lá. Não por engano, não por acidente. Está claro?”

A severidade em sua voz era eficaz – fez um nó em seu estômago, mostrando exatamente o quão sério isso era. Ela assentiu com a cabeça.

“Bom”, ele continuou satisfeito. “As outras duas alas são muito menores em comparação e um pouco mais longe da casa principal. A terceira é minha.”

Morana levantou as sobrancelhas. “Só sua?”

Um sorriso torto curvou sua boca. “Ser o filho mais velho tem suas vantagens.”

Morana sacudiu a cabeça. Homens.

Seu rosto ficou sério novamente. “Eu tenho minha equipe nessa ala. Meus primos visitam às vezes, e você seria mais que bem-vinda a ficar lá, se quiser. Também possui sua própria equipe de segurança.”

Morana assentiu em agradecimento, tocada pela oferta genuína, absorvendo toda informação. “E a quarta ala?”

"É de Tristan."

Claro que sim.

Dante continuou, imperturbável. “A ala dele é a menor em termos de área. É uma cabana, para ser sincero. É também a mais distante da casa principal e as outras alas, ao lado do lago. Ele mora lá sozinho.”

Sozinho.

Como um pária.

Morana sentiu um aperto no coração ao pensar nisso, na realidade dele, enquanto a enormidade de sua vida dia após dia a tomava conta. Ele viveu no complexo, mas na periferia. Ele viveu com pessoas, mas como um pária. Eles não o aceitaram e não o deixaram ir.

Com as mãos em punho nas coxas, Morana soltou um suspiro através dos dentes cerrados com a fúria que ela podia sentir invadindo seus ossos. Outro monstro surgiu dentro dela – um monstro que ela conhecia, um monstro que a fez matar a sangue frio para se vingar.

Ela queria destruir, dizimar.

A profundidade de suas próprias emoções a surpreendeu.

Inspirando profundamente, ela tentou controlá-lo.

“Continue”, ela pediu Dante, precisando saber mais.

Dante estalou o pescoço, esticando as pernas, seu corpo gigantesco parecendo ocupar todo o espaço. “A casa principal é onde meu pai mora com seus irmãos e cônjuges.”

Morana fez uma careta. “E os outros sentinelas ou o que vocês chamam?”

“Todos eles têm casas fora do complexo, mas bem perto das bordas. Por que exatamente você acha que Tristan é considerado uma anomalia?” Dante a estimulou a pensar.

“Porque ele é o único estranho na Outfit a viver com a família principal,” murmurou Morana, percebendo rapidamente.

Dante assentiu. “Exatamente. Isso o tornou um alvo para muitas pessoas de fora, homens que estão no negócio há mais tempo do que ele tem de vida, mas nunca tiveram o privilégio de viver com a família.”

Morana balançou a cabeça, confusa. “Mas por que seu pai o mantém lá? Por que não o deixa viver lá fora como os outros?”

Dante riu sombriamente, o som gelado. “Meu pai”, ele zombou da palavra, sem deixar dúvidas em seus pensamentos pelo homem, “valoriza uma coisa acima de tudo – controle. Controle sobre seu império, controle sobre seus fantoches, controle sobre sua família. E você conhece a única pessoa que ele nunca foi capaz de controlar?”

“Você sempre me colocou uma trela, eu vou te estrangular com ela.”

As palavras de Amara de um garoto de catorze anos voltaram para ela.

“Tristan Caine”, ela sussurrou, perplexa novamente pela pura ousadia dele.

Os lábios de Dante torceram. “Tristan Caine.”

Morana podia ouvir a mesma reverência que sentia na voz de Dante, o fato de um garoto de catorze anos ter dito ao chefe de uma corporação inteira que ele não cederia...

“Vi homens, homens crescidos, lamber a bota do meu pai para permanecer a seu favor, Morana. Quando eu tinha dezoito anos, pensei que não havia uma única alma nesta Terra que pudesse enfrentá-lo. E então Tristan aconteceu.”

Seus olhos se fecharam quando ele inalou profundamente, evidentemente lembrando. “Foi por isso que comecei a ficar com ele em primeiro lugar – ele era destemido. Ele realmente não dava a mínima para o que meu pai fazia. De fato, o primeiro ponto em comum que ambos descobrimos foi irritar o velho.”

Morana recostou-se na cadeira, o peito se enchendo de algo.

“E seu pai o mantém no complexo porquê...?”

“Porque, embora ele nunca admitisse, meu pai teme Tristan”, afirmou Dante, com um pouco de respeito em sua voz.

Lorenzo Maroni. Teme. Tristan Caine?

O que é o quê?

Seus pensamentos eram evidentes em seu rosto porque Dante explicou em voz baixa.

“Ele teme Tristan porque Tristan é um curinga. Ele faz o que faz, mesmo vivendo sob o olhar do grande Lorenzo Maroni. Toda vez que Tristan ignora meu pai, é um tapa muito público em seu rosto. E ele teme o que Tristan faria se deixasse sua vigilância. Ele já é um desconhecido. Meu pai teme que ele se torne verdadeiramente desonesto se sair e tirar o que mais valoriza.”

“O poder dele”, Morana completou, pedaços se encaixando. “Espere, então ele não quer que ele se torne o herdeiro?”

“Porra, não!” Dante respondeu com veemência. “Esse é um boato iniciado por pessoas de fora que acham que Tristan vive por dentro porque ele está sendo preparado para assumir o controle. Meu pai entendeu o boato apenas para salvar seu rosto. Porque refutá-lo significava admitir a verdade, o que o faria parecer fraco.”

Oh garoto.

Ela teve que perguntar. “Por que não apenas matá-lo, se ele é tanto problema?”

O pensamento a deixou amarga.

Dante deu de ombros. “Orgulho. Poder. Quem sabe? Porque, Tristan é o seu bem mais valioso? Porque, seria admitir a derrota se ele não pudesse controlá-lo vivo? Eu não sei.”

Deus.

“Morana”, Dante fez uma pausa. “Durante anos, meu pai tentou quebrar Tristan, para obter alguma aparência de controle sobre ele. Tortura, chantagem, o que você imaginar, ele fez. Mas isso nunca funcionou. Não importa o que ele submeteu Tristan, sempre bate em uma parede.”

Seu coração doía mesmo quando a raiva a encheu, contra um homem que ela nem conhecia.

“Meu pai”, continuou Dante, “vai te odiar. E usar você.”

Morana engoliu, uma parte dela com medo, outra parte desafiando o homem mau a tentar.

“Eu não tenho controle sobre ele”, ela lembrou Dante, os dedos cerrando os punhos.

Dante concordou. “Você sabe disso. Tristan sabe disso. Mas para quem está do lado de fora? Você não tem controle, Morana. Você tem algo melhor.”

“O quê?” Morana sussurrou.

“Influência”, afirmou Dante. “Para quem está olhando para vocês dois, será evidente que você o influencia. O que significa que a escolha é dele. Isso, Morana, vai deixar meu pai muito, muito chateado. Porque depois de tudo o que ele pensa que fez, Tristan escolheu deixar uma garota influenciá-lo – que também é filha de Vitalio. Eles têm história.”

Ah, oh.

“Você precisa vigiar suas costas com ele o tempo todo”, advertiu Dante, o peso em sua voz fazendo sua respiração engatar. “Ele tentará manipular você, usar você para chegar a Tristan. Não sei como, mas você precisa ter muito, muito cuidado. Não vai ser fácil.”

Morana permaneceu calada, engolindo os nervos tentando atacá-la.

“E não porque ele quer que Tristan seja o herdeiro. Oh não, esse prazer será todo meu,” Dante suspirou, esfregando a mão no rosto, com um tom de sarcasmo pesado.

Morana absorveu o cansaço dele, apertando o coração em simpatia. “O que você queria ser?”, a pergunta escapou dela antes que ela pudesse se conter.

Ela esperou quando Dante olhou para ela, a gravata solta no pescoço, os cabelos desgrenhados.

Ele riu, o som não alcançando seus olhos escuros. “Verdadeiramente?”

Morana assentiu, curiosa.

“Um escultor.”

Morana piscou surpresa com a resposta. Dante viu e sorriu, um sorriso genuíno.

“Minha mãe era pintora”, explicou ele, sua voz suave, olhos perdidos em memória. “Uma das melhores lembranças da minha infância é esculpir em argila enquanto ela pintava na mesma sala. Ela sempre cantarolava essa melodia e minhas mãos...”

Ele deixou suas palavras sumirem, sacudindo-se da memória, seus olhos endurecendo novamente quando ele respirou fundo.

Morana notou o uso do tempo passado.

Seu coração apertou, o desejo de pegar a mão dele e apertá-la com força. Mas ela se absteve, sabendo de alguma maneira que ele não gostaria.

“Como eu disse uma vez, Morana”, ele falou calmamente, “você tem sorte de poder seguindo o seu sonho.”

Ela tem.

Sentada na frente de Dante, enquanto discutia a história de um homem mais ferido do que ela imaginava,

pensando na amiga que ela deixara para trás – a garota que havia sido sequestrada e torturada por dias por informações, alguém que ainda carregava o estrago disso ao redor da garganta, pensando nas garotas perdidas de anos atrás, em Luna Caine – onde ela poderia estar, como poderia estar se estivesse viva – Morana sentiu-se realmente sortuda por estar apenas respirando. Seu passado estava cheio apenas de solidão e não de verdadeiros horrores, nem cicatrizes profundas, nem agonia sem vida.

"Você quer um abraço?", aquela voz de uísque e pecado penetrou no espaço ao seu redor.

O olhar de Morana voou para Tristan Caine parado ao lado da porta, sem um vinco no tecido de suas roupas, nada para indicar que ele estava dormindo, seu rosto uma máscara estoica, que não combinava com suas palavras. A surpresa a encheu com o fato de que ela não percebeu ele entrando na área. Normalmente, ela nunca sabia, seu corpo ciente dele de maneiras que ela não podia esperar entender.

Ela viu os lábios de Dante se curvarem em um sorriso. "Foda-se, idiota."

Deus, eles eram esses *caras*.

Havia algo incrivelmente normal nisso.

Dante virou-se para ela enquanto o outro homem se empoleirava no bar, colocando um copo de uísque nas pedras de gelo, a camisa azul abraçando os músculos do tronco

enquanto se movia, antes de se encostar na parede e encará-los.

"De qualquer forma", começou Dante, chamando a atenção de Morana novamente. "Lembre-se de uma coisa: você será a convidada de Lorenzo Maroni. Isso significa muito fingimento."

Morana assentiu. "Eu sou boa em fingir."

Ela viu Tristan Caine levantar uma única sobrancelha na periferia, mas o ignorou.

Dante virou-se para fixar o outro homem com o olhar. "Tudo feito?"

Tristan Caine deu um breve aceno de cabeça quando a voz do capitão encheu a cabine, informando-os para colocar os cintos de segurança, pois aterrissariam em breve.

Com o coração acelerado, Morana virou-se no banco e prendeu o cinto, consciente de Tristan Caine se sentando ao lado dela, não a tocando em lugar nenhum, mas na presença dele que a queimava.

Fechando os olhos, ela inclinou a cabeça para trás e focou na respiração.

A hora seguinte parecia voar.

Tudo parecia surreal – eles pousavam em segurança, o vento balançava seus cabelos em seu rabo de cavalo quando ela saiu do avião, agradecendo à tripulação e depois entrando

em um carro que os esperava perto da pista, junto com outros dois carros.

Morana absorveu tudo – os homens, a protuberância das armas sob as jaquetas, o belo sol, o vento, tudo enquanto olhava do banco de trás do carro para a cidade que passava, absorvendo-a de uma maneira como nunca havia feito antes.

Ela se perguntou por tudo isso se ele também tinha uma motocicleta aqui. Se ele tinha um espaço sagrado em seu quarto. Se o seu território era um reflexo dele.

Ela se perguntou onde ficaria – na casa principal, como hóspede de Maroni ou com ele.

Ela se perguntava sobre muitas coisas, pois tudo parecia acontecer rapidamente.

E então os carros pararam.

Morana espiou por trás do vidro, com o coração palpitando dolorosamente no peito ao ver o enorme portão de ferro forjado que abrigava o início da propriedade, a grama verde e exuberante rolando para o limite de uma área florestal. Aquela fera de um quase castelo pairava mais à frente do caminho quase ameaçadoramente, outro prédio mais atrás, à esquerda, mas nada mais a ser visto dessa vista.

Os portões de ferro se abriram sem problemas, quatro homens armados em pé perto da sala de controle.

Seus nervos foram baleados.

O carro entrou em movimento novamente, avançando, entrando nas instalações.

Morana sentiu o coração bater forte no peito enquanto contemplava o animal de uma casa, onde tudo havia sido posto em movimento vinte anos atrás, onde tudo havia mudado de curso há algumas semanas.

Aquela casa havia mudado sua vida duas vezes.

E a magnitude dessa realidade se apoderou dela como uma nuvem pesada.

O carro deslizou cada vez mais perto da fera.

E então, finalmente, parou.

O coração dela parou.

Os olhos dela se fixaram nos dele no espelho retrovisor, a inspiração dela ficou presa na garganta.

“Respire”, ele murmurou.

Morana respirou.

Eles chegaram.



Encontro

Ela estava sozinha.

Sentada na monstruosa sala de estar dentro da mansão, Morana ainda estava cambaleando com o quão fácil tinha sido entrar. O sol estava brilhando quando eles emergiram do carro. Havia guardas por toda parte, mas ninguém havia reagido ao vê-la com os dois homens. Isso a surpreendeu. Ela esperava ser recebida nas grandes portas por Maroni e seus capangas. Ela esperava armas apontadas e argumentos levantados. Ela esperava que lhe dissessem para desaparecer ou morrer. O que ela não esperava era sair do carro com Dante e Tristan Caine, fazer com que os guardas os cumprimentassem com um aceno de respeito e simplesmente passear dentro de casa. O que ela não esperava, além disso, era ser escoltada por Dante para a sala, fazer com que ele desse um aceno tranquilizador para ela, e depois os dois homens desaparecessem. Não que ela quisesse estar na companhia deles o tempo todo. Ela simplesmente não tinha previsto estar sozinha na cova do inimigo na primeira hora.

Fazia vinte minutos desde que vira os homens entrarem mais fundo na casa para encontrar Maroni, ela presumiu. Naqueles vinte minutos, Morana fez um balanço da sala – e havia muito para se fazer um balanço. Exuberantes tapetes

persas espalhados pelo espaço monstruoso decorado com móveis de madeira de mogno polido e almofadas macias. As paredes refletiam o mesmo exterior de pedra do lado de fora da casa. A sala era um cruzamento entre o rústico e a realeza – pedra cinza e ornamentos dourados, madeira e seda, de alguma forma se unindo de um modo que agradava os sentidos, enquanto fazia um calafrio percorrer sua espinha. O decorador de Maroni atingiu o alvo para os convidados – deixe-os confortáveis, mas não o suficiente para deixá-los esquecer onde estavam.

Ela também havia notado as câmeras montadas no canto do teto, apontadas diretamente para ela. Quem estava do outro lado, definitivamente deu uma boa olhada em sua perna quando ela tirou as facas da bolsa e as amarrou na coxa. Eram as mesmas facas com as quais ela tentara estupidamente matar Tristan Caine – as facas que estavam acumulando poeira em sua bolsa desde a noite em que ela voltou para a cobertura dele. Ela nunca, por algum motivo, sentiu a necessidade de trazê-los para lá. Isso por si só era confuso, considerando que ela dormia com armas debaixo do travesseiro todas as noites sob o teto do pai durante anos. Nem uma vez na cobertura, nem mesmo naquela primeira noite, nem em nenhuma noite desde então.

A realização a surpreendeu. Sentada nesta sala de estar, cercada por um perigo desconhecido, ela percebeu o quão segura havia começado a se sentir na cobertura, agora que se fora. Ela baixou suas defesas um pouco quando pensava que

ninguém estava olhando. No papel, ela deveria ficar abalada por encontrar segurança no território de um homem que a odiava há vinte anos. Mas castelos de papel eram queimados em seu mundo todos os dias. Desde a noite no cemitério, ela parou de brigar com o que sentia e o aceitou completamente. A aceitação dela abriria caminho. Eles já tinham bloqueios suficientes.

A lâmina fria pressionou contra sua pele de uma maneira que a tranquilizou. Ela se perguntou o que isso dizia sobre ela, o fato de ela achar uma arma letal reconfortante. Seria por isso que Tristan Caine, de alguma forma a confortou também? Ela se conhecia o suficiente para admitir isso. Sua presença, inferno, o mero conhecimento de sua existência, dava-lhe mais conforto do que qualquer coisa em sua vida.

Seu estômago roncou um pouco, quebrando suas reflexões. E então ela percebeu outra coisa – ninguém veio para servi-la. Pelo que ela sabia da família Maroni, eles tinham uma abundância de funcionários e um de seus deveres era receber os convidados. No entanto, ela estava sentada lá por mais de vinte minutos e não viu uma alma. Estava quieto, muito quieto.

Com o coração acelerado, Morana recostou-se mais nas almofadas, cruzando uma perna sobre a outra. Pressionou a lâmina contra sua coxa enquanto ela tentava parecer relaxada para as câmeras. Alguns dias atrás, ela teria pensado que isso era uma armadilha, que os homens da

Outfit a haviam convencido a acreditar neles e a trouxeram aqui por qualquer motivo nefasto. Agora, mesmo quando o pensamento passou por sua mente brevemente, ela o descartou. Com tudo o que eles passaram, tudo o que ainda era desconhecido, cada reação que ela viu nos dois homens, ela sabia que eles não a haviam enganado.

Ela tinha perguntas, no entanto. De tudo o que Dante lhe dissera no avião, ela não tinha ideia de como Lorenzo Maroni reagiria à sua presença. Além disso, ela não tinha ideia de como Tristan Caine responderia à resposta de Maroni à sua presença. O homem era uma bomba e só ele sabia quando explodiria com o que Dante havia dito a ela. Ela estava curiosa para vê-los interagir, para ver por si mesma o infame chefe da Outfit e seu suposto protegido ficar cara a cara. Ela também se perguntou se havia pessoas no complexo que cuidavam dele, talvez sem o conhecimento dele, como Dante e Amara. Mas, o mais importante, ela estava curiosa sobre onde ficaria. Ela sabia onde queria ficar, mas duas coisas estavam bloqueando isso – uma: era a casa de Tristan Caine, a casa real dele, e ele tinha que convidá-la; segundo, Maroni tinha que concordar com isso porque, para todos os efeitos, ela era sua convidada e era filha do chefe de Shadow Port.

O som de sapatos de salto alto estalando no chão de mármore direcionaram seus olhos para a porta. Uma deslumbrante mulher de cabelos escuros entrou em sua visão, sua blusa de seda bege fluindo contra suas curvas,

enfiada em calças escuras e retas que caíam direto no chão, suas longas madeixas puxadas para trás em um rabo de cavalo alto. Seu belo traje tornou Morana consciente de sua simples saia preta e branca, combinando blusa e sapatilhas, tudo emprestado de Amara. Ela precisava ir às compras o mais rápido possível, especialmente se houvesse mais mulheres lindas empinando por todo o lugar.

O que surpreendeu Morana, no entanto, foi a pequena arma no coldre ao lado dela, à vista clara. A mulher parou quando seus brilhantes olhos verdes chegaram à Morana, uma leve carranca entre as sobrancelhas. “Posso ajudar?”, a mulher perguntou, sua voz forte, mas calma.

Morana se perguntou como responder quando se levantou. Ela simplesmente decidiu educadamente: “Não, obrigada.”

A carranca da mulher se aprofundou. “Quem você está aguardado?”

Morana permaneceu quieta. A mulher deu um passo dentro da sala. A luz do sol atingiu sua pele verde-oliva, fazendo-a brilhar enquanto inclinava a cabeça para o lado. “Já nos encontramos antes?”

Morana piscou confusa antes de perceber que a outra mulher poderia ter visto fotos dela. “Eu acredito que não.”

A mulher a estudou de uma maneira que deveria ter sido rude, mas era simplesmente curiosidade. E então seus olhos brilharam com reconhecimento. “Morana Vitalio.”

Morana ficou parada, seu coração começando a bater forte. Ela era filha do inimigo e estava sozinha na casa de Lorenzo Maroni. Como ela poderia explicar isso se a situação piorasse? Para sua surpresa, a mulher sorriu levemente, caminhando mais fundo na sala, o braço estendido. “Eu sou Nerea, meia-irmã de Amara.”

Surpresa, mas ainda cautelosa, Morana deu um passo à frente e segurou a mão da mulher, sacudindo-a com firmeza. De perto, ela podia ver que Nerea era, pelo menos, uma década mais velha que ela, linhas finas, sardas leves e experiência clara em seu rosto sem maquiagem.

“Prazer em conhecê-la”, disse Morana, mantendo-se educada, ainda insegura em como lê-la.

Nerea deu um pequeno sorriso, como se compreendesse sua incerteza. “Amara mencionou que você estava vindo.”

Parecia que ela tinha mais a agradecer à Amara. Nerea olhou para o relógio elegante em seu pulso. “Eu tenho que me apressar agora, mas se você precisar de alguma coisa, pode vir a mim a qualquer momento. Qualquer amigo de Amara é um amigo meu. Ela não tem muitos, em primeiro lugar.”

“Obrigada”, disse Morana, agradecida, mas ainda insegura.

Nerea deu um sorriso caloroso. “Até logo.”

Ela saiu da sala com os saltos altos tão rapidamente quanto entrara. Como a meia-irmã de Amara fazia parte da máfia se Amara era evitada e a mãe era empregada doméstica? Minutos depois, quando Morana pensava nisso, um grupo de homens estranhos vestindo ternos escuros entrou na sala. Alguns olhavam para ela com curiosidade, outros zombavam, outros a ignoravam completamente. Todos foram para o fundo da sala e se posicionaram contra a parede.

Morana examinou todos eles. Eles eram oito no total, todos de terno escuro e camisas e gravatas combinando, armas nos quadris. Eles eram todos de meia idade, alguns altos, outros atarracados. Um deles, no entanto, um com os olhos desconfiados que a assustaram, era construído como um lutador de peso-pesado. Seu corpo enorme combinava com a altura de Dante com volume adicional. O outro homem que se destacou para ela foi quem a ignorou com mais força. Ele parecia ser o mais novo do lote. Ele olhava para a frente, as mãos cruzadas na frente. O que fez o cabelo na parte de trás do pescoço dela vibrar foi a cicatriz desagradável que descia pelo lado do rosto, do canto do olho esquerdo até o pescoço, desaparecendo dentro da camisa. Parecia que sua carne havia sido arrancada em tiras. Os olhos dele estavam vazios.

“Bem, bem, bem”, a voz de uma mulher interrompeu sua leitura e a concentrou de novo na porta na mulher que

estava ali. Se Nerea parecia deslumbrante, esta mulher era *deslumbrante.* Seus cabelos ruivos escuros caindo ao seu redor em ondas suaves, um lindo vestido azul-marinho (que Morana adoraria ter) caindo nos joelhos. Ela tinha olhos brilhantes que eram um cruzamento entre verde e ouro, parecendo líquido. Olhos que examinavam Morana com uma quantidade surpreendente de hostilidade.

Morana ficou calada e manteve a expressão em branco.

A mulher avançou, com os olhos endurecidos, e falou baixo o suficiente para que apenas ela pudesse ouvir. “Ouvi dizer que você está criando muita agitação para o meu homem, senhorita Vitalio. Você tem alguma ideia do que colocou em movimento?”

Morana inclinou a cabeça enquanto seu estômago se apertava. O homem dela? Dante, ou Tristan Caine?

E foi aí que Lorenzo Maroni entrou na sala.

Ele era um homem de aparência distinta, sem dúvida. Ele parecia envelhecer graciosamente, seus cabelos grisalhos cortados elegantemente, sua barba aparada segurando certa gravidade de perto que ela não esperava. As linhas em seu rosto eram fortes, uma prova de uma vida dura, e seus olhos escuros eram impassíveis. Aqueles olhos vieram para a mulher na frente dela, a mulher que de alguma forma abalara sua firmeza.

“Vá para trás, Chiara,” ordenou Maroni, com a voz grave.

Chiara? Chiara Mancini? A mesma Chiara Mancini que ligara para Tristan Caine na outra noite? Ele era o homem dela? Ela estava completamente errada e Tristan Caine tinha uma mulher? Essa mulher?

Seu estômago se arrepiou, uma onda de raiva se acumulou em seu peito. A hostilidade não era mais unilateral.

Chiara deu um pequeno sorriso de escárnio, seu rosto deslumbrante contorcendo-se em algo não bonito. Embora Morana simplesmente levantasse uma sobrancelha para fora, por dentro ela se sentia pior. Ela assumiu que apenas porque ele parecia um homem que não traía, ele não traía. Mas essa era a máfia. Os homens traíam e eram traídos aqui mesmo com o conhecimento de seu matrimônio. O pensamento de ele ser de outra pessoa enquanto a fodia a deixou com raiva. Mas o pensamento, o mero pensamento dele ser de outra pessoa enquanto ele a beijou do jeito que foi, enquanto ele tomara a sua boca e compartilhava algo real com sua *dor*. Deus, ela tinha tanta certeza dele. Ela estava errada?

Como se evocasse de seus pensamentos, Tristan Caine caminhou devagar, quase preguiçosamente, por trás, parando na entrada. Aqueles magníficos olhos azuis dele vieram para ela, fazendo uma verificação rápida, sem perder as mãos que instintivamente foram para as armas contra suas coxas. Seus

lábios se contraíram, apenas por pouco, apenas o suficiente para que uma família de borboletas começasse a sambar em sua barriga no momento mais inadequado. Ele se apoiou no batente da porta, bloqueando a porta, as mãos nos bolsos, a camisa esticada sobre o peito, um tornozelo cruzado sobre o outro.

E foi quando ele trancou os olhos nos dela.

O que quer que ele tenha visto lá o fez ficar parado. Ela testemunhou cada músculo do corpo dele travar quando seu olhar penetrou o dela com um foco singular, tentando ler o que ele via ali. Morana desviou o olhar deliberadamente em direção à Chiara enquanto a mulher passeava até ele com um sorriso doce. “Tristan.”

Ele não respondeu. Ela tentou colocar as mãos nele; ele segurou os pulsos dela e a fez regredir, seus olhos inteiramente em Morana o tempo todo. E então ele balançou a cabeça para Morana, apenas uma vez, dissipando todas as dúvidas que começaram a surgir. Ela precisava confiar nele. Eles haviam chegado tão longe com certa honestidade. Ela tinha que confiar nisso. Especialmente aqui, mais do que nunca.

Virando-se, viu Lorenzo Maroni sentar-se na grande poltrona. O sol brilhava em seus cabelos e na roupa limpa. Seus olhos impassíveis mantiveram um lampejo de interesse quando finalmente chegaram a ela.

Com seus homens seguidos atrás dele, sentado na cadeira grande, a cena parecia intimidadora como o inferno, enquanto ela se posicionava em frente a eles. Ainda bem que ela praticou com o pai. Ela sabia nadar com tubarões sem sangrar, e Lorenzo Maroni era um tubarão no topo da cadeia alimentar.

Ela manteve sua expressão limpa e seu corpo relaxou, ciente de todos os olhos que a observavam, especialmente a mulher na parte de trás que não havia saído da sala. Se olhares pudessem matar, Morana estaria morta dez vezes. Seu pulso disparou enquanto esperava uma sugestão do Bloodhound, suas mãos suando, as lâminas frias que tinham sido um conforto, agora pareciam afiadas contra sua pele.

Alguém veio para ficar ao lado dela. Ela não se virou para olhar, mas o cheiro familiar de colônia disse que era Dante. Isso a relaxou um pouco mais por algum motivo.

“Pai”, Morana ouviu a voz fria de Dante ao lado dela. “Permita-me apresentar Morana Vitalio. Morana, Lorenzo Maroni.”

Uma vez terminado de falar, Dante permaneceu em pé exatamente onde estava ao lado dela, surpreendendo-a mais uma vez. A postura não foi perdida para ela e certamente não foi perdida para Maroni. Seus olhos se estreitaram um pouco com a linguagem corporal flagrante do filho, antes de chegar até ela.

“Morana”, o homem falou com a mesma voz de cascalho, levantando os cabelos em seus braços. “Você cresceu lindamente. Eu te vi uma vez quando você era mais jovem...”

“Vinte anos atrás”, Morana terminou. Os olhos dele se afiaram nela.

“Dante e Tristan me informaram que você ficaria aqui como nossa hóspede por algum tempo. Isso está correto?”

“Sim”, Morana assentiu. “Se você estiver disposto a estender sua hospitalidade para mim, é claro”, ela acrescentou com um sorriso doce que não enganou ninguém.

Maroni viu através dele. “Muito bem. Você pode entender como isso me colocaria em uma situação estranha, sim?”

"É claro", ela reconheceu.

“Como eu disse, pai”, interrompeu Dante. “Ela é minha convidada. Convidei-a como amiga e estou disposto a oferecer toda a hospitalidade a ela.”

Lorenzo Maroni olhou para o filho. “Mesmo sem o meu consentimento?”

Dante permaneceu em silêncio por alguns instantes. “Sim.”

Parecia que as palavras de Amara tinham chegado a ele. Morana desejou que a outra mulher pudesse ter visto esse momento. Ela ficou calada.

O olhar de Maroni piscou para onde Tristan Caine estava encostado na soleira. “E você vai apoiar isso, eu presumo?”

Não houve resposta verbal, mas alguma coisa, se o aperto dos lábios de Maroni fosse algo para se passar. Em um instante, esses lábios relaxaram. “Muito bem. Você foi checada por armas antes de entrar no complexo?” Ele perguntou a ela.

Ela balançou a cabeça, seu coração começou a bater implacavelmente quando as facas presas à coxa ficaram mais pesadas. Maroni sorriu, seus lábios se curvando. Ele ficou satisfeito, o bastardo. Sem dizer uma palavra, ele levantou o braço, o cotovelo no assento e gesticulou para os homens. O lutador de terno se aproximou.

“Verifique-a”, Maroni ordenou.

O pulso de Morana começou a tremer. O lutador se aproximou dela, com os olhos brilhando, os lábios retorcidos em um leve sorriso.

“Sério, pai?” Dante bufou, sua voz tensa. “As crianças andam por aqui com armas, pelo amor de Deus.”

“Eles não são a semente de Gabriel Vitalio agora, são?” Maroni respondeu, seu olhar inabalável nela. “Espero que não se importe, querida Morana. Até que eu possa confiar em você para ficar no complexo com minha família, você não deve estar armada.”

Isso não aconteceria. *Absolutamente não.*

O lutador parou na frente dela, estendendo a mão grande direto para o peito dela. Morana se preparou, rangendo os dentes, anos sendo tocada na mesa do pai, dando-lhe forças para não cortar a garganta do homem e fazê-lo engasgar-se com a própria língua. Ele a observou com aqueles olhos assustadores, parecendo muito animado para uma simples busca no corpo. A mão dele estava quase nela quando, do nada, dedos envolveram seu pulso.

Embora Morana conhecesse a outra mão como a palma da sua própria, ela virou o pescoço. Os olhos dela seguiram o aperto forte, os tendões nos antebraços, o toque de sua tatuagem, as veias e os músculos amarrados, até o rosto dele. Os olhos de Tristan Caine estavam duros e firmes no cara lutador que olhava para ele, a animosidade escorrendo dele em ondas. Morana franziu a testa, sentindo alguma história antiga entre os dois.

O lutador puxou seu braço. O aperto de Tristan Caine flexionou, mas não afrouxou, a força disso a surpreendeu. Era um homem grande que ele estava segurando, um homem grande que parecia exercer um esforço considerável para se soltar.

“Toque-a sem permissão novamente”, Tristan Caine declarou tão silenciosamente que o impacto a atingiu com mais força, a voz de uísque e pecado provocando arrepios de

um tipo completamente diferente sobre sua espinha, “e eu vou te quebrar.”

A sala ficou completamente silenciosa. Morana olhou para os outros capangas para ver a maioria deles com as mãos nas armas, depois para Maroni, que observava Tristan Caine com muita atenção.

“Interessante”, ele murmurou, um sorriso em seu rosto que ela não gostou nem um pouco.

Tristan Caine soltou o lutador e virou-se para encará-la, dando as costas a Maroni e seus capangas em um movimento que mostrou, tanto sua completa confiança na incapacidade de prejudicá-lo, quanto sua confiança em Dante para cuidar dele. Isso foi inesperado. Ela não tinha pensado que ele chegaria perto dela onde Maroni poderia assistir, por razões óbvias. O fato de ele não ser apenas próximo, mas quase o exibir no rosto do homem mais velho a pegou de surpresa.

Morana engoliu em seco, inclinando a cabeça para trás, presa por aqueles olhos azuis e azuis. Ele levantou as mãos em uma pergunta silenciosa e ela assentiu, concedendo-lhe permissão. Sem tirar os olhos dos dela, ele colocou as mãos nos ombros dela, tocando-a pela primeira vez. Seu peito arfava com uma inspiração. Ele manteve o toque leve enquanto deslizava a mão pelas costas dela, correndo-a pela espinha. Seu corpo arqueou, os seios roçando contra o torso dele antes que ela pudesse controlar a reação, ciente dos muitos olhos neles.

Uma vez feito o torso dela, ele caiu de joelhos. Mordendo o interior de sua bochecha, ela olhou para baixo. As mãos grandes dele traçaram seus quadris, fazendo seu coração bater em todo o corpo. As mãos dele desceram e tocaram seu tornozelo sob a bainha da saia longa. A respiração dela parou quando ela apertou as mãos para impedi-las de tocar a nuca dele, a boca formigando com a sensação lembrada dela queimando sua pele quando ele a beijou. Ela viu o calor dos olhos dele quando as mãos dele subiram pelas panturrilhas, os dedos ásperos acariciando sua pele pela primeira vez em uma sala cheia de mafiosos. Mas serviu, dada a primeira vez que eles estiveram em um restaurante com mafiosos do lado de fora.

As mãos dele pararam no joelho dela, os olhos fundidos. Ela respirou fundo. Ele sabia exatamente onde estavam suas facas, sabia desde que ele entrara na sala. Ele poderia tê-la verificado por cima da saia. No entanto, ele ficou de joelhos e colocou as mãos diretamente na pele dela, sem levantar a barra da saia do chão. Não passou batido para ela o que ele estava fazendo. Era uma declaração para todos os homens na sala, para a mulher que tentara reivindicá-lo e para a própria Morana. Era uma declaração alta e clara. Ela era dele.

Com o peito apertado, ela o observou, os olhos dele, cientes de todos os homens na sala, mas completamente inconscientes de qualquer outro homem, sentindo a mão dele vagar lentamente até a parte interna das coxas dela, em um movimento tão íntimo como se tivessem feito mil vezes antes.

Ela sentiu as mãos dele encontrarem suas lâminas e o sentiu removê-las com habilidade incrível, a mesma faca que ela havia segurado nas costas dele, naquela mesma casa, naquela primeira noite.

O ar entre eles engrossou. Seu núcleo pulsava.

Uma polegada mais alto e ele sentiria como ela estava molhada, bem no meio desta sala, apenas para ele. Ele poderia fazer isso também. Ninguém veria ou notaria.

Suas coxas começaram a tremer enquanto ela tentava manter o rosto em branco, a dor na barriga ficando mais pesada, agarrando cada vez mais as mãos dele. Ela podia sentir seus músculos naturalmente se esforçando para aqueles dedos, suas paredes se apertando com a necessidade de serem preenchidas, de serem preenchidas por ele. Ele nunca a tocou lá, não com aquela gentileza com a qual ele estava segurando sua carne agora. Ela ansiava por isso. Ela ansiava por aqueles dedos dentro dela, movendo-se quando os lábios dele beijassem seu pescoço e seu perfume enchesse seu nariz e sua respiração se aprofundasse em seus ouvidos. Ela queria que seus sentidos fossem preenchidos por ele. Ela ansiava por isso.

E ele leu tudo isso nos olhos dela, viu o desejo nu pintando nos olhos. Os dedos dele apertaram infinitamente a pele dela. Apenas alguns centímetros. Só um pouco.

O peito dela arfava. A mão dele flexionou.

Ela estremeceu. Sua mandíbula se apertou.

Rapidamente, ele se levantou, com as facas nas mãos, e se virou para encarar a sala, deixando tremores em seu corpo. Além de Dante, todos estavam olhando. Morana respirou fundo para manter o rubor nas bochechas. Tristan Caine tomou sua posição ao lado dela, embolsando suas lâminas e apontando seu olhar fixo para Maroni.

“Eu acredito que vou gostar de ter Morana como convidada, Tristan”, disse Maroni com o sorriso que rapidamente aqueceu seu calor. Dante estava certo. Ela teria que ter cuidado, muito cuidado com este homem. Tristan Caine não reagiu. Não externamente, pelo menos. Ela sabia o suficiente sobre o homem para discernir que havia muito mais acontecendo lá dentro do que se imaginava.

“Como você conheceu meu filho e Tristan, Morana?” Maroni exigiu, em vez de perguntar. “Diga-me, estou curioso.”

Morana reprimiu suas emoções e imitou o sorriso de Maroni. “É uma longa história.”

Os lábios de Maroni se apertaram. Então, ele se virou para um dos capangas. “Peça para Antria preparar o quarto de hóspedes.”

“Não precisa”, Tristan Caine falou pela primeira vez em um tempo. “Ela fica comigo.”

Maroni sacudiu a cabeça, cruzando uma perna sobre a outra, instalando-se. “Não, ela não fica.”

Tristan Caine não disse uma palavra, apenas olhou para o homem. Maroni olhou de volta. Agora ela sabia do que Dante estava falando.

“Tristan, querido”, Chiara falou por trás, travando a mandíbula de Morana com a súbita necessidade de fazer algo violento. “Até Lorenzo falar com as pessoas certas, ele não pode permitir que ela viva tão longe do complexo principal. Ela tem que ganhar a confiança dele. Até lá, ela será uma convidada bem-vinda na casa principal, não é, Lorenzo?”

"É claro", concordou Maroni, nunca tirando os olhos do homem mais jovem.

Morana olhou para Tristan Caine e viu seu rosto completamente vazio – sem apertar a mandíbula, sem expressão nos olhos, sem tique na bochecha. Nada. Vê-lo assim de repente a fez perceber que não foi a única baixando sua guarda. Ele fez isso também, apenas quando ela estava assistindo, ou com Dante e Amara.

“Ela fica comigo”, afirmou novamente.

“Impossível”, Maroni refutou imediatamente.

Assim que ele abriu a boca para falar, Dante assumiu. “Se ela ficar na casa principal, você dá a sua palavra que nenhum mal lhe aconteceria?”

Tristan Caine lançou um olhar penetrante para Dante; Dante apenas balançou a cabeça, comunicação silenciosa entre os dois homens.

Maroni assistiu à interação com interesse. “Enquanto ela não machucar ninguém.”

Mesmo que parte dela estivesse ficando furiosa por ser comentada como se ela não estivesse lá, ela o reprimiu, sabendo que não era a hora ou o lugar.

“Eu vou ficar na casa principal”, ela falou antes que a situação pudesse sair do controle, o que era quase impossível porque sabia que os homens teimosos não cederiam. Ela era seu osso e ele deu um tapa na cara de Maroni; Maroni queria tirar o osso para fazê-lo pagar. Não foi preciso um gênio para descobrir isso. Eles precisavam superar isso.

“Maravilhoso”, Maroni sorriu. “Vin”, ele apontou para o homem marcado com os olhos vazios, “irá acompanhá-la ao seu quarto. Você pode conhecer todo mundo hoje à noite no jantar.”

Morana assentiu educadamente. “Obrigada.”

Vin foi até a porta com os pés silenciosos. Tomando isso como sugestão, ela se virou para os dois homens – Dante dando-lhe um olhar tranquilizador, Tristan Caine ainda estoico – e assentiu com eles. Querendo fugir rapidamente da tensão crescente na sala, ela correu para onde Vin estava parado. Assim que ela estava a alguns passos de distância, ele começou a andar novamente, conduzindo-os pela entrada e subindo as escadas.

Morana olhou em volta da impressionante escada que ela não teve a chance de admirar pela primeira vez. O lustre brilhava à luz do sol que entrava das grandes janelas, brilhando e dançando sobre ele. Os reflexos coloridos dançavam pelo chão, criando uma atmosfera etérea. Ela quase conseguiu esquecer por um segundo onde estava. Grandes pinturas de vistas foram dispostas artisticamente ao longo das paredes da escada. Ela examinou todas elas, seguindo o homem silencioso em dois andares. No patamar do segundo andar, Vin virou à direita por um corredor.

"Existem outros neste andar?", ela perguntou, iniciando uma conversa e quebrando o silêncio.

"Não", ele respondeu, seu tom breve.

"Então, o que há neste andar?"

"Quartos de hóspedes."

OK. "Existem outros convidados no momento?"

"Alguns."

Morana suspirou. O homem era um bando de informações. Seguindo-o pelo corredor e passando por várias portas, ela observou o modo como ele andava, um pouco fraco no passo esquerdo, e se perguntou o que teria acontecido com ele. Antes que ela pudesse pensar mais, eles pararam na terceira porta que ele abriu para ela. Ela estava prestes a entrar quando ele empurrou a mão na frente dela, parando-a.

Ela olhou para ele, subitamente consciente de que estava desarmada com um homem estranho no andar, onde ninguém a ouviria gritar. Músculos tensos, ela deu um passo para trás quando ele se abaixou e rapidamente removeu uma pequena faca de sua meia. Sem uma palavra, ele se levantou e estendeu a faca para ela.

Morana olhou a mão esquerda marcada e a faca que estava sobre ela, atordoada.

Hesitante, sem entender o que e por que ele estava fazendo, ela pegou a faca. “Por quê?”

O homem sussurrou. “Você está com abutres agora. Eles se alimentam dos mortos.”

Um calafrio percorreu sua espinha, seu aperto aumentando na faca.

Vin afastou a mão e fez um gesto para ela entrar. “Eles ativarão as escutas neste quarto em breve. Fique atenta.”

Com essa informação, ele girou nos calcanhares e foi embora mancando, deixando Morana se recuperando de toda a interação. No entanto, ela se sentiu melhor sabendo que tinha algum tipo de arma. Fechando a porta atrás dela, ela olhou ao redor da sala espaçosa, verificando as paredes e o teto em busca de câmeras. Ela não podia ver nada, mas tinha certeza de que havia algumas.

A porta trancou, ela caminhou mais fundo na sala opulenta feita em creme e azul. Uma cama do tamanho da de

Caine ocupava o espaço central, uma pequena área de estar do outro lado, uma cômoda e um armário em madeira de carvalho enfeitando o outro canto da sala. Janelas grandes com um assento confortável davam para a terra verdejante atrás da mansão. Ela olhou para fora, vendo a linha das árvores atrás da qual sabia que as outras asas estavam, observando as águas azuis do lago à distância.

Acabara de trocar uma gaiola por outra? É verdade que esta parecia menos estéril, mas havia, sob o teto em que ela não se sentia segura, planejando dormir com uma faca debaixo do travesseiro à noite e manter as portas trancadas. Lá estava ela, pronta para jantar naquela noite com uma mesa cheia de estranhos novamente. Lá estava ela, sozinha, de novo.

A vibração de seu telefone rompeu seus pensamentos. Ela tirou o telefone da bolsa e abriu a nova mensagem.

Tristan: *Você estava molhada?*

Morana olhou para o terreno, um pequeno sorriso se formando em seus lábios.

Morana: *Você nunca vai descobrir.*

Tristan: *Sim, eu irei.*

Ela bufou.

Morana: *Eu posso ver o lago da minha janela.*

Tristan: *Eu posso ver sua janela da minha.*

Com o coração subitamente batendo mais forte, Morana olhou pela janela, tentando ver onde ficava o lugar dele. Ela viu vários edifícios espalhados atrás da linha das árvores e depois se lembrou do que Dante havia lhe dito.

"*A ala dele é a menor em termos de área. É também a mais distante da casa principal e das outras alas. Ele mora lá sozinho.*"

Com o coração na garganta, Morana apertou os olhos e tentou encontrar o prédio que se afastava dos outros. E ela encontrou. Bem no lago. Onde as outras alas estavam espalhadas pelo lado oeste do complexo, aquele único edifício ficava sozinho no leste, cercado de verde de um lado e água

do outro. Meio selvagem, meio domesticado. Assim como o homem. Ela não podia ver nada lá dentro por causa da distância, mas apenas sabendo que ele podia vê-la, que ele ainda a estava observando, apesar do esforço de Maroni para levá-la embora, enchia-a com um calor que ela não conhecia.

Ele podia vê-la.

Morana percebeu, observando aquele pequeno edifício à distância, que ela estava errada.

Ela não estava sozinha.

Não mais.



Estava quase na hora do jantar.

Uma senhora de quarenta e poucos anos, claramente um membro da equipe, havia chegado à sala há quase uma hora com um vestido pendurado no braço. Ela não disse uma palavra, simplesmente entregou o vestido à Morana quando ela abriu a porta e seguiu seu caminho. Por mais desconcertante que fosse, Morana ficou mais curiosa para saber por que Maroni lhe enviaria um vestido e se ela deveria usá-lo. Infelizmente, ela realmente não tinha uma opção. Ela não embalou o guarda-roupa quando saiu de casa e tudo o que tinha com ela era emprestado do armário de Amara, mais casual do que o jantar exigia.

Olhando fixamente para o vestido – longo e sedoso em verde floresta, com mangas compridas, decote modesto e costas simples, e uma fenda escandalosa do lado direito da coxa – Morana sacudiu a cabeça, tirou o roupão de banho e vestiu o vestido. Caiu como uma luva e isso era perturbador, principalmente porque Maroni havia enviado a ela. Ela apenas sabia disso. O fato de ele tê-la encarado por tempo suficiente para medir o tamanho dela fez com que os cabelos da nuca se arrepiassem e não de um jeito bom. Lutando contra um arrepio, Morana alisou o tecido e debateu se

amarraria a faca nela mesma. Mantê-la nela a faria se sentir mais segura, ela não tinha nenhuma outra arma e, se fosse revistada novamente, ela a perderia. Por mais que doesse, ela teria que deixá-la escondida no próprio quarto.

Escovando os cabelos, ela aplicou cuidadosamente o corretivo para encobrir os poucos machucados deixados para trás da noite no cemitério. Feito isso, ela aplicou o rímel e pintou os lábios de vermelho sangue. Ela cometera o erro de estar na mansão despreparada uma vez, ela não faria isso de novo. Ela não gostou da insegurança que balançou a cabeça ao ver as mulheres bonitas, especialmente quando uma delas estava de olho em seu homem.

O homem dela?

A mão que segurava o batom parou de repente, pairando no ar enquanto ela se olhava no espelho, seu coração batendo forte.

O homem dela.

De onde diabos isso veio?

Eles não tinham esse tipo de relacionamento e ela duvidava que eles teriam um dia. Mesmo que ela fosse sua muito antes de conhecê-lo. Mesmo que ele a tivesse reivindicado de maneira pequena e sutil durante as duas semanas. Mesmo que ele a tivesse tocado pela primeira vez como um ponto dela pertencendo a ele (por mais arcaico que isso parecesse). Os olhos dela se fecharam, lembrando a

sensação de seus dedos ásperos e calejados subindo por suas coxas. Expire. Sua pele estava com um calafrio delicioso percorrendo sua espinha. Ela era dele. Nesse momento, provavelmente todos na máfia sabiam. Ela sabia. Mas ele era o homem dela?

Ela inalou novamente e voltou aos lábios, examinando cuidadosamente o próprio rosto. Ela era bonita o suficiente, definitivamente. Embora não seja tão visualmente deslumbrante quanto Chiara Mancini. Mas isso importava? Nunca importou, não para ela. Ela sempre se sentiu à vontade em sua pele, principalmente porque amava sua inteligência e sua sagacidade reprimida que esperava a pessoa certa para se recompor. Por isso, ela também não achava que isso importava. Lembrou-se da maneira como ele simplesmente lhe dera aquele apertado aceno quando Chiara estava em cima dele, e seus lábios se levantaram em um sorriso.

Foda-se sim, ele era dela. Por quanto tempo, danificado e idiota, e como ele estava, ele era dela. E boa sorte para quem tentasse ficar entre isso.

Sentindo a força dessa aceitação penetrar em seus poros, Morana passou uma escova nos cabelos com os dedos, pisou em um par de saltos dourados e abriu a porta, apenas para ficar cara a cara com o demônio. Chiara Mancini.

Interessante.

A outra mulher, deslumbrante em um vestido vermelho que mostrava seu decote na quantidade certa, deu à Morana um sorriso tão falso quanto seus cílios. Morana nem se incomodou.

“Espero que você esteja se adaptando bem,” falou Chiara, com a voz baixa e suave. Morana podia entender por que homens que não olhavam embaixo da superfície se apaixonariam por essa mulher. Felizmente, ela não tinha as partes do corpo necessárias para ser um pau idiota.

“Tenho certeza de que você não veio aqui para me perguntar como estou, senhora Mancini,” disse Morana com a voz mais seca. “Oh, é senhora, não é?” Ela piscou inocentemente, sabendo que tinha atingido a unha na cabeça quando o rosto da outra mulher se apertou.

“Sim, sou casada com o primo de Lorenzo”, ela murmurou em voz baixa. “Não é o casamento mais ideal. Porém, quando a máfia ouve quando uma mulher acusa o marido de estupro?”

Ela não estava mentindo. Morana viu nos olhos e no coração, por mais duro que fosse, amolecido. “Eu sinto muito.” O que mais ela poderia dizer? Alguns homens têm licença para serem monstros.

Chiara visivelmente sacudiu qualquer pensamento que a tivesse atormentado e focou em Morana novamente. “Não quero sua simpatia. O que eu quero é que você mantenha distância de Dante e Tristan.”

Morana inclinou a cabeça para o lado, endurecendo-se novamente, enquanto a compaixão persistia. “E por que eu faria o que você quer?”

Chiara deu um passo à frente, a mão batendo uma vez na porta, os olhos zangados. “Porque eles são bons e não merecem a tempestade de merda que você criou, princesa. Nenhum deles. Especialmente Tristan.”

Morana sentiu um aperto no estômago. “O que você sabe sobre o que ele merece?”

Chiara sorriu. “Eu sei que ele me fode regularmente há quase dois anos e Tristan não é do tipo regular.”

Fogo.

Não havia outra palavra para o que estava se espalhando por seu peito, corroendo seu interior. Ela podia sentir a queimadura subir pelo pescoço, por cima das bochechas e finalmente enevoar os olhos. Mas ela não podia deixar transparecer, não podia deixar que isso a afetasse. E isso doeu. *Realmente machucou*. Não ele ter dormido com essa mulher, mas o fato de ter feito isso regularmente. Porque isso implicava que ela significava algo para ele. Emocionalmente. E isso queimava, porra.

Anos de prática sendo úteis, Morana manteve a compostura, nem mesmo permitindo que os dedos se enrolassem nas palmas das mãos, e sorriu para a outra

mulher. “Fodia. Tempo passado, senhora Mancini. Mas eu sou o presente e o futuro próximo.”

O sorriso de Chiara vacilou. “Ele voltará para mim.”

“Talvez”, Morana deu de ombros. E então ela se inclinou para mais perto. “Ou talvez, eu o destrua para qualquer uma depois.”

Antes que a outra mulher pudesse dizer outra coisa, Morana deu um passo para fora. “Agora, você fez sua diligência e me avisou. Eu não atendi. Nós duas sabemos onde estamos e ambas sabemos que ninguém empurrará. De qualquer forma, estou com fome, então com licença.”

Sem outra palavra, Morana trancou a porta atrás de si e foi embora, sem olhar para a mulher que derramara gasolina sobre o que havia sido apenas uma pequena faísca. Era um incêndio agora, um incêndio que queria destruir. Ele. Ela o destruiria para qualquer uma.

Pela primeira vez em seu relacionamento complicado, ela pegou o telefone e mandou uma mensagem para ele primeiro.

Morana: *Minha vagina ficou fora dos limites para você.*

Sua resposta veio quase imediatamente.

Tristan: *?*

Ponto de interrogação. Ele enviou a ela um maldito ponto de interrogação. Ela estava fervendo.

Morana: *Não que isso importe. Sua regular estaria mais do que feliz em recebê-lo em sua cama, tenho certeza.*

Nenhuma resposta imediata. Claro. Morana desceu as escadas, mal olhando para as pinturas nas paredes, observando-a pisar enquanto aquele nó de fogo se enrolava mais forte em sua barriga. O telefone dela vibrou com a mensagem recebida.

Tristan Caine: *Ciumenta?*

Deus, ele tinha que ser o homem mais estúpido da face da Terra. Não pergunte a uma mulher ciumenta como o inferno se ela estava com ciúmes. Apenas *não.*

Morana: *Vou perguntar o mesmo depois que me encontrar um garanhão quente do buffet nesta mansão.*

Ele não respondeu.

Morana balançou a cabeça, tentando sacudir a nuvem estranha sobre a cabeça e recuperar aquele jeito feliz. Não funcionou muito bem.

Ela finalmente chegou ao térreo, o patamar quase vazio, exceto por dois funcionários fazendo suas tarefas. Morana os ignorou como eles a ignoraram, caminhando na direção da área de jantar (que ela se lembrava de ter invadido há algumas semanas). Seus passos foram abafados pelo tapete grosso que revestia o saguão e o corredor. As luzes estavam acesas em ambos os lados do corredor como tochas de fogo, acrescentando uma estética antiga ao local. Nesse brilho quente, Morana finalmente entrou na sala de jantar e parou.

Estava vazia, exceto por uma dama de uniforme de empregada que colocava os talheres na mesa. Morana olhou para aquela mesa – comprida, de madeira e com capacidade para, pelo menos, trinta pessoas – imaginando se aquela era a mesma mesa em que ela havia sido colocada quando criança, ou se era outra mesa em outra sala. Essa parte da história que ela não conhecia. E se essa era de fato a mesma mesa na mesma sala em que há vinte anos um garoto inocente foi marcado para toda a vida, Morana imaginou o

que seria necessário para ele entrar nessa sala regularmente e comer na mesa onde o sangue de seu pai havia respingado.

Foi lá, em pé naquela sala cheia de demônios, que toda a extensão de sua tortura atingiu Morana na cabeça, fazendo-a tropeçar. Ela pegou a beirada da janela ao lado, com o coração partido por ele. Ter que se sentar com pessoas que o torturaram e o treinaram, vê-las rindo e contando piadas, para obter silenciosamente sustento onde sua vida foi para o inferno... como alguém se cura disso?

Ela virou as costas para o local e olhou pela janela, tentando se concentrar, mesmo quando queria chorar da dor que sentia por ele, por ela, por eles. Eles estavam realmente condenados? O que ela estava tentando fazer? O que ela estava fazendo pensando que um homem seriamente danificado poderia curar o suficiente para estar com ela? Eles terminaram antes mesmo de começar. E esse era um pensamento deprimente. O conflito dentro dela se seguiu, uma parte dela a puxando para a evidência de duas semanas, a outra parte mostrando o impacto de vinte anos.

Soltando um suspiro, ela observou o chão verde interminável que cercava a casa, terminando com a sombra da floresta. A lua, um lindo crescente no céu escuro, brincava de esconde-esconde com as nuvens. Alguns homens patrulhavam a propriedade a pé com armas, enquanto alguns outros de terno estavam reunidos em torno de uma pequena fogueira, conversando.

“Boa noite.”

Morana se virou e viu um belo homem mais velho entrar na sala, vestido com um terno afiado como o resto deles.

“Boa noite”, ela respondeu calmamente.

“Eu sou Leo Mancini”, disse o homem, sorrindo. Morana olhou-o de cima a baixo, estreitando os olhos.

“Você é o Mancini que gosta de estuprar sua esposa, ou essa é uma relação mais pobre sua?”

O homem, que estava sorrindo até aquele momento, perdeu suas maneiras. Morana se preparou, de pé, sem desviar o olhar.

“Tenha muito cuidado, senhorita Vitalio”, ele ameaçou. A tensão na sala aumentou, interrompida apenas pelo som de pessoas entrando. Morana olhou para a entrada, vendo um bando de homens e mulheres estranhos, adultos e adolescentes, entrarem na sala. Ela reconheceu apenas três rostos.

Lorenzo Maroni a viu parada perto da janela e sorriu o sorriso que fazia formigas subirem pelos braços. Morana desviou o olhar deliberadamente, vendo Dante entrar sob o arco, vestindo uma camiseta branca e jeans, uma arma enfiada no cinto, os cabelos molhados e afastados do rosto forte. Foi a primeira vez que ela o viu tão casual. Ele a viu, deu-lhe um pequeno sorriso que ela retornou, feliz por ter um amigo naquele lugar estranho.

E então Tristan Caine entrou, vestido como Dante, sua camiseta preta e jeans desbotado, sem arma à vista. Ela não sabia se isso era ousado ou estúpido, ou ambos. De qualquer maneira, ela não pôde deixar de admirar esse tipo de confiança. Observando os dois homens em uma multidão de pessoas bem vestidas, Morana não sabia se era assim que eles sempre se vestiam para o jantar ou se era um "foda-se" gigante para Maroni e seu sistema. A julgar pelo olhar de desaprovação no rosto do homem, ela colocaria suas apostas no último.

Ela estava ciente dos olhares curiosos enquanto caminhava para o assento que Lorenzo indicou para ela tomar. A equipe estava trazendo a comida enquanto todos se sentavam em coreografias que falavam de anos de prática. Ela puxou a cadeira, estrategicamente colocada entre um adolescente de cabelos escuros e um homem mais velho que ela não conhecia. Seus olhos procuraram as duas pessoas que ela conhecia, para vê-las do lado oposto, mas mais perto da cabeceira da mesa, onde Lorenzo estava sentado como um imperador autoproclamado.

“Você é da família?” O adolescente perguntou curiosamente.

Ela balançou a cabeça. O garoto abriu a boca para perguntar algo quando uma sombra caiu sobre eles. Morana olhou para cima e viu Tristan Caine em pé atrás do garoto, com o rosto limpo de todas as emoções, os olhos nela.

Ele se dirigiu ao garoto. “Quer sentar com seu primo?”

Os olhos do garoto se arregalaram. “Mas não tenho permissão para levantar a mesa.”

“Você tem agora. Scoot.”

O garoto não precisou ser avisado duas vezes. Ele estava fora do assento e ao lado de Dante em toda a sua exuberância juvenil. Morana viu Tristan Caine sentar-se ao lado dela, muito consciente de todos os olhos neles, muito consciente de sua forma grande, sólida e quente a poucos centímetros dela. Ela engoliu em seco, concentrando-se na respiração, vestindo a máscara de indiferença cuidadosamente criada como se isso não fosse grande coisa. Não. Nada demais. Tristan Caine mudando anos de organização dos assentos e se sentando ao lado dela na frente de todos – não é grande coisa. Ela podia sentir o cheiro almiscarado que era tudo dele, sentir o ar toda vez que ele inspirava e exalava suavemente, sentir a força de sua presença acariciá-la por todo o lado.

Comida veio. Ninguém disse uma palavra. Ele não disse uma palavra. Morana podia praticamente sentir a tensão subir enquanto mantinha os olhos grudados no prato como se fosse a resposta para a paz global.

“Tristan”, a voz de Maroni veio da cabeceira da mesa, alta. O som dos talheres parou. Ela manteve a cabeça baixa, ciente do homem ao seu lado olhando em silêncio.

“Isso não vai acontecer novamente”, alertou.

O homem ao lado dela disse no mesmo tom. “Melhor não.”

Puta merda. Ela olhou para cima bem a tempo de ver Maroni se arrepiar. Tristan Caine continuou comendo. Ninguém disse nada, mas lentamente, eles voltaram a comer. Morana olhou para a sopa à sua frente, seu apetite perdido sob toda a tensão em seu corpo. Forçando-se a beber um pouco, ela quase deixou cair a colher quando uma mão passou sob a fenda do vestido, segurando a parte interna da coxa como se tivesse todo o direito. Ela sabia o que ele estava fazendo. Ele a estava testando.

Morana relaxou o corpo, fechando as coxas com força, prendendo a mão dele entre elas, a poucos centímetros de seu núcleo palpitante. Ele flexionou os dedos, o movimento enviando sensação correndo como uma flecha para o centro dela. Ela não abriu as pernas nem deu espaço para a mão dele se mover. Ele agarrou uma de suas coxas com força, seus dedos erguendo as pernas dela o suficiente para estender a mão. Morana sentiu a derrota percorrer sua pele, sabia pelo calor que a marca daquela mão escureceria a carne dentro de sua perna. Atingiu-a, o conhecimento de que ele esteve lá, a prova disso marcada em sua pele, tão perto. Ela estava molhada.

“Morana”, a voz de Maroni rompeu seu torpor induzido pela luxúria, a gelando. Ela olhou para cima e viu o homem limpar a boca com o guardanapo.

“Eu informei seu pai que você está aqui.”

Morana ficou tensa, mas não tirou os olhos do homem. “Incrível”, sua voz saiu indiferente.

Maroni sorriu sob a barba, olhando ao redor da mesa. “Todo mundo, essa é Morana Vitalio, filha de Gabriel Vitalio.”

O ar ao redor da mesa, que estava curioso, mas relaxado, esfriou com o anúncio. Todos os olhos se voltaram para ela e ela manteve os dela firmes no homem no banco da frente. Ele continuou. “Ela está aqui como convidada, é claro, para que todos a tratem como tal. Quem vir alguém que não a trate como hóspede será denunciado a mim.”

Morana ouviu o aviso alto e claro nisso. Não se sinta em casa.

Maroni foi um passo além. “Ela está no quarto de hóspedes no segundo andar”, ele disse a todos. “Ninguém vai incomodá-la. Ela é filha do pai dela, afinal.”

Sua mandíbula apertou quando a mão agarrou a vontade de subir na mesa e dar um soco no bastardo presunçoso no rosto.

Maroni olhou em volta da mesa, olhando fixamente para Tristan Caine. “E ninguém vai tocá-la.”

A mão em sua coxa voltou. Desta vez, ela deixou ficar.

“Mas você precisa ter cuidado, Morana. Infelizmente, acidentes podem acontecer em qualquer lugar.”

O que significava que alguém poderia machucá-la e ele não faria nada. Morana sabia o que Maroni estava fazendo. Ela foi pega naquela batalha entre ele e o homem ao seu lado, mas ela voluntariamente se colocou lá. Ela sabia no que estava se metendo.

E foi isso que a levou a retaliar. “E se eu quiser que alguém me toque?”

Os olhos de Maroni voaram para ela, surpresos. Ele não esperava isso. E então ele lhe deu aquele sorriso liso que a fez querer bater na cabeça dele.

“Então você vai conseguir mais do que espera, garotinha.”

Porra. Desgraçado.

O sangue dela ferveu. Ela se moveu para se levantar quando a mão em sua coxa se apertou, mantendo-a no lugar, dizendo para ela ficar calma. Pela primeira vez durante o jantar, ela olhou para ele, sua raiva por tudo borbulhando. Mas a tempestade que ela viu nos olhos dele a fez parar. Seus olhos, aqueles magníficos olhos azuis, foram treinados em Lorenzo Maroni e gritaram tanta morte que lhe causou arrepios na espinha. Ela percebeu que nunca poderia odiar Maroni tanto quanto esse homem o odiava. E isso a acalmou.

“Eu acho que os únicos que você está assustando são as crianças, pai”, comentou Dante secamente de seu lugar. “Deixe-os comer em paz.”

As crianças, nessa nota, encheram a boca rapidamente. Os adultos os seguiram. O resto do jantar passou voando, restos de tensão pairando no ar. E durante o jantar, a mão dele permaneceu na coxa dela, sem acariciar, sem se mexer, sem fazer nada além de apenas estar. Morana nunca havia experimentado – a maneira como um toque poderia ancorá-la. A única vez que ela chegou perto assim com ele, foi quando teve seu ataque de pânico. Mas isso foi diferente. Desta vez, ela estava consciente e ciente de tudo, suas emoções ainda estavam por todo o lugar, e o toque dele, não sexual, não sensual, simplesmente um toque, estava fundamentado. Isso a fez perceber a fome que sentira por essa sensação a vida inteira, o quanto sua pele desejava contato com outra pessoa e nunca o tivera, o quanto desejara o toque normal dele. Apenas o peso da mão dele em sua carne a fez se sentir leve, mais leve do que antes.

Depois do jantar, as crianças pediram licença e saíram da sala. Alguns adultos pegaram a deixa e deixaram a sobremesa para sair também. Morana queria fazer o mesmo e fugir da área sufocante. Ela não fez porque ele não fez.

“Você sabia que esteve aqui há alguns anos, Morana?” Maroni começou a conversar, bebendo sua bebida. “De fato, você se sentou nesta mesma mesa e jogou.”

Morana sentiu o homem ao seu lado tenso e, pela primeira vez, instintivamente, ela colocou a mão na coxa dele, esperando que seu toque o ancorasse como o dele estava fazendo com ela. Ela sentiu os músculos tensos nas pernas dele e o segurou com firmeza.

“Pai”, Dante advertiu de lado.

“Dia terrível, no entanto”, Maroni continuou falando. “Que dia terrível. Você se lembra, Morana?”

Ela deu um sorriso relaxado. “Claro que não. Ao contrário de você, eu não sou antigo, Sr. Maroni.”

Dante tossiu para esconder sua risada quando o sorriso de Maroni evaporou em sua escavação. “Estou aqui há muito tempo. E eu fiquei aqui por um bom motivo.”

Morana manteve o sorriso. “Terror.”

“Poder.”

Morana assentiu, fingindo concordar. “Senilidade. Um dos sinais da velhice.”

O silêncio sobre a mesa teria sido aterrorizante se ela não sentisse a mão na coxa lhe dar um pequeno aperto.

“Você esquece seu lugar, menina”, Maroni falou, sua voz tão baixa que ela podia sentir a raiva dele.

Ela estava tão acabada com essa merda. “Deixe-me esclarecer uma coisa de forma muito clara. Acho que você me

confunde com alguém que pode empurrar, Sr. Maroni", Morana falou, sua voz refletindo o aço na espinha. "Eu não sou. Sou a caixa da sua Pandora. Então, se eu fosse você, me manteria muito, muito feliz e muito, muito viva. Porque uma vez que esta caixa se abrir, seu poder, seu império, você desmoronará. E você não seria capaz de fazer nada para impedir isso."

Chiara Mancini espirrou e os olhos de Morana foram para ela. O aperto de sua mão na coxa dela azedou. Feito, completamente terminado com a noite miserável, Morana empurrou a cadeira para trás, afastando a mão dele.

"Agora, com licença", ela se dirigiu a Maroni.

Sem esperar que eles respondessem, ela se levantou e girou sobre os calcanhares, saindo da sala. Ela saiu pela porta lateral para tomar um pouco de ar fresco. Saindo da varanda, ela olhou em volta para encontrar um lugar tranquilo, vendo a fogueira a alguns metros de distância à esquerda e os homens patrulhando à direita. Virando-se, ela andou pela casa, respirando o ar fresco, olhando para dentro das janelas escuras. Os que estavam acesos tinham as cortinas fechadas sobre eles.

"Cuidado ao ficar sozinha do lado de fora."

Morana parou para ver Dante aparecer ao lado dela, com os olhos nos homens perto da fogueira. "Estou farta de pessoas me dizendo para ter cuidado."

Sua enorme forma relaxando, ele pegou um cigarro e acendeu, dando uma tragada profunda. Morana piscou, surpresa. “Você fuma?”

“Costumava”, disse ele, exalando uma nuvem de fumaça. “Agora, é ocasional.”

“Qual é a ocasião?”

Os lábios de Dante se levantaram em um sorriso. “Vendo aquele belo show lá dentro. Por falar nisso, agradeço. Continue assim e o velho sofrerá um ataque cardíaco pelo puro choque de alguém que não seja Tristan, sendo imune ao seu poder.”

Morana riu, ciente. “Vou tentar o meu melhor.”

Eles ficaram em silêncio por alguns segundos, Dante fumando e Morana contemplando, antes que ela quebrasse o silêncio. “Então, qual é o problema com Chiara e ele?”

“Quem?”

Morana revirou os olhos. “Dante!”

Dante olhou para ela, sorrindo, antes de se virar novamente. “Você deveria ter essa conversa com ele.”

“Eu vou. Eu queria conhecer seus pensamentos,” ela esclareceu.

Dante bufou uma risada. “Chiara é uma víbora. Elegante, bonita e venenosa.”

Morana desviou o olhar. “Ela me disse que foi estuprada pelo marido.”

“Ela foi”, confirmou Dante. “E então ela começou a atacar garotos pouco legais que não a lembram do marido. Não desperdice sua simpatia por essa mulher, Morana.”

Isso foi distorcido. E ela se sentiu um pouco enjoada.

“Bem, então”, Morana balançou de pé. “Obrigada por me defender hoje, a propósito.”

Dante assentiu bruscamente. Não querendo deixar isso estranho, Morana deu-lhe boa noite e voltou para a casa, encerrando completamente a noite. O que ela precisava era dormir, dormir bem e, quando acordasse, esse pesadelo pareceria melhor.

Subindo as escadas, feliz por não encontrar mais ninguém no caminho, ela foi para o quarto, destrancando a porta. Ela entrou, empurrando a porta atrás dela. Mas o som da madeira batendo na madeira nunca veio. Morana parou e se virou para ver Tristan Caine segurando a porta aberta, encostado no batente da porta.

Ah não. Não, não, não. Ela não estava com disposição para lidar com ele esta noite.

Ignorando a bunda dele, ela se virou novamente e foi até a cômoda, deixando cair os saltos ao lado. A porta se fechou atrás dela. Trancada. Pela maneira como seu corpo estava reagindo, ela sabia que ele ainda estava na sala.

“Bonito vestido.”

As mãos dela pararam sobre o brinco, os olhos observando o reflexo dele se juntar ao dela no espelho. “Obrigada”, ela respondeu, tirando o brinco. “Maroni enviou como um presente de boas-vindas.”

Seus olhos brilharam no reflexo. Um a zero.

Ele deu um passo mais perto, sua presença quase atrás dela. “Você gostou do buffet?”

Morana inalou profundamente, mantendo os olhos nele. “Eu só vi os pratos até agora. Mas, pelo que vi, tenho certeza de que tem um gosto muito bom.”

Antes que ela pudesse piscar, ela foi pressionada contra o espelho, a cabeça puxada para trás com a mão nos cabelos. Os olhos deles colidiram no espelho, a respiração dele no pescoço dela, quente, suave. Seu peito pressionou contra suas costas, expandindo a cada respiração, sincronizando sua própria respiração para combinar. Seu coração começou a martelar, o sangue correndo sob sua pele, todo o seu entusiasmo por fazê-lo estalar, por fazê-lo reagir.

“Olhe para todos os pratos que você quer, gata selvagem”, uísque e pecado escorriam pelo ouvido dela e pingavam em seu corpo, “mas, o único prato que vai preencher você está bem aqui.”

Morana lutou contra um gemido pela maneira como seus dentes roçaram sua orelha, seus olhos quentes nos dela. “Eu não compartilho.”

A mão dele puxou a cabeça dela um pouco, o nariz a inalando. “Nem eu.”

Impasse. Ambos estavam respirando pesadamente. E então ela lembrou que havia aparelhos de escuta na sala.

“Eles podem nos ouvir”, ela lembrou.

“Deixe-os”, afirmou ele, o nariz correndo ao longo de seu pescoço. “Deixe-os também ouvir o que eu vou fazer com qualquer um que tocar em você.”

A mão dele deixou o cabelo dela, vindo para a frente do pescoço dela, segurando-a como ele fazia, o pulso dela batendo contra a palma da mão. “Vou quebrar todos os dedos da mão que tocarem você”, ele sussurrou, escrevendo a morte sobre a pele dela enquanto ela o olhava no espelho, os mamilos duros como se as palavras dele os acariciassem, sua grande forma atrás dela.

“Então, cortarei a garganta deles na superfície, deixando-os sangrar e uivar enquanto os esfolarei vivos,” continuou ele, fazendo-a estremecer tanto de medo quanto de prazer, seus olhos brilhando nela, sua mão simplesmente a segurando pela garganta. “E então eu vou incendiá-los.”

Ela se sentia possuída. “E se eu quiser que eles me toquem?”, ela fez a mesma pergunta que fizera a Maroni.

Os lábios dele se contraíram, a mão pressionando-a para mais perto do corpo. “Você não vai.”

“Como você sabe?”

“Porque”, ele se inclinou em seu pescoço, seus lábios passando sobre a pele dela enquanto falava, “você ganha vida apenas para mim.”

Morana estremeceu, os dedos dos pés curvando-se no tapete enquanto seu queixo tremia. Ele estava certo.

Não querendo ficar um passo para trás, Morana corajosamente esfregou os quadris contra os dele, sentindo-o endurecer contra suas costas, e declarou. “Meu.”

E, pela primeira vez desde que o conhecera, ela viu um sorriso estalar seu rosto. Era pequeno, apenas uma pequena curva de lábios, mas era genuíno e estava lá. E inclinou o mundo dela em seu eixo porque ele tinha uma covinha.

Ele.

Tem.

Uma.

Porra.

De.

Covinha.

Ela o encarou surpresa, de alguma forma jogada por uma coisa tão simples, imaginando quem teria sido a última pessoa a ver aquela covinha.

Seus olhos, ainda presos juntos, tiveram uma conversa inteira em si. O sorriso dele diminuiu lentamente e ela balançou a cabeça, levantando a mão atrás do espelho, sentindo a nuca roçar na palma da mão pela primeira vez.

Isso o empurrou para o limite. A outra mão dele puxou o vestido para cima de sua bunda enquanto ela se inclinava para frente, dando-lhe espaço para se mover, os olhos conectados o tempo todo. Ela sentiu os dedos dele entre suas pernas, testando sua umidade. Ela estava pingando.

“Limpo?”

Ela sentiu o peso dessa pergunta de uma palavra em seu sussurro rouco. Ela sabia que isso mudaria as coisas, sabia que era um passo mais perto. Sem palavras, ela assentiu. Ele assentiu com sua própria resposta.

Assim como sem palavras, ela sentiu a ponta dele atrás dela. Ela ficou na ponta dos pés para ficar nivelada, inclinando os quadris para facilitar o acesso a ele quando os dedos dele a deixaram, indo sob o joelho dela e puxando-o para cima. Ela equilibrou os pés na beira da cômoda, o outro apoiado na ponta dos pés com a força dele. A outra mão dele permaneceu firme na garganta dela, enquanto os olhos dele permaneceram firmes nos dela. Ela percebeu que seria a

primeira vez que o veria quando ele a penetrasse, a primeira vez que ele entraria nela sem proteção.

Antecipação aumentada, o coração batendo forte nos ouvidos, a pele ciente de todos os lugares em que tocavam e ciente de cada respiração que ele respirava.

E então ele a empurrou de repente.

Um grito alto escapou dela quando a cômoda bateu contra a parede, sua boca se abrindo ofegante enquanto as paredes o recebiam. O fato de que havia aparelhos de escuta por toda a sala, o fato de que ele não se importava, e nem ela, o fato de apenas o barulho da cômoda ter feito as pessoas da casa cientes do que estava acontecendo enviou uma emoção pela espinha.

Seus olhos um no outro, a compreensão passando entre eles, ele a puxou contra ele, seu pau se alojando mais profundamente dentro dela, enviando calor através de seu corpo. Ele se afastou quase completamente, as paredes dela tremendo com a perda, antes que ele mergulhasse com mais força. A cômoda bateu na parede mais alto. Ela gemeu, sua respiração aumentando e as dele se enrijeceram, seus músculos se apertando ao redor dele como um torno. A mão dele deixou o joelho dela, indo para o clitóris latejante, esfregando.

Os olhos dela se fecharam com o ataque de sensações.

“Nome”, ele rosnou. Os olhos dela se abriram um pouco, encontrando os dele, confusos. “Diga meu nome.”

O coração dela parou. Ela engoliu em seco, consciente dele pulsando dentro dela. Seus dedos flexionaram a garganta dela, tão grande que ele a envolveu, a sensação de perigo e segurança se misturando em uma mistura inebriante.

“Sr. Caine”, ela sussurrou, seus olhos colados nos dele.

Ele pegou a pele do pescoço dela entre os dentes, puxando. “Nome.”

“Tristan Caine”, ela murmurou.

Ele beliscou seu clitóris, fazendo seus quadris balançarem involuntariamente.

“Tristan”, ela suspirou, suas mãos segurando a cômoda com força.

Ele revirou os quadris, quase a escurecendo com o movimento repentino, tocando seu ponto mágico. “Esse é o nome que você vai gritar por muito tempo, Srta. Vitalio. Lembre se.”

“Pare de falar e me foda, Sr. Caine”, ela desafiou.

Ele obedeceu. Ele começou a foder com ela no verdadeiro sentido da palavra.

O espelho da cômoda começou a tremer tanto que sacudiu. O som da madeira pressionando a parede combinava com o ritmo dele a penetrando. Seus olhos permaneceram conectados, mesmo naquele vidro trêmulo, quando ele entrou e saiu dela, revirando os quadris, alternando. Suas paredes o apertaram em sincronia, chorando e agarrando-se a ele, o atrito dentro dela espalhando fogo por todo o corpo. O suor cobriu sua pele, seus suspiros trêmulos se transformando em gemidos altos se transformando em pequenos gritos que ela não podia mais controlar.

“Tristan”, ela ofegou, insistindo com ele, movendo os quadris para os dele, observando-o. Era erótico, observando-o assim, observando-se assim, os dois vestidos, mas tão, tão nus.

“Mais alto”, ele resmungou entre os dentes cerrados.

Isso a sacudiu. "Tristan", ela gemeu mais alto, sentindo todos os cumes em seu pênis, podia sentir aquelas veias pulsantes, todas nuas dentro dela pela primeira vez. Ele começou a esfregar seu clitóris com mais força, seus quadris ganhando velocidade, seus joelhos batendo contra a madeira enquanto ela se equilibrava na ponta dos pés de um pé e no joelho do outro, a mão em volta da garganta dela segurando-a em pé. Não era muito apertado, mas firme o suficiente para fazê-la se sentir completamente cercada, completamente possuída naquele momento. Ela o possuía de volta, mantendo-o preso dentro dela a cada empurrão. Lentamente,

o fogo em seu corpo concentrou-se em seu núcleo ardente, todo o seu corpo tremendo quando ela começou a ficar tonta pela sobrecarga de sensação.

E então ela sentiu os dentes em seu pescoço. Difícil.

Ela explodiu, gritando quando seus joelhos dobraram, seu equilíbrio esquecido, suas paredes se soltando como nunca antes, seus batimentos cardíacos no teto, tão altos que ela podia senti-los trovejando em todo lugar em seu corpo. Ela podia sentir sua própria umidade escorrendo pelas coxas, os olhos procurando o azul magnífico dele enquanto a observava gozar, guardando tudo na memória.

De repente, ele a puxou para baixo sobre a cômoda, e ela o viu acariciando sua ereção em seu punho, seu rosto se contorcendo de prazer agonizado quando ele explodiu sobre as costas dela, seu gozo acumulando no vestido. Morana assistiu, fascinada, ainda cambaleando por seu próprio prazer, ouvindo aquele rosnado sair de seu peito enquanto ele se afastava por alguns segundos, ordenhando cada gota, exalando.

Os olhos dele, que se fecharam, abriram-se novamente e encontraram os dela. Ele se dobrou de volta, fechando. Morana se endireitou lentamente, observando quando as mãos dele chegaram aos seios dela pela primeira vez. Não para tocar, não. Ele ainda não tocou seus seios, mesmo quando seus mamilos se esticaram em direção às palmas das mãos, doendo com uma fome que apenas seus dedos podiam

saciar. Ele nunca fez. Ele pegou o decote do vestido dela com as duas mãos e o rasgou de uma só vez, o som do tecido rasgando alto na sala. Ele a encarou por um longo minuto, seus olhos nunca tremendo até o sutiã, agora completamente exposto no vestido que pendia nela apenas pelas mangas.

Gentilmente e silenciosamente, ele tirou as mangas e empurrou o vestido para o chão.

“Livre-se do vestido.”

Com esse comando rosnado, ele girou nos calcanhares e saiu, trancando a porta atrás de si com um clique.

Morana piscou, tudo rápido demais para ela processar. O que diabos tinha acontecido?

Seu olhar se voltou para o vestido verde descartado que Maroni havia lhe enviado. Estava rasgado, esfarrapado e tinha o sêmen secando. Um sorriso lento brincou em seus lábios quanto mais ela o encarava. Uma risada escapou dela, a situação repentinamente engraçada. Pegando-o, ela caminhou até a lixeira no banheiro e jogou-o dentro. Cantarolando baixinho para si mesma, ela se virou para lavar as mãos e se olhou no espelho. Os olhos dela permaneceram na marca vermelha no lado do pescoço, onde ele a havia beijado. Ela tocou a marca cuidadosamente, o sorriso em seu rosto agora.

Tomando banho rapidamente, ela vestiu seu pijama fofo e pulou em sua nova cama, a faca em segurança sob o

travesseiro, um travesseiro pressionado em seu peito. Ela se aconchegou nele, pensando na montanha-russa inteira de um dia. Seu primeiro dia em Tenebrae. Apesar de estar na cidade inimiga, na casa do inimigo cheia de estranhos hostis, uma pequena bolha de felicidade aninhou-se dentro de seu coração. Sua vida, de muitas maneiras, era melhor do que há semanas atrás. Encontrara uma amiga de verdade em Amara e um protetor em Dante. E ela havia encontrado, sob toda a loucura e caos, Tristan.

Tristan.

Apenas Tristan.

Ela exalou, seu coração apertando com os passos gigantes que eles deram.

Ela não sabia se ele os reconheceria amanhã ou voltaria ao seu estado habitual. Ela não sabia como Maroni responderia às suas palavras amanhã. Ela não sabia se alguém tentaria prejudicá-la amanhã. O que ela sabia era que amanhã, ela acordaria e trabalharia nos mistérios que a atormentavam. Amanhã, ela elaboraria um plano para lidar melhor com os tubarões. Amanhã, ela pensaria em como lidar com Chiara. Amanhã telefonaria para Amara e falaria com ela. Amanhã.

Ela pode não estar segura, mas importava. Ela importava para alguém. E ele começou a importar muito para ela.

E amanhã, como dizem, seria um novo dia.



Aquecer

Não foi a noite mais pacífica que ela teve, mas também não foi a pior.

O pior aconteceu há muito tempo na mansão de seu pai, quando um de seus homens entrou furtivamente no quarto dela. Ela era jovem, sim, mas não indefesa. Ela esmagara o nariz dele com o pé antes de quebrar a luminária na cabeça dele. Assustado com a luta nela e com o barulho que ela estava fazendo, ele escapou. Para seu alívio, o pai descobriu e o castigou. Para sua decepção, não foi por tentar agredir sua filha, mas por ousar desafiar sua autoridade sob seu teto. Aquela fora a primeira noite em que Morana colocou uma arma ao lado do travesseiro e todas as noites desde então dormia com uma arma de fácil acesso, sabendo o quão insegura estava.

A noite mais tranquila, para sua surpresa, foi na cobertura do homem que jurara matá-la. Foi a noite em que seu pai quebrou suas esperanças no pé da escada, a noite em que ela procurou, sem saber, conforto e segurança no território daquele homem que deveria tê-la aterrorizado, mas não o fez. Foi a noite em que Dante entrou um pouco em seu coração e Tristan a fez sentir segurança como nunca experimentara em sua vida. Ela dormiu naquela noite –

vulnerável, exposta, magoada e sem armas – com o conhecimento absoluto de que não sofreria nenhum dano, não nas mãos de alguém, não enquanto Tristan estivesse lá.

Tristan.

Morana sorriu um pouco, a sensação quente em seu peito ainda persistia da noite passada. Ele pediu que ela o chamasse assim, e ela o fez. Não apenas verbalmente, mas em sua própria mente. Por alguma razão bizarra, ela nunca pensou nele como apenas Tristan. Talvez tivesse sido muito pessoal; talvez isso tenha permitido uma intimidade que ela não estava disposta a admitir. Mas ele abordou a questão ontem à noite em termos claros, quebrou uma barreira que ela criara intelectualmente entre eles. A barreira estava quebrada agora, o selo de sua reivindicação nua em sua pele para qualquer um ver, o som de sua voz de uísque e pecado exigindo seu nome na voz dela.

Tristan.

Ele era Tristan agora.

O Tristan dela.

O calor se expandiu.

Morana estava sentada na beira da janela, olhando a propriedade. O sol estava brincando de esconde-esconde com as nuvens, assim como a lua na noite anterior. A luz brilhava intensamente sobre os gramados verdejantes, as sombras criadas pela floresta na borda escura. Ao longe, a água

límpida do lago brilhava, uma casinha solitária de pé à beira, escondida atrás da linha de árvores, criando uma divisão visível entre a entrada e a saída. Ela entendeu o que Dante quis dizer – Tristan estivera do lado de dentro para forasteiros, mas do lado de fora para quem estava dentro, essencialmente pertencendo a lugar nenhum, exceto a si próprio. Ela entendeu agora por que ele tinha aquela cobertura no topo de um prédio, onde ele podia ver todos com aquelas belas janelas gigantes, mas ninguém podia vê-lo, ninguém que ele não convidasse explicitamente para seu território. Mergulhada nesse conhecimento, a primeira noite contra a janela ficou ainda mais bonita para ela, a mudança no relacionamento ainda mais crucial.

Os homens patrulhavam a propriedade, como faziam na casa de seu pai, mas muito menos ostensivos. Esses homens eram habilidosos, elegantes. Era evidente simplesmente pela maneira como se moviam, pela facilidade com que seguravam as armas. Morana observou-os por um longo minuto antes que o movimento atraísse os olhos para a casa à beira do lago. Ela podia ver a forma minúscula de Tristan saindo da casa para ficar na beira do lago, as mãos nos bolsos enquanto olhava para longe. Fascinada pela chance de observá-lo sem o seu conhecimento, Morana simplesmente observou, incapaz de tirar os olhos de sua forma.

Ele ficou parado, quase artificialmente imóvel, tanto que poderia ser uma estátua a uma distância tão grande e ninguém saberia. Aquela quietude dele, mesmo quando ele

estava sozinho, fez perceber o quão inquieto ele era com ela. Desde o início, havia uma energia sobre ele, uma energia que se envolvia em torno dela repetidas vezes. Mesmo quando sua forma física estava parada, sua energia sempre estava em movimento – empurrando, puxando, circulando, segurando, apegando-se a ela. Ela não sabia se aquilo era deliberado da parte dele, ou algo que ele não era capaz de controlar (embora ela suspeitasse que este último fosse do seu nível de frustração com ela no começo), mas examiná-lo naquele momento contrastava.

Ela viu a imensa forma de Dante caminhar com graça ágil em direção a outro que saiu das árvores. Ela se perguntou onde estaria sua proteção quando o homem se juntou a Tristan. Eles ficaram lado a lado, irmãos, de uma maneira que o mundo deles não conseguia entender, e Dante puxou outro cigarro do bolso. Ela viu Tristan dar uma olhada no cigarro antes de olhar para a frente novamente. E então eles conversavam sobre o que quer que quisessem. Tudo o que conseguiu captar da linguagem corporal deles era um grande e gordo nada. Tristan ficou do jeito que estava, Dante relaxou em sua forma. O sol brilhou neles por um longo tempo no início da manhã, o vento frio flutuando dentro da janela para seus braços.

Morana aconchegou-se mais apertada em seu cobertor, mexendo-se no assento da janela.

A ação pareceu distrair os homens porque Tristan virou a cabeça de repente, olhando diretamente para a janela dela.

Ela sabia que ele não podia vê-la melhor do que ela, mas sentiu o calor daquele olhar aquecendo-a melhor do que seu cobertor. Um calafrio percorreu sua espinha, os músculos entre as pernas ainda palpitavam com a lembrança dele da noite passada, apertando com a lembrança da carne dele entre eles.

Dante virou-se para olhá-la também. Ele levantou a mão sem segurar o cigarro em saudação a ela. Morana sorriu com o gesto, dando-lhe um leve aceno de volta.

O telefone dela vibrou.

Tristan: * *enviou uma imagem* *

Morana olhou para a imagem de seu cartão, seu nome e detalhes claramente visíveis para ela. Confusa, ela digitou a resposta.

Morana: *???*

Ela olhou para a figura dele, vendo o rosto dele virado para o telefone na mão, a outra mão no bolso enquanto ele digitava a resposta com um polegar. Ele deve ter pressionado

'“enviar" porque, um segundo depois, o telefone dela vibrou novamente.

Tristan: *Compre o que você precisar. Você não tem seu cartão, ou acesso à sua conta, ou teria feito isso antes que Amara lhe desse roupas.*

Morana olhou para a mensagem, emoções conflitantes dentro dela. Ele não estava completamente errado. Ela tinha seus cartões, mas fora o hacker paranoico dentro dela que não deixou pedir nada à cobertura dele enquanto ela estava lá e correr o risco de alertar o pai. Naquela época, ela ainda se importava. Agora, como Maroni já havia gentilmente informado seu pai, ela não se preocupava mais.

Morana: *Obrigada. Isso é muito atencioso da sua parte. Mas usarei meu próprio cartão para comprar o que preciso.*

Ela o viu olhar para o telefone novamente e pelo que ela sabia, ele exalou ou suspirou. Então ele digitou.

Tristan: *O que lhe for mais conveniente. Seu ou meu, não importa. Desde que não seja necessário destruir mais roupas.*

Bem, quando ele colocou dessa maneira. Morana sentiu os lábios se inclinarem diante da implicação.

Morana: *Talvez eu tenha que aceitar mais roupas de Maroni para que você as rasgue, nesse caso. Eu gostei disso.*

Ela olhou lentamente para ver o olhar dele de volta na janela, nela. Seu coração começou a bater forte, apenas vendo a reação dele depois daquela mensagem, vendo o jeito que seus olhos não se afastavam por um longo tempo. E então ele virou para o telefone novamente.

Morana soltou um suspiro que não sabia que estava segurando, sentindo o telefone vibrar na mão novamente.

Tristan: *Compre.*

Morana suspirou, levemente desanimada pela resposta anticlimática. Ela estava esperando um texto mais parecido com “Mim, Tarzan; Você, Jane”. Seu telefone vibrou novamente e ela olhou para baixo rapidamente. Surpreendentemente, o texto veio de outro homem.

Dante: *Querida Morana, o que você acabou de dizer a Tristan, por favor, não faça de novo. Ele está apenas ansioso para dar um soco no meu pai e isso seria muito inconveniente para nossos planos. Eu não quero ficar no meio do que seja lá o que acontece entre vocês dois, mas, por favor, não o estimule agora. Eu preciso dele focado. Obrigado. Dante.*

Uma gargalhada deixou Morana pela maneira como Dante formulou o texto, a diversão em seu tom evidente junto com a exasperação que ela podia imaginar em sua expressão. Isso também restaurou a onda quente que crescia nela por saber que o que Tristan escreveu e o que ele sentiu era muito, muito diferente. Ela se perguntou quantas vezes o "estimulou", como Dante disse com tanta eloquência. Bem, desde que ela estava estimulando...

Morana: *Caro Dante, é claro. Eu entendo completamente. Se ele soubesse que você estava dizendo isso para mim, imagino que haveria outro Maroni que ele queira dar um soco. Mas isso não é relevante. A propósito, você poderia me enviar o número da Amara? Eu quero falar com ela. Obrigada. Morana.*

Ela tem o número de Amara. Claro que sim. Era sobre fazer uma observação.

Dante: *Ele quer me dar um soco a cada cinco minutos. Eu quero dar um soco nele a cada quatro. E eu sei que você tem o número de Amara. Diga oi para ela por mim. Obrigado.*

Morana sorriu.

Morana: *Eu admiro o quanto de autocontrole vocês têm.*

Morana: *E não quero ficar no meio do que seja lá o que acontece entre vocês dois.*

Dante: *Touché.*

Energizada e verdadeiramente feliz pela primeira vez em ter um relacionamento não convencional, onde ela poderia ser ela mesma e não se preocupar com isso, em ter uma amizade em que ela pudesse ousar e ser ousada em troca, Morana se sentiu liberada de uma maneira que não podia explicar. Sacudindo seus pensamentos, seus planos para o dia se materializando, ela enviou outra mensagem para Dante.

Morana: *Já que você me ofereceu para ir à sua ala quando eu precisasse, tenho três perguntas. A. Tem câmeras de segurança, áudio ou vídeo? B. Existe uma cozinha? C. Possui Wi-Fi?*

Ela viu a figura de Dante falar sobre algo com Tristan. Tristan assentiu e Dante digitou. Interessante.

Dante: *A. Não, não há invasão audiovisual de privacidade. Existem câmeras de segurança do lado de fora, mas nenhuma por dentro.*

Dante: *B. Sim, há uma cozinha com uma geladeira totalmente equipada para que você possa comer. Você também pode pedir algo da casa e um dos funcionários entregará a você.*

Dante: *C. E sim, claro, há Wi-Fi. Estou assumindo que você quer trabalhar lá?*

Morana: *Sim, se estiver tudo bem para você. Eu gostaria de acompanhar a trilha dos códigos. Com tudo o que está acontecendo, é hora de voltar a isso. Então, A. Isso é ótimo. Eu*

ficaria mais confortável fazendo ligações e trabalhando onde sei que ninguém estará ouvindo ou assistindo. B. Eu ficaria mais confortável comendo lá do que pedindo algo em casa. Na melhor das hipóteses, alguém cuspiria nisso. Na pior das hipóteses, seria envenenada. C. Levarei meu equipamento.

Dante: *Está bom. Ninguém vai incomodá-la lá. Fique à vontade e me informe se precisar de mais alguma coisa.*

Morana olhou para a mensagem simples, com os olhos enevoados. Piscando a umidade surpreendente, ela digitou.

Morana: *Obrigada. Eu só preciso de orientações lá.*

Dante: *Vou mandar alguém para acompanhá-la.*

Morana: *Obrigada.*

Afastando-se da janela, Morana vestiu-se rapidamente um confortável par de jeans e camiseta, empurrando os pés em sapatilhas, feliz por poder encomendar suas coisas hoje. Escovando os cabelos e colocando um tom brilhante de rosa

nos lábios, ela colocou os óculos e pegou a faca ao lado do travesseiro. Tirando a bolsa de laptop de uma das prateleiras, Morana recolheu tudo o que era importante e necessário para o dia, colocou a faca em um dos bolsos no forro da bolsa e fechou-a com zíper. Puxando a bolsa por cima do ombro, ela pegou o telefone da cama e foi até a porta, vendo a luz da mensagem piscando novamente.

Destravando, ela viu outra mensagem de Tristan.

Tristan: *Dante e eu estamos saindo para o dia. Não fale com ninguém. Não vá para a casa principal até voltarmos.*

Morana levantou a sobrancelha com o tom do texto, balançando a cabeça.

Morana: *Sim, Sr. Caine. Claro, Sr. Caine. Mais alguma coisa, Sr. Caine?*

Alguns segundos antes dele responder.

Tristan: *Vou ver o quão atrevida você é esta noite.*

Morana sentiu a respiração prender.

Morana: *O que tem hoje à noite?*

Tristan: *Algo que está muito atrasado.*

Morana: *O que seria...?*

Tristan: *Sua boca, gata selvagem.*

Oh meu.

Morana ergueu a mão livre para abanar o rosto, o vento frio não fazendo absolutamente nada pelos batimentos cardíacos acelerados ou pelas bochechas quentes incitadas por duas palavras. Duas malditas palavras. Sua boca. O que com a sua boca? O que ele faria com a sua boca? Ele traçaria sua boca com os dedos? Comeria os lábios dela com os dele? Enredaria a língua dele com a dela? Ou seria mais primitivo? Ele deixaria sua boca provar sua carne? Explorá-lo? Explorar os músculos do peito, rastrear o peitoral, lamber as

cicatrizes, beijar os abdominais, traçar para baixo, descendo e descendo...

Oh meu.

Morana podia sentir seu corpo inteiro zumbindo com o calor que esses pensamentos infundiam em seu sangue, correndo, pulsando, latejando por toda parte. Sacudindo suas reflexões, ela inalou profundamente e tentou centralizar seus pensamentos de volta aos trilhos. Depois de alguns segundos de respiração profunda, quando sua pele parecia que não estava mais pegando fogo, ela embolsou o telefone e saiu do quarto. Felizmente, ela não viu ninguém à espreita do lado de fora da porta.

Trancando o quarto (como se isso fizesse alguma diferença na casa dos Maroni), ela foi para as escadas e desceu, ansiosa para sair da casa o mais rápido possível e entrar na ala de Dante. Ela tinha coisas para fazer hoje, a menor das quais envolvia encomendar suas roupas e ligar para Amara. O que ela disse a Dante estava certo. Nos últimos dias, com tudo acontecendo do jeito que aconteceu entre Tristan e ela, todo o motivo de seu encontro em primeiro lugar ficou de fora.

Ainda havia um conjunto de códigos perigosos por aí, desaparecidos. Ainda havia alguém nefasto que tentava enquadrar Tristan. Ainda havia uma pessoa misteriosa e versada em computadores enviando informações aleatórias. E agora, havia também algo mais que ela sabia que precisava

investigar, sem contar a ninguém – o desaparecimento de meninas vinte anos atrás. Independentemente de seu relacionamento ou dinâmica com Tristan, a verdade de que ela havia sido sequestrada e retornara, enquanto havia outras garotas que desapareceram para nunca mais serem encontradas novamente, incomodou-a. Ela precisava descobrir aqueles segredos enterrados. E se houvesse alguma chance de encontrar Luna, ela o faria. Mas ela nunca poderia, até que tivesse evidências concretas de algo, deixá-lo saber.

Perdida em sua cabeça, ela não viu Maroni saindo da sala, enquanto se dirigia para a porta principal.

“Morana”.

Sua voz a trouxe à tona. Morana virou-se para ver o homem caminhar em sua direção, aquele sorriso no rosto que sempre provocava arrepios na espinha. Ela se preparou, apertando com mais força a alça da bolsa.

“Sr. Maroni”, ela cumprimentou com uma voz calma e composta.

Maroni parou pouco antes de seu espaço pessoal, inclinando a cabeça para o lado, seus olhos escuros examinando-a. “Você sabe que eu tentei atingir Tristan por anos. A noite passada foi a primeira vez que o vi reagir.”

Morana ficou em silêncio, deixando o homem falar e observá-la, mantendo o rosto limpo de todas as emoções.

Maroni sorriu. “É interessante, não é? As coisas que eu fiz para aquele garoto. Vinte anos, tentei quebrá-lo. Quanto mais eu tentava, mais forte ele se tornava.” Ele suspirou. Morana sentiu o sangue ferver enquanto permanecia em silêncio. “Tortura, assassinato. Ele nunca se encolheu. Eu comecei a acreditar que ele era a máquina de matar perfeita. Até a noite passada, quando eu vi com meus próprios olhos. Acredito que finalmente encontrei o calcanhar de Aquiles dele. Então, obrigado por isso, Morana.”

O veneno que ela sentiu em seu coração pelo homem atingiu outro nível. O sorriso em seu rosto ao pensar em derrubar o homem que ela passou a se importar fez seus instintos se enfurecerem de uma maneira que nunca aconteceu. Como um homem como Dante poderia ter saído desse monstro era uma milagre. Guardando tudo, Morana sorriu suavemente para Maroni.

Ela viu com certa satisfação que o sorriso dele vacilou, levemente, sob a barba arrumada.

"É aí que você está errado, Sr. Maroni", ela falou baixinho, seu tom suave. “Você supõe que, com a mente limitada, as mulheres só são boas em duas coisas – esposas e prostitutas. Eu não sou nenhuma dessas. O que eu sou é uma mulher que se libertou dos grilhões que homens como você me amarraram. O que sou é uma mulher que conhece essa liberdade, graças a dois bons homens que me fizeram acreditar de novo.”

Maroni abriu a boca para falar, mas Morana ergueu a mão, ainda não terminada, o fogo dentro dela agora em fúria. Ela se inclinou para frente, encarando o homem muito mais alto que ela, sua voz ameaçadora.

"Eu não sou uma vítima. Sou vingança," ela resmungou. "Marque minhas palavras, Sr. Maroni. Eu vou fazer você pagar – por toda cicatriz que você colocou em Tristan; por toda pequena mágoa que você infligiu a Dante; por banir Amara de sua casa. E por todas as meninas que desapareceram."

Ela viu os olhos dele se arregalarem um pouco na última parte e assentiu. "Ah, sim. Eu sei que você está envolvido. Eu simplesmente não sei como. Mas, quando eu souber, você pagará."

"Você supõe que viverá tanto tempo," ameaçou Maroni, todo o verniz de civilidade desapareceu de seu rosto.

Morana riu sem alegria. "Você diz que nunca viu Tristan reagir até a noite passada. Tente me matar e veja o que você desencadeará em si mesmo. Apenas tente. Eu te desafio, porra."

A mão de Maroni subiu ao pescoço por sua insolência, pairando no ar, a centímetros de sua pele. Morana observou a mão, depois olhou de volta para ele, encarando-o, inabalável.

“Você não tem ideia do que acabou de fazer, garotinha”, Maroni sussurrou, seus olhos letais. Morana deveria estar aterrorizada. Este é o homem que fez homens crescidos tremerem nas calças. Mas ela testemunhou olhos com muito mais morte, muito mais raiva do que os dele.

“Eu disse para você não me ameaçar”, afirmou ela em uma voz igualmente calma. “Você acabou de fazer. Agora observe como os dominós caem.”

“Respeite, garotinha”, Maroni cuspiu.

Morana levantou uma sobrancelha. “Viva o rei. O rei está morto.”

Sem outra palavra, ela simplesmente girou nos calcanhares e saiu pela porta principal, sob a linda e quente luz do sol. A adrenalina ainda corria por seu corpo, agitando em seu intestino com o veneno de ver aquele homem respirar depois de tudo o que tinha feito. Ela sabia em seus ossos que ele tinha uma mão nas meninas desaparecidas, de alguma forma. Ele não era invencível e ela provaria isso para ele.

A figura silenciosa de Vin em pé perto de um dos pilares do lado de fora a fez parar. Assim como ele estava quando a levou para o quarto dela, ele ficou quieto.

“Você é minha escolta até a casa de Dante?”, ela perguntou, meio que esperando que ele não respondesse. Ele a surpreendeu dizendo um simples "sim" em voz baixa,

tirando os óculos escuros do bolso do terno escuro e gesticulando para ela caminhar ao lado dele.

Morana entrou em cena enquanto caminhavam para o oeste na propriedade observando tudo ao seu redor. Homens que ela via da sua janela ainda ladeavam a propriedade. Longos trechos de grama estavam entre a casa e a linha de árvores ao norte, segregando o lago e além. No oeste, ela viu duas alas diferentes, uma pintada de branco e a outra não pintada, mas simples de tijolos vermelhos, quase em dois cantos diferentes da propriedade. O branco era enorme, mais distante que a casa vermelha. Tinha um telhado plano acima do terceiro andar e corrimão preto de ferro nas varandas. A casa de tijolos vermelhos era muito menor em comparação e tinha um telhado inclinado de um lado acima do primeiro andar, com uma varanda simples envolvente.

Eles estavam indo para o vermelho.

“O da direita é de Dante”, Vin interrompeu a caminhada silenciosa, indicando a casa de tijolos vermelhos. Morana ficou surpresa com o fato de que A: ele ofereceu a informação e B: chamou Dante pelo seu primeiro nome. Arquivando isso para mais tarde, Morana aproveitou a oportunidade para obter mais informações.

“E o branco atrás disso à esquerda?”, ela perguntou, acompanhando os passos rápidos dele.

“Esse é o prédio dos funcionários”, informou Vin. “Eles têm apartamentos dentro.”

Morana assentiu, curiosa. "E o centro de treinamento?"

O passo de Vin vacilou por uma fração de segundo antes que ele o pegasse novamente, lançando-lhe um olhar por trás de suas cortinas. Morana manteve o rosto inocente.

Depois de um longo momento, no qual ela pensou que ele não responderia, ele falou. “Isso fica na direção oposta. Eu recomendaria que você ficasse o mais longe possível de lá.”

Anotado.

“Por que você me deu a faca ontem?”, Morana fez a pergunta que a incomodava desde que o viu. “Não que eu não seja grata, o que eu sou. Mas não entendo os motivos.”

Fechando a boca, Morana piscou, surpresa consigo mesma. Ela balbuciava em sua cabeça, com certeza. O tempo todo. Mas esta foi a primeira vez que ela entrou nela fora de sua mente. Ela precisava ter mais cuidado, muito mais cuidado.

Vin encolheu os ombros. E ficou calado.

Não foi bom o suficiente.

“Sério”, ela cutucou. “Eu preciso saber se você é um dos mocinhos.”

Vin lançou outro olhar para ela. “Nenhum dos caras aqui é bom, senhorita. Mas vou colocar uma bala na sua cabeça? Não, a menos que você me atravesse pessoalmente.

Quem mais você cruza ou não, não importa para mim ou minha arma."

Ok, isso foi bom o suficiente.

Morana assentiu, feliz por ter essa equação limpa. Eles chegaram na casa de Dante e Vin bateu à porta uma vez bruscamente. Alguns segundos depois, a porta foi aberta por uma mulher mais velha com cabelos grisalhos, um rosto gentil e enrugado e os deslumbrantes olhos verdes de Amara. A mulher não podia ser outra pessoa além da mãe de Amara. E o fato de Dante ter trazido a mãe de Amara para a ala dele como sua equipe, contava muito mais sobre o homem.

Vin acenou com a cabeça para ela e a mãe de Amara e saiu sem dizer uma palavra. O rosto da mulher mais velha se abriu em um sorriso grande e ondulado ao ver Morana. Surpreendendo a porra dela, a mulher estendeu as mãos endurecidas por anos de trabalho duro e pegou as de Morana, com os olhos enevoados de lágrimas.

"Minha bebê me disse que você é amiga dela", disse a mulher com uma voz acentuada. "Ela não tem amigos, você vê. Eu lhe agradeço."

A pureza do coração da mulher tocou algo dentro de Morana que ela pensara morta há muito tempo – a prova do amor universal dos pais. Apertando as mãos da mulher com todas as emoções que roncam nela, Morana falou suavemente: "Sua filha é o espírito mais gentil e generoso que

já conheci. Ela tem sido uma amiga verdadeira e forte para mim. E ela sente muita falta sua."

A mulher sorriu por entre as lágrimas e afastou as mãos para enxugá-las. Abrindo a porta, ela convidou Morana para entrar.

"Entre, criança," disse carinhosamente, trancando a porta depois que Morana entrou e liderando o caminho para dentro. A casa era acolhedora – suas paredes, cortinas, móveis de madeira, tons de marrons, vermelhos e cremes apenas envolviam Morana em seu calor. O cheiro de ovos, café e patchouli de alguma forma se misturava intrincadamente, as janelas abertas trazendo a brisa suave, os sons de sinos de vento tilintando lá fora. Era diferente de qualquer lugar em que ela já esteve. Quente. Acolhedor. Convidativo.

"Dante me disse que você estaria aqui", continuou a mulher mais velha, guiando Morana em direção a um aconchegante sofá marrom e fazendo-a se sentar. Morana afundou na almofada. "Fique à vontade. Você tomou café da manhã?"

Morana sacudiu a cabeça, dominada por todas as emoções. A mulher sorriu. "Vou trazer um pouco de comida e café para você. Você gosta de café, sim?"

Morana assentiu. A mulher acariciou a cabeça suavemente, da maneira que os pais faziam com o filho sem pensar, como já havia feito inúmeras vezes antes. Foi a

primeira vez na memória de Morana. Ela sentiu o queixo tremer.

“Faça seu trabalho e, se precisar de alguma coisa, pode me chamar”, a mulher se virou para sair.

“Como te chamo?” Morana perguntou abruptamente.

A mulher sorriu, seu rosto se iluminando e enrugando. “Zia, é claro. É assim que Dante me chama.”

Morana sorriu enquanto observava a mulher expirar. Mais abalada com o simples encontro do que ela esperava, Morana viu o tremor em suas mãos enquanto pegava seu laptop e outros equipamentos que ela precisava da bolsa. Lentamente, quando ela se sentou na mesa à sua frente, Morana cruzou as pernas e se acomodou.

A mulher mais velha veio com uma bandeja de algumas deliciosas omeletes, fatias de torradas e frutas e café frescos. Morana agradeceu quando colocou a bandeja no colo e ela saiu, fechando a porta atrás dela, dando à Morana privacidade. Ouvindo seu estômago roncar porque ela não havia comido adequadamente no jantar, Morana comeu o café da manhã com prazer. Em minutos, tudo foi limpo e a barriga dela estava feliz.

Colocando a bandeja no chão ao lado dela, Morana tomou um gole de café e foi às primeiras coisas primeiro, suas compras online. Normalmente, não demorava muito tempo para fazer compras. Ela conhecia seu estilo e sabia o

que gostava de vestir. Mas naquela manhã, ela se demorou escolhendo roupas que passavam da escala de “confortável o suficiente para entrar” para “desconfortável, mas elegante como o inferno”. Zia entrou e pegou a bandeja com outro sorriso, que Morana retornou. Então, Morana comprou lingerie. Lingerie boa e sexy com alguém em particular e sua tendência a rasgar suas roupas em mente. Sapatos e maquiagem foram os próximos. Então, acessórios. Quando tudo terminou, já era tarde. Ela gastou muitas horas e dólares, mas caramba, era bom. Colocando a entrega para o dia seguinte, ela colocou o endereço da mansão e se levantou.

Esticando-se, Morana caminhou em direção à janela da sala de estar e olhou para a propriedade de uma outra perspectiva. De lá, ela podia ver aquela besta de uma mansão morro acima em toda a sua glória, e os gramados e os portões. O que ela também podia ver de lá era o lago mais abaixo da colina e a casa à beira. Embora ainda estivesse muito longe, estava mais perto do que a janela. Ela podia ver que era uma cabana marrom, que tinha um nível acima do solo, mas nada além disso.

De olho na casa, Morana tirou o telefone do bolso e discou o número da mulher que estava começando a considerar sua amiga. Tocou duas vezes antes de conectar.

“Morana”, a voz baixa e rouca de Amara a cumprimentou. Se Morana não conhecesse a feia história de Amara e tivesse visto a terrível cicatriz que atravessou sua garganta e danificou suas cordas vocais, Morana teria dito

que ela tinha uma voz feita para sexo. Mas qualquer coisa tão brutal não poderia ser associada a algo bonito. Ou poderia?

Sacudindo seus pensamentos, Morana respondeu com todos os sentimentos confusos que sentia. “Eu tive duas maravilhosas saudações aqui, graças a você.”

Amara riu. “Esse lugar é uma armadilha. Nós, garotas, temos as costas uma da outra. Então, pensei que você poderia precisar de todas as pessoas do seu lado.”

“Eu aprecio isso”, Morana sorriu. “Obrigada. Por tudo.”

“A qualquer momento, Morana”, a voz suave de Amara veio. Depois de um segundo de silêncio, Amara perguntou. “Então, como está Tenebrae?”

Morana bufou uma risada. “O tempo está bom até agora. As pessoas surpreendem.”

“Como assim?”

“Bem,” Morana plantou a bunda na beirada da janela, brincando com a beirada, “como mencionado, sua meia-irmã me surpreendeu. Sua mãe também.”

“Eu não confiaria inteiramente em Nerea, se fosse você”, alertou Amara sobre sua meia-irmã, surpreendendo Morana. “Quero dizer, ela sempre foi boa comigo, ela me ama muito. Mas você é uma estranha e ela também é dura. Fiz uma boa palavra sobre você, mas sinceramente duvido que você a veja muito. Ela viaja principalmente para fora da cidade.”

Tudo dentro de Morana derreteu com a honestidade de Amara. “Eu vou. Ela parecia bem até agora, mas terei cuidado. Sua mãe, a propósito, disse-me para a chamar de Zia. Esse é o nome dela, ou significa alguma coisa?”

Morana podia ouvir o sorriso de Amara em sua voz. “Isso significa tia.”

Tia. Uma mulher estranha que nunca havia conhecido antes pedira que ela chamasse de tia simplesmente porque fora boa com a filha. Ela nunca teve uma tia. Especialmente alguém que acariciava seus cabelos com carinho e a alimentava. O nó em sua garganta se apertou.

“Ela é uma mulher maravilhosa”, a voz de Amara interrompeu sua reflexão emocional. “Mas não conte a ela seus segredos, porque ela dirá todos a Dante. Ela ama aquele homem com algo feroz.”

“Isso porque, você o ama?”, Morana perguntou, antes de, de repente, perceber que talvez não devesse ter dito isso.

Para seu alívio, Amara riu, sua voz tensa devido ao estresse em seus cabos. “Não. Talvez. Quem sabe? A mãe sempre amou Dante, mesmo quando minha paixão por ele era secreta. Acho que ela se sentiu maternal em relação a ele depois que a mãe dele faleceu.”

Morana queria perguntar mais sobre isso, mas não o fez, sabendo que Amara não compartilharia nada relacionado a

Dante com ela. Depois de uma pequena pausa, a outra mulher finalmente perguntou: “Como ele está?”

Morana não pôde evitar que seus lábios se contraíssem. “Bem. Ele já me defendeu em várias ocasiões agora com o pai.”

Amara exalou. “Isso é bom. Eu estou feliz em ouvir isso.”

Morana hesitou. “Você sabe se você pode voltar para casa?”

“Não. Pelo menos até Maroni deixar o trono, ou Dante se casar em outro lugar.”

“E isso não incomoda você?”, Morana perguntou.

A voz de Amara ficou suave. “Costumava. Não mais. Ele pode estar com quem ele quiser.”

Mudando de assunto, sabendo que estava cavando feridas antigas, Morana se mexeu no parapeito da janela. “A propósito, você sabe alguma coisa sobre Tristan e Chiara Mancini?”

Silêncio. Por um longo segundo. Então Amara suspirou. “Ele foi seu primeiro caso extraconjugal depois que ela veio para Tenebrae. Ela o escolheu porque dormir com ele machucaria mais os egos de seu marido e Lorenzo. Tristan dormiu com ela exatamente pela mesma razão, eu acredito.”

Morana engoliu em seco. “Ela sugeriu que ele era seu constante por um longo tempo.”

Amara zombou imediatamente. “Oh, por favoooor! Essa mulher é uma cobra.” Dante a chamou de algo semelhante. Interessante. “Ela queria que você acreditasse nisso porque ela é o tipo de mulher que é imediatamente ameaçada por qualquer outra mulher. Mais inteligente, mais bonita, não importa. E de qualquer maneira, se havia alguma mulher constante na vida de Tristan, era você, mesmo na sua ausência.”

Isso, de uma maneira distorcida, aqueceu-a. Ela deixou escapar um suspiro de alívio. Ouvindo sua expiração, Amara continuou em um tom firme.

“Não deixe que ela ou mais ninguém a atinja, Morana. Eu quis dizer o que disse. Eu nunca vi Tristan tão vivo quanto eu vi com você. Eu realmente acredito que vocês dois têm a possibilidade de construir algo bom. Não deixe que nada estrague isso, especialmente naquele lugar. Aquela casa está cheia de pessoas que adorariam nada além de ver Tristan queimar. Então, seja forte pelo seu bem.”

Morana respirou fundo. “Eu serei. Obrigada, Amara.”

“Como eu disse, a qualquer momento”, respondeu Amara em sua voz suave e rouca. “Se você precisar de alguma informação privilegiada, ou apenas para assunto de garotas, eu estou aqui. Eu gostaria que continuássemos essa amizade, independentemente do que acontece com Tristan ou Dante.”

Morana pegou a blusa, sorrindo. “Eu também.”

“Bom. Eu vou agora, mas conversaremos mais tarde, ok?”

“Tudo bem”, Morana olhou para o céu, um peso levantado do peito. Depois de se despedir e planejar outra ligação, Morana manteve o telefone de lado e observou as nuvens dançando no céu azul, os cinzas e os brancos se fundindo, criando algo mágico. E ela ficou maravilhada com isso. Ela ficou maravilhada com tudo e com todos que havia ganho em algumas semanas. No espaço de tão pouco tempo, ela tinha amigos, relacionamentos. Ela tinha pessoas que se importariam se algo acontecesse com ela e ela tinha pessoas que queria proteger.

Era uma coisa tão estranha, essa nova emoção dentro de seu peito. Ela agarrou-o, segurou-o, apreciou-o.

Isso importava.



Segurar

Morana agradeceu silenciosamente Amara, mais uma vez, por lhe contar a verdade. O fato de Tristan não estar com aquela mulher por tanto tempo quanto ela quis que Morana acreditasse, tranquilizou-a. Ela foi a única constante em sua vida, apesar de estarem entrelaçados por passados traumáticos. Mas eles tinham a possibilidade de algo bonito. Ela sentiu isso, sentiu e provou.

Na mesma onda de felicidade, ela mastigou um pouco de salada que Zia havia deixado silenciosamente para ela enquanto conversava com Amara e finalmente mudou para o modo de trabalho. Os códigos precisavam ser rastreados. Mais importante, qualquer dano que eles já tivessem feito ou pudessem fazer precisaria ser contido. Ela rapidamente trabalhou na programação de outro conjunto de códigos, como dissera a Dante que faria dias atrás. Esses novos códigos a alertariam assim que os códigos originais fossem usados e conteria qualquer dano que eles quisessem causar. Junto com isso, ela também o personalizava para voltar atrás e rastrear quaisquer elementos exclusivos dos códigos originais, para que, mesmo que fosse usado separadamente por qualquer pessoa, em qualquer lugar, ela saberia. Como a pessoa tinha algum conhecimento de computadores, ela não queria correr nenhum risco.

Levou horas de trabalho focado e concentrado. Ela usava os fones de ouvido, a suave lista de reprodução instrumental, os óculos grudados no nariz. Zia veio e saiu, sem incomodá-la uma vez e sempre fechando a porta atrás dela. Seu telefone tocou uma vez, mas ela não conferiu. Mas horas e dedos rígidos depois, ela finalmente tinha todos os novos códigos em funcionamento, sua armadilha preparada. Havia apenas uma limitação à sua genialidade – quem tivesse os códigos necessários para usá-los ou seu programa não seria acionado. Estaria funcionando por anos se isso não acontecesse. Mas ela estava confiando no culpado para usá-los. Ou por que mais alguém passaria pelo elaborado esquema de ter Jackson a cortejando, roubando dela e forçando Tristan a aceitar isso? Eles tiveram que usá-lo em algum momento, certo? Ou qual era o sentido de roubá-lo?

Cansada depois de passar horas concentrada na tarefa, Morana se esticou, com a coluna rígida e estalou o pescoço, olhando pela janela. Já estava escuro, o tempo passou voando rapidamente, enquanto ela trabalhava, imperturbável. Foi um dos melhores trabalhos que ela havia feito.

Ela pegou o telefone para verificar a mensagem que chegara e viu o nome do pai.

Pai: *Você está realmente em Tenebrae?*

Morana olhou para a mensagem por um longo tempo, imaginando se deveria responder, e decidiu não o fazer. Foda-se ele e foda-se seu plano. Ela não lhe devia nada. Pela primeira vez em sua vida, ela teve algo bom, mesmo no meio do caos. Ela não o deixaria manchar isso. Nunca mais.

Desgostosa, ela jogou o telefone na almofada para o lado e colocou os pés em cima da mesa, cruzando os tornozelos. Puxando o laptop no colo, Morana minimizou os programas que inicializou e abriu outra janela. Ver o nome do pai a lembrou de algo que ela pretendia procurar depois de escutar a conversa de Dante e Tristan na noite da Escolha, como ela gostava de pensar nisso. Sim, com um grande E. Dante mencionou algo sobre Tristan Caine entrando no território de seu pai quando ela estava desaparecida. E Morana ficou louca, curiosa para saber o que havia acontecido.

Foi por isso que ela estava puxando as câmeras no escritório/gabinete do pai que ela instalara anos atrás. Ele nem sabia que elas estavam lá. Morana, tão fora do circuito como ela estava naquela época, queria estar no circuito. E que melhor maneira de estar no circuito do que equipar o escritório do chefe. Ver e ouvir conversas não apenas a mantinha informada, mas também lhe permitia construir munições de arquivos contra muitos homens do mundo. Mais importante ainda, o pai dela. Ela sabia da maioria das coisas sujas em que ele estava envolvido, tomara nota de conversas e reuniões e as arquivava para uma emergência.

Suas medidas de segurança.

Fechando os olhos com a decepção e a dor que ele lhe causou, Morana sacudiu o foco e se concentrou no assunto mais importante em questão. Digitando rapidamente as várias senhas, ela entrou no sistema e inseriu a data do dia em que desejava o registro. Ela dedicou um tempo após o que havia sido seu último texto para ele e pressionou 'enter'.

A tela se iluminou com a alimentação da câmera no canto superior direito do escritório, mostrando o interior do escritório de seu pai. Estava vazio. Avançando rapidamente alguns minutos, Morana apertou 'play' quando o pai entrou, seus passos agitados. Ele pegou o telefone do escritório e falou no fone, com a voz rouca e granulosa nos fones de ouvido dela.

"Está feito?"

Ela sabia que ele estava falando sobre seu carro, seu carro amado, sendo explodido. O que a outra pessoa na linha disse não o deixou muito feliz. Ele se sentou na cadeira e colocou a mão na testa.

"Como assim os homens não estão respondendo? Chame-os! Eu preciso saber se cuidaram dela."

"Cuidaram dela". *Simpático.*

Morana apenas observou impassível. O pai dela desligou o telefone e ficou olhando pela janela por um longo tempo. Morana gostaria de pensar que havia uma pitada de remorso, uma pitada de tristeza dentro dele depois do que ele acabara

de fazer com sua única filha, mas ela não achava que houvesse. Um homem que deixou sua filha cair da escada, que ordenou que ela fosse explodida, não era capaz de remorso. A única razão pela qual ele esteve em contato com ela agora, era porque Maroni o havia informado de sua presença e ela estava agitando suas penas.

Ela viu como algo fora da janela chamou sua atenção. Seu coração começou a bater mais rápido.

Inclinando-se para a frente sem perceber, Morana observou, atônita, Tristan entrar no escritório de seu pai como uma tempestade furiosa. Sem aviso, sem explicação. Ele simplesmente entrou como se fosse o dono do lugar, nem mesmo olhando para os três homens atrás dele com as armas apontadas, todo o seu corpo enrolado para saltar a qualquer segundo. Ele era uma bomba e estava correndo.

“Ele acabou de entrar”, um dos homens arfou, explicando. “Tentamos detê-lo, mas ele nocauteou dois caras.”

Morana assistiu, hipnotizada e chocada, enquanto Tristan Caine – não, O Predador – sentou-se em uma das cadeiras em frente à do pai, toda a sua forma vibrando com um tipo de raiva que ela nunca testemunhou. Com o coração batendo forte, ela não se atreveu a mover um músculo enquanto observava a tensão na sala subir mais e mais.

“Eu lembro de você, garoto”, afirmou o pai, recostando-se na cadeira, com os olhos em Tristan. “Você atirou no seu

pai à queima-roupa no meio da cabeça. Um garoto daquela idade. Isso é algo difícil de esquecer. Não te valorizei quando nos encontramos recentemente. Agora eu posso."

O Predador simplesmente o encarou. "Onde ela está?"

Seu pai sorriu com o tipo de sorriso de Maroni. "E eu me lembro do jeito que você caminhou até ela, limpou o sangue do rosto dela."

Morana sentiu o pulso disparar, nenhuma lembrança do incidente em sua mente, mas apenas o pensamento, a ideia daquele garoto limpando o sangue do rosto de um bebê, dele fazendo isso com ela, fez seu coração apertar.

"Onde ela está?"

"E a maneira como você a encarou no restaurante", continuou o pai, fingindo não se incomodar com o olhar de um homem perigoso e letal em si mesmo. Mas Morana percebeu que ele estava preocupado. Ele tinha um leve tremor na lateral da bochecha. "Surpreendente, não? As mulheres que podem te atrair? Eu queria casá-la com o filho de um dos meus parceiros. Eu até tinha tudo planejado. Mas essa putinha se espalhou bem para você, não é?"

Antes que ela pudesse piscar, Tristan Caine estava fora da cadeira e em volta da mesa, a mão dele girando o braço do pai atrás das costas e a outra mão segurando o rosto na mesa pelo pescoço.

“O nome dela”, Tristan se inclinou para sussurrar, “é Morana.”

Arrepios.

Morana fez uma pausa, tentando recuperar o fôlego e seu estômago caiu. Ela observou o homem que deixara dentro de si mesma de mais de uma maneira, observou sua forma congelada na tela, curvada sobre o pai, os lábios abertos na última sílaba de seu nome.

Engolindo em seco, ela apertou 'play' novamente. Armas treinadas nele. O pai choramingou. Um arrepio percorreu sua espinha quando o ouviu dizer o nome dela pela primeira vez, sentiu as sílabas envolvendo sua língua, ouviu o nome infundido em uísque e pecado. Soltando um suspiro trêmulo, ela assistiu extasiada.

“Chame-a de puta mais uma vez”, continuou Tristan, “e o que eu fiz para meu pai, parecerá uma brincadeira de criança em comparação com o que eu vou fazer com você.”

Ele torceu o braço do pai com mais força, fazendo Gabriel Vitalio gritar de dor. Ele nem sequer olhou de relance para as várias armas nele. “Agora, eu vou te perguntar mais uma vez. Onde ela está?”

As palavras de seu pai ficaram confusas por causa de sua bochecha pressionada contra a madeira. Tristan relaxou um pouco a cabeça.

“Ela está morta.”

Ainda.

A quietude que tomou conta da sala fez arrepios irromperem sobre sua carne, e ela nem estava na sala. Ela esperou com a respiração suspensa, o coração na garganta, os olhos colados na tela em preto e branco.

“Você está mentindo”, Tristan falou, sua voz clara.

“Eu não estou”, respondeu o pai. “Eu mesmo dei a ordem.”

Tristan bateu a cabeça do pai na mesa, puxando com força o polegar, a rachadura alta na sala. O pai dela gritou, um dos homens atirou. Tristan se abaixou, pegou sua própria arma e olhou para os homens enquanto mantinha o pai imobilizado.

“Eu não tenho nenhum problema com vocês”, disse ele aos homens. “Saiam agora, saiam vivos. Ou morram.”

Ela observou os homens hesitarem, dois deles saindo, evidentemente cientes de sua reputação. O terceiro, tentando ser corajoso, levantou a arma. Tristan deu de ombros, atirou no ombro dele e apontou para a porta com a arma. O homem escapou, deixando-o com o pai sozinho.

Tristan o apoiou e enfiou a arma de volta na cintura.

O pai dela olhou para ele com veneno nos olhos. Tristan sentou-se na beira da mesa e se inclinou para frente.

“Onde ela está?”

“Morta.”

Tristan sorriu, um sorriso frio e duro, sem as covinhas que ela agora sabia que ele tinha. “Você tem mais nove dedos para eu quebrar. Então dois pulsos. Dois cotovelos. Dois ombros. Seis costelas, posso quebrar sem danificá-lo internamente e nem sequer comecei abaixo da cintura. E isso não cura bem na sua idade, velho.”

Ele inclinou a cabeça para o lado, segurando a mão do pai dela na dele quase casualmente. “Tenho tempo e paciência para fazer você sentir dor como nunca sentira antes. Dor que fará você desejar estar morto. Então, eu vou perguntar novamente. Onde ela está?” Seus dedos pousaram sobre o outro polegar.

Ela viu o braço do pai tremer, a mandíbula dele apertada quando ele olhou para algo muito pior que a morte. “Eu não estou mentindo. Eu dei as ordens.”

“Onde?”

“Um cemitério atrás do aeroporto”, admitiu o pai. “Meus homens a seguiram até lá várias vezes.”

Tristan se endireitou, jogando fora a mão, virando-se para sair.

“Ela é sua fraqueza, Predador?”, a voz do pai o deteve frio. Seu pai, evidentemente o homem mais estúpido do planeta, provocou Tristan em vez de deixá-lo ir. "Depois de

tantos anos, eu pensaria que ela seria a última pessoa que você procuraria."

Tristan se virou, erguendo uma sobrancelha, as mãos relaxadas ao lado do corpo.

“Você sabe que está arriscando a guerra, não é?”

Tristan riu, sem alegria. “Você não tem coragem de guerra, velho. Você não teve coragem de proteger sua filha quando ela estava indefesa com uma arma apontada para sua cabeça naquela época. Você não tem as bolas agora.”

O pai dela se levantou, ofendido por sua masculinidade. Sério, como ela pode estar relacionada com esse tipo de homem idiota, pomposo e egoísta?

“Sempre protegi minha filha. Você foi estúpido por vir aqui,” o pai dela pronunciou.

Tristan voltou para a mesa, inclinou-se para a frente com as palmas das mãos apoiadas na mesa. “Se um fio de cabelo na cabeça dela tiver sido danificado, voltarei aqui novamente. Não em silêncio, não. Desta vez, irei à sua casa e matarei você, e tomarei meu bom tempo fazendo isso.”

“Não me ameace.”

“Estou te avisando. Ponha quantos guardas quiser,” disse Tristan, da maneira suave e letal que ele tinha. “E reze para que ela esteja bem.”

“Por que você se importa tanto com ela?”, seu pai perguntou à queima-roupa.

Morana sentiu o coração parar com a pergunta, as mãos tremendo enquanto esperava a resposta dele.

Tristan não respondeu por um longo momento. E então ele fez.

“Isso é para eu saber e ela descobrir”, disse ele naquele tom ameaçador. “Ninguém mais.”

Girando nos calcanhares, ele caminhou até a porta novamente, depois parou, prendendo o pai com aquele olhar brutal dele.

“Fique longe dela, velho”, ele avisou, sua voz dura. “Venha atrás dela novamente, e eu vou atrás de você.”

“Sua boceta deve ser mágica para você...”

Antes que seu pai pudesse terminar aquela frase nojenta, ele foi preso de volta em seu assento e Tristan lhe deu um soco forte no nariz recentemente curado. O sangue começou a jorrar da boca de seu pai, fazendo-a perceber que ele provavelmente também quebrou um dente.

Tristan apertou sua mandíbula com uma mão e se inclinou, quase nariz com nariz.

“Mais uma palavra”, disse ele em um tom que enviou calafrios sobre seu corpo. “Dê-me apenas mais uma razão para cortar sua língua.”

Seu pai olhou para Tristan, sem palavras.

“Uma palavra”, insistiu Tristan, a máscara caída de seus olhos.

O pai dela balançou a cabeça silenciosamente.

“Agora, ouça-me, e ouça com atenção”, Tristan disse, sacudindo a mandíbula do pai para enfatizar. “Ela está sob minha proteção. Minha. Ninguém a machuca. Ninguém fala nada sobre ela. Nem eu, nem você, nem ninguém. Da próxima vez que ouvir você chamá-la de algo menos do que a mulher que ela é, cortarei sua língua e alimentarei seus cães com ela. Da próxima vez que eu te vir em qualquer lugar perto dela, eu vou te matar. Fique. Porra. Longe. Dela. Você entendeu?”

O pai dela assentiu.

Tristan assentiu. “Bom. E sempre que você esquecer isso, lembre-se de como matei meu pai quando eu era garoto, por ela. E pense, pense nas pessoas que posso matar agora que sou homem para mantê-la segura.”

O pai assentiu em silêncio novamente.

Dessa vez, Tristan Caine saiu da sala.

Morana recostou-se, *atordoada.*

Sobrecarregada.

Seus olhos ainda estavam colados na tela, vendo o pai fazer ligações e afins. Ela pressionou rebobinar e assistiu tudo de novo desde o início. A entrada, o polegar quebrado, as ameaças, o tiro, mais ameaças, a saída. E então ela assistiu de novo, e de novo, e de novo, até que todas as posições, todas as nuances, todas as palavras se imprimiram em seu coração. Cada palavra dele martelou seu coração, abrindo-o lentamente, até que se partiu em dois e o deixou entrar.

Ela não conseguia se lembrar, nem uma vez na vida, de alguém que a defendesse. Ela viveu com homens que deveriam ser fortes e vivia com medo. Ela vivia com um pai que virava para o outro lado quando os homens a tocavam embaixo da mesa. Ela vivia sozinha, nunca, pensando em algum dia, alguém invadiria o escritório de seu pai, sem medo, machucando-o, ameaçando-o, tudo por ela.

E ele fez. Mesmo antes de ela pedir que ele fizesse uma escolha, ele já o fez. Mesmo antes que ele soubesse que ela sabia, ele queria protegê-la. Mesmo antes de se expor a ele do jeito que fez, ele a queria. Toda aquela interação com o pai – horas antes de ele a encontrar, apenas com base nas interações deles – não lhe mostrara nada além de sua feroz proteção e respeito que ele tinha por ela.

Uma lágrima rolou por sua bochecha quando ela colocou o laptop na mesa. Morana limpou, com o coração cheio de uma maneira que nunca esteve. Cercada em um lugar quente e seguro, com uma mulher estranha que lhe

abrira o coração, com amigos em sua vida e um homem que a procuraria nos confins da Terra sem medo, seu coração estava cheio.

Levantando-se, ela foi até a janela, mais lágrimas escapando de seus olhos – alegria, tristeza, dor, alívio, gratidão, tudo se misturando em um conjunto até que ela não conseguiu distinguir um do outro. Olhando para os gramados, ela não se mexeu até ouvir a porta principal da casa abrir e a voz de Dante entrar. Morana virou-se para a porta, com o coração na garganta, e esperou que ela se abrisse.

Sim.

Dante e Tristan entraram, os dois homens ainda vestidos com os mesmos ternos da manhã, mas agora amassados. A gravata de Dante estava torta e Tristan não estava usando uma. Dante olhou para ela e deu um pequeno sorriso. Tristan apenas olhou para ela.

E Morana não aguentou mais.

Sem um momento de hesitação, ela correu em sua direção e passou os braços em volta do pescoço dele, segurando-a com força.

Ela sentiu o corpo dele ficar rígido com surpresa atônita e enterrou o rosto na curva do pescoço dele.

“Dante”, ela ouviu a voz dele retumbar do peito.

“Eu estarei lá fora”, falou Dante. Morana ouviu a porta se fechar atrás deles.

E então ela sentiu os braços dele ao redor dela, timidamente, como se não soubesse como segurá-la. Morana enrolou-se com mais força no pescoço dele, ficando na ponta dos pés, apoiando todo o peso nele, pressionando-o assim pela primeira vez. Os braços dele, lentamente, seguraram-na mais apertado, um em volta da cintura, o outro subindo para segurar a parte de trás da cabeça.

“Aconteceu alguma coisa?”, ele perguntou em um sussurro calmo, quase reconfortante, o uísque e pecado de sua voz bem perto do ouvido dela.

Superada com toda a emoção estourando dentro dela, seus olhos vazando, ela balançou a cabeça.

“Você está bem?”, seu tom relaxou um pouco.

Ela assentiu com a cabeça em seu pescoço.

Ela podia sentir a confusão dele pela maneira como estava se comportando, mas pela primeira vez ela não se importou. Ela merecia abraçar alguém que cuidava dela como ele. Ele merecia ser abraçado por alguém que cuidava dele como ela.

Sem outra palavra, ele a pegou e se moveu na direção da área de estar. Morana agarrou-se aos músculos fortes em seu pescoço, as pernas pendendo no ar. Ele se virou, sentando-se no mesmo sofá em que ela estava sentada e Morana dobrou

as pernas para acomodá-lo, montando nele, sentindo a arma na cintura dele pressionando dentro de sua coxa, ainda escondida no espaço entre o pescoço e o ombro.

Ela podia sentir seu perfume almiscarado e sua colônia misturada ao redor de seu pulso, sentiu a veia pulsando contra suas bochechas enquanto ela se aconchegava nele, sentir seus cabelos macios contra suas mãos enquanto ela passava os dedos pelos fios. Seu coração batia contra os seios dela esmagados contra o peito. Seus músculos quentes pareciam duros contra todas as curvas dela. A pélvis dele dobrou perfeitamente em seus quadris.

Os braços dele, apertados ao redor de seu corpo menor, não se moveram. Sem acariciar, sem explorar, não fizeram nada. Ela podia sentir que ele estava com medo de que isso a provocasse em algo e meio confuso sobre o motivo pelo qual ela estava agarrada a ele como um coala em seu ramo favorito.

Depois de minutos e minutos segurando-o e permitindo que ela o segurasse sem reclamar, Morana tirou o rosto do pescoço e olhou para o pomo de adão, exposto pela gola desabotoada de sua camisa branca.

Deixando os olhos viajarem para cima, ela finalmente trancou o olhar nos dele.

Aqueles olhos azuis a fizeram suspirar suavemente. Eles eram pacientes, não da maneira alerta dos predadores, mas

de uma maneira mais suave e delicada. Ele estava esperando que ela explicasse seu comportamento bizarro.

Morana moveu as mãos para os lados do rosto dele, segurando a mandíbula dele nas palmas das mãos, sentindo a barba roçar a palma daquela maneira deliciosa e disse-lhe, em duas palavras, com cada emoção que estrangulava seu coração.

“Muito obrigada.”

Suas sobrancelhas franziram, apenas minuciosamente, enquanto ele inclinava a cabeça ligeiramente para a esquerda, tentando descobrir.

Depois de um minuto, ele perguntou. “Pelo quê?”

Morana acariciou sua bochecha com os polegares. “Por se importar.”

Ele não entendeu. Claro que não. Como ele poderia? Ele não conhecia toda a história dela. Ele não sabia o que havia se tornado para ela. Ele não sabia que ela o viu fazer o que fez com o pai dela quando ela estava desaparecida. Ele não entendeu, porque não sabia como ele inclinara o mundo dela de novo no seu eixo, como havia aberto seu peito, como a tinha esquentado até os ossos de uma maneira que ela sabia que nunca se sentiria fria, ou sozinha de novo.

E ela não era capaz de transmitir a ele, dizer nada. Então, ela fez da única maneira que pôde naquele momento.

Ela se inclinou para frente e pressionou os lábios nos dele.

Ele parou.

Completamente quieto.

As mãos dele se apertaram levemente ao lado dos quadris dela, mas ele ficou congelado debaixo dela. Morana não se importou. Ela o abraçou com todo o carinho que sentia por ele em seu coração e inclinou a cabeça, derramando-o naquele único beijo. Ela mordeu seus lábios, tomou um gole deles, beijou-os gentilmente, com reverência, dando-lhe ternura que sabia que ele nunca recebera em duas décadas.

Ele a deixou. Ele a deixou se deleitar e recebeu. Aceitou. Não a beijou de volta, mas não a afastou.

Morana provou seus lábios do jeito que ela desejou por tanto tempo. Inclinando a cabeça para o outro lado, ela ajeitou os lábios novamente, prendendo-os por um momento antes de chupar o lábio inferior, sentindo a barba rala em seu queixo esfregando contra sua pele, as cerdas ao redor de sua boca queimando as dela.

Alguém bateu à porta.

Morana se afastou do beijo mais simples e mais bonito e olhou profundamente em seus olhos.

“Você”, ela sussurrou para o espaço entre eles, “Tristan Caine, é um homem bonito, lindo. E meu coração bate por você.”

A confusão e surpresa em seu rosto eram impagáveis. Este não era O Predador. Este era o garoto que havia sido chamado de monstro por fazer a coisa corajosa e abandonado sozinho para nunca saber que era precioso. Este era o garoto que se enterrara profundamente dentro do homem mais forte, que não conseguia entender ou processar suas ações ou os pensamentos por trás deles. Ela alcançou a persona e encontrou o homem, o garoto.

Sem outra palavra, Morana se levantou. Foi a prova de seu choque que ele a deixou.

Ela abriu a porta e Dante olhou para ela, as sobrancelhas levantadas. Morana sacudiu a cabeça. Ele sorriu.

“Deveríamos chegar em casa. Está na hora do jantar”, anunciou Dante, indicando a porta principal. “Podemos conversar a caminho de lá.”

Morana assentiu. “Tudo bem se eu deixar meu laptop aqui? Deixei alguns programas em execução e não me sentirei confortável com eles naquela casa.”

“Claro.”

“Podemos ter um momento?”, perguntou uísque e pecado atrás dela, dirigindo-se a Dante.

“Outro momento?”, Dante sorriu, antes de balançar a cabeça e sair pela porta principal sem palavras.

Morana se virou para perguntar sobre o que ele queria falar quando, de repente, ela foi batida na parede ao lado da porta. Ela olhou para cima, perplexa, mal recuperando o fôlego, apenas tendo um vislumbre fugaz do olhar selvagem em seu rosto antes que sua boca caísse sobre a dela.

Os dedos dos pés enroscaram-se nos sapatos, passando os dedos pela cintura apertada, sentindo a arma dobrada ao lado da calça debaixo da palma da mão. Corpo pegando fogo, coração trovejando em seu peito, Morana cedeu para ele como areia sob uma onda do oceano. As mãos dele agarraram seus cabelos, inclinando a cabeça para trás enquanto ele devorava sua boca. Esse beijo não era nada parecido com o de um minuto atrás. Foi duro, quase contundente em sua intensidade, mas a corrente oculta de algo imaculado passou por eles. Ela ainda sentia a confusão dele no beijo, mas havia algo mais lá também. Algo precioso. Algo que ela não conseguia entender e ele estava tentando lhe dizer. Ela abriu os lábios alegremente quando a língua dele varreu através deles, mergulhando dentro de sua boca antes de sair. Seu corpo inteiro pressionou o dela contra a parede – pés com pés, quadris contra quadris, peito contra os seios – enquanto ele se inclinava e ela subia na ponta dos pés o mais alto possível.

As sensações percorreram seu corpo, seu sangue aqueceu e queimou cada parte dela de dentro para fora. Os

dentes dele puxaram seu lábio inferior; um gemido saiu de sua boca. Ele engoliu, acariciando sua língua com a dele, emaranhando-os juntos por uma fração de segundo antes de se afastar novamente. Os quadris dela se inclinaram contra os dele, as mãos puxando-o para mais perto enquanto ele deleitava a boca, as mãos firmes, mas gentis nos cabelos.

Não foi apenas um beijo. Foi mais, muito mais.

Eles se separaram para o ar tão necessário.

“Jantar”, ela murmurou através de uma mente confusa.

“Eu prefiro comer você”, ele murmurou de volta, beijando-a febrilmente mais uma vez. Morana se perdeu no beijo, deixou-se afogar ancorada por ele. Eles se beijaram por segundos, minutos ou horas, ela não sabia. Tudo o que sabia quando ele se afastou era que seus lábios estavam inchados e ela queria mais. Ele também. Ela podia sentir isso em seu corpo, ver em seus olhos azuis.

"É assim que você me beijará na próxima vez", disse ele, colocando um pouco de espaço entre eles.

Morana revirou os olhos. “Obrigada pelo tutorial.”

Ela captou o brilho de uma covinha quando ele se virou para a porta. Ela o puxou de volta pelo ombro e plantou outro nele. Essa covinha era a culpada. Ele devolveu. A paixão explodiu entre eles.

Ofegando, ele deu um passo sólido para trás desta vez. Morana ajeitou as roupas e escovou os cabelos com os dedos. Seguindo-o pela porta, ela viu Dante notar sua boca inchada e os cabelos desgrenhados de Tristan.

“Nem uma palavra”, Tristan advertiu, voltando a sua máscara habitual.

Dante apenas sorriu, colocando uma mão no bolso da calça e outra no ombro de Morana quando começaram a caminhar em direção à mansão. Morana viu Tristan olhar apontado para a mão de Dante, que o homem não removeu. Tristan olhou para a frente novamente e continuou andando. Ela relaxou em seu abraço.

A noite estava tranquila, linda. O céu ainda estava coberto de nuvens, a lua ainda espreitando por trás deles. Homens, que eram visíveis em torno da propriedade durante o dia, tornaram-se invisíveis novamente. Caminhando em direção à mansão com os dois homens, Morana quebrou o silêncio, anunciando: “Tive um pequeno momento com o Sr. Maroni hoje. Nada que eu não pudesse suportar.”

Ela os informou sobre a conversa, pelo menos em parte, e sobre os programas de codificação em que havia trabalhado o dia inteiro. Deixando de fora as partes sobre ela assistindo às filmagens e conversando com Amara, ela caminhou, dobrada ao lado de Dante, andando ao lado de Tristan. Parecia surreal. Seguro.

Quanto mais perto eles chegavam da casa, mais ela podia ver os dois homens tensos. Depois de um ponto, Dante soltou o braço dela e entrou na mansão. Tristan estava de volta ao seu eu estoico e frio quando eles chegaram à porta. Ele gesticulou para ela o preceder. Ela o fez, ainda confusa no coração e no corpo.

Eles entraram no vestíbulo. Quando a porta se fechou atrás deles, surpreendendo-a, Tristan a puxou para seu corpo e olhou em seus olhos. A mão dele subiu, o polegar circulando seus lábios pesados onde sua boca havia deixado sua marca.

“Esta noite.”

Morana inalou profundamente quando sentiu o toque pulsar em seu corpo. Ela engoliu em seco. Ele deixou cair a mão.

“Dê-lhes o inferno”, ele sussurrou para ela.

Ela sorriu. Ele olhou para o sorriso dela por um longo, longo minuto, seus olhos magníficos colados na boca dela.

E a coisa mais linda e preciosa aconteceu.

Seus olhos frios e indiferentes esquentaram.



Aviso

Algo não estava certo.

O sentimento persistente e insistente se recusou a deixar Morana enquanto olhava para o telefone, acompanhando remotamente o andamento dos programas que havia deixado em execução na casa de Dante. Nunca levou tanto tempo um software dela, por mais complexos que fossem os algoritmos. Ela se orgulhava desse fato. E, no entanto, foram quase vinte e quatro horas que ela deixou os códigos funcionarem e o progresso, para sua descrença, foi de apenas quarenta por cento. Quarenta por cento. Isso simplesmente não era possível, a menos que ela tivesse interferência externa. Ela verificou. Não havia nenhuma. Então, ela simplesmente não entendeu o que diabos estava demorando tanto que seu programa estava progredindo no ritmo de uma lesma grávida.

Confusa e irritada com sua criação, Morana saiu para os gramados da casa. Ela estava um pouco frustrada e não apenas pelo programa – também pela noite passada.

O jantar foi surpreendentemente tranquilo. Havia alguma tensão subjacente, é claro, mas nenhum comentário malicioso de Maroni. Ele a informou educadamente sobre uma festa que planejava há algum tempo, uma festa que

seria realizada hoje à noite, e então ele ficou quieto durante o jantar. Talvez seja assim que ele se comporta à mesa e a primeira noite dela foi uma exceção. Ela não sabia, mas havia se preparado para um olhar errado ou para aquele sorriso que a atrapalhava. Ela havia se preparado para algumas palavras obscenas para ela, ou pior, para o caçador sentado ao lado dela que, no momento em que estavam sentados, havia limpado completamente todos os vestígios do homem que ela estivera na casa de Dante. Se sua boca ainda não estivesse queimando com a paixão infligida pela dele, ela teria atribuído a coisa toda à sua imaginação louca.

Tristan não era Tristan sentado ao lado dela, ele era O Predador silencioso – alerta, vigilante. E agora que ela viu algumas das camadas dele, ficou maravilhada com a facilidade com que ele voltou ao seu padrão. E não apenas ele. Dante também ficou sério, seus sorrisos leves mudando para sorrisos sem alegria.

Quanto mais ela conhecia os dois, mais percebia o quanto eles se escondiam, muito do que ela ainda não havia sido exposta. Alguns poderiam dizer o mesmo sobre ela também. Mas desde que ela se conhecia, ela sabia que era mais sobre não saber quem ela era sob toda a fachada. Ela estava descobrindo isso pela primeira vez em sua vida porque, pela primeira vez, ela começou a sentir as bordas desse conforto. Independentemente disso, havia um longo caminho a percorrer, para perceber quem ela realmente era,

pois no fundo, não era filha do pai. Por enquanto, ela era uma bagunça confusa. Era tudo o que ela sabia no momento.

E apesar de tudo, ela ainda não confiava em ninguém completamente.

Ela confiava em Tristan e Dante mais do que jamais confiara em alguém, mas sabia que ainda estava escondendo uma parte de si mesma, especialmente quando se tratava de Tristan. Ela confiava nele para mantê-la segura. Ela confiava nele para não a machucar. Ela confiou nele o suficiente para mostrar sua jugular, uma e outra vez. Ela estava se apegando a ele a um ritmo rápido que não podia e não queria controlar. Mas havia uma parte dela, uma parte bastante pequena, mas forte, que dizia para ela se conter, para não se render completamente. Ela sentia por ele, forte, profunda e verdadeiramente. A emoção que ele incitou nela veio das partes mais quebradas dela, e ainda assim foi a emoção mais pura que ela sentiu em sua vida. Ela reconheceu que ele tinha o poder de assustá-la emocionalmente de uma maneira que seu pai nunca conseguiu. Ele tinha o poder, que ela lhe dera, de arruiná-la para qualquer outro.

E essa pequena parte era sua segurança, sua 'somente no caso de'. Porque se isso acontecesse, se ele a traísse e a deixasse para os lobos, ela não sucumbiria como um cordeiro indefeso. Essa pequena parte dela a deixaria sobreviver. Isso a deixaria se recompor. Essa pequena parte era dela, apenas dela. E ela não tinha ideia de como dar isso a ele, mesmo que

um dia ela quisesse. Essa era apenas mais uma das muitas razões para sua frustração.

Ela também ficou irritada porque suas compras deveriam ser entregues ao meio-dia e já era tarde. Normalmente, isso não a incomodaria, mas ela acabara de ter um encontro rançoso com Chiara Mancini de manhã. A mulher deslumbrante a lembrou de maneira desagradável (e Morana estava assumindo que ela estava desagradável porque ela, como o resto da casa, ouvira seu encontro apaixonado com Tristan duas noites atrás depois de avisá-la sobre ele) da festa que Maroni daria hoje à noite para seus parceiros de '“negócios”. A festa era em homenagem a um grande negócio que eles fizeram e que ela não deveria saber. E assumindo, desde a primeira festa que Morana havia visto por esses motivos, ela sabia que precisava ficar bonita, especialmente se a mulher de Chiara planejasse parecer deslumbrante e olhar para o homem. Era uma coisa feminina.

Ela precisava de um vestido.

Outro motivo para sua irritação foi o próprio Tristan. Na noite passada, depois que seus olhos gritaram prazeres sem nome em sua carne, depois que sua boca sussurrou a mesma promessa de prazer na dela, ele a levou para o quarto dela depois do jantar e abriu a porta. E então, pela primeira vez desde que ela o conhecera, ele se acovardou e a deixou lá.

Frango.

Tristan, 'O Predador Nada-Me-Assusta', Caine se acovardou. Sim, ela também não acreditou. Mas viu nos olhos dele, aqueles olhos magníficos.

Ele estava assustado. Ela, em toda a sua minúscula capacidade, assustou-o e ele, durante o jantar silencioso, teve tempo suficiente para processar qualquer merda que lhe passasse pela cabeça.

E então ele recuou. Completamente. Não havia nenhuma mensagem dele de manhã e ela não o viu. Nem mesmo da janela. E Morana não sabia se deveria ficar aborrecida ou divertida com a impressionante virada dos acontecimentos.

Ela entendeu que precisava de espaço e tudo, porque ele tinha muito o que processar e, pelo que ela viu dele, o processamento emocional não era seu forte. Ele reagia mais do que pensava e sentia. Ou, pelo menos, ele tentava. E era um bom sinal de que ele estava tão incomodado com ela porque estava sentindo. Então, ela estava tentando entender e não o incomodar como ela queria. Mas ele precisava resolver o problema logo, ou ela bateria à porta dele.

O barulho de um grande veículo estacionando do lado de fora dos portões a tirou de seus pensamentos. Morana viu os portões se abrirem e uma van branca de entregas descer a encomenda. Soltando um suspiro, um dos problemas resolvidos, Morana seguiu para o final da entrada em frente à mansão para cumprimentar o sujeito e assinar a entrega. Ela

chegou lá quando notou que os homens que patrulhavam a propriedade haviam parado. Eles estavam olhando para ela e a van, principalmente com curiosidade, mas todos alertas. Morana levantou as sobrancelhas. O que, ninguém faz compras online por aqui?

O som da porta do veículo se abrindo sacudiu sua leitura. Ela se virou para cumprimentar os dois entregadores uniformizados que olhavam ao redor da propriedade, nervosos.

“Entrega para Morana Vitalio”, disse o mais velho dos dois.

Morana assentiu, assinando o dispositivo que ele estendeu para ela. Feito isso, ela começou a acompanhar os dois caras para colocar todas as caixas nos degraus da entrada, observando-os ficarem cada vez mais ansiosos para sair. Ela não podia culpá-los inteiramente, não com a maneira como os guardas os observavam.

Pelo menos trinta caixas depois, os homens inclinaram a cabeça para ela e entraram às pressas na van. Apressadamente, eles inverteram a marcha e saíram em velocidade recorde. Morana suspirou, percebendo mais uma vez que o mundo tão normal para ela não era, de fato, normal. Pessoas de fora ficavam absolutamente aterrorizadas, a menos que fosse romantizado em histórias.

Balançando a cabeça, ela olhou para as caixas e suspirou novamente.

“Vejo que você já está gastando o dinheiro de Tristan”, Chiara falou da porta, olhando os pacotes.

Morana revirou os olhos, toda a pretensão de civilidade entre as duas mulheres. “Verde não é a sua cor, Chiara.”

Chiara realmente olhou para o vestido azul antes de entender seu significado. Ela zombou. “Oh, por favor. Eu poderia ter homens fazendo fila para me comprar o que eu quisesse. Eu posso fazer o que eu quiser.”

Morana assentiu seriamente. “Sim, exceto me deixar em paz, aparentemente.”

A outra mulher rangeu os dentes. "Tristan não vai protegê-la para sempre, sua putinha."

Morana pegou um pacote deliberadamente, examinando-o, sem dar atenção à mulher. “Eu não preciso da proteção dele, Chiara. Isso é para mulheres como você. Agora xô. Vá espreitar como um lagarto em outro lugar. Tenho trabalho a fazer.”

Ela podia sentir a outra mulher se irritando com sua dispensa. Ela não deu a mínima. Como, seriamente, Tristan poderia transar com isso e não ter seu bom equipamento masculino definhado, estava além dela. Chiara se afastou e Morana estremeceu. Então ela voltou seu foco para decidir o que fazer com suas entregas. Ela poderia pedir a alguns funcionários que a ajudassem a levá-los para o quarto.

Mas as poucas pessoas à vista já estavam ocupadas com as tarefas, tomando providências para a festa, e ela não queria deixar os pacotes largados lá sem vigilância, não depois do dinheiro que gastara neles dos próprios bolsos.

Pensando no que fazer, ela sentiu alguém atrás dela. Girando ao redor, seu pacote erguido como uma arma, Morana estreitou os olhos para os três caras que viu perto do perímetro, com seus rifles altos amarrados nas costas. Eles eram todos mais altos que ela (o que não era uma referência porque sua altura não era motivo de orgulho), mas dois deles eram menores e o terceiro, por algum motivo insano, lembrava-a de Chris Pine. Shorty[1], Stocky[2] e Pine a olhavam quietamente.

“Hum”, Morana balançou a cabeça com a estranheza da situação. “Posso ajudar?” O que mais você perguntaria aos caras ferozes que patrulhavam o terreno inimigo com armas?

Shorty grunhiu. "Você é a garota do Caine?"

Morana sentiu os lábios tremerem, enquanto se esforçava para mantê-los retos. “Sim.”

Shorty e Stocky assentiram em sincronia e foram para os pacotes, pegando um monte deles juntos. Sem outra palavra, eles se moveram para a casa. Morana os observou irem, perplexa, antes de se virar para olhar para Pine, que simplesmente ficou ali, guardando suas entregas.

---

1 Baixinho
2 Atarracado, robusto

De alguma forma ela havia entrado em outra dimensão? Que diabos estava acontecendo?

Shorty e Stocky voltaram, com os braços vazios, pegaram mais caixas e entraram novamente. Morana sacudiu a cabeça.

“Não que eu me importe com isso, mas vocês não deveriam estar patrulhando?”, ela perguntou, completamente confusa. “Por que vocês estão me ajudando?”

Pine resmungou, assim como Shorty, mas não responderam. OK.

Depois de mais duas viagens, quando todos os seus pacotes estavam lá em cima, Morana olhou para os três homens. “Obrigada.”

Grunhidos.

Homens.

Eles se afastaram tão silenciosamente quanto se aproximaram. Morana os observou irem, intrigada, fazendo uma anotação mental para perguntar a Dante sobre o episódio inteiro. Tinha que haver uma razão pela qual eles, de repente, decidiram ajudá-la, porque ninguém ajuda ninguém por bondade de seus corações. Especialmente três homens que apenas grunhiram.

Movendo-se para entrar, seus olhos pararam em um prédio solitário ao longe do outro lado da propriedade. O centro de treinamento.

Ela ficou ali por um segundo, tentada a ir nessa direção, mas se afastou. Havia vários olhos nela – funcionários e guardas e quem mais Maroni queria que ela visse. Então, com uma última olhada no prédio, ela voltou para a casa monstro.

A escuridão havia caído. Era uma noite sem lua, as estrelas completamente escondidas atrás das nuvens. O vento estava frio, flutuando na janela que ela deixara aberta. Morana olhou pela janela para os gramados bem cuidados. Havia linhas de belas luzes nas árvores que ladeavam a propriedade, iluminando toda a área e deixando o lago e a casa atrás dela nas sombras. Morana não conseguia ver nada além da linha das árvores, por mais que ela apertasse os olhos.

Devido à possibilidade de chuva, a festa seria realizada no corredor nos fundos da casa, uma parte da mansão em que Morana nunca esteve. Mesmo estando pronta, algo estava se retorcendo em seu estômago enquanto observava carros se alinharem na garagem. Homens de todas as idades, de terno, mulheres brilhando nos braços como acessórios, andavam pelos gramados bem iluminados até a parte de trás da mansão, um bando de funcionários os guiando.

Morana observou quem é quem na multidão, reconhecendo muitos rostos, rostos perigosos que sorriam arreganhado, com os dentes à mostra. As mulheres, ela observou de perto. Algumas pareciam felizes o suficiente para estar onde estavam; algumas tinham rostos limpos e olhos mortos. Morana pegou todos eles do quarto acima, fora da linha de visão deles, e se preparou para o que e quem quer que ela encontrasse. Multidões de pessoas entraram. As luzes ao redor da propriedade refletiam as joias das mulheres, pedras brilhando no escuro. As pessoas se esforçavam ao máximo para receber um convite de Maroni.

Entre a multidão de luz, seus olhos avistaram um homem que subia a calçada sozinho, sem nenhum parceiro. Havia algo perigoso na maneira como ele perseguia o cascalho. Morana o observou de perto, sentindo algo nele que a lembrou muito de Tristan. Ela não conseguia distinguir sua altura ou força de onde estava, mas ele parecia mais velho de alguma forma, pelo menos na metade dos trinta, seu passo confiante e confortável de uma maneira que ela raramente via no mundo deles. Uma das mãos dele enfiou no bolso da calça escura, tudo no homem estava escuro.

Palmas úmidas, Morana se afastou da janela e caminhou até o espelho. Ela passou a tarde inteira arrumando seu novo guarda-roupa que amou, e vigiando seu telefone para uma atualização. Seu programa estava em sessenta por cento e sua caixa de entrada vazia de novas mensagens.

Morana olhou para seu reflexo com um olhar treinado. Tendo se vestido várias vezes para os jantares de seu pai, Morana sabia como manipular sua aparência para inspirar qualquer impressão que desejasse que o espectador tivesse. Ela se considerava um camaleão assim. Um golpe extra de rímel por alguma inocência aqui, um vestido flutuante para suavidade lá. Ela sabia como se misturar. Ela aprendeu a se destacar. E ela gostava de ter pessoas que a subestimavam, porque, dessa forma, ela conseguia vantagem.

Essa foi uma das razões pelas quais as pessoas raramente se lembraram dela em eventos sociais. Se ela quisesse, ela simplesmente voava sob o radar. E era isso que ela queria hoje à noite. Ela havia planejado, inicialmente, impressionar alguém em particular e sair para a noite. Mas, por alguma razão, essa festa a estava deixando nervosa e ela decidiu a ser invisível. Era seguro ser invisível. Ela precisava confiar em seus instintos. A vaidade poderia esperar.

Essa foi uma das razões pelas quais ela escolheu o vestido mais indefinido em seu novo arsenal. Era preto, com um decote elegante que parava logo abaixo da clavícula e das mangas que chegavam aos pulsos. As costas também não eram muito profundas. A única coisa que acrescentava algo ao vestido era uma única divisão no meio da coxa, expondo a perna apenas se ela se mexesse. Deixando o cabelo solto e a maquiagem mínima, nada a mais para atrair atenção, Morana adornou o pulso com uma pulseira de ouro simples que combinava com seus brincos e amarrou a única faca na

coxa. Seus saltos dourados, embora altos e desconfortáveis, eram necessários. Porque nada atraía mais atenção em uma festa como essa do que uma mulher sem salto.

Feito isso, Morana respirou fundo e saiu pela porta, com o telefone na mão. Trancando a porta atrás dela e aninhando a chave em seu decote, Morana desceu as escadas. Parando no vestíbulo no térreo, ela perguntou a um dos funcionários como chegar à sala onde a festa acontecia. Guiada, Morana começou a descer o corredor que levava aos fundos.

Desde que ela estava passando por essa parte do interior da mansão pela primeira vez, Morana manteve o ritmo lento, deixando os olhos flutuarem, observando todos os detalhes. O corredor estava vazio, exceto por uma equipe ocasional ou duas passando por ela. Estava forrado com pinturas bonitas, algumas das quais ela reconhecia como clássicas, outras que não reconhecia. Quase dois minutos depois, em uma parede do corredor havia uma porta preta. Morana olhou para a porta, imaginando o que havia atrás dela. Ela sabia que não havia quarto no andar de baixo. Pode ser o escritório de Maroni. Ou talvez outra coisa.

Sabendo que não era hora de apaziguar sua curiosidade, especialmente porque ela tinha certeza de que o quarto estava sob vigilância, ela continuou avançando, sua pele se arrepiando com pavor repentino. Incapaz de explicar tudo, ela se perguntou se deveria esquecer a festa inteira e simplesmente ir para a casa de Dante e ficar lá. Ela estava

certa de que ele não se importaria. Mas algo também lhe dizia que ela precisava continuar.

Preparando-se o máximo que pôde, Morana finalmente parou quando o corredor terminou, abrindo para duas grandes portas duplas de mogno. Ela observou a porta, as esculturas ornamentadas na madeira e as maçanetas de latão polido. O que quer que fosse Maroni, ele tinha gostos elegantes e não da maneira chamativa de seu pai. Toda a casa dele gritava um bom gosto refinado.

Reunindo coragem, esperando ver Dante ou Tristan lá dentro, Morana girou a maçaneta da porta e abriu-a levemente, apenas o suficiente para que ela pudesse entrar sem atrair muita atenção. Ela conseguiu. Ninguém a olhou de relance enquanto ela caminhava rapidamente para um canto sombrio da sala por um pilar, pegando um copo que um dos muitos garçons tinha em uma bandeja e se inclinando contra o canto. Era o local perfeito para uma vigilância própria.

Seu coração estava batendo rápido por algum motivo que ela não conseguia entender. Mantendo o pequeno tremor na mão contido, Morana tomou um gole de champanhe e deixou seus olhos vagarem pelo lugar.

A sala era monstruosa. Ela podia ver pelo menos cinquenta pessoas lá dentro e mais convidados entrando pela porta que se abriu nos gramados e, no entanto, parecia vazia. Para sua surpresa, os convidados entrando pararam ao lado da porta, entregando suas armas aos funcionários no limiar.

Surpresa, Morana percebeu que era uma festa sem armas. Ela nem sabia que isso existia, especialmente no mundo deles.

E ela tinha uma faca presa à coxa.

Uma orquestra tocava música suave discretamente ao fundo de um canto do salão, o canto oposto ao dela. Uma pequena área clara, evidentemente a pista de dança, estava bem na frente dos músicos. Garçons circulavam com copos e aperitivos perfeitamente equilibrados em travessas de prata. No final do corredor, uma mesa comprida estava decorada com pratos, servidores e espaço para se sentar. Era um buffet. Encantador.

A decoração da sala, como o resto da casa, era de bom gosto. O teto alto era decorado com um lustre que não estava aceso. Em vez disso, as luzes baixas no alto dos pilares lançam um brilho íntimo por toda a sala. Parecia medieval – a iluminação, as pessoas, o ambiente.

Lorenzo Maroni estava perto da porta de entrada, bebendo o que parecia uísque de um copo de vidro. Morana observou-o de seu lugar, querendo ver o homem interagir com seu povo. Observou, com espanto, homens feitos irem até Maroni, que estava em seu lugar como um imperador. Então, eles pegaram sua mão, beijando seus dedos. Maroni, por sua vez, dava-lhes um sorriso e algumas palavras que ela não conseguiu entender. Ele também pegou as mãos das

damas com os homens e beijou seus dedos, como um verdadeiro cavalheiro.

Observando-o assim, Morana podia entender por que homens e mulheres eram tomados por ele. Ele era charmoso, rico e poderoso. Uma combinação que, quando intercalada com perigo, balançava as pessoas em sua direção. Esse homem era o líder de uma das maiores organizações de máfia do mundo. Este homem cheirava à segurança de sua autoridade. Este homem era o Bloodhound[3], cuja reputação o precedia.

E então a coisa mais fascinante aconteceu.

O Predador entrou pela porta.

Pela primeira vez, Morana se forçou a não se deixar levar pelo homem, mas notou a reação de todos os outros.

A energia na sala estalou. Zumbiu sobre as pessoas, que se viraram para observá-lo. Homens se endireitando, mulheres inspirando.

E Lorenzo 'Bloodhound' Maroni perdeu a segurança de sua autoridade. O homem que beijava os dedos havia parado no meio para assistir o Predador a passos largos. E Maroni endureceu, um imperador sentindo o desafio ao seu trono pulsando pela sala.

Foi *fascinante.*

---

3 Cão de caça

Morana não sabia se os ocupantes da sala reagiam a ele da maneira que reagiam, porque ele era o herdeiro dos boatos ou porque era a anomalia. Ou simplesmente porque era ele. Mas uma coisa era certa, ele incitou uma reação. E a melhor parte, ele não prosperou nem a evitou. Apenas aconteceu.

Ela finalmente deixou os olhos vagarem para ele, observando enquanto ele pisava com aquela confiança que ele usava como sua pele, seu corpo envolto em um terno preto, camisa preta e sem gravata. Todo mundo estava usando uma gravata. Morana sentiu um pequeno sorriso erguer os lábios diante do flagrante ato de rebelião, o olhar persistente na pele de seu pescoço e peito expostos pela gola desabotoada de sua camisa. Porra, ele ficava bem em um terno.

Ele não parou na porta para entregar as armas e ela não sabia se isso era porque ele não estava carregando nenhuma ou porque era confiante o suficiente para que ninguém ousasse checá-lo. Este não era o homem que a deixou na porta na noite passada e fugiu de lá o mais rápido possível. Este não era o homem que a bateu contra a parede e a deixou com os lábios inchados. Não, este era o homem que a seguiu até o banheiro do restaurante do inimigo e a fodeu com a mão sobre a boca. Este era o homem que a tocou contra a parede da casa de seu pai. Este era o homem cujos olhos anunciaram a morte e arrastaram a vida através de sua pele.

E ele a molhou. Ambos os lados dele – o garoto solitário que ela vislumbrara ontem e o homem intimidador que ela observava atualmente.

Tomando outro gole para esfriar sua pele que esquentava rapidamente, Morana observou enquanto ele se dirigia para onde Maroni estava e disse algo que fez Maroni endurecer ainda mais. O homem mais velho dispensou as outras pessoas ao seu redor e disse algo para Tristan. Tristan pegou o telefone e digitou algo, acenando de volta para Maroni.

E então, como se sentisse o olhar dela, ele congelou.

Os olhos dele percorreram a sala antes de chegarem diretamente a ela em seu canto sombrio.

Ela esperava que ele a abrigasse, deixasse que seu olhar permanecesse nela, como ela havia se acostumado, seguir aqueles olhos magníficos por sua pele e incendiá-la.

Ele não fez nada disso. Em vez disso, vendo-a ali e vendo que ela era a pessoa cujo olhar ele sentira, ele simplesmente olhou de volta para o telefone, nada sobre sua postura mudou.

Que diabos?

Morana sentiu seu corpo travar enquanto seus olhos perfuravam buracos nele, a fúria substituindo a eletricidade, infundindo em seu sangue. Ela estava lá, em uma festa em um lugar onde não conhecia ninguém, e ele nem estava olhando para ela. Morana não tinha percebido o quanto ela havia confiado neles, até que ele deliberadamente os reteve. Seus olhos eram a única coisa que ele nunca escondeu dela.

Mesmo nos momentos mais vulneráveis e brutais, ela sempre teve os olhos dele.

Quaisquer que fossem as razões dele para evitá-la, ela não se importava mais. Ontem se expusera a ele e depois lhe dera espaço. Esse comportamento a irritou. Ela sabia que ele não a estava rejeitando, apenas tomando seu tempo processando o que quer que fosse, mas ainda a irritava por mais irracional que fosse.

Mexendo nele e em si mesma por lhe dar esse tipo de poder, Morana não percebeu que alguém se juntara a ela até sentir a presença de um corpo quente ao seu lado. Ainda com o corpo todo travado, Morana virou-se para encontrar o homem que vira da janela, o homem que viera sozinho, parado ao lado dela enquanto olhava para a sala.

“Encontramo-nos novamente, Srta. Vitalio”, a voz grave e masculina falou ao seu lado.

Morana estava prestes a se virar para olhar para o homem quando ele lhe disse: “Não se vire. É uma questão de vida e morte.”

“Vida e morte?” Morana perguntou, sentindo algo perigoso.

“Sua, Srta. Vitalio”, ele voltou simplesmente.

Morana olhou para ele na periferia, vendo apenas sombras. “O homem do aeroporto.”

“Seu novo melhor amigo, Morana”, o homem manteve a voz firme. “Há algo que você precisa saber.”

Morana considerou, altamente intrigada, mas desconfiada dele. “Pare de falar em enigmas.”

“Muito bem”, ele murmurou baixinho.

“Antes que seu namorado olhe para você e me veja”, observou o homem, um leve divertimento tingindo sua voz.

Morana quase se virou com isso. “Você conhece Tristan?”

"É meu trabalho saber as coisas."

“O que você quis dizer com ser meu novo melhor amigo?” Morana interrompeu a perseguição, indo direto ao ponto.

“O inimigo do seu inimigo, Morana”, o homem falou em voz baixa. A música mudou para outra melodia. “Compartilhamos interesses comuns.”

“E o que seria isso?” Morana perguntou, mantendo o olhar nos casais oscilantes.

“Fim da Aliança.”

Morana congelou com suas palavras. Com o coração batendo forte, Morana sussurrou em sua direção: “Como assim?”

O homem não perdeu uma batida da música. Morana não podia sentir ninguém olhando para eles, principalmente porque eles estavam no canto, protegidos do resto da sala, mas seu coração estava acelerado.

“Quero dizer, estou interessado em descobrir o que aconteceu vinte anos atrás nesta cidade”, disse o homem calmamente logo acima da orelha dela.

“Por quê?” Morana perguntou.

O homem ficou em silêncio por um instante. “Razões pessoais. Você era uma das garotas desaparecidas e está procurando a mesma coisa. Eu tenho informações.”

Morana processou o que ele estava dizendo. “Como posso confiar em você?”

“Você não pode. E você não deveria,” o homem afirmou claramente. “Mas você não está no meu caminho, então você está a salvo de mim.”

Morana inclinou a cabeça para trás e tomou a medida dele. Ela não sabia dizer se ele estava mentindo ou não. Morana deliberou.

Ela sentiu os lábios dele no ouvido dela. “Como um gesto de boa fé, deixe-me lhe dar uma informação que me deparei”, ele disse tão discretamente que ela mal conseguia expressar as palavras sobre a música. "Alguém na festa vai tentar te matar hoje à noite."

Morana respirou fundo. O homem continuou sem parar. “E não, eu não configurei isso para ganhar sua confiança. Simplesmente interceptei as informações e vim à festa para avisar você.”

“Espere, você veio aqui para me alertar? Por quê?” Morana questionou, confusa.

“Porque eu preciso da verdade e você pode me ajudar a chegar a ela.”

Ela engoliu em seco. Ele assentiu. “Viva esta noite. Encontre-me amanhã. 459.”

“Esse é o seu número?”

“Com quem você está falando?”, uísque e pecado interromperam o homem.

Morana virou-se para ver o local ao lado dela vazio. Ela sentiu mãos familiares percorrerem seus quadris, puxando-a contra um corpo masculino duro. Morana voltou sua atenção para o homem segurando seus quadris, sua mente ainda cambaleando com o encontro anterior.

“Você viu o homem ao meu lado?” Morana o interrogou.

Em resposta, ele a puxou com força em seu corpo. A música mudou para uma melodia familiar, uma versão dos *Wicked Games* que ela gostava. Apropriado.

As mãos em seus quadris a mantiveram firme. Morana retornou lentamente ao presente, seus próprios braços

passando pelo pescoço dele quando começaram a se mover, completamente corados um contra o outro.

"Que homem?" Tristan sussurrou em seu ouvido, assim como o outro homem. Exceto por esse período, ele provocou arrepios deliciosos em sua espinha, direto ao seu âmago, aquela voz de uísque e pecado escorrendo por seu corpo.

Pigarreando, Morana o informou. "Um homem. Ele acabou de me dizer que havia alguém nesta sala que tentaria me matar hoje à noite."



Era fascinante sentir a reação de seu corpo às notícias, em vez de apenas vê-las. Morana sentiu como os músculos de seu corpo se apertavam, um após o outro, primeiro as mãos, depois os braços, depois o peito e os ombros até que ele ficou completamente parado por um segundo. Ela viu isso acontecer em várias ocasiões, mas sentindo que era diferente. Mais íntimo.

De repente, lembrando que estava chateada com ele, Morana deu um passo para trás. Ou, pelo menos, tentou, apenas para ser trazida de volta para o corpo dele, as mãos dele descendo pelos quadris dela em um gesto que ninguém perderia. Ele começou a se mover novamente, seus corpos se encaixando como peças de um quebra-cabeça.

Morana pôde sentir os múltiplos olhos nela desta vez enquanto ele a movia, não habilmente, mas em um ritmo cru que seu corpo de alguma forma seguia. Ninguém o chamaria de belo dançarino, mas foda-se, ele era sexy. Com os quadris dele rolando nos dela, imitando uma ação mais íntima, a coxa dele abriu as pernas por um segundo, roçando contra seu núcleo antes de voltar ao lugar, era sensual.

A vocalista sussurrou *'Eu não quero me apaixonar por você'* no microfone. Ele a inclinou sobre o braço, o nariz

respirando toda a linha do pescoço dela. Trazendo-a de volta contra ele, as mãos na ponta da bunda dela, os seios pressionados em seu torso, os mamilos endurecidos quando a boca dele ficou perto de sua orelha. Ela podia ouvir uma respiração irregular que ele respirava, semidura.

Indiferente à exibição incomum, Morana inalou seu perfume, a mistura de almíscar e homem familiar a ela agora, confortando até.

“Parece que você terminou de me evitar, Sr. Caine”, comentou ela sem fôlego, deliberadamente usando seu sobrenome.

Ele não disse nada, apenas as mãos apertando infinitamente a carne dela em resposta.

Morana suspirou, balançando a cabeça. “Da próxima vez que precisar de um momento, apenas me diga. Somos honestos um com o outro, lembra?”

Ele não disse nada. Ela sabia que ele não diria, não quando havia pessoas por perto, pessoas hostis, e não quando os observavam como um falcão. Ele ainda era O Predador. Só que ele estava fazendo uma dança de acasalamento muito pública, indiferente aos que assistiam. Ela não o entendia algumas vezes.

A música mudou para uma que ela não conhecia. O nariz dele roçou o lóbulo da orelha dela, enviando sangue correndo para o local.

“Você tem a faca?”, ele murmurou em seu ouvido, como um amante sussurrando palavras doces para qualquer olhar atento.

Morana manteve o corpo relaxado nos braços dele, acenando com a cabeça no ombro dele, pressionando o nariz no V criado por sua camisa.

A mão dele roçou a bunda dela. “Deixe-me tê-la”, ele falou, meio ordenando, meio pedindo.

“Por quê?” Morana se perguntou, sua mente girando.

Ele ficou quieto por um segundo e depois sussurrou: “Confie em mim”.

Oh, ela queria. Como ela queria. Mas velhos hábitos a fizeram hesitar, debater. Se ela o deixasse, ela estaria desarmada e ele sabia disso. E ele pediu, apesar desse conhecimento. Tinha que haver um bom motivo, um motivo que ele provavelmente não poderia compartilhar nesse cenário.

Fechando os olhos, com o estômago revirando, Morana pulou de outro penhasco. Ela levantou a perna esquerda e a envolveu em torno de seu quadril sem palavras, a mão dele descendo automaticamente para apoiar sua coxa. Ele os virou para o lado, escondendo a perna exposta de olhares indiscretos, os dedos roçando a alça segurando a faca dela. Contendo o arrepio que assolou seu corpo com os dedos dele acariciando sua pele gentilmente, Morana segurou seus

ombros. Ela sentiu o peito dele subir quando ele respirou, pressionando contra ela, o ar ao redor do lado de sua cabeça zumbindo com a vida dele. Com um pequeno empurrão, ele puxou a faca da bainha, sua mão desaparecendo da coxa dela.

Morana baixou a perna novamente quando a música terminou.

E o sentiu pressionar um beijo suave no topo do lóbulo dela.

Antes que ela pudesse processar aquela pequena ação, ele deu um passo atrás e se afastou, deixando-a boquiaberta na pista de dança. Controlando rapidamente sua expressão, Morana olhou para as costas dele, incapaz de entender o que acabara de acontecer.

De repente, ciente de que todos olhavam para ela, Morana rapidamente abaixou a cabeça e se dirigiu para a porta, felizmente não parada por ninguém em seu caminho. Saindo para os gramados, Morana tirou os saltos, levantou a bainha do vestido e saiu da mansão, sentindo os dedos dos pés afundarem na grama úmida. O ar fresco era refrescante. Os sons da festa desapareceram ao fundo enquanto ela passeava cada vez mais longe no gramado, indo em direção à linha das árvores, refletindo sobre tudo.

Um homem misterioso veio à festa apenas para avisá-la sobre uma possível tentativa de assassinato. Além disso, ele veio porque, segundo ele, eles tinham o mesmo objetivo –

descobrir o que havia acontecido vinte anos atrás com a Aliança. E suas razões eram pessoais. Morana realmente não sabia como se sentir sobre isso. Ele era perigoso, sim, mas ela não sentiu nenhuma vibração assustadora dele. Mais importante, ela não havia sentido nenhum tipo de interesse masculino nele. Enquanto eles estavam dançando perto, nenhuma de suas antenas enviou algum sinal.

E então havia o modo como Tristan entrou na conversa. Depois do jeito que ele a evitava desde a noite anterior e seu desprezo mais cedo com os olhos, Morana duvidara que ele falasse com ela, muito menos caminhasse até ela para dançarem. E embora ele não tenha sido o Sr. Quente, ele ainda a aqueceu estranhamente. Ele a segurou não em posse, mas com a confiança de um homem que sabia que ela se entregaria a ele. A própria natureza pública disso tinha sido interessante. Ela não conseguia descobrir o que ele estava tentando fazer. Ela pensou que ele a levaria sob o radar. Em vez disso, ele estava refletindo os holofotes sobre ela. E, de alguma forma, apesar dos muitos, muitos olhos neles, ele a havia levado a desistir de uma arma, consequentemente, dando a ele outra pequena parte de si mesma.

E então ele beijou a orelha dela. A orelha dela. Sério?

Morana tocou seu lóbulo, onde os lábios dele a tocaram suavemente, esfregando a sensação. Deus, o homem a confundiu.

Ela saiu da linha das árvores finalmente, deixando seus olhos se ajustarem à escuridão. O lago ondulava calmamente a alguns metros dela, o vento dançando sobre a água em uma brisa suave. Morana caminhou alguns passos, os dedos dos pés curvados na grama, os olhos indo para a pequena casa ao lado do lago.

A casa dele. O lar dele? Ela não sabia.

De perto, ela observou o prédio. Era quase do mesmo tamanho que o de Dante. Havia uma varanda na frente, uma poltrona de madeira com aparência confortável, olhando para o lago. Morana imaginou-o sentado ali à noite, olhando o lago completamente sozinho, nada em sua vida, exceto o que ele havia feito para si mesmo. Ela o imaginou sentado ali, noite após noite, observando a mesma lua que ela assistira sem sequer saber sobre ele. Ele sabia sobre ela e ela o imaginou agarrado a ela, ao único objetivo que ele tinha na vida sentado sozinho no escuro. Ela o imaginou pensando nela.

Atraída para a casa como uma mariposa para uma chama, ela deu um passo em direção a ela. Então hesitou por um segundo, seu passo vacilante. Ela não deveria. Não. Não sem o convite dele.

Respirando fundo, ela se desviou do caminho e foi em direção ao lago, exatamente onde tinha visto ele e Dante em pé ontem. Havia algo quase pacífico naquele lugar, longe da casa principal. Ela virou o pescoço para ver a janela dessa vista. A mansão estava iluminada e sua janela era muito

visível de onde ela estava. Ela podia imaginar sua silhueta na sala quando ele observava daqui.

Foi quando ela estava contemplando tudo que alguém saiu da linha de árvores em sua direção. Alguém que ela não conhecia, nunca tinha visto antes.

Seu coração começou a bater forte.

O homem que ela não reconheceu estava vestido de preto, seus cabelos loiros claros no escuro, seus olhos frios e mortos apontados para ela junto com a ponta de uma arma. Morana engoliu em seco, respirando para tentar acalmar o coração.

“Quem te enviou?”, ela perguntou calmamente como se não estivesse olhando a morte nos olhos. Ele não respondeu. Ela não esperava que ele o fizesse.

Com a mente zumbindo, Morana sentiu os dedos apertarem a alça dos sapatos. Ela poderia usá-los. Jogar um na pistola enquanto ela se abaixa. Ela poderia pular no lago porque correr não funcionaria. Se ela corresse, ele a perseguiria, talvez até a atingisse com uma bala. Ela seria um alvo mais fácil fugindo. O lago seria mais difícil de manobrar, a escuridão seria sua aliada. Ela poderia facilmente se esconder nas profundezas escuras por um tempo.

Como todos os planos vieram e passaram por sua cabeça, Morana manteve os olhos fixos no assassino.

Do nada, ela viu a ponta de uma faca pressionando seu pescoço.

“A senhora fez uma pergunta.”

Morana observou, atordoada, o assassino reagir à lâmina e àquela voz. Uísque, pecado e morte. Tanta morte.

De onde diabos ele veio? Ela estava de frente para a linha das árvores o tempo todo e nem sequer vislumbrou uma sombra deslizando ao redor. Como?

O assassino destrancou a arma. A faca pressionou um ponto em sua garganta em repreensão silenciosa, o ponto que o Predador havia dito a ela que a faria sangrar lentamente e desejar a morte, demonstrando em seu primeiro encontro. Ela viu uma gota de sangue escorrer pelas roupas escuras do assassino.

“Estou a um segundo de cortar sua garganta”, Tristan advertiu, sua voz tão arrepiante que ela estremeceu. “Eu sugiro que você comece a responder algumas perguntas.”

O assassino olhou para ela. “Você não deveria cavar túmulos antigos.”

Antes que ela pudesse piscar, o homem torceu o braço, girando a arma e atirou na cabeça.

Um grito a deixou e ela bateu as mãos sobre a boca, um choque correndo por ela enquanto observava o assassino agora morto cair, o sangue dele espirrando sobre Tristan. Ela

ficou enraizada no local, os saltos caindo das mãos dormentes, enquanto observava Tristan rapidamente embolsar a faca, agachando-se para acariciar o cadáver rapidamente.

Morana ficou congelada.

Ele encontrou uma carteira, tirando-a e vasculhando-a, antes de embolsá-la também. De repente, parando, como se lembrando que ela ainda estava lá, ele olhou através de um rosto coberto de sangue, tanto sangue, seus olhos azuis brilhando com algo frio. Aqueles olhos a examinaram rapidamente, completamente, antes de travar com os dela.

“Volte para casa”, ele ordenou calmamente, sem se levantar.

Morana abriu a boca para dizer algo, mas ele balançou a cabeça, apenas uma vez, silenciando-a pela primeira vez. Ela nem sabia o que diria. Sua mente estava em branco. Só a ideia de ficar para trás com o corpo a fez sentir náusea de repente.

Ela engoliu em seco, seus olhos indo para a casa dele a poucos metros de distância, demorando-se, voltando para ele em uma pergunta silenciosa.

Os olhos dele brilharam. Ele não respondeu.

Um pouco desanimada por ainda não ter sido convidada, Morana suspirou e se moveu ao redor dele e do cadáver em direção à linha das árvores.

“E mande uma mensagem para Dante”, sua voz disse atrás dela, ainda quieta. Ele estava no seu modo, mas algo estava fervendo sob a superfície, de uma maneira que ela não o tinha visto antes. “Diga a ele para chegar aqui.”

Morana assentiu, puxando o contato no telefone, fazendo a ligação. Dante atendeu no segundo toque.

“Morana”, ele cumprimentou, sua voz neutra. Ela podia ouvir a festa ao fundo.

“Você precisa vir à beira do lago”, ela disse, sua voz tão neutra, surpreendendo-a. Ela parecia tão calma, muito calma.

Dante fez uma pausa. “Vocês dois estão bem?”

Morana olhou para o cadáver, depois para Tristan, ainda coberto de sangue, verificando a arma do homem. Ela engoliu em seco. “Acho que sim.”

“Eu estarei aí em 5.”

Dante desligou e Morana transmitiu as informações para Tristan. Ele assentiu e olhou para a casa.

Morana hesitou, parte dela querendo ficar e ajudar. Mas ela não sabia nada sobre como cuidar de cadáveres e o que fazer com eles. Não era o forte dela. E olhando para o rosto estourado do assassino, ela nunca, jamais desejou que fosse seu forte.

“Eu preciso que você saia agora”, Tristan disse a ela, ainda agachado no chão. Ele precisava que ela fosse embora. Ele precisava que ela fosse para que ele pudesse fazer o que tivesse que fazer. Ela era uma distração no momento. Percebendo isso, Morana assentiu e voltou para a casa sem se virar para olhar para trás, seus passos rápidos. Felizmente, ela não encontrou ninguém no caminho. Entrando pela porta principal, ela subiu as escadas e foi direto para o quarto, trancando a porta atrás de si.

Soltando um suspiro trêmulo, a reação finalmente começou. Com as mãos trêmulas, ela tirou o vestido e as joias, empurrando-as e indo direto para o chuveiro. Entrando, ela fechou os olhos quando a água quente derramou sobre ela, a imagem do assassino atirando em sua cabeça, seu sangue pulverizando de volta por Tristan, queimando em sua memória. Esfregando a pele, como se o sangue estivesse sobre ela, Morana tremeu na água morna, seu corpo tremia enquanto tentava acalmá-lo.

Estava tudo bem. Nada aconteceu. Ela estava bem. Ele estava bem. Ela estava bem. Ele estava bem.

Ela repetiu repetidamente como um mantra, eventualmente sentindo seu coração pegar seu ritmo normal. Soltando um suspiro, ela desligou a água e se enrolou em uma toalha, seu cérebro finalmente juntando os pedaços.

Tristan montou uma armadilha.

Como um verdadeiro predador, ele pegou a faca dela, talvez porque estivesse desarmado, e a deixou na pista de dança, sabendo que ela quereria escapar e seu futuro assassino a seguiria. De alguma forma, sem que ela ou o assassino conseguisse a menor dica, ele os seguira, perseguiu. E então ele teve o outro homem exatamente onde o queria – do outro lado da faca.

Entrando em seu pijama novo e fofo, uma sensação de conforto passando por ela, Morana deitou-se na cama, apagando a luz. Com os olhos abertos, ela assistiu as luzes do lado de fora brincarem no teto, ainda surpresa por toda a noite, na reunião com o homem que era seu 'novo amigo', na maneira como Tristan reagiu na festa e depois em tudo o que havia acontecido à beira do lago.

As últimas palavras do homem ecoaram em sua cabeça. Palavras que ele havia dito antes de se matar. Ela estava cavando túmulos antigos e alguém, em algum lugar, realmente queria mantê-los enterrados. Mas o fato é que ela não tinha ideia do que estava procurando e que queria silenciá-la tanto que mandaram um assassino para a casa dos Maronis. Não lhe escapou a atenção que alguém corajoso o suficiente para enviar alguém de fora para a propriedade de Maroni estava realmente desesperado ou destemido. Ela considerou se era o próprio Maroni, mas descartou a ideia imediatamente. Se algo acontecesse com ela, ele seria o primeiro suspeito de Tristan e ele se rebelaria direto contra ele, o que Maroni não podia arcar no momento por algum

motivo. Não poderia ser o pai dela, não depois da cena que testemunhara entre ele e Tristan.

E ele a protegeu, mais uma vez.

Ela não queria ser protegida, mas era realista o suficiente para saber que no mundo em que vivia, ter a proteção de Tristan era a única coisa que a mantinha viva, especialmente depois dos inimigos que ela havia feito sem saber. Ela ficou agradecida por isso.

Enquanto ela olhava para o teto, uma parte dela desejou que ele tivesse dito para ela entrar em sua casa. Ela estava curiosa sobre o espaço dele, sim, mas mais do que isso, queria ser convidada para onde ninguém fora com ele. Ela queria, um dia, olhar para o teto dele na cama com o corpo dormindo ao lado do dela.

Mas ele não confiava nela o suficiente para isso, ainda não. E honestamente, ela realmente não podia culpá-lo. Enquanto ela estava mais aberta a eles, ela estava segurando uma parte de si mesma também. Eles estavam progredindo, mas Deus, eles eram lentos. Ela só esperava que eles continuassem avançando e não voltando. Ela estava disposta a dar a ele o tempo que ele precisasse para lidar com as coisas, mas teve que cutucá-lo para se comunicar, se não com palavras, de alguma outra maneira.

Suspirando, apagando sua mente de tudo o que havia acontecido hoje à noite e deixando para amanhã, Morana fechou os olhos e deixou o sono assumir o controle.



Algo a acordou.

Morana ficou relaxada, mantendo os olhos fechados enquanto deixava seus sentidos se expandirem pelo quarto. Os cabelos da nuca dela se arrepiaram. Havia luz no quarto – luz que ela podia sentir de olhos fechados.

Nervos tensos, um nó baixo na barriga, Morana abriu os olhos apenas uma fenda.

A porta do quarto dela estava aberta.

Seu coração começou a bater forte.

Ela automaticamente procurou a faca ao lado do travesseiro e não encontrou. Tristan ainda a tinha. Porra.

Sem outro pensamento, ela estendeu a mão para a luminária de cabeceira, qualquer coisa para se defender, assim como uma grande silhueta se moveu para ela.

Ela abriu a boca para gritar.

E o barulho se afogou atrás do travesseiro enfiado em seu rosto.



Confortar

O que dizem sobre a vida piscando diante dos olhos durante aquele momento de acerto de contas? Eles mentiram.

Morana não teve nenhum flash, nenhum momento do passado invadiu sua mente naquele segundo, nada, exceto a necessidade mais primitiva de sobrevivência, abrindo caminho até a frente quando o travesseiro a sufocou. Com os pulmões queimando, tentando se reabastecer com o oxigênio que lhes era privado, Morana lutou contra a forma que a segurava, suas pernas tremendo de um lado para o outro. Seus ruídos abafaram contra o enchimento do travesseiro. Suas mãos tentaram arranhar e machucar o agressor. Seus dedos fizeram contato com couro nos braços musculosos, escorregando, suas unhas se abrindo na luta. A dor foi diminuída pela intensa queimação no peito e pelo entorpecimento metódico do rosto.

O pânico tentou se espremer em seu coração e, em uma fração de segundo de clareza, Morana sabia que não podia deixar o pânico vencer. Não naquele momento. Se o fizesse, o bastardo acima dela teria sucesso. Ela morreria em sua cama de pijama novo enquanto uma festa acontecia no térreo. Ela morreria e Tristan detonaria. Ele destruiria em seu caminho

para a dizimação, pessoas como Dante e Amara e centenas de inocentes que não mereciam isso.

Ela não poderia morrer. Ela não conseguia acioná-lo. Não nesta fase da sua vida. Ela finalmente encontrou algo pelo qual vale a pena viver. Ninguém poderia arrancá-lo dela. Agora não. Ela tinha que fazer isso. Ela tinha que viver.

Tremendo da cabeça aos pés, ela estendeu o braço direito para o lado onde estava antes, soltando sua resistência contra o travesseiro por um segundo. Imediatamente, a pressão sobre o rosto dela aumentou exponencialmente, o pânico pela sobrevivência queimando através dela novamente. Ela se recusou a deixá-lo vencer, estendendo demais os músculos do braço, sentindo a tensão no ombro. Ela não se importou.

Seus dedos fizeram contato com o metal frio da luminária de cabeceira. Puxando um músculo com a tensão, ela alcançou. Sem hesitar, ela a agarrou com força e a trouxe violentamente na direção de seu agressor.

E errou.

Ela balançou novamente, e novamente, e novamente, finalmente fazendo contato com carne sólida.

O agressor tirou as mãos do travesseiro para bloquear seu ataque fraco, mas foi o suficiente. Jogando-se da cama para o lado, ofegando alto pelo ar de repente disponível, Morana caiu no chão com força. As costas dela se arquearam

contra o impacto, o cóccix machucado. Indiferente a tudo isso, ela olhou para a figura masculina sombreada vestindo uma balaclava, vindo para ela novamente. Instintivamente, jogando o pé direito no ar, ela o chutou entre as pernas e o chutou com força.

O pé dela fez contato com a virilha dele e o homem gritou de dor, segurando suas bolas enquanto Morana tentava lutar por uma arma. A mão dele envolveu seu tornozelo e a arrastou de volta para baixo. O medo frenético tentou agarrá-la novamente e Morana deliberadamente manteve a cabeça fria, deixando seu cérebro chutar. Deslizando pelo chão enquanto ele a puxava, Morana abriu as pernas e prendeu a cabeça entre as coxas, apertando por sua vida. Os choramingos deixaram sua boca, seu peito arfava quando ela agarrou o fio conectado à lâmpada e o trouxe para ela. O agressor lutou entre as pernas, a pressão no crânio dele era imensa, o movimento intenso dele coçou as coxas dela, e tudo mais.

Sentindo-se enojada, Morana bateu a luminária no crânio, atingindo-o com a ponta do cabo de metal. O agressor procurou a mão para impedir o ataque e o vidro da lâmpada, que já havia caído em seu primeiro ataque, cortou a palma da mão. Com o coração explodindo em seu peito, Morana ofegou, tentando desviar das mãos dele quando chegaram ao rosto dela, tentando controlar seu pescoço, nariz, orelhas, todos os pontos vulneráveis.

Evitando-o enquanto mantinha a metade superior imóvel, ela o atingiu novamente, sabendo que era apenas uma questão de tempo antes que ele a pegasse ou a batesse no chão. Sua única opção era nocauteá-lo antes que ele pudesse se orientar. Com isso dirigindo sua sobrevivência, a lâmpada tremendo em seus braços, ela a derrubou novamente.

Felizmente, desta vez, ele ficou mole. Respirando com dificuldade, Morana lentamente se arrastou de volta em suas mãos, liberando-o de suas coxas, os músculos tremendo com o esforço. O corpo dele caiu de lado e ela o encarou, a luminária ainda apertada firmemente em suas mãos, estremecendo loucamente enquanto tentava recuperar o fôlego. A adrenalina atingiu o teto de seus vasos sanguíneos. Os rugidos em seus ouvidos bateram em seu crânio enquanto ela encarava a forma do homem, esperando que ele revivesse a qualquer segundo e atacasse novamente.

Depois de alguns segundos, quando isso não aconteceu, Morana cautelosamente se aproximou e agarrou a ponta da máscara. Ele ainda estava respirando.

Uma mão ainda segurando sua arma, ela tentou puxar a máscara, o músculo que ela puxou em seu ombro, gritando para ela parar a atividade. Ainda com muita adrenalina no sangue, Morana conseguiu colocar a máscara quase na testa sozinha. Não havia lembrança em sua mente de tê-lo visto antes. Ela não o conhecia, mas a amaldiçoaria se não o fizesse até amanhã.

Levantando-se com as pernas trêmulas, ela rapidamente pegou o telefone de onde havia caído da mesa de cabeceira em sua luta. Pegando a câmera, ela rapidamente clicou em uma série de fotos, o flash cegando-a momentaneamente no escuro. Nem uma vez ela pairou para analisar os traços dele, como faria normalmente. Nada sobre isso era normal.

O homem despertou um pouco dos vários flashes, os olhos se abrindo, piscando por alguns segundos quando ele agarrou, sua mão indo para uma cabeça que devia doer algo feroz.

Ele viu Morana e imediatamente pegou uma faca em sua bota, algo que o idiota deveria ter feito há séculos. Se ela fosse uma assassina, ela simplesmente cortaria sua garganta enquanto dormia. Mas o que diabos ela sabia sobre assassinos? Talvez ele tivesse uma queda por sangue, ou talvez tivesse algum tipo de modus operandi com o qual operasse. Fosse o que fosse, ela, com certeza, não ficaria por aqui para testá-lo.

Telefone apertado em suas mãos, Morana jogou a luminária – aquela salva-vidas – para ele para desviar sua atenção e correu para a porta.

Ela o ouviu lutar atrás dela, mas não esperou para ouvir muito. Correndo escada abaixo, sem saber se o agressor a estava seguindo, apenas capaz de ouvir o sangue correndo por seus ouvidos e sua própria respiração ofegante, Morana se concentrou em sair da mansão.

Chegando ao térreo, ela parou. Os sons da música tocando nos fundos da casa flutuavam através do sangue em seus ouvidos e Morana hesitou no pé da escada, sem saber em que direção seguir. Se ela fosse à festa, seu pijama arruinado, os cabelos desgrenhados, com os pés descalços, ela tinha certeza de que chamaria muita atenção, mas não podia arriscar nada. Ela não sabia se Tristan ou Dante estariam lá, ou ainda no lago, ou em outro lugar. Mas lá fora, os guardas poderiam patrulhar e eles sabiam que ela era "a garota de Caine". E mesmo que ela fosse um alvo aberto, ela tinha que correr esse risco.

Decisão tomada, Morana correu pelo vestíbulo vazio e saiu pelas portas. As luzes ao redor dos gramados estavam apagadas. Ela não tinha ideia de que horas eram, mas a lua e as luzes baixas eram assustadoras. Melhor para escondê-la nas sombras. Deslizando rapidamente para a sombra da casa, Morana correu para o oeste, em direção à casa de Dante. Ela queria, realmente queria, ir para o lago, mas havia uma enorme possibilidade de que Tristan não estivesse em casa e ela seria um alvo sentada lá fora. Pelo menos, na casa de Dante, ela sabia que definitivamente haveria alguém para deixá-la entrar. Ela esperava. Ele lhe dissera que tinha funcionários 24 horas por dia quando a convidara para ficar, e ela poderia muito bem aceitar sua oferta agora. Não havia como ela voltar para ficar na mansão novamente. Ela se mudaria para um hotel ou alugaria sua própria casa, se fosse o caso. Mas se ela sobrevivesse à noite, não voltaria a dormir

naquele quarto novamente, Maroni e sua laia sejam condenados.

Ela ouviu a conversa de um grupo de guardas perto da entrada da festa, mas ficou quieta.

E então ela ouviu a porta principal da casa abrir novamente. Ela olhou para trás e viu o agressor, quase camuflado na escuridão, enquanto estava iluminada como um farol com seu pijama claro. Abandonando toda a sensação de furtividade, com o coração trovejando de vingança, Morana correu para a casa que podia ver ao longe, descendo a colina, as pequenas luzes a guiando.

A grama amorteceu seus pés descalços, as gotas de orvalho agarradas a eles tornando-a escorregadia à sua velocidade. Mas foda-se, ela prefere morrer quebrando o pescoço do que deixar aquele idiota pegá-la. Coxas queimando, tanto pela velocidade quanto pela luta anterior, com os lados doendo, implorando para que ela diminuísse a velocidade, Morana apenas caminhou em direção à casa. Não diminuindo a velocidade, bufando com o esforço, ela podia ver a casa se aproximando cada vez mais.

Só um pouco mais.

O corpo dela tremia. Uma pedrinha cortou seu pé. Ela gritou, tropeçou, mas não parou. Ela podia sentir o corte ficando sujo e o sangue misturando-se com a grama debaixo dela. Seus cabelos grudavam no couro cabeludo, o suor de toda a atividade cobrindo sua pele.

Seis metros.

As luzes diminuíram à medida que ela se afastava da mansão. A escuridão a envolveu, o medo assaltando-a novamente quando ela percebeu que poderia ser atacada de qualquer lugar e não ver isso acontecer. Seus olhos ardiam e ela podia sentir seu corpo pronto para deixar ir. Não estava acostumada a isso, esse tipo de abuso repentino que ela estava passando. Ela se exercitava, com certeza, mas, nunca tão extensivamente. Seu corpo não estava preparado para lidar com isso. Ela começaria a treinar. Se ela sobrevivesse à noite, como estava se tornando seu mantra, jurou que começaria a treinar mais, para o caso de algo assim acontecesse novamente. Ela mal escapara de seu quarto esta noite pela ponta dos dentes. Isso não funcionaria toda vez, então ela precisava se equipar de maneira a ser forte o suficiente com ou sem armas. Como Tristan era. Deus, ela esperava ter conseguido. Eles tinham acabado de começar. Ela não poderia morrer, não agora.

Três metros.

O suor nas palmas das mãos estava dificultando a manutenção do telefone. Ela passou, o cabelo uma bagunça, os pés enlameados, a camiseta quase fora do ombro. Ela tinha que chegar lá, apenas chegar lá. Então ela entraria em colapso. Então ela dormiria e nunca mais acordaria. Mas Deus, ela tinha que fazer isso. Ela não se atreveu a parar por um segundo para olhar por cima do ombro. O homem pode estar alcançando, quase respirando pelo pescoço dela. Ou ele

poderia ter se escondido na escuridão. Ela não sabia o que era pior.

Quase lá.

Subindo os degraus baixos, dois de cada vez, ela correu para a grande porta de madeira e bateu nela, seus punhos protestando contra o impacto duro e repetido.

"Dante", ela tentou falar, mas mal saiu, seu corpo inteiro tremendo. Ela olhou para trás. Longe da mansão, não havia luzes penduradas no gramado. A escuridão a cercava e seu agressor estava no escuro. Ela não tinha ideia de onde ele estava.

Lágrimas se formando em seus olhos, a boca do estômago apertada, Morana continuou batendo na madeira, repetidas vezes, até ouvir movimentos do outro lado.

De repente, a porta se abriu e Dante, vestido apenas com um jeans, ficou parado, com uma arma apontada para ela na mão.

Morana nunca ficara tão aliviada ao ver alguém em toda a sua vida.

Ela mal viu o choque no rosto dele antes de se lançar para ele, seu corpo ficando completamente mole quando ele a puxou para dentro, fechando a porta atrás dele.

“Morana”, ela o ouviu dizer, apenas parada ali, com o rosto no peito dele, pendurada nos ombros dele, seu corpo inteiro tremendo tanto que ela mal conseguia ficar ereta.

“Morana”, ele murmurou novamente e ela percebeu que estava soluçando incontrolavelmente, a adrenalina ainda alta em seu corpo.

“Ei, ei, conte-me o que aconteceu. Morana, você está machucada?”

Ela tentou falar, mas as palavras não saíram. A sensação de sua boca sendo sufocada pelo travesseiro retornou, soluços deixando sua garganta, mas sem palavras.

“Dante”, ela ouviu a voz de alguém vindo atrás dele.

“Zia, você pode me trazer meu telefone?” Dante disse, simplesmente segurando a parte de trás da cabeça de Morana em uma mão enorme, esfregando-a em um movimento suave enquanto tentava guiá-la a andar com a outra mão. Suas pernas estavam dormentes, pés grudados no chão. Ela não conseguia se mover do local.

"Eu vou pegá-la, Morana, ok?" Dante disse a ela lentamente como se estivesse falando com uma criança. "Não se preocupe, você está segura agora."

Ela o sentiu se curvar e pegá-la. Morana, por algum motivo, não se apegou à sua forma gigante, mesmo com medo de se soltar, os sons de seu peito finalmente permeando todo o barulho de seu sangue. Dante a levou para algum lugar, ela

não viu. Seus olhos estavam fechados, tentando erradicar as sensações do ataque, subitamente atacando-a novamente.

Ela sentiu Dante pousá-la em algum lugar suavemente, almofadas afundando sob ela e ele se afastou. Morana manteve os olhos fechados por um longo minuto, tentando controlar a respiração, consciente de toda a dor em seu corpo.

“Tristan”, ela ouviu Dante falar, seu coração disparando novamente pelo nome dele. “Você precisa chegar aqui. Agora.”

Houve um silêncio por um segundo antes de Dante declarar. "É Morana."

Mais silêncio.

“Algo aconteceu... eu não sei... tudo bem.”

Morana levantou as pálpebras, bem a tempo de ver Dante fazer a ligação. Ele parecia ainda maior da posição sentada dela e Morana notou a multidão de tatuagens tribais espalhadas por seu torso em padrões aleatórios e estranhos. Ela olhou em volta, para ver que estava na sala onde trabalhara, com o laptop ainda sobre a mesa.

Zia entrou na sala, chegando até ela com um copo de água. Morana, com a garganta apertada, aceitou o copo e engoliu o líquido gelado apenas para encontrar os dois a observando. Zia, tirando o copo, acariciou a mão enrugada sobre a cabeça em um gesto tão maternal que Morana desmoronou novamente.

“Oh, criança”, Zia murmurou, acariciando seus cabelos novamente enquanto Dante se agachava diante dela, segurando as duas mãos trêmulas nas dele, seus olhos de chocolate olhando nos dela.

“O que aconteceu?”, ele perguntou novamente, quase gentilmente, e Morana, naquele momento, o amava por isso. Apenas suas grandes mãos segurando as dela, sua presença, sua casa – ela desejou ter crescido com ele. Lágrimas escaparam dela ainda mais, por tudo, velho e novo, nenhuma palavra saindo de seus lábios. Toda vez que ela abria a boca, sentia o travesseiro tentando abafá-la, seus lábios e nariz esmagando com a força.

De repente, a porta da sala se abriu e Morana se encolheu, os olhos olhando para ela com medo.

E então o medo a deixou completamente.

Tristan estava lá, com o cabelo bagunçado, em jeans e uma camiseta que ele vestia de dentro para fora, seus olhos freneticamente vindo para ela.

Ela o viu examiná-la inteiramente em dois segundos, observando todos os detalhes, dos pés aos cabelos. E, pela primeira vez, Morana viu seus magníficos olhos azuis enlouquecerem.

Ele *estalou.*

Como um laser, ele caminhou até onde ela estava, ignorando todos os outros na sala. Ela não conseguia desviar

o olhar. Seu coração, que havia sido exercitado demais naquela noite, finalmente desacelerou um pouco. Ela o observou, com lágrimas no rosto, todo o seu ser desmoronando porque ele estava lá. Ele estava lá. E Deus, ela estava muito machucada.

Assim que ela tentou se mover em sua direção, ele a alcançou. Com as mãos ao redor dela, ele a puxou do sofá e sentou-se, mantendo-a de lado no colo dele, uma das mãos na parte externa da coxa dela, a outra no cabelo, segurando-a com força. Sua orelha pressionou contra o coração dele e ela podia ouvir a rapidez com que batia. Ao ouvir, a tensão em seu corpo personificada pela pulsação de seu coração, Morana sentiu seu próprio aperto em resposta ao chamado.

Relaxando pela primeira vez naquela noite, Morana encontrou o local entre o ombro e o pescoço dele novamente, o que descobrira naquele mesmo sofá horas atrás, e apertou o nariz, a boca e o rosto inteiro na pele quente dele. Suas lágrimas molharam o local, suas respirações o aqueceram. Ela sentiu as mãos dele apertarem por um segundo antes de soltar novamente. A mão na parte externa da coxa começou a esfregar lentamente a pele em um movimento suave, a mão no cabelo pressionando o rosto suavemente naquele local.

Em sua mente, Morana substituiu a sensação daquele travesseiro frio pelo calor do pescoço, substituiu o sufocamento do nariz mais ou menos pelo sopro do nariz suavemente. Ela o inalou, deixando que o cheiro dele – apenas almíscar e ele a essa hora tardia – penetrasse em sua

corrente sanguínea e substituísse a adrenalina. Ela passou os braços em volta do corpo duro e sólido dele, os dedos segurando o algodão pela vida, enquanto o tremor em seu corpo se intensificava, a adrenalina finalmente se dissipava.

Ele a segurou através de tudo.

E lentamente, depois de minutos, quando seus tremores se acalmaram o suficiente e seu sangue começou a fluir mais naturalmente, ela o sentiu pressionar um beijo suave e simples em seu ouvido.

Os lábios dela tremeram contra a pele do pescoço dele.

Os braços dele a apertaram.

E lá, ela se sentiu segura. Protegida. Como se todos os agressores do mundo não pudessem chegar até ela. Ela sabia que ele não os deixaria chegar até ela.

“Morana”, ela ouviu Dante falar novamente, suave. Ela virou a cabeça levemente, olhando para ele através dos olhos inchados, com a visão um pouco embaçada.

“O que aconteceu?”, ele perguntou, sua voz pedindo que ela falasse.

Ela engoliu em seco. Focalizando a pulsação ao lado do nariz dela, expandindo o peito enquanto ele inspirava e esvaziava enquanto exalava, Morana tentou combinar suas próprias respirações em sincronia com as dele, assim como ela fez na cobertura quando ela teve o ataque de pânico. Ela

se concentrou na vida nele e abriu a boca, descolando a língua. Parecia pesada. Ela se sentiu pesada.

“Havia...”, ela começou, com a voz rouca, “alguém no meu quarto.”

Como ela fez na festa, ela o sentiu ficar quieto, todos os músculos contra os dela. Peito, costas, bíceps, antebraços, coxas. Até o pescoço dele. Os músculos ficaram tensos em um momento de súbita quietude.

“Como assim, alguém estava no quarto?” Dante perguntou, a raiva em sua voz rompendo sua análise do homem em que ela estava sentada. Olhando de soslaio para Dante, ela falou, sua voz ainda não normal por algum motivo insano.

“Alguém estava no quarto quando eu acordei”, disse ela, sua voz quase um sussurro, mas alta o suficiente para os dois homens ouvirem na sala silenciosa. “Ele atacou. Eu escapei e cheguei aqui.”

Ela viu Dante olhar sobre ela, seus olhos brilhando de raiva e piscando até Tristan, cujos olhos ela não podia ver. Ou ela estava nos olhos dele ou se aconchegava no local quente e confortável em seu pescoço. Agora, ela escolheu o pescoço. Além disso, a maneira como ele a estava segurando era *realmente agradável*. Aconchegante, quente, confortável e segura, Morana, de repente, sentiu suas pálpebras pesando sobre ela, seu corpo inteiro se sentindo pesado.

Ela ouviu Dante dizer algo em tom baixo e o peito de Tristan roncar, mas tudo parecia abafado quando Morana se ajustou a ele e se acomodou, fechando os olhos, adormecendo, sabendo que nada a atacaria na próxima vez que acordasse.



Foi um movimento que a acordou.

Entrando em pânico, lembrando-se do ataque, pensamentos de estar presa, alguém se pressionando contra ela, inundaram sua mente.

“Shh, shh”, o sussurro suave com sabor de uísque e pecado derramou sobre ela, entrando em seus ouvidos, infundindo em seu sangue, flutuando por todas as partes do corpo, aquecendo-a de dentro para fora.

Todo o seu ser relaxado. As outras memórias pós-ataque vieram para ela agora – a fuga, a casa de Dante, Dante, Zia e, finalmente, Tristan. Ela adormeceu nele como o pequeno coala que estava se tornando com ele. Ela não podia acreditar que realmente dormiu, não ao redor dele, mas sobre ele.

O movimento continuou.

Abrindo os olhos para ver a escuridão ao seu redor, Morana percebeu que estava sendo carregada por ele, uma

das mãos sob os joelhos e a outra ao redor dos ombros. Colocando os braços em volta do pescoço dele, Morana tentou espiar no escuro, mas não conseguiu.

E apesar de ter sido atacada, apesar de toda a noite encobri-los, apesar de perceber que seu agressor poderia estar muito próximo, Morana não sentiu nem um pouco do medo anterior olhando para o escuro.

O homem que a segurava era a escuridão. Ele estava confortável no escuro, camuflado no escuro, possuía o escuro. E enquanto ele a segurasse do jeito que ele segurava em seus braços, aquela escuridão era dela. Pertencia a ela. Ela estava confortável nela, segura nela, misturada nela. Ela não sabia onde ele a estava levando. Ela não se importou. Ele poderia carregá-la para uma caverna por tudo que ela se importava. Depois de uma vida passada lutando por si mesma, depois daquela noite de luta pela sobrevivência, foi por isso que ela lutou e por quem viveu. Esse momento precioso, silencioso e suave, onde, mesmo nas noites mais escuras, ela não estava sozinha. Ela chegou à costa sozinha e ele a carregou de lá.

Ela ouviu o batimento do coração dele de novo – baque, baque - dentro de seu peito, onde sua orelha estava pressionada. Batia normalmente agora, não no ritmo brutal que estava antes.

O vento estava frio em seus braços e pernas nuas e um arrepio percorreu seu corpo. Seus braços a puxaram para

mais perto de seu corpo, o calor irradiando de sua pele, e ele continuou a andar. Morana queria fazer perguntas, mas isso significaria quebrar o silêncio, perturbar os sons de seus batimentos cardíacos e criaturas noturnas, e ela não queria fazer isso. Mesmo quando os músculos que ela não conhecia em seu corpo doíam e o ombro pressionado em seu peito doía e suas coxas pareciam ter sido abertas, ela estava descansada.

O brilho da luz fez Morana virar a cabeça e olhar na direção da fonte. Veio de uma casa.

A casa dele.

Surpresa a atingiu quando ela olhou para a luz, certificando-se de que ela não estava confundindo com alguma outra estrutura. Não. O mesmo lago, a mesma varanda, a mesma cadeira em que ela queria se sentar.

Ele a estava levando para sua casa.

Oh, Deus.

Oh, Deus.

Ela sentiu seu coração bater forte novamente, uma grande loucura a caminho de colidir com ela.

Engolindo em seco, Morana abriu a boca para dizer algo, desta vez sem saber se seu silêncio era por causa do ataque ou do choque. Ela virou a cabeça para olhá-lo e, depois de alguns minutos, sentindo seu olhar firme, ele olhou para ela.

Os olhos dele, sombreados pela pouca luz, trancaram nos dela e Morana sentiu os dedos apertarem o pescoço sólido dele. Ela sabia que as perguntas estavam brilhando em seus olhos e ela podia ver as respostas nos dele.

Eles chegaram à frente do lago – exatamente onde o outro corpo havia caído, de fato – e depois foram para a varanda.

Ela tinha que dizer alguma coisa.

“Você...”

Antes que ela pudesse divulgar mais alguma coisa, ele parou em frente à cadeira de aparência muito confortável que ela contemplara em sentar-se e deslizou-a pelo corpo dele, direto na cadeira. Com os braços ainda em volta do pescoço, Morana olhou para a pouca luz que derramava de dentro da casa, lançando o rosto nas sombras. Ela procurou os olhos azuis dele quando ele olhou para o rosto dela, os olhos flutuando até a testa antes de retornar aos dela.

Ele levantou a mão, acariciando o polegar sobre a bochecha dela uma vez, antes de se endireitar.

Morana viu quando ele tirou uma chave do bolso de trás, pressionou alguns códigos no alarme ao lado e abriu a porta. Ele olhou para ela, dando-lhe um movimento de ‘fique aqui’ com a mão antes de entrar. Morana sentiu as sobrancelhas subirem levemente com isso. De alguma forma, ela não pensou que era para esconder qualquer boxer suja ou

algo dela. Ele não parecia do tipo que tinha qualquer tipo de confusão ao seu redor. Não, pelo que ela sabia dele e pelo que vislumbrara em sua cobertura, tudo estava em seu lugar em sua casa. Coisas simples que ele poderia controlar.

A cadeira era muito caseira. Ela estava certa. E agora que ela estava relaxada na almofada, a dor no cóccix se enfileirava na fila com os outros. Porra, ela precisava de um bom banho longo e quente.

Suspirando, ela olhava para o lago quando ele voltou.

Distraída, ela o viu se aproximar dela e pegá-la novamente. Com as mãos automaticamente ao redor dele em busca de apoio, Morana olhou para o rosto dele, para a barba que se espalhava em sua mandíbula, e depois para a porta.

Ele foi até lá.

Seu coração começou a acelerar novamente.

Isso era grande. Enorme. Imenso. Ela sabia disso. Ele sabia disso. E ele ainda estava dando passos em direção a isso.

Respirando fundo, Morana observou enquanto ele a carregava acima do limiar, parando por um segundo dentro para fechar a porta com os pés.

A trava clicou.

O alarme armou.

Ela estava dentro.

Puta merda.



Seus olhos olhavam ao redor, tentando entender. Eles estavam em algum tipo de vestíbulo, a porta à esquerda estava fechada e uma à direita levava a uma sala mal iluminada, pelo que ela podia dizer. Logo à frente deles havia um corredor que eles estavam atravessando, no final dos quais havia um grande conjunto de escadas que levavam para cima.

Morana inconscientemente agarrou seu ombro quando ele começou a subir, a luz noturna o guiando. Ela podia ver as paredes decoradas com quadros de algum tipo, mas mal conseguia vê-los na velocidade e na luz dele. A arquitetura, ela percebeu quando pararam no topo da escada, era semelhante à cobertura. As escadas simplesmente se abriram para um quarto principal gigantesco.

Havia apenas uma luminária de cabeceira acesa. Antes que ela pudesse captar mais detalhes, eles foram para a porta no outro canto da sala, o espaço enorme. E depois de carregá-la da casa de Dante para a dele e subir as escadas, ele nem estava respirando pesado. Sério, o que ele come? Após o estado de seu corpo, ela percebeu que precisava seguir a dieta dele. Resistência do corpo seriamente ajuda junto com resistência do cérebro.

Eles entraram pela porta de um banheiro enorme e mal iluminado, muito maior que o dela na casa do pai ou o de hóspedes na cobertura dele. O homem claramente gostava do seu espaço.

Morana observou a água fumegando na banheira e um gemido de prazer escapou dela, logo ao vê-la. Ele era vidente. O aroma de limão e canela permeava o ar.

Morana desceu dos braços dele, os braços dele nas costas dela novamente para segurá-la. Ela se inclinou para ele, e as mãos lentamente puxaram sua camiseta e a despiram. Morana empurrou seus shorts destruídos e os deixou se juntar ao chão em uma pilha.

Ele indicou a água e Morana, nua como uma gaivota, mas confortável naquela nudez com ele, caminhou até a banheira. Cuidadosa com suas dores e machucados, Morana colocou um pé, depois o outro, e abaixou-se. A água, água benta e quente, envolveu-a nos abraços mais quentes.

Um barulho escapou de sua garganta – um cruzamento híbrido entre um gemido e um ganido. Ela fechou os olhos, abaixando a cabeça sob a água antes de subir, sentindo-se mais limpa do que esteve a noite toda. Ele já havia feito isso antes, quando ela o procurou depois que o pai a deixou cair da escada. Ele ficou em silêncio, mas ofereceu seus cuidados, preparou um banho para ela. Naquela época, tocou-a, comoveu-a, surpreendeu-a – tanto sua gentileza quanto a de Dante. Agora, inclinando a cabeça para trás, deixando a água

bater em seus músculos cansados, Morana ficou surpresa ao perceber que não estava surpresa com essa gentileza. De alguma forma, ela ficou confortável o suficiente para esperar isso dele.

Ela não sabia como se sentir sobre isso.

Limpando o rosto, Morana abriu os olhos, esperando se encontrar sozinha.

Ela não estava.

Tristan estava perto da pia, pegando uma toalha e algumas garrafas e vindo em sua direção.

Ela piscou para ele surpresa, sem entender.

“O que você está fazendo?”, ela perguntou suavemente, observando-o.

Ele simplesmente se ajoelhou no chão atrás da cabeça dela em resposta.

Suas mãos grandes e ásperas, mais à vontade com o manuseio de armas letais, passaram lentamente pelas bochechas dela, gentilmente, como se ele estivesse com medo de aplicar muita pressão. Ele esfregou mais a pele quando removeu a maquiagem. O toque dele era leve, mas firme, passando um pano macio nas bochechas, no queixo e na testa.

Morana inclinou a cabeça para trás, relaxando, deixando-o cuidar dela de uma maneira que nunca havia sido

cuidada e de uma maneira que duvidava que ele cuidasse de alguém há muito tempo. Ambos mereciam isso. Isto era *deles.*

Silenciosamente, ele entregou o pano para ela e Morana olhou para baixo, surpresa ao encontrar o tecido branco vermelho pálido. Ela olhou para a sombra confusa e lembrou-se de seu agressor se cortando e tentando agarrar seu rosto. Ele tinha manchado sangue no rosto dela.

E Tristan tinha limpado.

Novamente.

Com o coração apertado, os dedos apertando o pano, ela sentiu os lábios tremerem quando as mãos dele chegaram ao cabelo molhado. O cheiro de seu xampu masculino atingiu suas narinas e Morana se forçou a respirar com calma. Os dedos dele, os dedos seguros, massagearam firmemente o xampu sobre o couro cabeludo, ensaboando as suas madeixas. Morana inclinou a cabeça para trás, gemendo com a sensação incrível. Suas mãos pararam por uma fração de segundo antes de continuar novamente. Ele poderia mudar totalmente de carreira algum dia, se quisesse. Havia algo tão pacífico naquele silêncio compartilhado, algo tão reminiscente da primeira noite que ela passara em seu território.

Mas ela tinha que lhe dizer o veneno que consumia dentro de sua cabeça. Ela tinha que dar a ele porque ele era o único que ela sabia que o veneno não matava. Ele pegava, bebia e ainda saía do outro lado. Ela não conseguia. Uma

vida de agarrar veneno lentamente começou a corroer de dentro para fora, até que ela deixou escapar com ele.

“Eu bati na cabeça dele”, as palavras escaparam dela em um sussurro no silêncio da sala, dado ao escuro, para ele.

Seus dedos pararam novamente, esperando que ela continuasse. Ela não tinha ideia do porquê de ter falado, mas, uma vez lançada, escapou como uma torrente.

“Eu não tinha nenhuma arma”, ela falou suavemente enquanto ele continuava a lavar o cabelo, ouvindo atentamente. Ela podia sentir a maneira como os dedos dele se moviam com as palavras dela. “Ele tentou me sufocar com um travesseiro. De alguma forma, peguei a luminária e acertei nele.”

Os dedos dele se contraíram. Ele pegou um pouco de água na palma da mão e derramou sobre a borda da testa dela. Ela sentiu a espuma escorrer na água do banho.

“De alguma forma, acabamos no chão e ele estava entre as minhas pernas...”

Ele parou.

De uma maneira muito mais perigosa do que ela já havia experimentado antes.

Morana imediatamente percebeu seu erro e correu para explicar. “Não, não. Não foi assim. Não, ele não me tocou.”

Ela podia ouvir a respiração dele, mais pesada do que antes, os dedos dele apertando seus cabelos enquanto seu corpo permanecia imóvel daquela maneira muito caçadora.

Ela continuou rapidamente. “Eu meio que prendi a cabeça dele entre minhas coxas para deixá-lo imóvel. E então eu bati na cabeça dele com a luminária até que ele desmaiou.”

Depois de alguns segundos, ele começou a lavar o xampu do cabelo dela novamente. Morana exalou aliviada, contando o resto. “Eu tirei fotos dele. Farei reconhecimento facial amanhã. De qualquer forma, ele acordou e antes que ele pudesse correr, eu corri para a casa de Dante. Ainda bem que ele estava lá.”

Ele rosnou baixinho.

Morana sentiu as sobrancelhas baterem na linha dos cabelos, mas não disse mais nada. Ela gostava dos sons de animais, estava percebendo. Ela disse o mesmo.

“Por mais que eu goste desses sons de animais, você sabe falar.”

Depois de alguns segundos de silêncio, ela pensou que ele não responderia.

“Mais tarde.”

Uma simples palavra pronunciada em uma voz mal controlada. Morana se suavizou, dando a ele tempo e espaço para processá-lo à sua maneira.

Ele terminou com o cabelo dela enquanto ela terminava o banho, a água enrugando lentamente os dedos. Após alguns minutos, Morana olhou para Tristan pegando uma toalha e a oferecendo a ela. Ela se levantou e pegou a toalha, secando-se quando ele saiu para o quarto.

Morana drenou a água e saiu para o quarto escuro, vendo-o vasculhar uma gaveta ao lado da porta. Tirando uma camiseta e entregando a ela.

“Obrigada”, ela murmurou, pegando-a e puxando-a sobre sua cabeça. Ela caiu em seu corpo, quase batendo nos joelhos, envolvendo-a em seu perfume. Ela inalou profundamente. É o melhor pijama que ela já teve.

Ela o viu sair da sala e voltar várias vezes, pegando alguma coisa, trazendo alguma coisa. Após a quarta rodada, ele veio até ela com um copo de água e comprimidos em uma mão.

“Analgésicos?”, ela perguntou, seus olhos nele. Seus olhos estavam fixos em sua camiseta em seu corpo muito nu enquanto ele assentia.

Morana tomou as pílulas e bebeu a água. Feito isso, ele pegou o copo e o colocou na borda da cômoda.

Então ele a levantou de novo e a levou para a cama. Colocando-a no colchão macio em que ela afundou, ele pegou seu pé agora limpo e o inspecionou. Então ele começou a aplicar a pomada e o curativo no corte onde latejava, nem uma vez olhando para ela.

Morana assistiu a tudo, com o coração na garganta. Ela vislumbrara as cicatrizes dele, vira a pele manchada, as queimaduras, a carne levantada que mostrava algumas das torturas mais brutais, algumas que ela jamais poderia imaginar. E, no entanto, naquele momento, quando ele cuidava do pequeno corte dela como se fosse um corte grave, algo dentro dela, a parte dela que ela ainda estava segurando, foi dada, liberada, entregue a ele. Se havia algo que ela havia percebido nas últimas semanas, algo que se tornara uma epifania nas últimas horas, era que esse homem nunca a teria matado.

Tão silencioso quanto ele permaneceu, Morana sabia que não era porque ele não sentia nada. Era porque ele sentia demais e não importava o que, ela jurou, observando-o a seus pés, que cavalgaria com ele. Ela havia encontrado algo imensamente precioso no mundo deles, um diamante nos carvões, uma lótus na lama. E ela prometeu apreciá-lo, apreciá-lo como ele merecia. Ele precisava de tempo para se abrir, confiar nela para não o abandonar algum dia, e ela daria isso a ele. Ele ganhou isso.

Limpando rapidamente a única lágrima que havia deixado seus olhos, porque ela não estava acostumada a

alguém se importar o suficiente para reparar suas feridas, porque apesar de tudo o que ele passara por esse homem, ainda achava em seu coração espaço para cuidar quando ela estava ferida. Morana afastou o pé depois que ele terminou. Ela ficou debaixo das cobertas e o viu tirar a camiseta e o jeans até a cueca preta, jogando-a para o lado.

Foi a primeira vez que ela viu o corpo dele. Músculos ondulavam em lugares que ela não sabia que músculos podiam ondular. Tatuagens e cicatrizes cobriam seu torso, na frente e atrás, algumas até na coxa. Uma tatuagem solitária se estendia por seu bíceps, circulando, mas estava muito escuro para ela entender. Mas o mais notável era a confiança com que ele estava se movendo. Com roupas ou sem roupas, esse homem sabia quem ele era e não tinha medo de deixar as pessoas saberem disso.

Morana afundou nos travesseiros, com o coração disparado ao vê-lo entrar do outro lado, verificar a arma na mesa de cabeceira e apagar a luz. E era uma coisa tão doméstica e normal que Morana ficou maravilhada ao testemunhar.

O quarto mergulhou na escuridão e Morana piscou no teto, mordendo o lábio. Seus olhos se ajustaram lentamente à falta de luz, alguma luz penetrando do lado de fora da porta, permitindo-lhe o suficiente para distinguir formas.

Ela virou o pescoço para traçar a forma do homem ao seu lado quando sentiu uma das mãos dele deslizar ao redor

do pescoço. Deveria parecer ameaçador após o ataque. Deveria ter causado pânico em sua corrente sanguínea depois da noite que ela teve.

Parecia tudo menos isso.

A palma da mão pressionou seu pulso, os dedos estendendo seu pescoço, a pele áspera contra a dela – tudo a ancorou ao momento, àquela cama, a ele. Ela se sentiu abrigada, querida e muito protegida. Ele a puxou para mais perto, quase até que seus narizes se tocassem enquanto seus corpos permaneciam ligeiramente separados.

Ela sentiu a respiração dele no rosto, o calor do corpo dele ao lado do dela.

E então, pela primeira vez naquela noite, ela o ouviu falar.

“Nunca mais”, ele sussurrou, sua voz áspera com uma ponta da selvageria que ela viu em seus olhos. Ele enviou um delicioso arrepio na espinha.

“Eles terão mil mortes”, ele murmurou, quase gentilmente quando o polegar traçou a linha do queixo dela, “antes que eles toquem um único fio de cabelo em sua cabeça novamente.”

E então, com aquele voto mortal ainda ecoando em seu coração, ele apertou os lábios no pulso dela.

“Eu juro”, seus lábios escreveram contra a pele dela.

Morana engoliu em seco, sentindo o eco daquela promessa correndo por seu sangue. Ela arqueou o pescoço para trás, expondo-o ainda mais a ele, deslizando seu corpo para mais perto do dele. Sua boca se moveu, seus lábios se abriram sobre o pulso dela, sugando cada batimento cardíaco em sua língua. Com o coração pulsando junto com o resto do corpo, Morana deslizou a mão nos cabelos dele, puxando-o para mais perto. O movimento fez a dor disparar através do músculo em seu ombro.

Ela ofegou e ele se afastou, voltando para o lado e puxando-a para perto.

“Pegue suas coisas amanhã.”

Seu coração parou por um instante.

“Você quer que eu me mude para cá?”, ela perguntou, querendo ter certeza, estar *absolutamente* certa, que não entendeu mal.

Ele colocou o rosto dela sob o dele em resposta.

“Eu nunca dormi com ninguém antes”, ela confessou em seu pescoço, seu nariz naquele lugar feliz novamente.

“Nem eu”, ele murmurou em seus cabelos.

Confusa com a notícia, emocionada com o conhecimento de que ela estaria com ele, Morana sorriu. Ele deu um beijo suave no ouvido dela. Ela esfregou o nariz contra aquele ponto no pescoço dele. Eles não disseram mais nada. Eles

não estavam abraçados, mas seus corpos estavam perto. Morana ouviu quando a respiração dele começou a desacelerar gradualmente, seu coração encontrando um ritmo com o dele.

No dia seguinte, ela teria que lidar com tudo o que havia acontecido naquela noite - Axton e sua oferta, seus códigos, seu primeiro assassino que explodira a própria cabeça e o segundo agressor que a abordara em seu quarto. Um quarto, que ela lembrou de repente, deveria ter dispositivos de vigilância e escuta dentro dele. Isso falhou ou isso foi algo mais nefasto? Tudo isso era muito maior do que ela imaginara. Ela teria que conversar com os caras sobre isso e descobrir o que diabos estava acontecendo. Ela não sabia, mas se preocuparia com isso amanhã.

Por enquanto, ela estava pressionada em um corpo sólido e quente que se importava muito mais com ela do que qualquer um deles tinha imaginado. Por enquanto, ela tinha outro homem maravilhoso em seu canto que a tratara com o cuidado que ela poderia apreciar em retrospecto. Dante era calmo, tranquilizador e tão gentil que sentiu o lugar em seu coração por ele se expandir.

E ele ligou para Tristan. Que ficou em silêncio a noite inteira até o voto dele. Ela estava no covil interno do maior predador de todos, sua jugular exposta a ele enquanto respirava em seu pescoço, em seu estado mais vulnerável. Ela sangrou e ele lambeu suas feridas. Ela quase provou a morte e ele deu vida a ela de volta.

E ela percebeu que nunca, nem uma vez na vida, se sentiu mais segura.

Pela primeira vez em sua vida, ela se sentiu em casa.



Descoberta

O repentino empurrão de seu corpo a acordou.

Morana abriu os olhos, desorientada e confusa. A cama macia em que ela estava era estranha, assim como o quarto escuro. Piscando, tentando lembrar, ela percebeu o peso de um braço em volta do estômago – um braço pesado. Morana olhou para o membro deitado sobre a camiseta que ela usava e seguiu até o corpo ao qual estava presa.

Tristan.

As memórias voltaram correndo. Embora ela não pudesse vê-lo no escuro, ela podia sentir o calor do corpo dele pressionado ao seu lado enquanto ela estava deitada de costas. Respirando suavemente, ela permitiu que a consciência deslizasse através dela. Uma das pernas mais ásperas estava entre as suas nuas, o braço debaixo dos seios, mantendo-a ancorada ao lado dele. Seu hálito quente atingiu a linha do cabelo dela, seus lábios quase pressionaram o topo da cabeça dela.

Foi a primeira vez em sua memória que ela estava sendo mantida.

Morana se deliciava com o brilho desse momento no escuro. Depois da noite que ela teve, depois da vida que ela

teve, este era o último lugar em que ela pensaria terminar. Na casa de Tristan Caine. Na cama de Tristan Caine. Nos braços de Tristan Caine. E, no entanto, ela não conseguia pensar em outro lugar. Ele lhe dera um gostinho de duas coisas que ela nunca teve – segurança e lar. Ambos eram conceitos, ideias que existiam na vida de pessoas que não pertenciam ao mundo dela, miragens que iludiam sua espécie. Mas ele estava alimentando pequenas doses de ambos desde aquela noite chuvosa na cobertura, e ela estava viciada. Nos braços do homem mais perigoso que ela conhecia, ela se sentiu mais segura que já esteve.

Um leve som em seu ouvido rompeu suas reflexões.

Morana ouviu e seus lábios tremeram com a súbita vontade de rir. Ela as pressionou juntas quando o som voltou, suavemente.

Tristan 'O Predador' Caine roncava como um bebê.

Não é de admirar que ele não gostasse de ninguém no quarto quando dormia; toda a sua reputação seria esmagada. Com os lábios tremendo, ela virou o rosto para ele, sentindo a expiração dele na testa quando o nariz dela pressionou o local feliz que ela havia descoberto entre o pescoço e o ombro dele.

Foi nesse momento que ela descobriu algo novo sobre si mesma – ela era ladra de cobertas. Em algum momento da noite, ela havia puxado completamente o cobertor para o seu lado, deixando-o metade no frio e metade no calor

aconchegante. Ele simplesmente veio ao seu lado da cama em retaliação inconsciente. Entre o calor do corpo e as cobertas conquistadas, ela estava quentinha. Suspirando feliz, sem ideia do tempo atrás das cortinas escuras que apagavam a luz, Morana se aconchegou mais fundo nele, aquele cheiro almiscarado masculino de sua carne envolvendo-se em torno dela como outra camada de conforto.

O braço dele estremeceu, de repente, empurrando seu corpo, fazendo-a perceber que tinha sido a causa de sua vigília. Sua respiração mudou, ficando mais pesada, sua mão apertando ligeiramente ao lado das costelas dela. Morana inclinou o pescoço para trás, tentando ver o rosto dele, mas apenas conseguiu distinguir a silhueta na escuridão. Os dedos dele espatifaram a carne dela, sua respiração ficando mais curta. Morana reconheceu os sinais, tendo-os experimentado várias noites, mas nunca havia testemunhado alguém passando por um pesadelo. Ela se perguntou o que o subconsciente dele estava lhe mostrando. Com a vida brutal que ele levara, a maior parte da qual ela não conseguia entender, ela sabia que não deveria ter sido surpreendida por isso.

Engolindo, seu coração apertado, o desejo de acalmá-lo, Morana lentamente colocou a mão no braço dele, sentindo os músculos flexionar involuntariamente sob o toque dela. Não tenho ideia do que fazer, ela foi com o estômago. Inclinando a cabeça, ela apertou os lábios contra o coração dele, sentindo

um tecido cicatrizado debaixo da boca e beijou-o suavemente enquanto acariciava seu braço.

Um baixo ruído retumbou em seu peito. Seu corpo estremeceu.

"Shhh", Morana sussurrou, pressionando beijos suaves em seu peito, acariciando seu braço uma e outra vez. “Está tudo bem. Você está seguro. Está bem.”

Seu corpo ficou tenso, o bíceps ao lado de seus seios se apertando com força enquanto seu pescoço se movia. Morana deu um tapinha em seu braço, aconchegando seu pescoço e murmurando as mesmas palavras repetidamente em sua pele.

Um relógio bateu em algum lugar da casa. Seu coração batia constantemente – thump thump thump – em conjunto com ele. Minutos se passaram. E, lentamente, eventualmente, ela sentiu os músculos tensos se soltando, o aperto que ele tinha ao lado de suas costelas diminuindo.

Morana falou contra seu coração novamente: “Você está seguro. Está bem.”

“Deixe a cama da próxima vez”, sua voz rouca sussurrou contra o cabelo dela. Como não esperava que ele acordasse, Morana tentou puxar o rosto para trás, mas a mão dele, que estava ao redor de seu torso, aproximou-se da nuca e segurou-a exatamente onde estivera.

Ela se estabeleceu. “Não vai acontecer.”

“Eu posso ficar perigoso”, ele a informou, como se o pensamento nunca tivesse passado por sua mente. Ela não era uma idiota. Morana revirou os olhos, mas ficou em silêncio.

“Estou falando sério”, seu tom sombrio não discutiu. “Eu posso machucá-la seriamente e não saber.”

Ela encolheu os ombros. “Eu vou aproveitar minhas chances.”

Um barulho frustrado saiu de sua garganta e Morana inclinou a cabeça para trás, trazendo a mão para o lado da cabeça dele, a sensação do cabelo dele entre os dedos dela amplificada no escuro.

“Você me fez uma promessa ontem à noite no escuro”, ela murmurou baixinho, sabendo que tinha toda a atenção dele. “Eu estou fazendo uma a você agora.”

Escovando o polegar sobre a linha da mandíbula dele, sentindo a barba raspando contra ela, ela jurou, repetindo suas próprias palavras. “Nunca mais. Você nunca estará sozinho novamente. Não importa o quão ruim seja o pesadelo, eu estarei aqui.”

O peso das palavras ecoou no silêncio entre eles por longos minutos. Sua respiração não mudou, mas seus dedos flexionaram um pouco na parte de trás da cabeça dela. Ela sabia o que isso significava para ele. Ela podia imaginar todas as emoções rodopiando por ele, incluindo a mais perigosa de

todas – a *esperança. Ele pode esperar que ela tenha falado sério? Ele pode esperar, depois de tudo o que passou, que ele ainda era capaz de esperar?* Ela podia imaginar porque eram exatamente os pensamentos que ela teria pensado. E eles eram semelhantes – ela e ele. Dois lados da mesma moeda, duas pontas da mesma corda. Ela sabia o que fazer esse voto significava para ela. Não havia como olhar para trás; Eles estavam nisso a longo prazo.

"Quebre essa promessa", ele falou, sua voz suave como a parte inferior de uma lâmina, "e eu quebrarei a minha."

"Qual?" Morana perguntou, seu coração batendo mais rápido enquanto a consciência dele se aproximava.

Ele puxou a cabeça dela, arqueando o pescoço para trás, o nariz roçando contra ela. "Não destruir você."

Seus lábios estavam ali contra os dela, quase lá, mas não completamente. O rosto dela se aproximava mais para preencher a lacuna, mas segurava a mão dele nos cabelos dela. Ela sorriu, sabendo que ele podia sentir isso entre eles.

"Destrua-me."

A barragem estourou.

Os lábios dele colidiram com os dela na mais bela colisão, arrancando o fôlego de seus pulmões. Tudo da noite anterior voltou à tona – seu medo, sua estreita ligação, seu alívio por estar viva. Ela podia sentir tudo do jeito que ele a beijou. Era a sensação de segurança e promessa de retaliação

combinada entre os lábios dele e os dela. Os braços dela envolveram o pescoço dele, puxando-o mais fundo quando ele a moveu completamente de costas, sua forma muito maior cobrindo a dela enquanto movia o peso nos braços. Suas línguas se entrelaçaram, o gosto dele se infiltrou em todos os sentidos dela. Morana se deleitou com a sensação completa e absoluta de segurá-lo e o ter abraçando-a assim pela primeira vez. Puxando o lábio inferior entre os dela, ela correu os dedos pelas costas musculosas, sentindo todas as delimitações e cicatrizes sob seu toque, parando em sua bunda muito bem formada. Ela tinha admirado aquela bunda em segredo várias vezes e ser capaz de segurá-la enviou uma emoção através dela. Ela abriu as pernas para acomodá-lo, puxando a bunda esculpida, puxando-o no vale entre as pernas.

Um estrondo baixo vibrou em seu peito, bem contra seus seios, seus mamilos mordendo mais contra sua carne enquanto ele devorava sua boca, seus quadris vestidos de boxer flexionando contra sua forma nua. A camiseta – a camiseta dele – a única peça em que ela foi para a cama, foi subitamente empurrada para baixo do pescoço. Seus seios, seios nus, pressionaram contra seu peito nu pela primeira vez. Morana gemeu com a sensação, seus mamilos se tornando ainda mais sensíveis, disparando calor direto ao seu núcleo.

Ele se afastou, seu peito arfando com força contra o dela, a respiração ofegante.

“Foda-se”, ele falou, um pouco de admiração, uma leve descrença em seu tom.

Sim. Ela sentiu essa ‘foda’ também. Toda essa situação poderia estar encapsulada nessa única ‘foda’.

Uma vibração alta da mesa de cabeceira aumentou seu ritmo cardíaco já acelerado. Morana olhou para a fonte do barulho e viu o telefone vibrando loucamente na superfície de madeira. Ela se virou para olhá-lo no brilho do telefone, para ver os cabelos desarrumados e desgrenhados dele, e aqueles olhos magníficos focados nela com uma intensidade que fazia o calor inundar seu corpo novamente. Ela ficou ciente de sua ereção dura pressionada contra sua umidade, apenas uma camada de algodão os separando. Seus quadris subiram por vontade própria, criando um leve atrito que fez o prazer disparar até a ponta dos dedos dos pés.

O telefone continuou vibrando enquanto ele movia os quadris com intenção deliberada, aplicando a pressão perfeita. A cabeça dela afundou no travesseiro enquanto as costas arqueavam, os dedos cravando nas costas dele.

A vibração parou, mergulhando a sala na escuridão novamente.

A boca dele veio sobre a dela novamente. Ela separou os lábios de bom grado, deixando-o entrar, com o coração batendo forte enquanto ele os desacelerava, um ponto molhado em seu algodão, sua mão acariciando o lado de seu peito.

O telefone vibrou novamente. Ele afastou os lábios, estendendo a mão para o lado para pegá-lo e trazê-lo ao ouvido.

“Fale”, ele rosnou no telefone, sentando-se de joelhos, a mão na lateral do peito dela indo para as costas dela, trazendo-a para o lado. Morana colocou as pernas ao redor dele, montando seus quadris da maneira mais desonesta, seu corpo inteiro vibrando com sua excitação.

“Quando?”, ele falou contra o pescoço dela, os dentes varrendo a linha, deixando-a respirar com dificuldade.

Então a pessoa do outro lado da linha disse algo que o deixou parado dessa maneira. Morana se afastou, tentando vê-lo e ele a deixou, deitando-a de volta na cama suavemente, com a mão apoiada no quadril dela. Incapaz de não o ver, Morana estendeu o braço e acendeu a lâmpada ao seu lado, inundando a sala com um brilho suave.

Ela viu os olhos dele percorrendo seu corpo totalmente exposto, absorvendo cada centímetro de sua pele e ela fez o mesmo. Ele era músculos. Seu pescoço estava amarrado neles, os ombros empacotados, o peitoral, o abdômen, os braços. Tudo embrulhado em força. Morana viu suas cicatrizes de perto e pessoais assim pela primeira vez, mas ela se concentrou nas tatuagens dele, pois nunca tinha tido a chance antes. Ela sabia que havia uma pequena sob o bíceps dele, que ela só conseguia ver no final, um desenho tribal pela aparência. Como ela adoraria passar um tempo apenas

explorando todas as marcas dele para o conteúdo de seu coração algum dia.

Antes que ela pudesse anular os outros, ele grunhiu em resposta a algo e sua mão se moveu para a direita entre as pernas dela, onde ela estava aberta para ele. Os olhos dela voaram para ele surpresos, trancando com aqueles azuis que a perfuravam até o centro enquanto ele permanecia no telefone, os dedos sondando.

Uma respiração forte a deixou, o fogo que havia diminuído rugindo de volta à vida sob sua pele, os dedos segurando os lençóis debaixo dela.

“Não, não vai”, disse ele ao telefone, mergulhando lentamente um dedo dentro de seu calor úmido, fazendo os dedos dos pés se enrolarem.

Os olhos dele se voltaram para os seios dela, foram para as mãos dela e voltaram para os dela. Ela entendeu a mensagem. Desenrolando os dedos, ela colocou as mãos sobre os seios, segurando o olhar dele e apertou. As paredes dela se apertaram ao redor do dedo dele. Ele a estava tocando literalmente e não.

“Termine isso.” Outro dedo se juntou. Ela puxou os mamilos, o prazer disparando direto para baixo, fazendo sua coluna se curvar, um gemido suave saindo de seus lábios.

Os olhos dele brilharam.

“Nada”, afirmou, balançando a cabeça para ela apenas uma vez, enquanto seus dedos aceleravam dentro dela, seu polegar se unindo para esfregar seu clitóris. Respirando fundo, sabendo que ela tinha que ficar quieta sem mexer as mãos para agradar os seios ou quebrar o contato visual com ele, Morana mordeu os lábios inchados, o queixo começando a tremer. Ele viu, notou e atacou com um ardor que ela não pensara ser possível quando ele estava ocupado em outro lugar. Mas ela não deveria ter ficado surpresa.

Os dedos dele penetraram, cortaram, massagearam suas paredes, retiraram-se e repetiram. O calor começou a se desenrolar em sua barriga, atando uma bola que ficava cada vez mais apertada. Seus olhos, dedos, sua presença a destruíram. O polegar dele a esfregou habilmente, pressionando com a pressão perfeita que a faria subir. Ela sabia, apenas sabia que ele a separaria.

Os dedos dele entraram e saíram dela, subindo no mesmo ritmo que seu pênis teria, as paredes dela agarradas a eles, chorando por alívio. A pressão continuava subindo a cada segundo, o nó de fogo em seu estômago se enrijecendo mais a cada respiração trêmula, o tremor em seu corpo aumentando a cada batida de seu coração.

“Faça”, ele ordenou, e o uísque e o pecado de sua voz explodiram as chamas.

Os olhos dela se fecharam. Estrelas explodiram atrás de suas pálpebras. Cabeça inclinada para trás enquanto sua

coluna se curvava, as mãos segurando os seios enquanto os dedos dos pés se curvavam, as pernas tremiam e ela respirava silenciosamente. O polegar e os dedos dele não pararam, extraindo tudo o que o corpo dela era capaz de provocar, desencadeando uma série de pós-choques que a empurraram até que um gemido escapou de seus lábios, sua carne sensível demais.

Morana desceu à terra, ofegando, recuperando-se, abrindo os olhos lentamente para vê-lo olhando para ela. Ele levou os dedos brilhantes à boca e os lambeu. Suas paredes cansadas cerraram novamente.

“Eu estarei lá”, ele afirmou e abruptamente jogou o telefone na cama ao lado dela, seus olhos brilhando nela, uma protuberância proeminente sob seus quadris cobertos de algodão.

Inclinando-se para a frente com uma graça ágil que seu corpo não deveria ser capaz, mas era, ele a prendeu entre os braços e pairou sobre ela, o ar carregado no espaço entre seus corpos.

“Eu já provei você, Srta. Vitalio,” ele sussurrou, seu olhar fixo no dela. “Você não pode me escapar agora.”

“Você não me assusta mais, Sr. Caine”, respondeu ela, sua voz ofegante.

Ela viu sua covinha fazer uma breve aparição antes que ele pulasse da cama, indo para o chuveiro. Sorrindo um

pouco, Morana moveu os membros novamente, as dores do ataque da noite anterior voltando agora que a névoa das endorfinas se foi. Gemendo, ela jogou as pernas sobre a cama e ajeitou a camiseta dele, estalando seu pescoço.

O som da água entrou pela porta e Morana sacudiu a cabeça com a bizarra sensação de domesticidade que a invadia. Pegando o telefone da mesa lateral, ela mentalmente fez uma lista de todas as coisas que precisava fazer, primeiro para verificar o software que havia deixado rodando na casa de Dante. Ela também precisava agradecê-lo pessoalmente pela rocha absoluta que ele foi por ela na noite passada. Então, ela precisava obter informações sobre os dois agressores – vivo e morto – e descobrir quem os havia mandado por ela e por quê. Além disso, ela precisava descobrir mais sobre o cara do aeroporto e como exatamente ele sabia sobre o ataque.

Decidida, ela rapidamente arrumou a cama e foi até a janela, afastando as cortinas escuras e pesadas que cercaram o quarto durante a noite. O lago – azul-claro, calmo e bonito – estendia-se por quilômetros e quilômetros de um lado, apenas cortado pelas árvores verdejantes na beira que demarcavam os diferentes territórios da propriedade. Embora fosse uma vista deslumbrante, ela também sabia exatamente por que esse era o quarto de Tristan Caine – não havia possibilidade de infiltração deste lado da propriedade. Qualquer um no lago seria um pato sentado e não havia

outra maneira de entrar deste lado sem ser visto. Isso estava seguro.

Quanto mais camadas ela descolava, mais seu coração sentia por ele. Balançando a cabeça, ela se virou em direção à sala, e um suspiro a deixou. Ontem à noite, depois de tudo, ela não prestou muita atenção. Agora ela fez.

Raios da manhã inundaram a janela, trazendo tudo para dentro da sala. As paredes eram pintadas de bege quente e cremoso, os móveis profundos, mogno escuro e verde espalhados por toda parte, nas roupas de cama, a pintura gigante acima da cômoda e pequenos salpicos menores. Parecia uma floresta, nada como o quarto esperado de um homem que tinha coberturas geladas e frias e uma risada escapou dela.

Caminhando até o que parecia uma coleção de pequenas lembranças no peito, Morana se inclinou para olhar mais de perto. Pequenos itens aleatórios cobriam os poucos centímetros, mas seus olhos foram direto para o topo, para uma pequena imagem emoldurada de uma criança de bochecha de querubim, com olhos verdes inquisidores e brilhantes. Com o coração apertado, Morana pegou a moldura e olhou para a irmã pela primeira vez em sua memória. Ela tinha uma touca de cabelo vermelha na cabeça, um sorriso largo sem dentes e um pequeno casaco vermelho. Quando essa foto era tirada, ela estava feliz e sorrindo para o fotógrafo. Ela compartilhou um quarto com essa garotinha?

Ela olhou para aqueles olhos grandes? Ela tinha as memórias suprimidas em sua mente?

Outra foto, sem moldura, na parte inferior da cômoda, a fez piscar. Ela lentamente pegou, olhando. Era ela em sua formatura, obtendo um diploma e sorrindo. Como ele tirou essa foto? Por que ele tinha essa foto?

“Eu preciso me vestir.”

Girando ao redor, ela apressadamente largou a foto e o observou parado do lado de fora do banheiro, os quadris enrolados em uma toalha, estudando-a. Ela nunca entendeu como um homem do seu tamanho podia se mover tão silenciosamente quanto ele. Ele a vira observando a foto e, obviamente, sabia que ela o faria quando permitiu sua entrada no quarto dele. Então, ela esperou que ele reagisse ou dissesse alguma coisa. Talvez mencione algo sobre sua irmã ou o fato de ele ter mantido uma foto dela escondida em sua casa.

Ele não fez.

Parecendo indiferente, ele caminhou pelo quarto e abriu o armário, tirando um terno cinza ardósia bem costurado e o colocou na cama. Ele notou que ela havia conseguido, fez uma pausa e voltou a tirar uma camiseta branca de algodão e uma calça de moletom. Fechando a porta, ele os deixou na cama e olhou para ela.

“Use-os depois de se refrescar”, ele indicou as roupas. “E pegue o resto das suas coisas hoje.”

Adicione à lista – *mude-se.*

Caminhando hesitante em direção ao banheiro enquanto secava os cabelos com uma toalha, Morana fez uma pausa, sem saber se deveria mencionar alguma coisa. Mordendo o lábio, ela continuou se movendo e fechou a porta atrás dela. O banheiro, que ela também não tinha apreciado no escuro da noite, era deslumbrante à luz do dia. Janelas gigantes tiravam um quarto da parede frontal ao teto, inundando o espaço com luz natural. A banheira de pés de garra que ela usara na noite anterior repousava contra a parede, na frente da qual havia uma cabine de chuveiro espaçosa, com paredes de vidro fosco. O tema da floresta marrom e verde também era evidente neste espaço.

Tirando a camiseta do corpo, Morana virou-se para a grande pia de granito a alguns passos do banho e se olhou no espelho. Suas bochechas estavam coradas, seus cabelos um ninho de seda que cheirava a seu xampu, seus lábios inchados e bonitos. Ela parecia uma mulher que teve um pouco de amor no início da manhã, os únicos vestígios do ataque da noite anterior estavam em volta do pescoço. Uma marca de mão enrolava em seu pescoço como uma cobra venenosa. Morana traçou o machucado com dedos leves, a raiva pelo que aconteceu finalmente encheu seu corpo.

Tirando uma escova de dentes sobressalente do armário embaixo da pia, Morana se refrescou e tomou um banho em tempo recorde. Enrolada em uma toalha verde, ela foi ao quarto para encontrá-lo vazio.

Adicione à lista - *descubra o que aconteceu com Luna Caine.*

Preparada, ela rapidamente vestiu as roupas dele novamente, dobrando-as e dobrando-as para ajustá-las sem cair de cara no chão, e saiu. O cheiro de torrada fresca fez seu estômago roncar. Deus, ela estava faminta.

Seguindo o olfato, ela desceu levemente as escadas, entrando na casa e vendo-a mudar. Quanto mais perto ela chegava do vestíbulo, mais gelado ficava, até que o vestíbulo em si era todo branco, cinza e azul. Fascinada, a implicação de quão profundamente ele escondeu o núcleo de si mesmo de todos, e como ele a permitiu entrar, atingiu-a novamente. À esquerda, ela entrou na cozinha espaçosa, praticamente uma réplica da cozinha da cobertura, e não ficou surpresa ao vê-lo cozinhar. O que ela ficou surpresa, no entanto, foi o quão bom ele parecia cozinhando de terno. Ela nunca tinha percebido o quão quente era até que ela ficou lá, observando sua forma muscular e afiada, mexendo ovos com experiência.

“A cozinha está totalmente equipada”, ele disse a ela sem sequer se virar, deixando-a saber como seus sentidos estavam em sintonia com ela. “Zia traz as compras todo

sábado de manhã. Há uma lista lá," inclinou a cabeça em direção à geladeira, "então, o que você quiser, basta escrever."

A torradeira soou e Morana se moveu para cuidar dela.

"Manteiga?" Ela perguntou a ele.

"Salgada."

Assentindo, maravilhada com a facilidade com que se movimentavam pelo espaço, ela preparou as torradas nos pratos, deu a volta no balcão da ilha e pulou, o déjà-vu da cobertura a atingia. Ela poderia se acostumar com isso. "E quanto a tarefas domésticas?"

Ele desligou o fogão, servindo ovos para ambos. "Zia. Ela tem as chaves e vem duas vezes por semana para cuidar da casa. Vou pegar as chaves para você hoje à noite."

Sentando-se à sua frente, ele lhe passou um copo de suco de laranja e tomou seu café. Morana levantou a sobrancelha. "E o quarto?"

Ele olhou para cima, aqueles olhos brilhando na luz da manhã vindo das janelas. "Permanece bloqueado. Eu cuido disso sozinho."

"Então, ele cozinha e limpa?" Morana mastigou os deliciosos ovos. "Um homem, segundo o meu coração."

Ela viu os lábios dele se contorcerem, como ela pretendia, e sentiu algo quente se enraizar dentro de sua

barriga. “Mas, desde que eu serei sua colega de quarto, os deveres serão compartilhados.”

“Mais alguma coisa, Srta. Vitalio?”, ele olhou para ela, sua voz caindo perigosamente perto do pecado no uísque. Isso fazia coisas com ela, a voz dele.

Ela se inclinou para frente, sentindo-se descarada. “Estou apenas começando, Sr. Caine.”

“Eu pensei que tinha terminado com você muito bem.” Ele tomou um gole do suco, sua língua saindo para pegar uma gota no lado do lábio. Os olhos dela rastrearam o movimento antes de subir para ele. Sua garganta ficou seca.

“Coma”, ele instruiu e Morana obedeceu, sabendo que não era o momento certo para jogar esse jogo. Ele tinha coisas da máfia para fazer e ela tinha coisas de nerd. Eles não tinham tempo.

Seu telefone vibrou e ele olhou. Qualquer que seja o texto que ele viu, ele engoliu sua bebida de uma só vez.

“Eu preciso sair”, ele a informou.

Morana assentiu. “Não se preocupe com os pratos.”

Ele deu a ela um olhar levemente vazio, como se a louça fosse a última coisa em sua mente, até que ela trouxe à tona, e ela sentiu suas bochechas queimarem.

“Tranque depois de sair.”

Com essas palavras abruptas, ele se foi. Não ‘tenha um bom dia, querida’, ou ‘estarei em casa antes do jantar, querida’. Não, não para ele.

O telefone dela vibrou.

Tristan Caine: *Fique segura.*

Sorrindo, Morana continuou seu café da manhã.



Morana: *Você também.*

Abrindo outra janela, ela rapidamente mandou uma mensagem para Dante.

Morana: *Seria possível entregar um par de sapatos na mansão de Tristan? Eu meio que não pensei neles ontem à noite.*

Dante Maroni: *Claro. Vou mandá-los em 10 minutos. Passe pela minha casa depois.*

Morana: *Obrigada. Vejo você em breve!*

Terminando o café da manhã, ela limpou a louça e organizou a cozinha, folheando a lista na geladeira, vendo a letra de Tristan pela primeira vez. Os traços eram

surpreendentemente retos, o rabisco masculino e ousado. Balançando a cabeça, tomando cuidado com os pés e sendo leve neles, ela embolsou o telefone e correu para o quarto, fechando a porta atrás de si. Duas fechaduras se encaixaram e ela foi até a porta principal quando uma batida veio.

Abrindo a porta, encontrou Vin na varanda carregando uma caixa de sapatos com ele. Ele nem sequer piscou para ela vestindo o que eram claramente as roupas de Tristan.

“Bom dia”, Morana o cumprimentou com um leve sorriso.

Ele assentiu, silenciosamente entregando a caixa a ela, dando um passo para trás e esperando. Morana fez uma careta. “Hum, eu tenho certeza que você tem coisas melhores para fazer.”

“Eu devo acompanhá-la, Srta. Vitalio”, Vin a informou em voz baixa. "Ordens."

“De quem?”, ela perguntou, tirando suas sapatilhas pretas simples e confortáveis e colocando-as nos pés.

“Sr. Maroni”, ele respondeu sucintamente.

“Qual Maroni?”

“Dante.”

Assentindo, ela também saiu para o ar fresco da manhã, certificando-se de que a porta estivesse trancada atrás dela e

o alarme estivesse ligado. Feito isso, ela começou a ir em direção à casa de Dante, Vin silencioso atrás dela.

"Você entrou no meu quarto para pegar os sapatos?", ela perguntou, tanto para quebrar o silêncio quanto porque estava curiosa.

"Sim, Srta. Vitalio", disse ele, olhando para a frente. Morana estudou o homem sombrio, definitivamente mais novo que Tristan, mas mais velho que ela, com os cabelos cortados tão perto do couro cabeludo que era quase raspado, e ela tentou imaginá-lo vasculhando seu armário muito feminino em busca de calçados.

"Chame-me de Morana, por favor", ela o corrigiu. "O quarto estava em ordem?", ela perguntou, enlouquecendo. Se Dante enviou o homem para o quarto dela e à casa de Tristan, então ele claramente confiava nele até certo ponto. E Dante ganhou sua confiança, então, por extensão, ela trataria Vin como um dos bons.

"Não", disse ele, seus olhos piscando para ela antes de seguir em frente. "Estava uma bagunça. As coisas não estavam no lugar."

Isso significava que, além da evidência de sua luta, alguém havia revirado o quarto também. Mas com que finalidade? Raiva ou em busca de algo?

Andar pelos amplos gramados em plena luz do dia era um contraste tão vasto quanto atravessá-lo no escuro. A

mansão pairava ao longe, como sempre, como um animal. Havia atividades ao redor, talvez limpeza da festa da noite anterior. Morana voltou os olhos para a casa de Dante, o lugar que fora seu refúgio em tempo de necessidade. O calor em seu coração se expandiu, ela rapidamente subiu os degraus e bateu à porta, ciente de Vin se afastando.

Depois de cerca de um minuto, Dante abriu a porta, vestido com seu terno e gravata escuros básicos, os cabelos afastados de seu rosto lindo, destacando sua bela estrutura óssea. Os olhos escuros dele percorreram seu corpo com as roupas de Tristan penduradas nela, enrugando-se de diversão.

Morana revirou os olhos e entrou na casa.

“Dê-nos alguns minutos”, Dante acenou para Vin. Vin inclinou a cabeça e caminhou para a mansão.

Fechando a porta atrás dele, Dante puxou Morana para um abraço leve, segurando seus ombros gentilmente. “Eu estou contente que você esteja bem.”

Com o peito apertado, Morana passou os braços em torno de sua enorme forma com força, inalando o perfume de sua colônia. “Obrigada pela noite passada. Significou muito para mim.”

Ele se afastou, olhando-a seriamente. “A noite passada nunca deveria ter acontecido. Mas estou feliz que você sentiu que poderia vir aqui, Morana.”

Morana sorriu, os lábios tremendo levemente e ele a apertou, levando-a para a sala de estar. Tomando seu lugar de volta no sofá que ela se estabeleceu, ela assistiu Dante digitar algo no telefone dele e se sentar à sua frente.

Apertando as mãos frouxamente, seu comportamento sombrio, ele finalmente falou. “Tristan e eu conversamos ontem à noite sobre o que aconteceu. Nós vamos cuidar das coisas do nosso lado. Enquanto isso, você precisa acessar o software. Tudo isso foi em muito pouco tempo para eu acreditar que é coincidência.”

Morana assentiu. “Concordo. Vou olhar as coisas do meu lado, não se preocupe. Mas tenho algumas perguntas.”

“Atire.”

Morana pegou o telefone, abriu a galeria e clicou na imagem do assassino inconsciente que ela tirou. Virando a tela para ele, ela perguntou. “Você conhece ele?”

Dante olhou para a tela por um longo minuto antes de balançar a cabeça. “Não o vi antes. Envie-me a foto embora. Vou dar uma olhada.”

Imagem enviada, Morana levantou sua próxima pergunta. “Você viu o homem falando comigo ontem à noite?”

Ela viu as sobrancelhas de Dante atingirem a linha do cabelo. “Que homem?”

“Ele me avisou sobre a tentativa de assassinato na festa na noite passada”, disse Morana. “Eu não vi o rosto dele, ou mesmo como ele era.”

Dante estava balançando a cabeça antes mesmo de terminar de falar. “Ninguém poderia ter entrado na festa sem um convite.”

“Não quero estragar a festa, mas eu fiz algumas semanas atrás,” Morana apontou timidamente.

Dante sorriu. “Você fez. Vou dar uma olhada nas câmeras mais tarde. Mas tenha cuidado com esse cara.”

Morana encolheu os ombros. “Ele teve muitas chances de me matar e não o fez. Pelo contrário, acho que essa é a rachadura que estou procurando e estou disposta a arriscar, mesmo que você ou Tristan não gostem. Vocês são meninos grandes. Lidem com isso.”

Dante suspirou, balançando a cabeça. “Eu ainda não gosto disso. Pegue Vin. Ele é seu segurança por enquanto, pelo menos até quem quer que você morra seja pego.”

Morana bufou. “São poucas pessoas. Ah, e você se importa de arrumar minhas coisas para a casa de Tristan? Eu realmente não quero voltar para aquela cova agora.”

Dante levantou-se, um pequeno sorriso brincando em seu rosto. “Você se mudou rápido. Você não deveria esperar um pouco para ver se é com esse homem que você quer passar o resto da vida?”

Morana pegou uma almofada ao lado dela e jogou-a na cabeça dele. Dante riu, com o rosto enrugado de uma maneira que pararia cem corações femininos. Ela podia ver por que uma jovem Amara estava apaixonada pelo homem.

“Estou feliz por vocês dois”, disse ele, caminhando para a porta. “Zia está na mansão. Vou pedir para ela arrumar as coisas e mandar para cá. Você pode levar de volta para a casa de Tristan com ela.”

“Obrigada, Dante”, Morana gritou para suas costas desaparecendo.

“Vin vai ficar aqui”, ele chamou de volta.

Ela o ouviu fechar a porta, ouviu os passos dele enquanto ele saía e depois se acomodou lentamente no silêncio da casa. Estalando o pescoço, o ombro tremendo levemente, Morana puxou o laptop sobre a mesa em direção a si mesma e ligou a tela.

Seus programas que estavam progredindo a uma taxa incrivelmente lenta estavam em noventa e quatro por cento. Satisfeita, mas ainda desconfiada, Morana entrou no sistema e abriu o software para reconhecimento facial, carregando a foto do assassino e fazendo a busca para ser executada em segundo plano. Então, ela se aprofundou em todas as notícias relacionadas a Tenebrae Outfit datadas de vinte anos atrás. Um assassinato aqui, um assalto ali, nada muito visível e nada muito alarmante. Ela se sentou no sofá, lendo artigo após artigo, recortes de notícias após recortes de

notícias e não encontrando nada que pudesse sugerir o fim da Aliança. Isso foi surpreendente porque, geralmente, quando as alianças se rompiam, havia sempre um breve período de derramamento de sangue que se seguia à insatisfação. Há vinte anos? Nada. Impecável. Irreal.

Irritada, mas intrigada, ela mudou as configurações e começou a examinar os relatórios das meninas desaparecidas. Havia muitos, demais, para ficar tudo bem. Teorias selvagens que ligavam os desaparecimentos a assassinos em série e pedófilos, teorias da conspiração sobre alienígenas com gostos específicos em meninas humanas corriam desenfreadas nos relatórios. Os vários casos, embora bem investigados, ainda estavam abertos, mas permaneciam frios depois de tantos anos, apodrecendo no fundo de alguma prateleira. Os fatos eram misteriosos – bebês de até 3 anos desapareceram. Alguns de parques, outros de casas. Uma garota desapareceu de seu carrinho de bebê na fração de segundo em que sua mãe se virou para verificar sua bolsa na rua. Outra estava brincando lá fora com a irmã, enquanto a mãe as observava da cozinha. Um segundo elas estavam lá, e no outro as duas se foram. Casos após casos, histórias após histórias, inacreditáveis, mas verdadeiras, passaram por sua tela.

Quando Morana terminou de ler o último, seu estômago estava agitado e os olhos ardiam de raiva. Ela sabia que duas histórias nunca chegavam aos relatórios. Duas garotas

Luna Caine, desapareceu de seu quarto no meio da noite, um quarto que era impossível chegar sem acordar seu irmão protetor; e ela, Morana Vitalio, desapareceu e voltou. Enquanto a mídia e a polícia nunca ligaram os casos à máfia, Morana sabia que eles estavam. Não havia outra razão, além do fato de que ela era filha do Chefe de Shadow Port, por que ela foi devolvida e outras não?

Morana abriu seus sistemas e checou seus programas um por um. Com o reconhecimento facial sendo executado no homem que a agredira à noite e seus programas mais antigos foram aprimorados para encontrar informações sobre o que estava acontecendo, ela respirou fundo e abriu sua janela TOR[4]. Era chamada de *darknet* por um motivo, afinal. O que não podia ser encontrado na World Wide Web normal (WWW), sempre existia na rede de sombras.

Morana especializou sua janela TOR e a encobriu em camadas com não uma, mas várias VPNs que transmitiam seu sinal para todo o mundo a cada segundo em tempo real. Foi isso que tornou quase impossível rastrear suas pegadas. Ela não se envolveu em encontrar coisas através dessa parte da rede. Não apenas porque era perigoso, mas porque as coisas que ela foi forçada a ver enquanto navegava a deixavam enjoada. A depravação corria sem precedentes e sem controle.

4 TOR é um software gratuito que permite comunicação anônima.

Essa foi uma das razões pelas quais ela esperou tanto tempo para se aventurar na rede sombria. Mas não havia outra escolha agora. Ela estava certa de que encontraria algumas pistas, algumas respostas lá.

Abrindo a janela encapuzada, Morana desligou tudo o que estava ao seu redor e silenciosamente se alimentou de suas palavras-chave. Embora não tivesse certeza do que estava procurando, sabia que o ponto de partida era Tenebrae há vinte anos e as meninas desaparecidas. Ela apertou *enter*.

Quase imediatamente, um fluxo de resultados inundou sua tela rapidamente, aparecendo um após o outro. Morana manteve sua atenção na tela, seu olhar voando para frente e para trás sobre as palavras, salvando e descartando dados a uma velocidade que a marcava como um gênio.

De repente, uma caixa de diálogo apareceu ao lado de sua tela com uma mensagem.

Imreaper00[5]: *Falta uma palavra-chave.*

Morana congelou, surpresa com a mensagem, fazendo-a balançar a cabeça. Isso não deveria ser possível. Esqueça o

5 EuSouReaper00

encontrá-la sob os mantos de sua identidade on-line, esqueça o localizá-la na velocidade em que seu sinal estava voando em todo o mundo; deveria ser impossível alguém perceber o que estava fazendo lá. Absolutamente impossível.

No entanto, a mensagem piscou para ela, aparentemente inocente.

Ela rapidamente clicou na mensagem para ver a identificação on-line da pessoa que a havia enviado, uma semente de admiração a enchendo porque ela sobrevoava toda a segurança dela. A segurança dela era uma merda.

Uma caveira em preto e branco criou o ícone, o espaço negativo atrás da caveira apareceu na tela. Ainda atordoada com o fato de que essa pessoa Reaper a havia encontrado e feito contato, Morana decidiu tocá-lo pelo ouvido e rapidamente digitou uma resposta.

Nerdytechgoddess00[6]: *Qual palavra-chave?*

Ela esperou um batimento cardíaco e viu a resposta aparecer.

Imreaper00: *Comércio de carne*

6 DeusaDaTecnologiaNerd00

Morana sentiu a respiração presa por um longo segundo, a implicação daquelas palavras fazendo seu coração afundar. Não, Deus não.

Nerdytechgoddess00: *Quem é você?*

O relógio bateu na parede atrás dela enquanto esperava a resposta na tela preta.

Tick.

Tock.

Tick.

Tock.

Tick...

Imreaper00: *Um amigo.*

Morana não sabia o que fazer com isso. Outra mensagem veio antes que ela pudesse decidir como proceder.

Imreaper00: *Tenho minhas razões para ajudá-la.*

Morana digitou rapidamente.

Nerdytechgoddess00: *Que seriam?*

Imreaper00: *Quero que você encontre a verdade, Morana*

Então, ele sabia quem ela era. Morana olhou para a mensagem, um sentimento desconhecido se instalando na boca do estômago. Ela não entendeu. Um cenho franziu a testa enquanto seus dedos se moviam.

Nerdytechgoddess00: *Eu já sei a verdade*

Houve uma pausa antes que a resposta chegasse.

Imreaper00: *Ainda há muito que você não sabe*

Arrepios irromperam em seus braços na última mensagem. Ela esfregou a pele para acalmá-la, o peito arfando sem perceber. Confiando em seu instinto, ela escreveu sua mensagem.

Nerdytechgoddess00: *Eu quero te conhecer*

O cursor piscou cinco vezes antes dele – e ela assumiu que era um homem – responder.

Imreaper00: *Quando chegar a hora*

Imreaper00: *Por enquanto, use a palavra-chave*

Nerdytechgoddess00: *O que vou encontrar?*

Sua resposta foi enigmática.

Imreaper00: *Fontes*

Fontes de quê? Antes que ele pudesse desaparecer, havia uma coisa que ela absolutamente precisava saber.

Nerdytechgoddess00: *Como você* ***contornou*** *minha segurança?*

Ela esperou e esperou pela resposta dele, mas nada veio. Frustrada por não saber disso, voltou às palavras-chave e as modificou – *'tenebrae' + '1990' + 'meninas desaparecidas' + 'mafia' + 'comércio de carne'.*

Foi com apreensão que ela adicionou a palavra-chave, esperando contra a esperança que isso fosse um acaso e que ela não encontrasse nada que apontasse para algo assim. As famílias, pelo que ela sabia, nunca haviam negociado em carne e osso. Não fazia sentido. Isso acessaria uma parte totalmente diferente da rede, uma parte mais escura da rede que ela nunca havia se aventurado e a assustou um pouco.

A pesquisa foi carregada lentamente e uma enxurrada de novas informações a atingiu. Os olhos dela examinaram febrilmente os dados – garotas desaparecidas, garotas sendo leiloadas, garotas vendidas e notícias muito mais perturbadoras que a fizeram arrepiar. No entanto, nenhum dos dados falou sobre meninas com menos de 10 anos. As informações, por mais perturbadoras que fossem, não tinham nada a ver com as meninas desaparecidas de Tenebrae.

Suspirando, ela se afastou do laptop e se levantou do sofá, esticando os músculos, dando-se distância para pensar sobre isso. Caminhando até a janela que dava para o lago ao longe, Morana contemplou a casa em que agora moraria. Parecia serena, quase pacífica. Mas o homem que a ocupava não era. Ele não seria até que a verdade sobre sua irmã viesse à tona.

Havia uma razão pela qual o homem on-line queria que ela adicionasse 'comércio de carne' à lista de suas palavras-chave. Se não fosse importante, ela duvidava que ele tivesse se dado ao trabalho de localizá-la e entrado em contato com ela, quem quer que fosse. Ele sabia o nome dela e sabia algo sobre as meninas.

Um ping de seu laptop a fez dar uma rápida olhada nele. Voltando ao sofá, Morana sentou-se e viu todos os resultados da pesquisa que executara. Com os dedos no teclado, ela folheou as manchetes, os contos e todos os nomes em um ritmo vertiginoso, seu senso de urgência aumentando à medida que se aprofundava. Cada informação tinha um determinado nome de usuário anexado a ela no local de origem.

O homem havia lhe dito que ela encontraria fontes.

Trabalhando diligentemente, Morana filtrou os artigos pelas fontes e permitiu que o sistema o acumulasse em seções. Dez segundos depois, a maioria dos artigos foi classificada sob o nome de uma fonte – Distância Y.

Que diabos era Distância Y?

Antes que ela pudesse seguir essa linha de pensamento, um ping de um de seus programas desviou sua atenção. Seu reconhecimento facial personalizado estava completo. No início do programa, Morana não encontrou nenhum nome, mas seu software encontrou duas outras fotos do homem capturado em câmeras públicas, uma em Shadow Port e outra na América do Sul. Ela enviou a imagem para os números de Tristan e Dante e esperou que eles respondessem. Eles não fizeram.

Uma dor baixa começou a se formar logo atrás das sobrancelhas. Tirando os óculos, Morana pressionou a palma da mão nos olhos, gemendo de frustração com a maneira como as coisas estavam indo. Ela tinha mais perguntas do que respostas e toda vez que sentia que estava perto de algo substancial, ela passava por seus dedos. Cerrando os dentes de frustração, Morana olhou para o teto por um longo minuto, contemplando seu próximo curso de ação.

Ela fez uma ligação.



Processar

Tenebrae era uma cidade abençoada com belezas naturais. Dividida por um longo rio que se fundia ao oceano a algumas centenas de quilômetros de distância, estava localizada no sopé de algumas colinas deslumbrantes, salpicadas de belos lagos. Ao contrário do clima úmido e costeiro de Shadow Port, Tenebrae experimentava todas as estações – neve no inverno, dias ensolarados no verão e o melhor outono do país.

Olhando para as folhas douradas trituradas sob as botas novas, Morana estava no parapeito do píer público, segurando o café descartável que comprara de um vendedor do outro lado da rua. Sua jaqueta bege clara a mantinha quente o suficiente para que ela não sentisse o frio do sol da tarde, escondendo a pequena arma que ela havia retirado de Dante, seus cabelos presos em uma trança que ela rapidamente montou no carro quando Vin a levou. Ele estava lá em algum lugar, observando-a de volta, como Dante o havia instruído a fazer. O homem silencioso logo estava se tornando uma de suas pessoas favoritas.

As balsas que atravessavam o rio tocavam suas buzinas, as pessoas zumbiam ao seu redor e Morana permanecia

alerta e atenta, esperando o homem que ela contatara para esclarecer suas perguntas.

Como se em resposta a seus pensamentos, ela ouviu a voz grave e familiar atrás dela: “Não se vire”.

Embora tentada, Morana se conteve e simplesmente assentiu, mantendo os olhos fixos nos prédios ao longe do outro lado do rio. Ela sentiu o homem entrar em sua periferia ao lado dela, mas não conseguiu entender nada.

“Eu gostaria de poder dizer prazer em conhecê-lo”, brincou Morana.

“Você quer saber por que eu entrei em contato com você, Srta. Vitalio?”, o homem com a voz grave começou.

Mais uma vez, Morana assentiu. Fora de tudo, ela estava mais curiosa sobre isso.

“Você é a chave para um quebra-cabeça que estou tentando resolver. Acredito que podemos nos ajudar.”

“E como vou fazer isso?”, Morana perguntou, sua voz calma enquanto mantinha o olhar concentrado.

“Encontre as informações sobre o que aconteceu aqui há vinte anos.”

“E o que vou receber em troca?”

“Quaisquer respostas que você precise.”

“E você vai me dá-las em troca?” Morana perguntou, confirmando.

“Sim.”

Pensando nisso por um segundo, Morana tomou um gole de café. Era, na verdade, muito bom. “Por que eu deveria confiar em você?”

“Você não deveria”, respondeu o homem sem hesitar. Não havia inflexão em sua voz, nada em seu tom – apenas o grave barítono que falava de experiência muito além dos anos dela. “Mas estamos do mesmo lado por enquanto, apenas procurando a verdade.”

“Quais são as suas razões de interesse no fim da Aliança?”

“Quais são as suas?”, ele atirou de volta.

Morana sentiu seus lábios se curvarem. “Tudo bem então. Primeira pergunta – como você sabia que alguém tentaria me matar?”

Ela viu o homem encostar os braços no corrimão de ferro da periferia e pegar as roupas escuras que ele estava vestindo. “As informações são importantes na minha linha de trabalho”, elaborou Sr. Grave[7] casualmente. “Alguém pôs uma recompensa em você, uma bem alta, se eu puder acrescentar. Acabei de lhe contar de boa vontade.”

---

7 Personagem de livros de David Williams. As crianças têm medo por achar que é um Vampiro.

Um bebê chorou em algum lugar à sua esquerda. Morana sabia que Vin também estava em algum lugar atrás dela.

“Agradeço por me dar uma atenção”, Morana agradeceu ao homem.

“Não há motivo para você desconfiar de mim, senhorita Vitalio”, afirmou o homem claramente. “Não tenho nada contra você ou O Predador. Você é a mulher dele e não desejo fazer dele um inimigo.”

A mulher dele. Bem, ela era, não era?

Morana sacudiu a cabeça. “O que é a distância Y?”

O homem ao lado dela fez uma pausa: “Você chegou até eles rapidamente.”

Ela teve a ajuda de alguém. Era esse homem? Antes que ela pudesse perguntar, ele respondeu. “É o sindicato.”

Era um anagrama. Que diabos.

“O que é o sindicato?” Morana perguntou, sua confusão aumentando. “Está envolvido no motivo pelo qual as meninas desapareceram tantos anos atrás?”

“Você é muito inteligente”, o homem a elogiou, endireitando-se. “Siga essa pista. É aqui que eu te deixo. Quando você tiver informações, entre em contato comigo.”

Morana balançou a cabeça, suas perguntas sem resposta. “Você é o Reaper? Como você passou pela minha segurança?”

O homem fez uma pausa. Ela sentiu que ele estava surpreso. “Não, Srta. Vitalio. Não. Eu não sou. Mas, obrigado pelo que você acabou de me dizer. Isso colocou algumas coisas no lugar.”

Morana esperou uma batida, seu coração lentamente começando a acelerar o ritmo. “O que eu acabei de dizer?”

“Que ele está vivo.”

Antes que Morana pudesse perguntar mais alguma coisa, o lugar ao lado dela estava vazio. Ela se virou em um círculo, tentando encontrar a forma dele em retirada, mas havia muitos homens em roupas escuras e muitas pessoas andando para ela colocar um homem que ela nem sequer viu direito. Balançando a cabeça para si mesma, ela olhou para o rio novamente, seu coração se acalmando com a única pergunta que havia sido respondida.

As meninas que desapareceram eram um problema muito maior do que ela previra. Qualquer que fosse esse sindicato, ela precisava descobri-lo. E quem quer que fosse esse Reaper, ela precisava encontrá-lo.

O sol estava se pondo quando Morana se sentou no Range Rover que Vin a levou. Enquanto ela dissera a Dante que podia dirigir, o fato de ser uma cidade nova e uma convidada indesejada de Maroni a fez aceitar com prazer a ajuda que ela estava recebendo. Vin era um cara legal até agora, quieto, mas alerta, e ela gostava da companhia dele.

Na verdade, ela havia dito a ele sobre querer treinar um pouco mais, especialmente em autodefesa e, surpreendentemente, ele se ofereceu para ajudá-la, “se você desejar”. Ela deseja muito mesmo. Se nada mais, o golpe nela a fez perceber que ela nem sempre podia confiar em sua sorte para tirá-la de uma situação cabeluda. Da próxima vez, pode não haver uma casa para a qual ela possa correr, um espaço seguro para se refugiar. A partir de amanhã, ela faria seus músculos gritarem xingamentos.

Ela viu Vin percorrer o tráfego da cidade, os táxis buzinando e as passagens para pedestres, seus olhos contemplando uma cidade tão diferente daquela em que ela cresceu, e não apenas em termos climáticos. Shadow Port era mais descontraído, onde Tenebrae era agitada. Eles finalmente se mudaram da área central da cidade e foram em direção às colinas verdejantes onde a mansão Maroni estava situada.

Tirando o telefone do bolso, Morana abriu o texto que enviara a Tristan sobre a reunião, vendo que ainda não havia

sido lido. Depois da noite que passaram juntos, da manhã que tiveram, ela esperava que ele a tivesse verificado pelo menos uma vez. Que ele não havia dito a ela que estava muito ocupado fazendo o que estava fazendo, ou simplesmente não havia processado que agora estava em um relacionamento comprometido. Eles teriam que conversar sobre isso.

O carro subiu, girando com as curvas da colina enquanto a cidade descia lentamente, o rio serpenteando ao longe. Ela tinha perdido a observação de tudo isso pela primeira vez em seu nervosismo, seu cérebro concentrado apenas em sua ansiedade. Desta vez, estando mais relaxada, ela pôde apreciar a beleza e o espírito desta cidade e ver por que havia sido uma joia da coroa por tantas décadas.

Os portões de ferro forjado da mansão se abriram automaticamente quando eles se aproximaram do topo da colina. Vin acenou com a cabeça para um dos guardas da guarita e eles entraram, a longa entrada que se estendia, a enorme mansão talhada em pedra, como sempre a lembrava de um castelo enterrado na floresta da Escócia.

“Suas malas e pacotes foram transferidos para a ala do Sr. Caine”, informou Vin quando ele parou o carro em frente à mansão. "Você encontrará tudo na sala de estar."

Morana sorriu, seu coração esquentando com o pensamento. Embora isso ainda não lhe parecesse o lar, ela estava feliz por estar com ele. Agradecendo Vin por seu

tempo, ela desceu do carro e viu Lorenzo Maroni a observando da janela de seu escritório. Ela não sabia se era ele quem tentara matá-la ou não, mas qualquer que fosse o caso, ela não estava mais sob a proteção dele.

Sabendo que isso o irritaria, ela deu um aceno alegre e o observou franzir a testa. Com os lábios curvados, ela se virou e foi para a pequena cabana ao lado do lago ao longe, para a casa do homem que fora mantido à margem do mundo.

Estava escuro e o lago parecia calmo, sereno. A casa térrea, construída de pedra e madeira, estava iluminada. Subindo os degraus da varanda, Morana girou a maçaneta e entrou, o cheiro de tomates e folhas de manjericão flutuando da cozinha.

Com um sorriso, ela tirou a jaqueta e entrou na sala aberta para verificar suas coisas, apenas para parar e encontrar o homem irritado sentado no sofá, com sua camisa branca desabotoada na gola, sua camisa azul, olhos nela. Por que diabos ele estava com raiva?

“Bem, olá para você também, meu querido”, disse Morana docemente, colocando a jaqueta no braço de uma cadeira, olhando para sua mala e muitas caixas de seu novo guarda-roupa. “Obrigada por me checar hoje, especialmente depois da noite passada.” Abrindo uma caixa, Morana viu os acessórios desembalados e continuou falando. “Foi tão gentil da sua parte. Esta manhã também foi especial para mim, e

estou tão feliz que foi especial para você também. Meu coração foi aquecido por...”

“Quem era ele?”

A pergunta suave logo atrás dela quebrou a divisa. Morana se virou, para encontrá-lo tão perto que sua expiração aqueceu sua testa. Seus olhos se fixaram nos dela, a fúria neles em fogo. Mas não foi a raiva que a fez parar. Era o leve dano que ela podia ver neles, o que ele estava tentando esconder pelo aperto de sua mandíbula, que ferveu sua própria raiva imediata.

Colocando a mão sobre o coração dele, ela sentiu o batimento cardíaco levemente aumentado sob a palma da mão dele.

"Você está com ciúmes, Sr. Caine?", ela perguntou suavemente, um leve sorriso nos lábios.

Assim como ela esperava, ele fechou o espaço entre eles. A mão dele foi para a parte de trás da cabeça dela, envolvendo o rabo de cavalo em torno de seu punho, inclinando a cabeça para trás. Formigamentos dispararam de seu couro cabeludo pela espinha, seus mamilos em alerta quando sua boceta apertou. Surpreendeu-lhe como este homem poderia simplesmente respirar sobre ela e seu corpo se prepararia para ele.

“Não me empurre, porra”, ele murmurou suavemente sobre os lábios dela, seus olhos ainda completamente

segurando-a em cativeiro. “Você foi encontrar um homem estranho em uma cidade estranha sem contar a ninguém sobre isso. Você falou com ele e voltou de bom humor. Quem é ele?”

“Você sabe que não tem nada para ter ciúmes, certo?”, Morana perguntou razoavelmente.

Ele puxou seu rabo de cavalo em resposta, a outra mão indo para a bunda dela e puxando-a para mais perto. “Quem. É. Ele?”

“Eu não sei”, respondeu Morana honestamente.

Ele fez uma pausa. “Você não sabe?”

Ela balançou a cabeça, acariciando o músculo duro do peito dele suavemente. “Eu não ia esconder isso de você. Você simplesmente não estava respondendo ao meu texto, então pensei em dizer depois. A propósito, precisamos conversar sobre isso.”

“Você foi encontrar um homem que não conhecia?”, ele perguntou, incrédulo.

“Ele me contatou uma vez antes”, esclareceu Morana. Os olhos dele escureceram. Ela continuou, imperturbável. “Ele disse que tinha algumas informações e foi por isso que eu o encontrei. Ele o fez.”

Tristan se inclinou, os lábios pairando ao lado da orelha dela, a barba esfregando contra o lado de sua bochecha. “Você não está se ajudando.”

Morana revirou os olhos, sua respiração aumentando. “Acalme-se, homem das cavernas. Você está sendo um idiota.”

Os lábios dele fizeram contato com a pele dela logo abaixo da orelha, a língua dele provando a pele dela. “O que eu sinto não é ciúme, gata selvagem.” Os lábios dele deslizaram para o lado do pescoço dela, beijando a pele como ele nunca tinha feito antes. “É saber que você é minha mas que ainda tenho que compartilhar você com as pessoas. É uma queimadura no meu peito. Isso me faz querer te colocar por cima do ombro, levá-la a uma caverna e te foder até você esquecer tudo, menos como é me ter dentro de você.”

Respirando com dificuldade, sentindo os lábios dele pararem no ombro dela, Morana o desafiou como sempre fazia. “Por que você não faz?”

Antes que ela pudesse respirar novamente, ele a apoiou contra a parede, pegando seu peso com uma mão debaixo da bunda. Morana agarrou seus ombros largos e envolveu as pernas em torno de seus quadris, sentindo seu pênis pressionar urgentemente entre as pernas abertas.

Segurando a camisa onde estava aberta, Morana puxou-a, enviando botões voando quando ela se abriu, seu peito e abdômen ficando visíveis para ela. As mãos dele rasgaram o

tecido da blusa nova do corpo dela até que ela se abriu no meio, deixando-a apenas com seu sutiã rosa de renda. Ela pensou que ele diminuiria então, talvez deslizar as alças do sutiã para baixo. Ele não fez. Ele apenas rasgou as rendas até o sutiã dela cair em farrapos, os seios expostos aos olhos dele, os mamilos duros como balas. Eles estavam pesados, doloridos.

E então, pela primeira vez, suas mãos os seguraram. Morana sentiu o toque dele em sua vagina, seus quadris moendo automaticamente contra ele enquanto inclinava a cabeça para trás, fechando os olhos.

“Olhos”, ele pronunciou uma exigência bruta, fazendo-a abrir os olhos e vê-lo. Eles haviam negado isso um ao outro antes, negado um ao outro muito antes. Mas agora estava sendo descoberto lentamente, essa nova intimidade entre eles.

Bloqueando seus próprios olhos castanhos com seus azuis eletrizantes, Morana agarrou seu cabelo na parte de trás de sua cabeça, insistindo com ele. As mãos dele – grandes, ásperas, habilidosas - as mesmas mãos que uma vez limparam o sangue dela, apertaram seus seios, os dedos dele habilmente puxando seus mamilos, a pressão quase dolorosa, mas tão boa que sua calcinha era uma bagunça molhada.

Ele apertou seus quadris contra ela sobre suas roupas, seu pau quase machucando seu clitóris com uma pressão tão deliciosa que ela sentiu seus membros formigarem.

“Oh merda”, ela gemeu, mostrando a garganta para ele, seu pulso acelerado enquanto seu coração tentava acompanhar seu corpo.

“Dê-me sua boca”, ela exigiu e viu um lampejo de sua covinha.

“Coisinha gananciosa”, ele murmurou, ainda se inclinando para trás e olhando para ela, suas mãos causando estragos em seus seios e mamilos quando ele ritmicamente começou a transar com ela por cima de suas roupas. “Diga meu nome.”

“Tristan”, escapou-a em um sussurro, suas próprias mãos explorando seu peito nu. “Por favor.”

“Foda-se”, ele amaldiçoou, logo antes de bater a boca na dela, seus quadris intensificando a pressão. A sensação de sua língua deslizando contra a dela, suas mãos puxando e amassando seus seios, seu pênis rolando contra seu núcleo dolorido se tornou demais para ela. Ela bateu contra a onda que crescia dentro dela, os dedos dos pés curvando-se nas botas e as coxas apertando os quadris dele enquanto a espinha se curvava, seu orgasmo a surpreendendo com sua intensidade. Ela o sentiu perder o ritmo quando ele gemeu em sua boca, suas mãos deixando seus seios indo para baixo de sua bunda, moendo sua boceta mais perto dele.

Respirando com dificuldade, ele quebrou o beijo, encostando a testa nela. Ela podia sentir seu coração gaguejando, tentando se acalmar. Acabou em poucos minutos.

“Eu nunca gozei nas minhas calças antes”, ele murmurou no espaço entre eles.

Morana sentiu uma risada deixá-la, quando se transformou em uma risada completa. “Nem eu.”

“Eu não tenho certeza se a minha falta de controle ao seu redor, é uma coisa boa”, afirmou ele, desembaraçando suas pernas ao redor dele. “Eu preciso de um banho.”

Morana endireitou os óculos e puxou as roupas de volta para uma aparência de decoro, quando ele se virou na direção da escada e subiu rapidamente. As sobrancelhas dela atingiram a linha do cabelo quando ela viu a velocidade com que ele estava fugindo, suspirando porque ele precisava aprender a processar a merda. Ela já estava com as mãos cheias.

Mas bem, ele tinha lhe dado dois orgasmos muito bons em um dia então ela podia ser legal.

Balançando a cabeça, ela pegou sua bolsa de produtos de higiene pessoal e o seguiu em um ritmo mais calmo, com certeza de que ele não esperaria o que ela faria. Entrando no quarto, ela rapidamente se despiu e foi para o banheiro quando o som da água corrente encheu o espaço.

Abrindo a porta, ela entrou e o viu no cubículo de vidro, nu aos olhos e vulnerável. Não passou despercebido para ela que foi exatamente assim que ele a encontrara de volta na cobertura. Mas ela não foi até ele. Em vez disso, ela enrolou uma toalha em volta de si mesma e abriu a bolsa.

"Você percebe que estamos em um relacionamento, certo?", ela chamou casualmente, apreciando a vista no espelho de seu lugar.

Ela viu o olhar dele enquanto passava as mãos pelos ombros. Ele não disse nada. Ela continuou.

"Os relacionamentos funcionam com a comunicação", ela continuou. "Eu não me importo que você não seja o cara mais falador da sala, mas isso significa que quando a merda entra em sua cabeça, você me conta sobre isso para que possamos ter discussões como adultos, em vez de recuar e lidar com isso sozinho."

Ele continuou olhando para ela através do vidro, seus olhos intensamente focados nela. Ela sabia que tinha a atenção dele. Tirando seu gel de limpeza facial, esfoliante e uma máscara divina que encontrara graças a um link que Amara havia lhe enviado alguns dias atrás, Morana largou os óculos e amarrou o cabelo em um coque.

"Eu sei que você não está acostumado a explicar seus pensamentos para ninguém", continuou ela, molhando lentamente o rosto. "E eu não estou pedindo para você. O que peço é que você compartilhe o que estiver sentindo comigo.

Seja honesto comigo. Eu farei o mesmo. É assim que os relacionamentos funcionam."

"Pelo que sei, você não tem muita experiência em relacionamentos", disse ele sobre a água, seu tom levemente defensivo. "Na verdade, seu único ex foi um ladrão que a trapaceou".

Morana fixou os olhos no espelho. "E eu o deixei morrer, não foi?"

Ponto feito.

Ela viu os lábios dele se curvarem levemente e ensaboou o rosto com a loção com cheiro de frutas, limpando a pele. "O ponto é que você sabe que estou nisso a longo prazo. Eu sei que você está nisso a longo prazo. Vamos facilitar o longo curso para nós dois, o que você diz, hum?"

Ela o viu desligar o chuveiro e enrolar uma toalha nos quadris. Lavando o rosto rapidamente, ela esfoliou, os olhos dele presos nos dela no espelho.

"E se eu não fizer?", ele perguntou baixinho. Morana sentiu o coração bater levemente, mas manteve a calma, abrindo lentamente o frasco para a máscara e aplicando-o com os dedos no rosto.

"Você vai", ela declarou claramente, vendo seus olhos brilharem no reflexo. "Porque, no fundo, Sr. Predador, você é um bom homem que esperou a vida inteira para poder

compartilhar com alguém. Você só precisa confiar nessa conexão, confiar em mim o suficiente."

Ela o viu olhar seu rosto azul e enlameado, os lábios virando para os lados. Inclinando-se para a frente, ele deu um beijo suave em sua cabeça, os olhos presos no reflexo, e disse as duas palavras que fizeram seu coração derreter como a gosma no rosto.

"Vou tentar."



Compartilhar seu espaço com um homem era um tipo estranho de experiência. Apesar de toda a sua bravata sobre 'isso é como as relações funcionam', Morana tinha certeza de que ela era péssima. Bem, não que o homem em questão já tenha indicado isso, mas quem sabia. De qualquer maneira, ele guardava muita merda para si mesmo.

Morana o viu se mover pela cozinha preparando o café da manhã, como fazia todas as manhãs nos últimos dias em que ela estivera lá, sentada no banquinho que reivindicou na ilha, bebendo seu suco de laranja fresco. Suas costas sob a camiseta azul se moveram quando ele cortou algumas frutas.

Os olhos dela se estreitaram.

Algo estava errado. Ela não sabia o que era, não podia colocar um dedo nisso, mas ela simplesmente sabia. Desde que ela se mudou há cinco dias, ela se estabeleceu e ele estava tentando se estabelecer com ela. Eles dormiram um ao lado do outro. Ocasionalmente, ele tinha pesadelos, mas não frequentemente. Eles acordaram abraçados. Mas, por mais de cinco dias, o homem não fez nenhum movimento nela.

No começo, ela pensou que era porque ele estava lhe dando espaço, mas percebeu que era estúpido. Tristan Caine

havia invadido seu espaço, não havia como ele ser um cavalheiro agora. Ele estava ocupando seu próprio espaço, mas não estava distante. Ele cozinhava para ela, conversava com ela lentamente sobre o dia dele e perguntava sobre o dela, enviava, pelo menos, uma mensagem ao longo do dia. Ela agora tinha suas coisas com as dele, agora era deles, armários e aparadores. A marca de chips que ela comia quando trabalhava ocupava as gavetas da cozinha. Ele conhecia toda a sua rotina limitada de cuidados com a pele, pelo amor de Deus. Eles eram o epítome da domesticidade.

Mas ele não a tocou ou iniciou qualquer tipo de intimidade desde aquele dia. E isso a incomodou. Ela sentia falta dos orgasmos espetaculares, mas, mais do que isso, sentia falta do fogo que ele acendia em seus sentidos.

E mesmo que ele não a tivesse feito, ele estava marcando seu território. Como apenas dois dias atrás, ela estava em frente ao lago com Vin em suas novas roupas de treinamento, deixando o outro homem ensiná-la a sair de um ataque pelas costas, quando Tristan entrou na clareira e ficou lá, seus olhos brilhando, observando todas as maneiras que o outro homem a tocara, clinicamente.

E, embora ele não tivesse se oposto ao treinamento dela, ele esteve lá a sessão inteira, deixando o outro homem em silêncio saber que um movimento errado o faria se afogar dolorosamente no lago. Morana meio que desejou que ele assumisse o treinamento dela, mas ela sabia por que ele não fez – porque então eles não treinariam.

Honestamente, porém, era demais esperar que um homem como ele se ajustasse rapidamente, não apenas compartilhando seu espaço, mas compartilhando seu espaço com ela. Ela era o calcanhar de Aquiles dele. Ela era sua criptonita. E só porque ele não queria mais matá-la, não significava que tudo estava entre eles. Para um cara que nunca havia morado com ninguém, ele estava realmente se saindo melhor do que se poderia esperar. Ele estava se acostumando a morar com ela e ainda havia um abismo entre eles que Morana não sabia como romper.

Eles chegariam lá. Uma coisa que ela definitivamente podia dizer sobre viver tão longe da mansão – sem esbarrar em outras pessoas. Morana não via Chiara ou qualquer membro da família Maroni, exceto Dante há dias, e estava feliz por isso. Zia vinha a cada três dias à cabana com todas as compras, e conversar com ela era um dos pontos altos do dia de Morana.

Saltando do banquinho, Morana passou manteiga na torrada ao lado de seu homem, maravilhada por um momento com o quão pequena ela se sentia com os pés descalços ao lado dele.

“Há algo que você gostaria de me dizer, homem das cavernas?”, Morana perguntou, chamando-o pelo apelido que ela pegou para usar nele, um que ela sabia que ele realmente gostava naquela parte do cérebro de lagarto.

Ele olhou para ela. “Não que eu saiba.”

“Hmm”, Morana bufou, perguntando-se como sair e lhe perguntar por que ele não a tinha atacado.

Antes que ela pudesse descobrir como expressar esse pensamento, uma batida soou na porta e Dante entrou, vestido perfeitamente como sempre em um terno escuro e gravata afiados, seus cabelos escuros afastados do rosto lindo.

“Eu estava com medo de ter que clarear meus olhos se eu entrasse”, ele brincou, desabotoando o paletó e sentando-se no banquinho que ela havia acabado de desocupar.

“Não deveria ter entrado então”, brincou Tristan ao lado dela.

Morana lançou-lhe um olhar que ele voltou inocentemente e virou-se para sorrir para Dante. “Oh, não há nada que precise de alvejante acontecendo aqui. Não.”

“Oh?” Dante perguntou, as sobrancelhas subindo na testa enquanto olhava para Tristan por um segundo antes de fixar seus olhos castanhos nela, um sorriso no rosto. Morana sentiu-se corar. Isso vinha acontecendo com mais frequência ultimamente, seu filtro cérebro-boca escorregando. Ela não entendeu o porquê.

“Alguma pista sobre o sindicato?” Morana mudou de assunto sem nenhuma sutileza, fazendo a pergunta que ela tinha certeza de que já sabia a resposta. Desde a sua reunião com o cara misterioso, ela e os meninos estavam trabalhando

incansavelmente para descobrir algum tipo de evidência sobre o que era esse Sindicato, e surpreendentemente não haviam encontrado nada. Nem Dante e Tristan, com todas as suas conexões obscuras, conseguiram encontrar algo ou alguém que sequer tivesse ouvido falar. O grupo fantasma ou organização, seja lá o que fosse, era bom.

"Na verdade, há algo", disse Dante, surpreendendo-a.

Morana levantou uma caneca em pergunta silenciosa e Dante balançou a cabeça. Batimentos cardíacos rápidos, ela se sentou em frente a ele e sentiu Tristan ficar atrás dela, a mão na cintura dela enquanto ele considerava Dante. "Conte-me."

"Eu tenho um informante", Dante dirigiu os olhos para Tristan antes de olhar para ela. "O assassino, que tentou matá-la, se a informação dele estiver correta, foi contratado por este grupo sindicato. Ele tem outra liderança e quer se encontrar hoje à noite em algum lugar público. Eu disse para ele vir a um de nossos clubes."

A voz do uísque e pecado veio detrás dela. "Eu vou contigo."

Dante assentiu. "Eu quero que vocês dois venham na verdade."

Morana fez uma careta. "Não que eu me importe, mas por quê?"

“Porque”, explicou Dante, “não posso ter certeza de que alguém não esteja de olho em nós. Se estiverem, não quero que eles vejam nada além de nós levando-a para uma noite na cidade. Quem encontramos lá, nós controlamos. Você e Tristan podem se divertir enquanto eu termino a reunião.”

Morana virou o pescoço e olhou para o homem atrás dela. “Acho que, neste ponto do nosso relacionamento, você deve saber que não gosto de usar salto alto.”

Ela teve um lampejo de covinhas.



De alguma forma, ela ainda não tinha visto as tatuagens dele.

Ela não sabia como ele tinha feito isso, já que o viu tomar banho e dormir ao lado dele, mas de um jeito ou de outro, suas tatuagens ainda eram um mistério para ela. Prometendo resolvê-lo em breve, Morana verificou a gostosura de Tristan Caine em jeans escuro e Henley preta, as mangas levantadas em seus antebraços musculares, juntando-se de uma maneira que fazia seu núcleo negligenciado pulsar a cada batimento cardíaco. Ela provavelmente deveria apenas se masturbar neste momento e fazê-lo assistir. Agora, esse era um bom plano.

Ela sentou-se na parte de trás, enquanto os dois homens se sentavam na frente do Range Rover de Dante, o veículo zumbindo agradavelmente enquanto desciam a ladeira em direção à cidade, outro carro os seguindo.

Nos últimos dias, Lorenzo Maroni esteve ausente no jantar, mas ela sabia que ele estava na mansão. Ela o vira com bastante frequência e, às vezes, o pegava olhando-a com um olhar estranho – como se ele conhecesse um segredo que ela não conhecia. Isso lhe deu arrepios. O pai dela também estava ausente. Ela tinha certeza de que ele sabia onde ela estava, mas não tinha ouvido um pio dele.

Morana ligou para Amara à noite enquanto se preparava, para conversar, mas também para falar mal de Shadow Port e se tudo parecia bem. Amara mencionou que algo estava errado e Morana teve que concordar. A mulher, sua amiga, parecia genuinamente emocionada por ter se mudado com Tristan. Morana ficou tentada a discutir seus problemas de relacionamento com ela, mas não sabia como. Parecia tão novo para ela.

Foi quando Tristan disse a ela que eles tinham que ir. E eles se foram.

Dante, vestido tão casualmente quanto seu irmão da máfia, interrompeu seus pensamentos. “Estive pensando no homem que você encontrou, Morana. Eu suspeito quem pode ser, mas não tenho certeza. Se ele é quem eu penso que é, acho que podemos confiar nas informações que ele lhe deu.”

“Então o sindicato existe?”, Morana perguntou. “Sinceramente, comecei a pensar que estávamos perseguindo fantasmas.”

“Sim, estou começando a pensar que muita coisa está acontecendo aqui que não sabemos.”

“Então, é hora de fazermos.”

Dante trocou um olhar fugaz com Tristan que ela pegou. Sem mencionar nada, Morana simplesmente fez perguntas sobre a cidade e Dante respondeu, Tristan extraordinariamente quieto, enquanto se dirigiam para o clube.

No antigo distrito de armazéns, como em Shadow Port, o clube se chamava Mayhem. *Simpático.*

Morana viu o sinal de neon de longe, uma longa fila do lado de fora, indicativa dos bons negócios. Dante parou no estacionamento e eles saíram, Tristan abrindo a porta e oferecendo a mão dele como o cavalheiro que ela não sabia que ele poderia ser. Usando os saltos que ela odiava e um vestido azul-escuro brilhante que ela amava, Morana segurou a mão dele e saiu. Nos saltos, com os cabelos em um rabo de cavalo alto, lábios vermelhos e óculos retangulares, Morana parecia bem. Ela sabia que estava bonita.

Mas a maneira como seus olhos a percorriam com aquela posse territorial? Isso a fez se sentir bem.

Estendendo uma mão possessiva em seu braço, ela entrou com os dois homens no clube, a música subitamente pulsando em seu pulso. Cada batida forte escapava de seu coração, afundando em seu sangue, aquecendo seu sistema. Ela podia ver a pista de dança cheia de corpos giratórios, as luzes de neon brincando de esconde-esconde com toda a carne exposta, um bar no lado de fora com mais pessoas.

Ao contrário de sua última vez, ela sabia que desta vez iria se divertir.

A mão de Dante no ombro dela voltou sua atenção para ele. Ele acenou com a cabeça para Tristan e sorriu para ela, antes de caminhar para os fundos do clube para a reunião.

Uma sensação estranha na boca do estômago, Morana sacudiu e virou-se para o homem ao seu lado, apontando para os banheiros. Tristan assentiu, os olhos ainda em onde Dante tinha ido, e ela sabia que ele estava distraído. Deixando-o em paz, Morana rapidamente escapou para o banheiro. Depois de fazer seus negócios e consertar o batom, ela saiu novamente para a multidão, tentando localizar seu homem.

Seus olhos percorreram a multidão, apenas para parar subitamente no bar. Ele estava sentado ali com uma bebida e uma sereia ruiva em cima dele.

Morana ficou quieta, com o coração disparado, observando o que ele faria, observando a sereia colocar a mão no braço dele exatamente onde estava a dela e observando

como ele não a sacudia. Ela observou, a sensação de afundamento na boca do estômago piorando, o rosto vazio de toda expressão enquanto a sereia deslizava contra ele.

Fogo infundiu suas veias, encheu sua barriga, chiou por dentro.

Ela não entendeu essa emoção, nunca tendo lidado com isso em sua vida. Ela não entendeu como reagir. Agarrando seu telefone, sem saber se deve subir lá em cima e dar um soco na sereia, ou sair e esfriar, Morana respirou fundo, tentando limpar a névoa vermelha.

Como se sentisse o olhar dela, seus olhos vieram para ela. Ele não fez nada, não se mexeu, não desviou o olhar, apenas esperou para ver a reação dela.

E Morana ficou chateada.

Girando sobre os calcanhares, Morana teceu através da multidão e foi direto para as portas do lado mais próximo dela. Empurrando a trava, ela saiu no beco vazio entre o clube e um armazém e fechou a porta atrás dela. O ar estava frio em seu nariz quando ela respirou fundo, sua mão tremendo com sua irritação.

Ela não sabia que tipo de jogo ele estava jogando, mas ela não estava aqui para isso. Foda-se e foda-se duas vezes por tentar testá-la. Ela não estava nada além de aberta e emocionalmente desprotegida. E ela estava chateada porque ele estava sendo hipócrita – ousando deixar outra mulher

colocar as mãos nele quando ele não podia suportar que ela encontrasse outro homem, mesmo que de forma platônica.

A porta se abriu atrás dela e o ar mudou.

Morana começou a se afastar, nem mesmo se virando para reconhecê-lo.

Ela sentiu a mão dele em seu ombro nu, virando-a. Tremendo com sua fúria, ela olhou para ele, surpresa ao encontrar seus olhos divertidos.

“Recolha suas garras, gata selvagem”, ele murmurou baixinho.

Morana rosnou, empurrando-o contra a parede, olhando para ele. “Não jogue esses jogos juvenis comigo, Tristan. Vou te abrir e te comer vivo.”

Ele olhou para ela, seus olhos procurando os dela, uma suavidade em seu olhar. “Aí está ela.”

Morana franziu a testa, sem entender. Mas ela respirou fundo.

“O que é que foi isso?”

“Eu só queria ver alguma coisa”, explicou ele.

“O quê?”

“Se você queimou como eu queimo com a necessidade de reivindicar você. Que eu não estava sozinho no fogo.”

Por mais complicada que fosse, a explicação acalmou Morana uma fração. Insegurança, ela poderia lidar com isso. Ela teve que se lembrar de que ambos eram novos nisso, ele mais do que ela. Mantendo os olhos nos dele, Morana o empurrou contra a parede e colocou o telefone na jaqueta.

A testa dele franziu a ação e Morana não explicou, afundando até os joelhos no chão duro e desabotoando o jeans, fazendo algo que ela estava morrendo de vontade de fazer com ele há dias, transmitindo sua mensagem em um idioma que ele entenderia, de uma vez por todas.

“Você queria saber se eu queimo como você?”, Morana perguntou, abaixando o jeans e tirando seu pênis semiduro, olhando para ele e encontrando sua atenção extasiada nela.

Ela o lambeu na ponta, provando seu sabor salgado, e declarou. “Isso é uma merda. Você está fodido. Mas você é meu.”

Ele ficou mais duro e ela o lambeu na parte de baixo. “Toda”, lambida, “fodida”, lambida, “polegada de você.”

A mão dele agarrou seu rabo de cavalo, segurando sua cabeça enquanto ele empurrava dentro de sua boca, os lábios envolvendo-o. Ela o levou o mais fundo que pôde e se afastou, mantendo os olhos nos dele, as mãos nas coxas fortes dele. Ele abriu a boca para dizer algo, seus olhos azuis brilhando de uma maneira que ela nunca viu antes, e ela o pegou pela boca novamente, esvaziando as bochechas e aplicando a pressão que lera, fazia maravilhas, em revistas.

Os quadris dele flexionaram, a mão puxando os cabelos dela, enquanto ele ainda controlava o quanto ela podia aguentar. “Você continua me olhando assim e eu vou demorar menos de um minuto.”

Porra, isso foi bom. O poder que ela sentiu naquele segundo, sabendo quem ele era, vendo seu controle se desgastar nas bordas dentro de sua boca, a fez se sentir bem.

“Diga meu nome”, Morana murmurou, chupando apenas a ponta dele e passando a língua contra a fenda, sem quebrar o contato visual. Qualquer um poderia sair e vê-la de joelhos, levando seu homem à boca, o punho dele envolvendo os cabelos dela, e isso a deixou molhada.

O polegar dele acariciou sua bochecha enquanto sua respiração trabalhava. Ele não disse o nome dela.

Envolvendo os dedos em torno de sua base grossa e empurrando-o, maravilhada com o fato de que essa coisa enorme estava dentro dela, Morana se afastou completamente, com os olhos lacrimejando e não apenas por causa da pressão.

“Eu não apenas queimo com você, Tristan”, disse ela, com a voz trêmula. “Eu queimo por você. E não sei o que tenho que fazer para provar isso.”

Ele gemeu, fechando os olhos. “Foda-se, Morana.”

Com o coração batendo forte, ela o pegou na boca novamente e voltou a chupá-lo com vigor, sentindo-o

lentamente perder o controle quando seus quadris começaram a se mexer.

"Afaste-se se não quiser engolir", alertou. Ela não fez. A própria respiração dela acelerou com a dele, e então ele explodiu em sua boca com um rosnado baixo. Garganta trabalhando, engolindo cada gota dele, Morana mentalmente se deu um tapinha nas costas por um boquete bem feito. Os deuses do oral ficariam orgulhosos.

Abrindo o punho, ele soltou o cabelo dela e se aconchegou de volta, puxando-a para cima.

Morana se endireitou, limpando os joelhos doloridos e ignorou a umidade entre as pernas, olhando para uma mancha no peito dele, subitamente sentindo-se um pouco envergonhada. Mas eles tinham que falar sobre isso.

"Eu não gosto desse sentimento, Tristan", ela se dirigiu a ele, sem desviar o olhar de seu peito. "Quero poder entrar em uma sala e saber, sem dúvida, que o homem que reivindiquei é *apenas* meu. Eu sei que não é assim que as coisas funcionam neste mundo. Sei que homens e mulheres brincam com os outros, que a lealdade é um luxo que nem todos podem pagar. Eu sei. Eu simplesmente não gosto disso."

Engolindo, ela colocou as mãos no peito dele e deslizou os olhos para os dele, para encontrá-los singularmente focados nela, e sentiu um arrepio percorrer sua espinha.

Alguma vez ela se acostumaria à intensidade dele, ao puro magnetismo dessa atenção?

Inspirando profundamente, ela continuou. “Eu só, eu realmente gosto de você, Tristan Caine, tão bagunçada quanto você.”

Uma das mãos dele pousou nos quadris dela, a outra subindo até o pescoço dela. “Minha lealdade não é um luxo para você, Morana. É um presente e é sua. Você nunca precisa entrar em uma sala e questionar isso.”

Morana sentiu a boca tremer quando ficou na ponta dos pés, pressionando os lábios no local feliz onde o pescoço e o ombro dele se encontravam. “Obrigada.”

Ela o sentiu pressionar a boca contra os cabelos. “Eu não vou testar você assim novamente.”

Morana sentiu os lábios se curvarem e se afastou para olhá-lo. “Então você está me chamando pelo meu nome agora ou eu tenho que me ajoelhar para conseguir isso?”

Antes que ele pudesse dizer uma palavra, uma enorme explosão balançou o chão sob seus pés, batendo-a em seu peito. Ele imediatamente a protegeu atrás de seu corpo e Morana girou ao ver enormes chamas lamberem o céu escuro da parte de trás do clube.

Em choque, vendo o brilho gigantesco com os olhos arregalados, Morana mal assentiu quando Tristan sacou a arma e entregou a ela.

“Fique aqui!”, ele gritou com ela e depois correu em direção ao fogo, deixando-a sozinha no beco subitamente inundando com pessoas escapando do clube.

Foi um caos.

Morana se misturou à multidão e correu para o estacionamento na frente, para ver pessoas gritando e saindo do prédio em chamas, incapaz de entender o que havia acontecido. Seus olhos encontraram o carro de Dante e ela correu para esperar lá, ouvindo o som de sirenes a distância se aproximando, balançando a cabeça em descrença quando sons de pessoas conversando e gritando preencheram espaço ao seu redor.

Um tremor enorme sacudiu seu corpo enquanto ela mantinha os olhos grudados no local da explosão, sem ideia de quantas pessoas haviam sido feridas. A arma pesada em sua mão, ela se amaldiçoou por nem ter o telefone, olhando em volta para encontrar um rosto familiar. Ela não conseguiu. Todos da Outfit correram para trás para ajudar.

“Você viu como a porta explodiu?”, uma das garotas perto dela estava conversando animadamente com a amiga. "Foi uma loucura!"

“Eu sei!”, a outro parecia trêmula. "Espero que ninguém tenha se machucado."

Morana também esperava.

Depois do que pareceram horas, mas provavelmente levou apenas alguns minutos, ela finalmente viu Tristan voltando para ela, o rosto e as roupas escurecidos em fuligem, os olhos frios e distantes.

Morana deu um passo à frente, a boca de desconforto no estômago arregalando-se quando ela olhou para trás, com o coração trêmulo. Ela viu Vin e dois outros caras, em um estado semelhante, indo em direção ao carro também.

“O que aconteceu?”, ela expressou quando ele se aproximou, tentando entender sua expressão.

Era pedra.

Algo estava ruim.

Ela procurou por Dante.

Olhou de volta para Tristan.

Não.

Foda-se não.

“Tristan”, ela agarrou o braço dele, sacudindo-o, com os olhos lacrimejando. “Onde está Dante?”

Ele balançou sua cabeça.

Não.

Não.

Deus não!

Ele só queria dizer que Dante estava ocupado gerenciando o incêndio e não iria com eles. Foi isso que ele quis dizer.

“Ele virá mais tarde?”, ela perguntou, sua voz quebrando com esperança.

Deus não. Por favor, não.

“Precisamos ir”, disse ele, sua própria voz dura, fechada.

Morana olhou para as chamas iluminando o céu e começou a caminhar em sua direção.

Uma mão agarrou seu braço, virando-a de lado.

Ela olhou para ele. Ele balançou a cabeça uma vez.

Lágrimas escorreram por suas bochechas, um longo e doloroso lamento deixou seu peito quando ela caiu nos braços dele, soluçando por um irmão que ela só teve por alguns dias.



Sempre houve dois tipos de destruição. Lendo a história, era possível analisar a dizimação de qualquer império e dividi-la em duas. Um tipo era como um baralho de cartas – um pedaço desapareceu e a coisa toda caiu no chão instantaneamente. O outro tipo, o mais difícil de definir e mais lento para agir, era como os dominós – só se via a peça final cair, mas não se via o rastro de peças empilhando uma atrás da outra.

Observando a entrada da mansão cheia de carros, pela janela da casa, Morana não conseguiu identificar de que tipo era.

A tristeza ultrapassou seu coração, ela ficou sozinha na janela porque Tristan tinha assuntos mais importantes em mãos – como tentar encontrar o corpo de Dante. Seu coração pode estar cheio de tristeza, mas suas emoções se acalmaram o suficiente para ela parar e pensar. Ela precisava pensar porque, se houvesse um pouco de esperança, ela estava se agarrando a ela.

Morana repetiu a cena inteira em sua cabeça repetidas vezes.

Ela e Tristan estavam no beco quando o incêndio começou, cuja a causa estava sob investigação. Três corpos foram recuperados pelas costas, queimados além do reconhecimento, e Tristan pensou que um deles era Dante. Mas era?

Ela olhou para o telefone e refletiu sobre ele. O telefone de Dante foi desconectado e foi recuperado no local. Um corpo com suas roupas e relógio também foi recuperado, mas poderia ser outra pessoa. Ele estava agindo de maneira estranha o suficiente para ela questionar tudo. Era perfeitamente possível que ela estivesse se apegando à falsa esperança, mas não podia, não podia aceitar o fato de que o homem que se tornara seu protetor e sua família poderia subitamente ser tirado dela. Ela não aceitaria isso sem provas concretas.

A mansão estava em chamas com luzes onde Lorenzo Maroni havia chamado a Outfit inteira depois de receber as notícias sobre seu filho mais velho. Todos pensaram que ele estava morto – Morana não tinha certeza. Ela nem tinha sido capaz de questionar Tristan antes que ele a largasse e saísse.

Sem saber o que podia fazer, Morana apenas observou quando os homens desceram dos carros e decidiu que ela precisava ouvir a reunião.

Abrindo seu laptop com propósito, ela rapidamente encontrou o microfone que havia instalado clandestinamente

no escritório uma manhã e o ativou, conectando seus fones de ouvido para ouvir melhor enquanto olhava pela janela.

"Eles encontraram o corpo dele", um homem falou na sala e Morana agarrou seu laptop, seu coração batendo de repente. Talvez ouvir não fosse a melhor ideia.

"Isso é besteira", Lorenzo Maroni rugiu nos ouvidos de Morana. "Eu não acredito nisso."

Houve um silêncio por um instante antes que um homem corajoso falasse: "Pode ser difícil de aceitar, Lorenzo. É um choque para todos nós. Ele era seu herdeiro. Você o preparou a vida toda para assumir. Mas é o corpo dele. Eu mesmo verifiquei a prova."

Maroni bufou uma risada. "É exatamente por isso que sei que não é ele. Ele enganou todos vocês, idiotas."

Outra voz entrou na conversa: "Precisamos ter um funeral, Bloodhound. As pessoas estão abaladas. Nossos inimigos estão de olho em nós. O corpo dele está no necrotério. Temos que manter a aparência."

Houve mais silêncio antes de Maroni se dirigir a alguém. "É ele?"

Uísque e pecado confirmaram seu pior medo. "É sim."

Um suspiro alto deixou alguém e Morana desligou o laptop, as mãos tremendo. Foi um acaso. Com certeza, foi um acaso. Porque se Dante estivesse morto, não havia como

Tristan estar tão calmo. Ou poderia? Ele tinha visto tanta morte, matado tantas pessoas – ele podia ficar calmo diante da morte, mesmo de um ente querido.

A vibração repentina do telefone a fez estremecer, os olhos arregalando-se ao ver o identificador de chamadas.

Amara.

Porra.

Porra.

Porra!

Ela não deveria responder. Ela realmente não deveria falar com Amara agora. Mas a outra mulher havia lhe dito tantas verdades; era o mínimo que Morana podia fazer.

Porra.

Ela atendeu e ficou em silêncio, sem saber como começar.

Sua amiga ficou em silêncio por um longo minuto antes de sua voz suave e rouca perguntar baixinho. “É verdade?”

Morana engoliu em seco, dando-lhe a verdade, sua própria voz trêmula. “Eu não sei.”

Ela ouviu Amara inalar bruscamente do outro lado. “O que aconteceu?”

“Houve um incêndio no clube”, disse Morana, segurando o telefone com força na mão. “Eu não sei o que aconteceu exatamente, mas o telefone dele estava lá e eles encontraram um corpo com suas roupas e relógio.”

“Mas?” Amara pediu, sua voz ofegante dolorida.

“Mas eu não sei”, confessou Morana. “Até que eu possa falar com Tristan, eu não quero acreditar em ninguém.”

“Qual é a alternativa?” Amara perguntou, sua voz lentamente se acalmando.

“Talvez alguém o tenha sequestrado?” Morana sugeriu.

Amara riu, mas o som não foi divertido. “Você não rapta Dante Maroni, Morana. Ele é esperto e hábil demais para isso.”

Morana olhou pela janela, deixando as rodas em seu cérebro girarem. “Então você quer dizer que se ele está vivo e desaparecido...”

"...então ele fez isso deliberadamente", concluiu Amara.

“Bem, merda”, Morana sentou-se no sofá, confusa. “Mas por que ele iria?”

Amara ficou em silêncio por um longo minuto. “Acabei de me importar, Morana. Você tem sido uma boa amiga para mim. Obrigada.”

O tom achatado em sua voz de repente assustou o coração de Morana com alarme. “Amara...”

“Tome cuidado, Morana.”

A linha ficou morta.

Que diabos?

Morana rediscou o número, apenas para encontrá-lo indisponível. Argumentando consigo mesma, Morana tentou acalmar seu coração e permitir que Amara tivesse espaço para processar tudo. Ela não conseguia nem imaginar o que a outra mulher deveria estar passando, e precisava relaxar e não fazer isso com ela.

Expirando profundamente, Morana se trancou e subiu as escadas, pensando no que Amara havia dito. Ela tirou a roupa e roubou uma camiseta do lado de Tristan do armário, lavando rapidamente o rosto e escovando os dentes. E se Dante não estivesse morto, mas tivesse desaparecido deliberadamente. Por quê? Por que esconder isso dela e Tristan?

A mão dela parou com a escova na boca, os brilhantes olhos castanhos ligeiramente avermelhados e largos atrás dos óculos enquanto pensava nisso. Tristan poderia realmente estar no plano? Ele estava agindo um pouco diferente nos últimos dias, e sua reação no clube foi dura. Mas, por que esconder tudo isso dela?

Ela cuspiu e bateu com a mão na testa quando ela clicou.

Maroni e toda a família a viram sair do carro. Ela estava perturbada, chorando e segurando o braço de Tristan enquanto ele a acompanhava até a casa. Foi uma dor genuína, porque ela acreditava que Dante se fora.

Concluída sua rotina, Morana desceu as escadas descalça e correu para o laptop, com o cérebro agitado e se ajeitando. Ela poderia estar completamente errada, mas era altamente improvável. Se Dante estava vivo, como ela acreditava que ele estava, ele desapareceu por um motivo e ela aposta toda a sua economia que Tristan sabia disso, e eles não lhe disseram simplesmente porque sua reação tinha que ser genuína para os espectadores.

Esperando que a esperança estivesse certa, Morana abriu seus sistemas, sombreou seu endereço e mergulhou na rede escura. Digitando 'tenebrae outfit + fogo', ela apertou *enter* e foi atingida pelas notícias.

Clicando no primeiro link, ela digitalizou o artigo.

O herdeiro do império Maroni morto em incêndio

Em uma série de eventos que deixaram o submundo em choque, Dante Maroni, o filho mais velho de Bloodhound Maroni, morreu em um incêndio em um dos clubes da Outfit na área de Warehouse District...

Voltando aos resultados, Morana examinou os outros links de notícias, encontrando a mesma história várias vezes, até que um link na parte inferior chamou sua atenção.

Meus mafiosos, isso acabou com a Aliança? Deem-me seus pensamentos.

Era uma publicação recente no blog, mais do tipo teoria da conspiração, e Morana clicou no link, com o coração batendo forte.

Meu pai foi um soldado no Tenebrae Outfit por muitos anos antes de falecer. Como você sabe, meu interesse pela máfia veio dele. Embora eu nunca tenha seguido os passos dele e porque sou um nerd, sempre fiquei curioso sobre a Aliança e seu fim.

Responda-me isso – se existem três parceiros de uma equipe igual e dois são reis, quem é o terceiro?

Teorizamos que a Aliança existisse por tantos anos entre Tenebrae e Shadow Port. Mas meu pai me disse que havia um terceiro parceiro no acordo. Será que a Aliança terminou porque ele saiu da equação? Se ele era tão importante, quem era ele? Outro rei de outra família da máfia?

Vou lhe contar o que meu pai me disse – o homem cuidou dos dois reis e enterrou seus segredos. Por isso eles protegeram quem ele era.

O que você acha? Isso é plausível? Deixe seus pensamentos nos comentários.

Morana olhou para a postagem, com o coração batendo forte no peito.

Três parceiros.

Se houve três parceiros – um era Lorenzo Maroni, um o pai dela, quem era o terceiro?

Ela estava perto. Ela sabia que estava perto da resposta, ela podia sentir isso em seu interior.

Tudo estava conectado de alguma forma – os códigos, as meninas desaparecidas, a Aliança.

E o terceiro homem era a chave.

Ela estava deitada na cama, de camiseta e calcinha, olhando para o teto à luz da luminária, quando a porta se

abriu e Tristan entrou. O rosto dele – exausto, coberto de fuligem - fez seu coração parar.

Seus olhos vieram para ela, viram-na acordada e ele inclinou a cabeça para o banheiro.

Morana franziu a testa, levantando-se. “Eu preciso...”

Ele colocou o dedo nos lábios, apontando para o banheiro, tirando as roupas, jogando-as no cesto no canto. Não que ela se importasse com ele nu, mas ela não sentia que agora era a hora para isso.

“Eu não posso falar agora”, afirmou. Sua voz era plana enquanto ele se dirigia ao banheiro e indicou que ela a seguisse. Sem outra palavra, ela rapidamente caminhou até o banheiro e fechou a porta atrás dela, vendo-o parado embaixo do chuveiro. Ele olhou para ela em pé perto da pia e a aproximou com o dedo.

Confusa como o inferno e sem entender nada, Morana tirou a roupa e passou por baixo da ducha quente na frente dele, tentando ler seus olhos azuis. Ele se inclinou para frente, alinhando a boca ao lado da orelha dela e falou baixinho.

“Eles invadiram a casa.”

Com os olhos arregalados, Morana agarrou seus bíceps escorregadios. “O que você quer dizer?”

“Acabei de descobrir”, ele disse a ela. “Vou precisar verificar se há câmeras no quarto, mas até então, não queria me arriscar a falar lá.”

Morana silenciosamente pegou um xampu na palma da mão e esfregou-as, ensaboando-as enquanto esperava que ele continuasse. Ele se sentou no banco de mármore no chuveiro para que ela não tivesse que andar muito na ponta dos pés, a cabeça na altura do pescoço dela. Massageando o xampu em seu couro cabeludo, ela se perguntou se ele já teve alguém para cuidar dele assim.

Os olhos dele se fecharam quando os dedos dela entraram em seu couro cabeludo, deixando a respiração dele. “Dante não está morto.”

“Eu sei.”

Azul focou nela. Morana sorriu. “Depois que me acalmei, foi bem fácil descobrir. Vocês estiveram fora há alguns dias. E entendo por que você não me contou, por mais que tenha sido péssimo. Você precisava que minha resposta fosse autêntica.”

Ele a encarou por um longo momento, a admiração em seus olhos inconfundível. “Porra.”

Morana acariciou a cabeça dele, passando as unhas pelo couro cabeludo. “Eu sei que minha inteligência te excita.”

“Sim.”

“Diga-me da próxima vez, no entanto”, ela disse a sério. “Eu darei um desempenho digno de um prêmio da academia, mas não puxe essa merda da próxima vez.”

Ele simplesmente assentiu. “Não foi minha ideia. Dante queria fazer dessa maneira.”

Bem, isso definitivamente a fez se sentir melhor. Tristan levantou-se silenciosamente, lavando o xampu, a espuma escorrendo pelas costas.

Morana, finalmente, viu sua tatuagem corretamente. Na asa esquerda do ombro, uma tatuagem tribal de um lobo uivava na lua cheia, o detalhamento de cada golpe de preto incrível. Traçando o dedo sobre a tatuagem, seu coração se apertou quando ela percebeu o que isso representava.

Luna.

Ela deu a volta para ficar na frente dele, a parede atrás dela, e deixou seus olhos traçarem o resto de suas cicatrizes e tatuagens. Uma bala marcou seu bíceps direito, atingindo uma caveira no meio. Uma frase desceu pelo lado esquerdo, ao lado do abdômen.

E assim a noite terminará.

Morana traçou a frase, seus dedos permanecendo na cicatriz cortada sob o músculo duro. Subindo para o peitoral

esquerdo, logo acima do coração, havia um símbolo que ela não sabia o significado. Ela tocou com os dedos, olhando para ele em questão.

“Um dia”, ele sussurrou entre eles, as duas palavras cheias com tanto que o coração dela apertou.

Morana engoliu em seco, fazendo uma pergunta que ela temia. “E se o dia nunca chegar?”

Ele balançou a cabeça, enviando água para fora. “Chegará. Seja qual for a resposta, eu a encontrarei.”

Morana não sabia como lidar com essa conversa, então ela a apresentou por um momento. Ela também queria encontrar respostas para ele e para si mesma. Mas e se a resposta não fosse o que ele esperava? Ele seria capaz de lidar? Ele seria capaz de sobreviver?

Seu peito doía ao pensar nisso.

“Eu posso ver as perguntas em seus olhos”, ele disse suavemente. “Mas eu sei, eu sei, ela está viva.”

Morana sentiu uma lágrima escorrer pelo rosto, misturando-se com a água. “Então, vamos encontrá-la.”

Ele olhou para ela por um longo minuto antes de pressionar lentamente os lábios nos dela. Era macio, simples, mas fez seu coração apertar.

Recuando, ele pressionou a testa contra a dela, a boca tremendo levemente. Ele apertou a mandíbula para apertá-la

e Morana viu, pressionando as mãos no rosto dele, segurando-o. Eles ficaram ali por longos minutos, antes que ele se afastasse de repente, fechando a água e entregando-lhe uma toalha.

Morana inspirou profundamente e secou-se enquanto ele fazia o mesmo, depois o seguiu nu até o quarto. Ele entregou a ela uma camiseta nova, sem uma palavra que ela vestiu rapidamente, e vestiu uma cueca antes de abrir uma gaveta e tirar um scanner.

Ao se deitar, Morana viu enquanto passava o scanner por cada centímetro do quarto, encontrando apenas um perto da porta. Abrindo a janela, ele o jogou no lago antes de fechá-la novamente e deslizar na cama ao lado dela.

Morana seguiu, acomodando-se contra ele, seus seios contra o peito dele, suas pernas entrelaçadas com as dele.

“Quem invadiu a casa?”

“Eu não sei”, ele sussurrou. “Vou ter que encontrar o resto amanhã.”

Morana olhou para ele, seu cérebro trabalhando. “Pode ser Maroni?”

Ele encolheu os ombros. “Ele nunca fez isso antes.”

“Você nunca morou com ninguém antes”, ressaltou.

“Isso é verdade”, ele a apertou pela cintura, pressionando um pequeno beijo no lóbulo da orelha. “Nós vamos lidar com isso amanhã.”

Houve um silêncio por alguns minutos antes que ela lhe perguntasse: “Por que Dante fez isso?”

Seu peito se moveu quando ele inalou profundamente antes de responder: “Ele teve que se esconder.”

“Mas por quê? Ele é Dante Maroni.”

“Precisamente”, ele murmurou, seu dedo desenhando algum padrão em seu ombro. “Ele é um excelente extrator de informações, mas há algumas que ele pode melhorar sem o nome.”

O coração de Morana parou e ela se apoiou em um cotovelo, olhando nos olhos azuis dele, os cabelos caindo sobre eles. “É sobre o sindicato? Essa é a informação que ele buscou?”

Ela viu os lábios dele se contorcerem um pouco quando ele empurrou uma mecha de cabelo atrás da orelha, o gesto gentil a surpreendendo.

“Sim”, ele confirmou suas suspeitas. “Ele vai se infiltrar no sindicato.”

Morana sentiu o queixo cair. “Você está falando sério? Como diabos ele vai fazer isso? Ele estará seguro? Como saberemos alguma coisa?”

“Ele vai ficar bem”, Tristan a puxou de volta para o peito. “E nós temos um sinal para entrar em contato. Mas ninguém pode saber. É importante que todos, especialmente Maroni, acreditem que ele está morto. Ou ele pode estar em perigo.”

Morana assentiu, entendendo a gravidade da situação. “Não deveríamos contar para Amara?” Ela gostaria de saber no lugar de sua amiga.

Tristan balançou a cabeça. “Dante me disse para não. Ele terá olhos nela, especialmente agora. Ninguém pode suspeitar de nada.”

Por mais que doesse, Morana entendeu isso. Ela só esperava que sua amiga a perdoasse quando as coisas se acalmassem novamente.

O quarto escuro, seu aroma quente, seu batimento cardíaco constante lentamente acalmaram seu coração. O peso que ela sentira a noite inteira gradualmente se dispersou de seu peito enquanto ela se aconchegava mais profundamente na dobra do pescoço e ombro dele, encontrando seu lugar feliz. Ele deu um beijo no topo do lóbulo dela, apertando-a.

Longos minutos se passaram e Morana estava quase a ponto de adormecer quando sua voz rompeu o silêncio.

“Recebi este chalé desde que Maroni me levou para baixo de suas asas”, ele começou em voz baixa e Morana

chamou a atenção, ouvindo enquanto ele compartilhava algo tão próximo de seu peito com ela. “Quando eu era jovem, eu costumava deitar aqui algumas noites após uma sessão de treinamento e queria morrer.”

Morana sentiu a respiração gaguejar, os braços apertados ao redor dele, mas ela não se atreveu a se mover, não se atreveu a fazer nada para quebrar o momento.

Ele continuou, seu dedo desenhando laços nas costas dela. “Havia sempre uma arma na gaveta e eu quase terminei alguns dias. Você sabe o que me parou toda vez?”

Morana sacudiu a cabeça.

“Pensar que minha irmã sempre se perguntaria por que seu irmão não a amava o suficiente para viver por ela. Eu não poderia deixá-la com isso.”

Ela sentiu os olhos queimarem, o coração doendo pela dor que ouvia na voz dele.

“Mas aquele dia parecia tão distante e eu estava tão impotente. Todos os dias pareciam demais”, ele falou suavemente no escuro, sua voz quase inaudível. “Então, você sabe o que eu queria saber?”

Morana balançou a cabeça novamente, a garganta apertada, o peito pesado.

“Você.”

O coração dela parou.

"Alguns dias, pensei em como te encontraria quando crescesse e te mataria, as diferentes maneiras que te mataria", continuou ele, mostrando-lhe a mente, rindo sombriamente. “Alguns dias, imaginei que alguém te pegaria e como eu os mataria. Oh, como eu os matei. E alguns dias, quando ficou realmente muito triste e eu me afundava em autopiedade, pensei em como você tinha sorrido para mim e me perguntei se você sorriria para mim assim depois de ver o monstro que eu estava me tornando.”

Morana se afastou e colocou a mão na mandíbula dele, os olhos fixos nos dele na pouca luz do lado de fora.

“Você ainda pensa em me matar?”, ela perguntou à queima-roupa, pronta se ele o fizesse.

Ele ficou em silêncio por um instante. “Não”, ele balançou a cabeça uma vez.

Morana respirou. “Você ainda imagina alguém me atingindo e matando-os?”

“Não”, ele repetiu, sua voz certa.

“Você ainda pensa no meu sorriso?”

Ele a observou por um longo momento, seus olhos demorando na boca dela, antes de empurrar o rosto para mais perto do dela, sua mão se aproximando do pescoço dela em um aperto que sua pele conhecia intimamente agora.

“Penso em muitas coisas diferentes agora, mas não me confunda com alguém mole, Morana. Palavras sussurradas nas sombras não são quem eu sou. Eu ainda sou um monstro.”

Morana procurou os olhos dele, sentindo a palma da mão repousar no pulso firme dela, percebendo subitamente que era por isso que ele sempre segurava o pescoço dela – sentir o batimento cardíaco dela sob as mãos dele. Um lento sorriso curvou seus lábios, suas mãos segurando seu queixo, acariciando-o, sua barba raspando sua pele.

“Quando eu era jovem e sozinha no meu quarto à noite, com um pai que não gostava da minha existência, sem mãe e sem amigos, apenas minha imaginação hiperativa e meu cérebro, você sabe no que eu pensava?”, ela murmurou, nunca quebrando o olhar trancado. “Quando um dos guardas do meu pai entrou furtivamente no meu quarto e eu tive que lutar com ele”, a mão dele apertou o pescoço dela em reação, mas ela continuou, “afundando na minha solidão e ego, você sabe o que eu sonhava?”

Ele esperou a resposta dela, nunca afastando aqueles intensos olhos azuis dos dela.

“Um monstro”, ela sussurrou entre os lábios. “Meu Monstro. Alguém que poderia me manter em segurança e matar os outros monstros que queriam me machucar.”

Pela última palavra, sua boca bateu na dela quando ele a virou debaixo dele.

“Você sempre o teve, gata selvagem.”

E então ele a devastou como o monstro que afirmava ser.



Retornar

Andar pelo cemitério segurando a mão de seu homem, enquanto fingia lamentar por outro homem que estava em seu coração, não era a ideia de uma ótima manhã. No entanto, considerando tudo o que Tristan havia lhe dito, Morana vestiu adequadamente um simples vestido preto e passou um pouco de maquiagem para fazer seu rosto parecer mais pálido. Ela manteve os olhos atrás dos óculos, a mão na parte interna do braço de Tristan, impressionada com o desempenho dele.

Ele era estoico o suficiente para que, se ela não o conhecesse, ela estaria convencida de que ele estava escondendo uma profunda tristeza e simplesmente não queria falar sobre isso. Sendo assim, sendo o intruso na Outfit como ele era, ele ficou para trás durante o funeral.

Eles fizeram uma cerimônia de caixão fechado, enterrando o corpo queimado que era 'Dante'. Tristan havia dito a ela no carro que o corpo pertencia a um dos traidores que estivera perto o suficiente no departamento de físico de Dante para passar por ele.

Enquanto isso, Dante estava no subsolo.

Morana tentou ligar para Amara novamente naquela manhã, apenas para checar a outra mulher e encontrou seu número desconectado. Zia também apareceu, com os olhos tristes e perguntou à Morana sobre a filha. E realmente estava começando a preocupar Morana.

Ela ficou de pé no canto enquanto Tristan ia falar com alguém, observando todos.

Lorenzo Maroni estava rígido, compreensivelmente, enquanto as pessoas prestavam respeito e ofereciam condolências. Ela reconheceu o primo de Lorenzo, Leo, com Chiara no braço, o rosto manchado de lágrimas. Se eram genuínas ou falsas, Morana não sabia.

A meia-irmã de Amara, Nerea, estava de pé ao lado de outro segurança, vestida a rigor, uma mulher solitária no mundo dos homens. Morana ficou pensando nela. Outros membros da família, incluindo as crianças, estavam com rostos tristes e confusos. O resto da Outfit vagava lentamente, a maioria dos homens com expressões destinadas a se parecer com tristeza. Havia mais pessoas do que ela esperava, o funeral muito maior do que ela imaginara que seria. Mas então, Dante Maroni era uma marca.

Isso a fez perceber que nunca havia perguntado a Dante sobre irmãos. Ela sabia através de boatos que ele tinha um irmão mais novo, mas ele estava desaparecido em ação por muitos anos. Ela fez uma anotação mental para perguntar a ele mais tarde.

Na brisa fresca da colina, Morana observou Lorenzo interagir com todos, tentando identificar o que havia no homem que a incomodava tanto. Era uma coisa estranha, a maneira como ele a olhava às vezes como se tivesse segredos sobre ela.

O som de uma porta de carro batendo, chamou sua atenção para o homem que descia a colina até a reunião, surpreendendo-a.

O pai dela estava lá.

Ele parou por um segundo onde ela estava, seus olhos se movendo sobre ela com nojo oculto antes de prosseguir para onde Maroni estava à frente. Morana, agora afastada o suficiente do homem para que não a afetasse tanto, tentou analisar por que ele reagiu a ela assim. Tristan observou o pai com foco, enquanto o homem mais velho o ignorava e seguia direto para o chefe.

Morana estava muito longe para ouvir o que estava sendo dito, mas os homens apertaram as mãos e depois se afastaram um pouco para conversar. Se o pai dela estivesse lá para falar sobre ela e levá-la de volta, era melhor ele repensar. Se ele estivesse lá para negócios, seria curioso, dado o tempo de tudo. Talvez ele estivesse lá apenas para mostrar consideração, mas ela não acreditava nisso.

Observando os dois abertamente, os olhos de Morana examinaram a área e pararam em um homem na colina oposta, atrás de uma árvore. Do ponto de vista da procissão

fúnebre, ninguém seria capaz de vê-lo, escondido como ele estava. Mas ela, ainda de pé na colina, conseguiu distinguir a silhueta dele.

Seu rosto estava escondido debaixo de uma barba, e ele estava encostado em algum tipo de bengala, apenas se escondendo atrás de uma árvore e observando os dois homens que ela observava. Franzindo a testa, ela rapidamente abriu seus textos.

Morana: *Há um cara estranho às minhas cinco horas observando meu pai e Lorenzo.*

Morana: *Você não pode vê-lo do seu lugar. Venha ficar comigo.*

Ela viu Tristan olhar para o telefone dele antes que ele casualmente subisse a colina até onde ela estava. Encontrando um lugar ao lado dela, ele despreocupadamente correu os olhos pelo lugar que ela tinha visto o homem e Morana se virou para ver o homem os observando agora.

Ele estava muito longe para ela entender algo sobre ele, mas ela podia sentir seus olhos nela, um arrepio percorrendo sua espinha.

“Você sabe quem ele é?”, ela perguntou a Tristan calmamente.

“Não”, ele respondeu, sua voz calma. “Mas ele está nos observando.”

“Eu sei.”

Eles ficaram em silêncio por alguns minutos enquanto a procissão continuava abaixo. Nuvens escuras se reuniram no céu, lançando um brilho condenado sobre as colinas e, embora fosse outono, os ventos eram frios. Parada ali em silêncio, Morana encontrou seu olhar à deriva repetidamente.

“Alguém suspeita de alguma coisa?”, ela perguntou, seus lábios mal se movendo.

Ele ficou pedregoso ao lado dela, com a máscara, falando igualmente baixo. “Todo mundo suspeita de algo, simplesmente não sabem o que.”

Morana bufou uma risada silenciosa, olhando para o pai, que estava conversando com Lorenzo Maroni com a cabeça inclinada.

“Ele pode tentar me levar de volta”, comentou ela, estudando a linguagem corporal dos dois homens. “Não por amor, mas por seu orgulho.”

“Ele não tem orgulho”, observou Tristan ao lado dela. “Ele não será capaz de levá-la, nem mesmo sobre o meu cadáver. Você é inteligente demais para ele.”

Morana olhou para ele, seu coração amolecendo com o respeito que ele tinha por seu intelecto. Não era algo que ela

esperava, mas quanto mais ele contava pequenas coisas assim, sem pretensões ou dolo, mais ela se sentia florescer por dentro.

"Obrigada", ela murmurou suavemente, apertando o antebraço.

Ele encolheu os ombros. "É um fato. Você é mais esperta do que a maioria desses homens juntos, e não me refiro apenas ao seu material técnico. Quem nega isso é estúpido."

"Você não é estúpido."

Ele se virou para olhá-la, seu azuis travando com seus cor de avelã. "Eu sou o mais inteligente deles. Eu reivindiquei você muito antes de qualquer um deles ter uma chance."

Com o coração acelerado, Morana olhou para trás com um leve sorriso nos lábios. Ele morreu lentamente. "Você sabe que teremos que conversar sobre esse dia algum dia, certo?"

Ele não respondeu.

Morana ficou em silêncio, deixando para lá. Empurrá-lo quando ele estava começando a se abrir lentamente seria irresponsável. Ele falaria quando estivesse pronto, se estivesse pronto.

"Eu me deparei com uma teoria muito interessante outro dia sobre a Aliança", ela começou, mudando o tópico para um terreno mais neutro. "Ele mencionou como a Aliança

quebrou porque havia, de fato, três partes envolvidas e uma delas saiu. Você já ouviu alguma coisa sobre isso?"

O silêncio do homem ao seu lado se estendeu por longos, longos minutos, a ponto de Morana ter que olhar para ele, apenas para ter certeza de que ele a ouvira. Seus olhos estavam olhando para o espaço, em algum lugar distante. Ela não sabia onde ele foi, mas onde quer que fosse, era desagradável.

Deslizando a mão na dele, ela interligou os dedos, os dela menores e mais macios deslizando contra os dedos ásperos, desgastados e mais longos. Apertando com força, ela manteve os olhos nele e esperou que ele voltasse para ela, "Tristan?"

Ele piscou, olhando para ela, subitamente consciente de seu ambiente. Ele examinou as colinas uma vez e, em seguida, respirou fundo, mostrando-lhe um lampejo de vulnerabilidade que ela nunca teria percebido algumas semanas atrás. Sem dizer uma palavra, ele se retirou em sua mente e Morana o deixou, sabendo que talvez não fosse o momento ou o lugar para perguntar.

Um dos homens do grupo ligou para Tristan e, depois de apertar a mão dela como um segredo enquanto seu rosto permanecia completamente inexpressivo, ele desceu com a graça enrolada do predador pelo qual era notório, seu corpo envolto em um terno preto e camisa preta.

Quanto mais o conhecia, mais ela percebia o quão profundamente ele sentia essas pequenas coisas e o quão habilmente ele fingia que não.

Depois de alguns minutos observando todos, Morana sentiu que alguém mais estava ao seu lado. Ela olhou para cima e viu Lorenzo Maroni ali, sozinho, sem o pai.

“Ande comigo, Morana”, ele exigiu e caminhou morro acima em direção aos carros sem lhe dar uma chance de responder.

Cautelosa, mas curiosa, Morana enviou uma mensagem rápida a Tristan e seguiu o homem mais velho, encontrando-o sozinha perto do carro enquanto esperava por ela. Morana silenciosamente se moveu para ele.

Ele abriu o paletó e tirou um charuto, cheirando-o uma vez antes de cortá-lo.

“Os charutos foram um presente de um dos meus associados”, ele começou sem preâmbulos. “Esse associado estava, outro dia, contando-me sobre alguém vasculhando profundamente em nossos negócios.”

Mantendo os olhos no caixão bem abaixo, ele acendeu a fumaça. “Isso não seria você agora, seria? Depois do jeito que você me ameaçou, estou inclinado a acreditar nisso.”

Morana observou o grande anel de prata em seu dedo indicador que não existia antes, o rosto do crânio polido e detalhado, e considerando que ele compareceria ao funeral de

seu filho, estranhamente chocante. “Eu não tenho ideia do que você está falando.”

O homem mais velho a observou com olhos que viam demais. “Onde está Dante?”

Morana piscou surpresa e olhou atentamente para o caixão.

Ele riu. “Faço isso há muito mais tempo do que você está viva, garotinha. Eu sei que”, ele indicou a caixa de madeira, “não é meu filho.”

Morana ficou calada, sem saber com o que ele estava brincando e por que estava perguntando a ela.

Os olhos de Lorenzo Maroni se enrugaram, seu belo rosto enrugando com as linhas da idade enquanto ele olhava para ela com olhos escuros que continham histórias além de sua imaginação. Ela podia sentir toda a força da experiência dele naquele olhar aguçado e levou tudo o que tinha para manter a coluna ereta e a cabeça erguida, enquanto o olhava de volta neutro.

“Eu posso ver por que Tristan está apaixonado”, ele comentou, sua voz quase reconfortante. “Você tem fogo. Eu respeito o fogo. Mas há mais poderes em jogo aqui, garotinha. Maior que você ou eu. Acho que você nem percebe as coisas que põe em movimento por suas necessidades egoístas.”

Morana mordeu o interior da bochecha para não fazer perguntas.

“Você me diz o que meu filho está fazendo”, Maroni deu um longo gole no charuto, “e eu vou lhe dizer por que você voltou.”

Morana ficou tentada a descobrir o porquê, mas não tão tentada. Piscando inocentemente, ela tocou junto. “Então, você admite ter uma mão no meu retorno ao meu pai?”

Maroni riu, exalando uma nuvem de fumaça, o pescoço grosso amarrado acima da camisa. Ela podia ver de onde Dante tirou sua aparência.

“Você era um peão para controlar seu pai”, Maroni respirou fundo o charuto e soltou uma baforada de fumaça, o cheiro de tabaco cintilante invadindo seus pulmões. “Eu nunca imaginei que você se tornaria um problema.”

Morana riu sem humor. “Meu pai nunca me amou o suficiente para você controlá-lo.”

“Ah, ele te amou”, Maroni sorriu, a malícia em seus olhos evidentes. Morana olhou para ele, confusa com suas palavras.

“Por que você me chamou aqui?”, ela simplesmente perguntou, enfiando as mãos nos bolsos do casaco.

“Para lhe oferecer o acordo”, Maroni jogou o charuto no chão, apagando-o com o dedo do pé. “Você está morando na minha cidade, no meu complexo, com o meu soldado. Não estou te ameaçando, apenas te dizendo. Você não quer se tornar um inimigo meu.”

Morana ficou em silêncio enquanto o observava entrar no carro e deu um passo para trás, sem entender metade da merda que ele despejou. Uma coisa era certa: Lorenzo Maroni estava com medo, de quem ela não tinha ideia. Caso contrário, não havia absolutamente nenhuma maneira de ele se abaixar o suficiente para oferecer a alguém como Morana qualquer tipo de acordo.

Ela achou isso muito, muito interessante.



O bipe de seu laptop, assim que ela entrou na cabana à tarde, assustou-a. Correndo rapidamente para os sistemas que deixara funcionando, Morana levou o laptop para a varanda, sentando-se na cadeira, com uma bela vista do lago e das colinas circundantes à sua frente e da mansão à direita na distância.

Deslizando dos sapatos que ela usara para o funeral, Morana se enroscou na cadeira e entrou no sistema, tentando localizar de onde vinha o sinal.

E o que ela viu na tela a surpreendeu.

Eram os códigos.

Os códigos dela.

Que diabos?

Alguém lhe enviou os códigos, os códigos originais, que ela havia escrito e Jackson havia roubado e Tristan foi enquadrado, os códigos que começaram tudo. Olhando para a mensagem em anexo, ela clicou nela.

Imreaper00: *Eu acredito que estes pertencem a você. Trabalho impressionante.*

Que porra é essa?

Quem diabos era esse cara? E como ele não apenas desviou a segurança dela, mas encontrou seus códigos?

Nerdytechgoddess00: *Onde você conseguiu isso?*

A tela permaneceu em branco pelos próximos minutos, quando Morana sentiu o coração bater forte. Se ela tivesse os códigos, isso significava que eles não haviam sido copiados ou usados. Ela os codificou com um algoritmo autodestrutivo para isso. Mas por que esse cara estranho, que era claramente extremamente habilidoso com tecnologia, estava devolvendo-os a ela? Por que dar pistas sobre as garotas desaparecidas e o Sindicato?

Uma mensagem chegou.

Imreaper00: *É hora de nos encontrarmos.*

Ele ficou offline.

Morana, em primeiro lugar, verificou os códigos que a levara mais de dois anos para escrever. Era perigoso na era digital, com o poder de desfigurar qualquer pessoa e qualquer coisa a qualquer momento. Era especialmente perigoso para mafiosos com esqueletos em seus armários.

Levou algumas horas para olhar e verificar novamente todas as linhas, tentando ver se elas haviam sido adulteradas. Ela não encontrou nada. Elas estavam intocadas, sem uso, exatamente como estavam quando Jackson os roubou.

Empurrando o laptop para o lado, Morana olhou para o céu nublado enquanto as horas passavam e tentava entender tudo.

Um – alguém contratou Jackson para roubar os códigos nos quais ela trabalhava há dois anos, alguém que sabia que eles existiam em primeiro lugar, e enquadrou Tristan por eles para que ela pudesse ser levada a ele.

Dois – depois que ela foi levada a ele, alguém começou a lhe enviar mensagens e pistas anônimas sobre sua história, a Aliança e sua história que ela não tinha conhecimento.

Três – ela desceu pela toca do coelho e alguém a levou para o Sindicato e, uma vez que ela começou a investigar, seus códigos foram devolvidos.

Todas essas coisas poderiam ter sido feitas apenas por alguém com experiência em tecnologia. E agora ela estava pensando que tudo isso foi feito para que ela pudesse ser levada ao Sindicato em primeiro lugar. Roubar os códigos foi um acaso, esse era o alvo real. Alguém a queria trabalhando nisso.

Quem era esse cara, havia uma razão para ele querer a atenção dela.

Imreaper00. Um nome de usuário, mas quem era ele? O homem misterioso do aeroporto agradecera por lhe dizer que ele estava vivo. Ele deveria estar morto?

As perguntas estavam começando a lhe dar dor de cabeça.

O crepúsculo se estabeleceu ao redor do lago e Morana voltou para dentro, sentindo-se um pouco perdida quanto ao que fazer agora. Depois de se trocar e se sentar no sofá, ela fez o que qualquer nerd que se preze respeitava quando se aborrecia. Ela assistiu Netflix.

Depois de alguns episódios de sua mais nova obsessão e inúmeros lanches, Morana ficou feliz no sofá em um estupor induzido pela Netflix que ela sentia muita falta. Ela precisava do intervalo, precisava do espaço, precisava da distância de suas merdas da vida real. Sua vida tornou-se repentinamente aventureira nas últimas semanas e havia apenas uma garota que podia aguentar antes de desmoronar histericamente. E ela não podia desmoronar histericamente porque o homem com quem ela morava precisava que ela fosse emocionalmente mais forte enquanto ele a soltava centímetro por centímetro. Talvez em alguns anos ela o tratasse.

Foi assim que Tristan a encontrou, deitada no sofá e assistindo Henry Cavill sem camisa tomar banho, com a boca ligeiramente aberta.

Ele limpou a garganta.

Morana fez uma pausa muito boa e ergueu as sobrancelhas para o homem quente atrás dela, que poderia dar a Henry uma corrida pelo seu dinheiro.

“Você acha que isso vai acabar algum dia?”, ele perguntou, sua voz deliberadamente baixa naquele tom que fez sua barriga tremer e apertar.

Morana abriu a boca, prestes a responder, mas ficou seca quando ele jogou o paletó para o lado e arregaçou as mangas, dando a volta para onde ela estava.

Ela se sentou, mas antes que ela pudesse se mover mais, ele segurou suas pernas e a inclinou para trás, puxando-a para a beira, afundando de joelhos diante dela. Coração trovejando, seu núcleo pulsando com a necessidade, Morana observou enquanto ele empurrava a camiseta sobre os seios, as pernas sobre os ombros dele, os lábios dele se fechando ao redor do mamilo.

Um barulho escapou dela no calor úmido da boca dele, suas costas arqueando enquanto ela moía sua umidade crescente contra ele, tentando encontrar o atrito certo. Seus dentes puxaram seu mamilo, puxando-o profundamente em sua boca antes de dar a mesma atenção ao outro, seus olhos nela.

“Não que eu esteja reclamando, mas uau, isso é, oh merda”, Morana murmurou enquanto rasgava a costura da calcinha e jogava fora o pedaço de tecido, uma inundação de calor invadindo suas pernas. Suas mãos afundaram em sua bunda, colocando-as em concha enquanto ele empurrava seus quadris contra ela. Curvando-se, ele arrastou beijos leves em sua barriga, tornando-a subitamente consciente de suas pequenas dobras de pele. Ele nem parou, indo para o sul para inalá-la, os dentes afundando na lateral da coxa dela.

“Por favor”, Morana implorou, puxando seu cabelo, puxando-o para mais perto.

“Diga-me que isso não é temporário”, ele exigiu, sua boca a centímetros das dobras dela.

Morana assentiu. “Não é temporário.”

“Bom”, ele murmurou, suas palavras aquecendo a carne dela antes de pressionar sua boca nela, provando-a pelo tempo. Morana viu estrelas por uma fração de segundo, suas coxas tremendo ao redor de sua cabeça enquanto ele a segurava, seus magníficos olhos azuis segurando-a em cativeiro.

E ela sentiu sua língua rapidamente sacudir sobre seu clitóris.

Suas costas saíram do sofá, sua respiração ficou difícil quando ele começou a comê-la como um homem faminto vendo um banquete pela primeira vez.

Ele causou estragos em sua vagina com a boca.

Ela nunca mais seria a mesma.

Muito tempo depois que o corpo dela estava saciado e mole e eles estavam na cama, Morana traçou as linhas de

expressão na testa e falou sobre os códigos, perguntando sobre o dia dele. Era normal, tão normal que ela nunca pensou que eles teriam algo assim e ela estava meio assustada que fosse tirado deles.

"Você me perguntou sobre um terceiro cara hoje", Tristan murmurou, seus dedos desenhando padrões insanos em seus ombros. "Isso me lembrou de uma conversa que ouvi naquele dia."

Morana parou nas sobrancelhas, olhando nos olhos dele. "O dia..."

Ele assentiu sem palavras. Morana esperou que ele continuasse, sabendo que qualquer coisa daquele dia era gelo fino. Ela não sabia como ele reagiria a algo sobre isso.

"Seu pai e Maroni estavam sentados à mesa", ele lembrou, com aquele olhar distante entrando em seus olhos. "Seu pai ameaçou Maroni e ele subjugou seu pai mencionando outro cara. 'Lembre-se do que aconteceu com Reaper', ou algo assim, ele disse."

Morana parou.

Seu coração parou por um segundo.

Ela subiu e olhou para ele, incapaz de acreditar se poderia ser assim tão simples.

"Reaper", ela sacudiu o braço com urgência. "Você tem certeza absoluta de que esse é o nome que ele mencionou?"

Percebendo sua urgência, ela o viu sentar-se enquanto se apressava para sair do quarto e descer as escadas para onde havia deixado o laptop.

“Sim, eu tenho certeza”, ele seguiu atrás dela, sua voz um pouco confusa. “O que está acontecendo?”

Morana rapidamente abriu a janela de bate-papo e virou a tela para ele, com o coração batendo uma milha por minuto. “Seria tão fácil assim?”

Ela o viu ler o bate-papo e ver o nome de usuário, viu seu rosto endurecer quando seus olhos vieram para ela. “Você nunca o mencionou.”

Morana acenou. “Isso não é importante. A questão é: poderia ser o mesmo cara? O cara que eu conheci no píer disse algo sobre ele estar morto.”

Tristan olhou para a tela por mais tempo, franzindo a testa. “Pode ser, mas eu não sei. Nunca ouvi falar de nenhum Reaper na Outfit, mesmo de passagem.”

O silêncio se seguiu por um longo minuto enquanto eles consideravam, seus olhos se chocando.

“Deixe-me fazer uma ligação”, disse Tristan. Ele foi até uma gaveta e pegou um telefone que ela nunca tinha visto, saindo do quarto para fora, sem camisa como ele. Morana seguiu, parada no limiar, o vento frio cortando suas pernas e braços nus, o lago completamente quieto durante a noite.

Ela o viu apertar alguns botões quando ele se virou para olhá-la, colocando o dispositivo no ouvido.

“Eu tenho uma coisa”, disse ele calmamente, e Morana sentiu a respiração prender. “Já ouviu falar de Reaper?”

Houve um silêncio enquanto ele ouvia o que o cara do outro lado estava dizendo, seu corpo se enrolando cada vez mais forte. Minutos se passaram e, incapaz de aguentar mais, Morana saiu da varanda e caiu sobre a grama, os pés descalços sentindo o orvalho frio e úmido, e caminhou para ficar na frente dele.

“Quando?”, Tristan perguntou, olhando para ela. “Tudo bem”, ele disse e desconectou, quebrando o telefone ao meio e jogando-o no lago.

“Quem era?”, Morana perguntou, curiosidade matando-a.

Tristan olhou para ela por um longo segundo antes de olhar para o lago. “Um informante. Ele quer se encontrar.”

“O que você não está me dizendo?”, ela perguntou, puxando-o para encará-la.

Ele respirou fundo, as sobrancelhas cortadas sobre a testa. “Havia um Reaper, há muito tempo, mas ele e sua família morreram em um incêndio.”

Morana estremeceu, os lábios contraídos. “Você acha que é ele?”

“Eu não sei”, ele olhou para longe, suas mãos fechando ao lado dele. “Estou mais interessado em saber por que, quem quer que seja, quer sua atenção. Já é ruim o suficiente para pegar os códigos e devolvê-los para você.”

Ela ponderou sobre isso por um segundo. “Talvez pela mesma razão que eu era única para você vinte anos atrás. Eu sou a única garota que voltou.”

Tristan balançou a cabeça, os olhos distantes. “Eu nunca entendi isso, você sabe. Estou feliz que você voltou em segurança, mas por quê? Não foi porque seu pai a amava, isso eu tenho certeza.”

“Oh, ele te amou.”

A voz de Maroni interrompeu seus pensamentos.

“Maroni disse algo para mim hoje”, ela informou. “Sobre haver uma razão pela qual eu sou a única que voltou. Talvez ele estivesse brincando com a minha cabeça.”

“Talvez”, Tristan refletiu.

Ambos estavam à beira do lago, perdidos em seus próprios pensamentos, com mais perguntas do que antes.



Amara estava oficialmente fora do radar.

Quando Morana olhou para o lago e as colinas que o rodeavam às seis da manhã, ela se preocupou com isso. Fazia quase uma semana e ela não sabia o que diabos fazer.

Sua manhã tinha sido bem bizarra também. Tristan recebeu uma ligação e ele saiu pela porta em menos de cinco minutos, como se sua bunda estivesse pegando fogo, dizendo a ela para rastrear seu telefone se ele não voltasse em uma hora. Como ele sabia que ela tinha um rastreador no telefone, ela não sabia. Mas ele saiu e Morana se ocupou em vestir e prender em seus jeans a arma extra que ele mantinha na gaveta da sala de estar, e observou o tempo parada na varanda.

A essa hora, as colinas estavam enevoadas com uma densa cobertura de neblina, a luz do sol silenciava, mas a atravessava. O vento frio passava pelos fios de seu cabelo e o perfume do orvalho e das flores da manhã impregnava o ambiente. Ela nunca esteve em um lugar como este. Por um momento, ela se sentiu transportada de volta no tempo para outra era, a visão antes de sua antiguidade.

Um calafrio percorreu sua espinha e ela se agarrou à tecnologia moderna em sua mão, seu telefone, e lembrou a si mesma para não se assustar. Ela olhou para a tela, para o rastreador de Tristan, e viu o ponto dele a cerca de 800 metros da sua localização.

Exatamente depois de cinquenta e três minutos desde que ele saiu, o telefone dela vibrou com uma mensagem de texto.

Tristan: *Venha para a minha localização. Rápido.*

Morana: *A caminho.*

Ela trancou e seguiu a navegação, indo para a floresta do outro lado da cabana. Embora ele estivesse a apenas meia milha de distância, Morana seguiu o caminho que parecia mais longo, com a respiração melhor do que na semana anterior, graças ao treinamento diário com Vin.

Depois de alguns minutos sem som, exceto o vento na água e o chilrear dos pássaros, as árvores altas deram lugar a uma pequena clareira na base da colina, a cabana escondida atrás da folhagem densa.

Morana viu Tristan parado ali, com os braços cruzados sobre o peito, conversando com um homem que ela não teria reconhecido, a não ser pelo seu tamanho.

Dante.

Coberto de barba e vestindo uma camisa cinza desgrenhada na qual o velho Dante não teria sido pego morto, com o cabelo bagunçado no rosto, ele mal era reconhecível como o outrora perfeito Dante Maroni. Antes que Morana pudesse parar, seus pés estavam voando pela clareira quando ela colidiu com o homem que ela pensara ter perdido, o homem que se tornara importante para ela.

Braços grandes a envolveram em um abraço de urso diferente de todos os que ela já havia experimentado, e ela o abraçou com força, cheirando notas de sua colônia picante ao contrário de sua aparência, e teve que sorrir apesar de si mesma. Você poderia tirar Dante Maroni das roupas, mas não poderia tirar as roupas de Dante Maroni.

"É bom ver que eu faço falta", a voz sorridente de Dante retumbou quando ele lentamente deu um tapinha em suas costas em segurança. Morana se afastou, piscando para ele com olhos que queimavam, mesmo quando ela não conseguia parar de sorrir.

“Você está bem?”, ela perguntou, olhando por cima dele. Embora ele estivesse sorrindo, seus olhos castanhos, geralmente quentes, não exatamente frios, mas desligados.

“Ele está bem”, disse Tristan atrás dela, sua voz levemente desligada. “Pare de se preocupar com ele.”

“Vá ficar com ele antes que ele me acerte, Morana”, Dante revirou os olhos, seu tom deliberadamente leve. “Eu odiaria machucar sua boca bonita, por preocupação com você, é claro.”

Uma risada saiu dela. Deus, como ela sentia falta dele.

Recuando, Morana não se virou, apenas o encarou. “Você tem certeza que está bem?”

Um sorriso genuíno roçou seus lábios sob a barba. “Eu vou ficar.”

Morana assentiu. “Alguma pista? Você deveria estar aqui?”

Dante balançou a cabeça, empurrando o cabelo para trás e Morana observou-o cair novamente. “Estou trabalhando em algo, mas não posso lhe contar muito. Você já conversou com Amara? Ela está bem?”

O vento soprava ao redor deles quando Morana o considerava seriamente. “Não, não tenho. Ela não está acessível desde que recebeu a notícia.”

“Ela acha que estou morto?” Dante perguntou, estreitando os olhos.

Morana sacudiu a cabeça. “Não, mas ela desconectou. Eu tenho dado a ela espaço, mas isso está me preocupando agora.”

Dante olhou para o céu como se pedisse paciência, murmurando algo como ‘as coisas que faço por ela’, antes de olhar para Tristan. “Encontre-a, enquanto eu faço essa merda.”

“Focarei nisso”, disse o homem atrás dela.

Morana olhou para os dois antes de Dante apertar seu ombro. “Vejo vocês em breve.”

Assentindo, ela o observou se mover silenciosamente e desaparecer na floresta, um homem do tamanho dele se movendo com a graça que não se esperaria de seu corpo. Ela olhou ao redor do lugar em que estava, antes de se virar para seu amante.

“O que é este lugar?”

“É aqui que eu costumava escapar às vezes”, disse Tristan, com a cabeça inclinada para o lado. “Dante me seguiu aqui um dia, bastardo teimoso, e tornou-se o nosso lugar.”

Morana inclinou a cabeça para o lado, olhos fixos nos dele. “Ele pareceu um pouco louco para você?”

“Ele está no clima”, Tristan falou calmamente, dando um passo mais perto dela. “Escute, eu tenho que sair da

cidade por alguns dias. É uma pista e eu vou lhe dizer se der certo."

Oh, ela não gostou disso. Não gostou da ideia de ele ir embora.

Ele continuou. "Com Dante desaparecido, não confio em ninguém aqui. Quero que você se hospede em um hotel à noite."

Morana viu a seriedade em seus olhos, piscando. "Dormi em alerta por anos antes de conhecer você, Tristan. Eu vou ficar bem."

"Eu não duvido disso", ele esfregou o polegar sobre os lábios dela, seus olhos intensos. "Mas eu preciso ser capaz de me concentrar na minha tarefa e não me preocupar com você."

"Você vai se preocupar comigo?", Morana perguntou, sua voz embargada. Às vezes, ela se esquecia da inundação de suas próprias emoções que ele sentia por ela também.

Ele não disse nada, apenas pressionou os lábios nos dela, respondendo-a sem palavras. "Faça o check-in em um hotel anonimamente. Não conte a ninguém onde você está indo. Vin vai levar você."

Morana assentiu, preparando-se mentalmente, uma sensação feia que se desenrolava na boca do estômago.

“Se algo acontecer com você, homem das cavernas”, ela disse, passando os braços em volta do pescoço dele. “Eu vou te matar.”

Ela viu um lampejo da covinha dele antes de fechar os olhos e ficar com a boca ocupada.



O hotel em que ela se hospedou foi o mesmo em que ficou na primeira vez em que veio à Tenebrae para matar Tristan, semanas atrás. Bem no centro da cidade, era um prédio alto e luxuoso que atendia aos ricos e examinava todos os hóspedes que faziam o check-in. Reservar um quarto para si era uma brisa para ela.

Entrando no opulento saguão, os saltos clicando no chão de mármore polido, uma peruca vermelha escondendo seus cabelos escuros, Morana arrastou a pequena mala atrás dela, segurando algumas roupas e suas coisas de tecnologia.

“Trina Summers”, ela se apresentou, dando seu nome falso com confiança. A senhora atrás da recepção sorriu e entregou-lhe o cartão-chave. Uma estadia neste hotel prejudicaria suas economias, mas uma vez que as coisas se acalmassem, ela tinha certeza de que seria capaz de trabalhar novamente. Embora soubesse que Tristan tinha dinheiro, ela queria poder pagar sua própria vida.

Mantendo os olhos atentos, Morana olhou ao redor do saguão discretamente e viu todas as pessoas, muitas delas sem noção sobre o ventre do mundo criminoso em que vivia. Alguns homens de aparência suspeita permaneciam aqui e ali, enquanto mantinha os olhos neles, ela não lhes prestou muita atenção.

Caminhando para o quarto no décimo oitavo andar, Morana se perguntou como haviam passado apenas semanas desde que sua vida havia sido lançada no caos, já que tudo o que sabia havia desmoronado. Ela estava em uma cidade estranha, sem âncora, exceto o homem que uma vez a odiou, o homem que estava começando a confiar nela agora. Isso era grande para ele. Ela sabia porque, para ele, o fato de estar com ele importava. Ele havia sido abandonado e deixado para trás toda a sua vida por aqueles que amava. Fazia sentido por que ele seria cauteloso em se abrir, mas, foda-se, se ela não estivesse determinada a seguir seu caminho até lá.

Perdida em seus pensamentos, Morana chegou ao quarto e ligou para o serviço de quarto. Configurando o laptop e o roteador, ela comeu macarrão enquanto navegava na rede escura. Procurar informações do Sindicato era como procurar uma agulha específica em uma pilha de agulhas. Agora que ela tinha os códigos, estava mais relaxada e menos sobrecarregada com as informações. Ela ainda tinha perguntas, mas a urgência a abandonara e, honestamente, tornava-a muito mais produtiva.

Ela vasculhou as teorias da conspiração e artigos sobre a Aliança e o Sindicato, passou horas se debruçando sobre elas e encontrando um pouco para fazer suas próprias teorias. Ela sabia o suficiente para teorizar que o Sindicato estava envolvido no comércio de carne e o fim da Aliança estava ligado a ele. Seria porque as partes não queriam participar do comércio? Dado tudo o que sabia, ela supôs que havia uma grande chance de que as meninas que haviam desaparecido foram, de alguma forma, idealizadas pelo Sindicato. Isso faria sentido.

Nos dois dias seguintes, Morana passou o tempo checando o telefone em busca de uma mensagem de Tristan (que não veio e que realmente a preocupava), tentando ligar para Amara e não conseguindo (o que a preocupava ainda mais), e tentando encontrar mais pistas. Ela ficou no quarto, indo ao restaurante do hotel à noite para jantar e observar as pessoas, certificando-se de que ninguém pudesse reconhecê-la, mesmo que visse alguém familiar.

Na terceira noite, sentada à mesa e comendo seu fondue de chocolate, um garçom trouxe uma nota para ela.

Morana abriu.

Venha para o armazém vazio na Riviera na terça-feira à meia-noite. Está na hora de nos encontrarmos. Venha sozinha. Você não será prejudicada.

– Reaper

Morana girou em seu assento, tentando localizar quem o enviou. O restaurante luxuoso estava meio vazio. Localizando o garçom que entregou a nota, ela o questionou.

“Um homem deixou no balcão para você, senhora”, informou o jovem.

“Como ele era?”, ela perguntou, com o coração acelerado.

“Bem vestido, senhora”, o garçom tentou se lembrar. “Ele tinha barba escura e usava óculos. Ah, e ele tinha uma bengala.”

Uma bengala. Era o mesmo homem do funeral? Quais eram as probabilidades?

Morana deu um pequeno sorriso ao garçom, agradecendo e rapidamente pagou a conta, correndo para o quarto. Uma vez lá dentro, ela se sentou em seu laptop e invadiu o sistema de segurança do hotel, ampliando as imagens do restaurante na última hora e observando de perto o balcão, a adrenalina a abastecendo.

Ela viu, na imagem granulada preto e branco, um homem magro mancando até o balcão, apoiando-se pesadamente na bengala. Ele entregou o bilhete para a mulher atrás do balcão e observou Morana por alguns

minutos, antes de se virar para sair, o rosto estremecendo a cada passo.

Morana deu um zoom em seu rosto, tentando lembrar se ela já o tinha visto antes, mas incapaz de colocá-lo. Algo na mão dele chamou sua atenção e ela deu um zoom lá, aproximando. Era um anel. Um anel de caveira? Ela assistiu as filmagens várias vezes, antes de finalmente desistir e se arrumar para dormir. Vestindo seu pijama novo, o short xadrez e a camiseta com os dizeres 'nerd é o novo sexy' muito macia, ela deslizou para debaixo das cobertas e pensou sobre esse homem, e por que, se ele a encontrara com seu disfarce e seu nome anônimo, ele não tinha vindo falar com ela hoje à noite. Ela estava a poucos metros de distância, comendo e estava sozinha. Ele considerou, mas não o fez. Por quê? Foi isso que a confundiu.

As coisas estavam ficando muito interessantes.

Foi um corpo sentado ao lado de seu quadril que acordou Morana. Ela se virou na cama, um grito deixando sua garganta na forma grande pairando sobre ela.

"Sou eu", a voz de uísque e pecado derramou sobre ela, imediatamente acalmando seu coração acelerado. Sem outro pensamento, Morana se lançou para ele e passou os braços

em volta do seu pescoço, seu alívio por encontrá-lo bem, dominando qualquer outra coisa.

“Senti sua falta de forma feroz”, ela murmurou contra o pescoço dele, o nariz acariciando aquele local feliz, inalando o cheiro almiscarado de sua pele. Sua primeira indicação de que algo não estava certo veio quando os braços dele não a envolveram. Nas últimas duas semanas, ele ficou bom com os abraços de surpresa dela, sempre um pouco surpreso, mas sempre tentando devolvê-los.

Acendendo a lâmpada ao lado dela, ela se afastou um pouco, olhando para o rosto dele.

Essa foi a segunda indicação.

Seu rosto estava assombrado.

Ela nunca o viu assim.

O coração de Morana bateu em seu peito, seus olhos procurando os dele. “Tristan?”

“Não”, ele sussurrou. “Não me pergunte nada agora.”

Por mais que quisesse, Morana ouviu. Ela tinha que tirá-lo de qualquer lugar escuro em que ele estivesse. Assentindo, ela desabotoou lentamente a camisa dele, apenas para que as mãos dele subissem para detê-la. Ela olhou para ele em questão.

“Você não deveria me tocar agora”, ele disse, seus olhos azuis tão escuros e tão doloridos que ela sentiu sua garganta apertar.

“Confie em mim”, ela sussurrou de volta para ele na mesma voz, pedindo-lhe a totalidade de tudo o que ela havia lhe dado. Ele esperou um momento, seus olhos no pulso em seu pescoço. Soltando as mãos dela, ele concordou em continuar.

Morana respirou fundo e lentamente abriu a camisa, percebendo que ele não estava olhando para ela. Ela poderia resolver isso. Empurrando a camisa do torso, ela se levantou da cama.

“Deite-se de bruços.”

Ele hesitou, antes de tirar os sapatos, colocar a arma sobre a mesa e tirar as calças, deitando-se de bruços no meio da cama.

Morana olhou para as costas dele por um segundo antes de tirar da gaveta um tubo de um de seus óleos favoritos sem perfume. Ela não tinha ideia de por que ele estava assim, mas ela tinha que fazer alguma coisa. Ele já tinha deixado ir em sua vida? Ele simplesmente tinha dito que estava tudo bem não estar bem? Já sentiu o toque gentil de um ente querido em todos esses anos?

Subindo atrás dele, abrindo as pernas e montando sua linda bunda, Morana viu a vista de suas costas musculares

inteiras dispostas diante dela. Ele veio até ela – quebrado e bagunçado, ele a encontrou. O fato de ele estar lá e não em sua casa, que a encontrara mesmo no espaço da cabeça e não se dirigiu para a casa de campo, já lhe dizia o suficiente.

Sem uma palavra, Morana derramou uma quantidade generosa de óleo nas palmas das mãos. Esfregando-as juntas para aquecê-las, ela se inclinou para frente e lentamente espalhou sobre seus ombros, dizendo através de seu toque que o viu, aceitou-o, amava-o por quem ele era, por mais que fosse.

Uma respiração instável escapou dele rapidamente e Morana continuou a deslizar as mãos sobre ele. Os nós tensos de seus músculos eram rígidos. Trabalhando-os gradualmente com os polegares, ela ouviu outra respiração sair de seu peito antes que ele pudesse se ajudar. Seu coração doía, imaginando como ele nunca teve isso antes. Seu corpo machucado nunca recebeu afeto, sua alma machucada nunca ouviu que era bonita.

Pressionando os lábios contra a tatuagem de lobo em uma declaração sem palavras, Morana percorreu cada músculo em suas belas costas. Ela viu algumas cicatrizes espalhadas aqui e ali, cujas histórias ela tinha certeza de que descobriria algum dia, mas, naquele momento, ela trabalhou em silêncio.

“Foi ruim”, disse ele no travesseiro, sua voz abafada. “Eu não deveria estar lá.”

Morana se perguntou o que ele tinha visto que o afetou tanto. Ela o deixou falar, amassando os músculos na base da coluna, cavando com os polegares.

“Eu quero machucar algo agora”, ele rosnou. “E eu não quero que seja você.”

Ela sentiu seu coração palpitar. “Você não vai me machucar, Tristan.”

Ele soltou uma risada feia, subitamente sacudindo para que ela caísse ao lado da cama.

“Você não tem ideia do que eu sou capaz”, seus olhos estavam em chamas. “Eu matei meu próprio pai. Atirei bem aqui”, ele apontou para o meio da testa. “Você tem ideia do que isso faz com você?”, sua voz aumentou.

Morana observou-o, arregalando os olhos. “Tristan...”

“E isso foi apenas o começo para mim”, ele se inclinou, tentando intimidá-la. “As coisas que eu fiz, o sangue nas minhas mãos nunca será lavado. Que porra você está fazendo aqui? Apenas reduza suas perdas e vá embora.”

Morana sentiu o fôlego respirar, sem entender o que diabos estava acontecendo com ele, mas com muito, muito medo do modo como ele a cercava. Ela respirou fundo, lutando para manter a calma. Ele estava se desfazendo e ela precisava mantê-lo unido agora, pelo bem deles.

“E se eu fosse”, ela inclinou a cabeça, mantendo a voz calma, “você me deixaria ir.”

A dor gritante em seus olhos disse a ela tudo o que ela precisava saber. “Então cale a boca.”

Ele se sentou de joelhos, as mãos segurando a cabeça. “Eu nunca quis matá-lo”, ele sussurrou, sua voz rouca. “Eu preciso que você saiba disso. Eu só vi você e vi o que ele ia fazer. Eu só pretendia detê-lo. Eu não sabia, não sabia...”

Morana se moveu, seu coração sangrando por ele. Colocando a mão no braço dele, ela montou nele, puxando o rosto dele em seu peito e seu corpo começou a tremer. “Ela me deixou sozinho com esses monstros depois disso. Ela me deixou para me defender sem ninguém. Eu não era um monstro então. Eu estava tão perdido...”

Ele *quebrou.*

Morana o segurou através da dor, os próprios olhos lacrimejando enquanto ele chorava em seus braços. Ela não sabia o que o havia causado se separar, não sabia o que o havia desencadeado como o garotinho que havia sido machucado e sozinho em um mundo cruel demais para ele. Ela não sabia e não se importava com nada agora, exceto que ele a procurara. Ele precisava da aceitação dela. Ele precisava que o amor incondicional dela o curasse como se o dele estivesse a curando. Ela duvidava que ele percebesse que a amava, ou que cada ação dele cimentava esse fato em sua própria alma.

Agarrando-o ao coração enquanto seu corpo tremia em seus braços, ela o balançou silenciosamente, segurando-o como ele nunca havia sido segurado, sussurrando palavras doces e calmantes para ele, dizendo que ela estava lá e que nunca iria deixá-lo.

Os sons provenientes dele quebraram algo dentro dela, a onda de proteção feroz a envolvendo tão aguda. Ela não sabia se o segurava por minutos ou horas, se a noite havia passado ou ainda havia permanecido. Ela apenas o abraçou, pressionando beijos suaves em sua cabeça, amando-o como ele merecia ser amado, como ele deveria ter sido amado por tantos anos.

"E se ela estiver morta?", ele perguntou na clavícula dela, sua voz áspera e tão angustiada que ela duvidou que alguma vez tivesse desaparecido completamente. Ela sabia de quem ele estava falando.

Ela puxou o rosto dele para trás e olhou para ele. Seus olhos, seus lindos, azuis olhos elétricos, estavam vermelhos e inchados, as lágrimas neles presentes preciosos que ele compartilhara com ela.

"Você realmente acredita nisso?", ela perguntou, acariciando o dedo sobre a sobrancelha, enxugando uma lágrima errante.

Ele balançou a cabeça com força.

"Então vamos encontrá-la."

Sua mandíbula tremeu de novo, tudo o que ele estava sentindo em seu coração nu em seus olhos, e Morana suavemente pressionou seus lábios nos dele, aceitando cada palavra que pairava neles, mas não conseguia entender. Ele não estava lá ainda. Ela não sabia se ele estaria lá. Mas ela sabia. E isso foi suficiente para ela.

"Você já fez amor, Sr. Caine?", ela perguntou suavemente, sabendo que teria que liderá-lo. Ele não era forte no processamento de emoções, nunca teve que ser, e sua mera existência em sua vida o estava forçando a confrontar lentamente tanto que ele havia enterrado por tanto tempo. Esperar que ele entenda nuances emocionais e as expresse seria errado. O dano à sua psique pode ser algo de que ele nunca se recuperou. Morana sabia disso. E ela estaria lá para ele, a cada passo do caminho, como ele estava para ela, com seus pequenos toques que a ancoravam em momentos de dúvida, com seus pequenos chocolates que ela encontrou ao longo do dia que aqueceram seu coração, com seus pequenos olhares para ela, quando ele pensou que ela não estava ciente.

"Não", ele respondeu, engolindo.

"Então, permita-me", ela sussurrou, pressionando lentamente a boca contra a dele, segurando o lábio inferior entre os dentes e puxando-o. As mãos dele deslizaram pelos cabelos dela, segurando o rosto dela no lugar enquanto ele a beijava, derramando tudo o que sentia naquele beijo. Seus lábios se encontraram, línguas emaranhadas e se separaram.

As mãos oleadas dela deslizaram pelo peito dele para descansar no coração acelerado, sentindo a batida forte sob a palma da mão.

Ela se afastou, olhando-o bem naqueles olhos azuis e dizendo as palavras que deveriam ter sido ditas há muito tempo.

“Estou tão apaixonada por você, homem das cavernas.”

Ela viu os olhos dele brilharem levemente, a mão dele pousando em seu pescoço, segurando-a com firmeza. “Você não pode voltar atrás”, ele a advertiu ferozmente.

Morana balançou a cabeça, sem quebrar o olhar. Tirando o pênis de sua cueca, ela empurrou a calcinha para o lado e se ajoelhou, deixando a ponta dele entrar em suas dobras. Mesmo que ela não estivesse tão molhada como deveria, esse momento não era sobre sexo. Era sobre mais. Era sobre aceitação.

Ela o levou para dentro dela, sua boca se abrindo um pouco quando suas paredes se fecharam e se abriram para acomodá-lo, queimando um pouco, seus olhos nunca se afastando dos dele. A mão dele apertou o pescoço dela levemente, segurando-a enquanto ele a segurava.

“Eu não vou voltar atrás”, ela disse, sua respiração pesada quando ele se situou dentro dela completamente.

“Estou falando sério, Morana”, ele a ameaçou, seus olhos tão vivos que ela se sentiu zumbida. “Você não pode voltar atrás. Você me entende?”

“Eu não vou”, ela o tranquilizou.

Ele moveu sua bunda, a posição colocando-o tão profundamente dentro dela que ela não conseguia parar de respirar. Quadril com quadril, peito contra peito, coração com coração. A mão no pescoço dela nunca se moveu. Nem seus olhos.

“Diga-me novamente”, ele exigiu, empurrando-a novamente.

Morana olhou em seu olhar, vendo o menino perdido e o homem adorável, ambos a quem ele mantinha escondido do mundo, e lhe disse. “Estou apaixonada por você, Tristan Caine. Não espero que você diga de volta. Eu não preciso que você diga. Eu só preciso que você continue me amando.”

Ele pressionou a testa na dela enquanto ela girava os quadris lentamente sobre ele, seus corpos, seus seres, suas mentes tão conectadas naquele momento que eram as mesmas.

A noite continuou e ele mostrou a ela tudo o que sentia que não podia dizer.



Revelar

Morana olhou para o homem dormindo ao seu lado na cama do hotel sob a suave luz da manhã, roncos suaves saindo de sua boca, todo seu corpo tão relaxado que ninguém podia imaginar a agitação que vivia sob sua pele. Ela sabia que a jornada deles não seria fácil. Ele nunca ficaria completamente emocionalmente bem. O trauma que ele havia passado, a maioria dos quais ela nem sabia, se manifestaria de maneiras diferentes ao longo de suas vidas.

Mas ela também sabia que ele a amava.

Ele não a teria procurado ontem à noite. Ele não a teria procurado repetidamente como procurou. Ele não teria sentido a necessidade de mantê-la segura consigo mesmo.

Ele a amava e provavelmente nunca seria capaz de dizer isso a ela.

E ela estava surpreendentemente bem com isso.

Ela prefere que ele olhe para ela do jeito que ele fez, pelo resto de suas vidas. Ela prefere que ele cozinhe para ela como fazia todas as manhãs. Ela preferia que ele segurasse seu pescoço como ele fazia quando ela fosse velha.

Ele lhe dera uma casa, algum lugar que ela pertencia, exatamente como ela estava. Seja a cobertura dele, a cabana ou o quarto de hotel, ele era a âncora dela. Ela nunca mais ficaria sozinha.

Soltando um beijinho no bíceps dele, ela franziu a testa para a tatuagem, vendo o crânio de perto. Era exatamente o mesmo crânio, com o mesmo desenho, como ela viu no anel de Maroni.

“Tristan”, ela murmurou, dando um tapinha distraidamente nos dele.

“Hmm”, ele cantarolou, sua voz rouca de sono.

“O que esse crânio significa?”, ela perguntou, apontando para o braço dele.

Ela o viu piscar os olhos azuis, ficando lentamente alerta. “É uma coisa da Outfit. A maioria dos soldados consegue isso quando é levado para o grupo. Por quê?”

Morana o traçou com o dedo, sua mente acelerada. “E quem na Outfit tem isso em um anel?”

Tristan parou por um segundo, considerando. “Maroni tem um. Qualquer outra pessoa teria que ser alguém em uma das posições mais altas.”

“Eu acho que Reaper foi um desses”, Morana saiu da cama, correndo para a bolsa onde ela havia colocado o bilhete.

Ela voltou para a cama, vendo Tristan se apoiando nos cotovelos enquanto ele a observava com curiosidade, seus olhos demorando na camiseta dela por uma fração de segundo antes de pedir o bilhete. Morana entregou a ele, esperando para ver o que ele diria.

“Você não vai sozinha.”

Isso já era previsível. “Eu sei. Hoje é sábado. Eu estava pensando que talvez devêssemos vigiar o lugar hoje à noite, apenas preparando o trabalho. Ele poderia estar lá de antemão e nós não...”

Ele cortou as palavras dela, engoliu o resto de seu plano e pediu que ela provasse que o nerd, de fato, era o novo sexy.



Tristan decidiu levá-los até o local naquela noite, vestindo uma camiseta preta casual e jeans que ele pagara a um dos atendentes do hotel para comprar do outro lado da rua. Morana, embora agradavelmente dolorida entre as pernas, caminhou alegremente ao lado dele em direção ao píer, observando todas as pessoas e o zumbido, ouvindo todas as conversas de crianças, vendedores ambulantes e turistas animados. Se não fosse a arma que ela podia sentir sob a camiseta dele, ela acreditaria que ele era apenas um

cara que passeava pelo ponto turístico com sua amada em um fim de semana.

Morana aproveitou cada segundo, passando um tempo com ele de uma maneira que nunca imaginara. Ela perguntou se estava tudo bem andar por aí sem nenhuma segurança, e ele tinha acabado de lhe dar uma olhada que a calou. Às vezes, ela se esquecia, conhecendo-o como sabia agora, que, para o mundo exterior, ele ainda era o temido Predador.

Enlaçando o braço em volta da cintura dele, dobrada ao lado dele, Morana agradeceu a Deus por ter calçado suas confortáveis sapatilhas enquanto atravessavam o píer movimentado.

"Você sabe, devemos fazer um piquenique um dia", ela meditou em voz alta, indo para onde ele estava levando. "E talvez, na verdade, ir a um restaurante."

"Nós fomos a um restaurante", ele a lembrou.

Morana corou, lembrando-se daquela época em *Carmesim.* Porra, aquilo foi quente. "Eu quis dizer para comer."

Os lábios dele nem se contorceram, mas ela sentiu a diversão dele quando ele a olhou. "Eu não me importaria de ir a um restaurante exatamente pelo que fizemos."

"Nem eu", Morana admitiu, sentindo o rosto esquentar. "Talvez nós possamos comer desta vez também."

“Você sabe que já moramos juntos, certo?”, ele apontou.

Morana suspirou. “Eu nunca estive em um encontro, ok? Tudo o que tive foram jantares com meu pai à mesa e, pelo menos um cara tentando me apalpar.”

Ela sentiu que ele a abraçava mais perto, pressionando os lábios no topo do lóbulo da orelha. Morana sentiu um pequeno sorriso nos lábios e continuou fazendo perguntas enquanto se afastavam do píer, seguindo o rio, mas a multidão começou a diminuir.

Depois de alguns minutos, Morana sentiu seu corpo voltar à atenção quando o local apareceu. Ela olhou em volta, vendo o antigo prédio isolado de madeira e cimento. Parecia quase em ruínas na noite de outono.

Tristan se abaixou e tirou uma arma sobressalente de suas botas, entregando-a em silêncio. Morana assentiu, apreciando o gesto e o fato de que ele confiava na capacidade dela de observar as costas deles, e indicou o prédio.

Ela o viu mudar para o modo predatório e sacudiu a apreciação, concentrando-se na tarefa em questão – procurando o local.

Deslizando para dentro do prédio por uma abertura na porta, Morana entrou atrás de Tristan no espaço cavernoso e escuro.

Estava vazio, exceto por uma cadeira ao lado e algumas caixas empilhadas juntas. Um lugar muito estranho e incomum para um encontro.

“Eu vejo que sua curiosidade tomou conta de você”, as palavras vieram atrás dela.

Morana girou, sua arma apontada para o homem que mancava das sombras. Ela sentiu Tristan aparecer atrás dela, sua própria arma apontada para o estranho.

“Abaixem isso, crianças”, o homem afastou a arma, sua voz rouca por desuso ou fumo. Ele saiu para a luz, seus olhos vindo para ela. “Eu não vou te machucar, menina.”

Morana inclinou a cabeça para o lado, franzindo a testa. “Eu conheço você?”

Seus olhos enrugaram, levando-a para dentro. Seu rosto estava desgastado e enrugado, meio coberto por uma barba espessa e escura, os olhos atrás de óculos redondos e armados de arame.

“Você estava no funeral”, Morana pensou em voz alta, abaixando a arma. Uma sensação estranha se instalou na boca do estômago.

Ele simplesmente se virou e foi em direção à cadeira solitária. “Seu momento não é o melhor, admito. Podemos ser interrompidos. Eu tenho uma reunião aqui em breve.”

“Quem é você?”

Ele não respondeu, apenas mancou até a cadeira. Morana virou-se para Tristan, com os olhos alertas, e o encontrou franzindo a testa para o homem também, com a arma ainda levantada.

“Eu vi você”, Tristan falou, estreitando os olhos em reconhecimento. “Você estava lá. Há alguns anos...” Ele parou.

O homem riu, caindo na cadeira com um gemido. “Continue.”

Morana olhou entre eles, confusa. A corrente fria do armazém provocou arrepios em seus braços.

O homem sorriu, seus olhos castanhos iluminados com humor. “Ele está falando da sua formatura, Morana. Ele estava lá. Foi onde ele me viu.”

Surpresa a inundou quando ela olhou para Tristan, para encontrá-lo olhando diretamente para o homem.

“Por que você estava lá?”, Morana perguntou ao homem mais velho.

“Para vê-la”, o homem esfregou o joelho com a mão direita, o anel prateado de caveira brilhando em seu dedo, uma réplica do que ela viu na mão de Lorenzo Maroni.

“Você é Outfit?”, ela perguntou, apontando para a mão dele.

O homem torceu o anel e olhou para ela, algo parecido com reverência em seus olhos. “Eu fui uma vez, há muito tempo.”

Morana abaixou lentamente a arma para o lado, com o coração disparado. “Você é Reaper?”

O homem sorriu, as rugas nas bochechas enrugando de uma maneira que não era ruim. Seu cabelo, um choque de fios brancos e pretos, era ralo. “Eu sou Reaper.”

“Por que você me chamou aqui? Por que não falou comigo no hotel?”, ela perguntou, dando um passo mais perto de onde ele estava sentado. Ela sentiu Tristan se mover atrás dela.

“Porque eu tinha que encontrá-la”, ele disse a ela. “Em algum lugar que pudéssemos conversar sozinhos.” Ele deu um olhar aguçado para o amante dela. “Por favor, abaixe sua arma. Não vou prejudicar nenhum dos dois.”

Por alguma estranha razão, Morana acreditou nele. Abaixando a arma completamente para o lado, Morana sentou-se em uma caixa de madeira na frente do homem e o considerou com firmeza. “Eu tenho perguntas que eu sinto que só você tem as respostas.”

Ela sentiu Tristan ficar atrás dela silenciosamente, presente, mas deixando-a liderar.

“Deixe-me contar uma história primeiro”, começou o homem, pigarreando para fazer sua voz funcionar. “Receio que não tenhamos muito tempo.”

Morana assentiu.

“Cerca de 23 anos atrás, eu era um soldado da Outfit e um homem feliz e casado”, ele começou, seus olhos castanhos manchados de verde, nela. “Era uma raridade, acredite ou não. Minha esposa, ela não sabia muito sobre esse negócio ou o que eu fazia.”

Ele respirou fundo, torcendo o anel no dedo. “Este anel foi um presente de Lorenzo. Eram apenas para os três membros da Aliança – Lorenzo, Gabriel e eu. Embora eles fossem os líderes de ambas as famílias, fui eu que coletei todos os dados sobre negócios e operações. Eu tinha todas as informações sobre os inimigos. Eu lidei com segredos e isso tornou meus amigos pessoas poderosas.”

“Eu sei disso”, Morana assentiu, interessada em finalmente obter algumas respostas.

Ele inclinou a cabeça para o lado, piscando para ela. “Claro”, ele balançou a cabeça. “Tudo estava indo bem. Eu estava feliz. Minha esposa estava grávida do nosso segundo filho. Foi quando me deparei com um segredo que um dos meus amigos havia escondido.”

Morana inclinou-se para a frente, intrigada.

“Lorenzo havia se tornado membro de um sindicato global”, disse o homem em voz baixa. “O sindicato comercializava crianças.”

Sua garganta se apertou quando ela se virou para olhar o homem atrás dela. “Você não precisa estar aqui.”

Tristan olhou para ela, a fome de respostas em seus olhos azuis combinando com os dela, e levou o homem a continuar. “As crianças desaparecidas.”

Morana colocou a mão na coxa dele e voltou-se para o homem mais velho, encontrando-o observando os dois com algo próximo ao contentamento em seus olhos. Ele sacudiu, concentrando-se na história.

“As crianças foram tiradas de cidades diferentes em tenra idade e preparadas para se tornarem escravas, aquelas que sobreviveram, de qualquer maneira. Muitas morreram.”

Ela sentiu os músculos da coxa de Tristan embaixo da palma da mão com isso, e apertou. Sua pele se arrepiou, sabendo que ela foi uma daquelas crianças. “Maroni estava fornecendo crianças?”

“Ele é a razão pela qual minha irmã desapareceu?”, Tristan fez sua pergunta.

O homem mais velho olhou para Tristan com os olhos cheios de arrependimento. “Não. Sua irmã foi Gabriel em tudo. Eu sinto muito.”

Tristan inalou bruscamente. Morana sentiu vergonha e dor na barriga. Deus, que monstros malignos atacavam *crianças?* O pai dela era um deles.

O homem continuou. “Eu não sabia quanto tempo isso tinha durado, mas não queria fazer parte disso. Embora Gabriel estivesse envolvido em apenas algumas operações, Lorenzo teve suas mãos em muitas. Ele era o verdadeiro perigo. Liguei para os dois ameaçando expôr se eles não parasse. Eu era um tolo, pensando que eles eram meus amigos.”

Morana sentiu algo pesado em seu intestino. “O que aconteceu então?”

O homem a estudou, ficando em silêncio por um longo momento. “A Aliança estava quebrada. Desci e Gabriel ficou assustado e decidiu seguir seu próprio caminho. Todas as empresas se dividiram. Mas Lorenzo nunca confiou em ninguém. Ele tomou a filha de Gabriel como seguro para ele ficar de boca fechada.”

Morana respirou pelo nariz e ficou quieta.

Ele continuou, sua voz sombria. “Ele então atacou minha esposa em nossa casa e matou ela e nosso bebê.”

Mão voando para a boca, Morana ofegou com o horror que o homem diante dela havia sofrido. “Sinto muito”, ela falou, seu coração doendo por ele.

O homem riu: “Oh, eu gostaria que isso fosse tudo o que ele fez.”

Morana estava com medo de ouvir mais.

“Ele levou minha outra filha também”, o homem falou, os olhos afiados nela. “No começo, ele a colocou com as outras crianças desaparecidas, mas depois teve outra ideia para garantir que Gabriel ficasse quieto.”

O coração de Morana começou a trovejar em seu peito, sua respiração irregular. Ela sentiu a mão de Tristan pousar em seu ombro.

“Ele a deu para Gabriel criar”, o homem disse em voz baixa, “para que ele pudesse olhá-la e se lembrar da extensão da ira de Lorenzo para aqueles que o atacavam. Em troca de seu silêncio, sua própria filha viveria. Sua esposa nunca aceitou que era sua própria filha que voltou e o deixou, coitada.”

Suas mãos começaram a tremer, lágrimas se acumulando em seus olhos enquanto toda a sua vida passava diante de seus olhos, tudo de repente se encaixando. O desdém de seu pai, a ausência de sua mãe, todas as palavras insensíveis que ela ouvira naquela casa, como seu pai gostava de vê-la sofrer – isso começou a fazer um sentido misterioso.

Morana engoliu em seco: “Eu... não... eu”, ela gaguejou.

“Você é o pai dela”, Tristan colocou em palavras o que ela não era capaz.

O homem sorriu suavemente para ela. “Você é minha filha, Morana.”

Ela o encarou, incrédula, sabendo em seu coração que ele não estava mentindo, mas incapaz de aceitá-lo. “Esse é mesmo o meu nome verdadeiro? Ou era o nome dela? Filha de Gabriel?”, ela perguntou, sua voz subindo.

Ela sentiu a mão em seu ombro apertá-la e o homem mais velho, seu verdadeiro pai, deu de ombros. “Não importa. Você é Morana.”

Morana exalou, lágrimas escorrendo pelo rosto. “Você sabe se ela está viva?”

Ele balançou a cabeça e a dor dentro de Morana se aprofundou. *Como?*

Morana enxugou as lágrimas e fez a pergunta que sabia estar na vanguarda da mente de Tristan. “Luna está viva?”

Eles prenderam a respiração quando seu pai disse com tristeza. “Eu realmente não sei.”

Reunindo coragem, Morana endireitou a coluna. “Por que você não me levou de volta?”

“Fiquei muito machucado quando tudo isso estava acontecendo”, ele disse, esfregando o joelho. “Eu não sabia o

que tinha acontecido com você até alguns meses depois, e já era tarde demais. Para todos os efeitos, você era uma Vitalio."

Morana sentiu os lábios tremerem. "Por que você não tentou entrar em contato comigo antes?"

Ele balançou sua cabeça. "Enquanto eles pensassem que eu estava morto, era mais seguro para você. Eu mantive meus olhos em você, no entanto, dando-lhe a pouca proteção que pude, de longe."

Seu coração apertou.

"Eu sei que não tenho o direito de estar, mas fiquei muito orgulhoso quando você estudou tecnologia", ele disse a ela, o sorriso em seu rosto um fantasma de quem ele deveria ter sido. "Você puxou isso de mim. Você é muito melhor do que eu na sua idade."

O orgulho em sua voz, o orgulho que ela nunca havia recebido em toda a sua vida, torceu algo dentro de seu peito. Morana procurou em seu rosto e encontrou a semelhança com ela, na cor de avelã de seus olhos, na maneira como seu nariz se inclinava ligeiramente para cima. Ela sentiu seus olhos se encherem de novo e sacudiu, fazendo a pergunta que estava queimando dentro dela há dias. "Por que roubar os códigos? Você nunca iria usá-los. Por que enquadrar Tristan?"

Ele endireitou a perna, um leve estremecimento cruzando seu rosto. “Eu precisava fazer você e Tristan se cruzarem.”

Morana piscou, surpresa. “Desculpe?”

A mão de Tristan apertou seu ombro.

Seu pai riu, o som genuíno. “Oh, você acha que eu era o único de olho em você? O garoto estava sempre lá. Ele me pegou algumas vezes, não foi, Tristan?”, o pai apontou para o homem atrás dela, olhando-o por cima dos óculos, num gesto que Morana reconheceu em si mesma.

Com o coração gaguejando com essa nova informação, Morana tentou se lembrar de qualquer momento do passado em que se sentira vigiada. Ela sabia que ele tinha uma foto dela. Mas isso era tudo o que ele tinha? Ele tinha mais? Quanto tempo ela foi observada? Ela fora observada, não por uma, mas por duas pessoas e não se lembrava de um único incidente?

“Eu sabia o que ele tinha feito para protegê-la uma vez”, o homem deliberou. “E eu sabia, com a maneira como ele mantinha seus olhos em você ao longo dos anos, que ele iria protegê-la novamente quando chegasse a hora.”

“A hora de quê?”, ela resmungou, sua mente mal se apegando a tudo.

“Justiça.”

Um arrepio percorreu sua espinha, Morana apertou e abriu os punhos, considerando esse homem diante dela. O armazém oco ecoou o vazio em seu estômago quando tudo que ela sabia sobre sua vida desabou.

“Então, deixe-me ver se entendi”, ela se inclinou para frente, observando-o com um olhar uniforme. “Você fez Jackson roubar meus códigos e enquadrar Tristan para que eu pudesse encontrá-lo? Você deu de casamenteiro?”

O homem bufou uma risada. “Parece um pouco bobo quando você coloca assim, mas funcionou, não é?”

“Ele queria me matar”, disse ela.

“Eu quis”, Tristan confirmou por trás dela.

O homem mais velho balançou a cabeça. “Eu acho que você não reconheceu, Tristan, e eu não culpo você.”

Ele comentou com Morana: “Os homens deste mundo não amam como homens normais, menina. O amor deles é mais intenso que qualquer outro. Ele se apaixonou por você quando menino e como homem. E ver isso acontecer foi a única paz que encontrei em anos, sabendo que você será amada, querida e protegida depois que eu partir. Eu precisava te dar isso.”

Pulso acelerando com suas palavras, sua garganta apertada com emoções desconhecidas, Morana estremeceu, sacudindo a severidade de sua voz.

“Quem está tentando me matar?”, ela perguntou, tentando entender tudo.

“O sindicato.”

“Por que você me enviou para a Aliança e o Sindicato, então? Eu não deveria ter ficado longe?”

“Você não pode ficar longe. Você já está envolvida por causa de quem você é, e eu tive que prepará-la para a verdade”, ele declarou simplesmente. “Se você não estivesse preparada, sua mente não seria capaz de lidar. E eu queria que seu relacionamento fosse bem sucedido.”

Morana sacudiu a cabeça. “E o que vou fazer com toda essa verdade? Qual é o ponto?”

O homem, seu pai, sorriu com indulgência, olhando de Tristan e de volta para ela. “Você fará o que quiser, Morana. Este mundo precisa de pessoas como você para defender aqueles que não podem fazer isso por si mesmos. Há tantas crianças perdidas que não conseguem encontrar o caminho de casa, tantos pais que sofrem por seus bebês. A dor disso é insondável, minha pequena menina. Você não conhece a agonia que passa pelo pai quando ele perde o filho, por nunca o encontrar. Ajude-os.”

Uma pulsação começou em suas têmporas. “Como? Eu não sei.”

O homem se inclinou para a frente, prestes a dizer algo, quando o som de um veículo parando do lado de fora o fez se

endireitar. Ele olhou para os dois e pronunciou uma palavra: “Escondam-se.”

Incerta, Morana pegou sua arma e sentiu Tristan puxá-la para cima, guiando-a para o lado, escondendo-se atrás de um dos pilares. Colocando-a de volta ao pilar e protegendo seu corpo com o dela, ela o viu se inclinar para o lado e observar a porta. Morana torceu o pescoço e assistiu a cena.

Lorenzo Maroni e seu pai – não, Gabriel Vitalio – entraram no espaço, ambos vestidos de terno. Morana viu o pai, o pai de verdade, simplesmente sorrir para eles e cumprimentá-los como velhos amigos. Ela percebeu que nem sabia o nome real dele ou o dela. Ela não sabia sobre a mãe ou a irmã que nem nascera.

Respirando através da dor que invadia seu coração, Morana simplesmente tomou força do homem que estava pressionado nela, tomou coragem de sua presença e manteve os olhos na cena e concentrou-se nela. Ela poderia desmoronar mais tarde.

“Bem, bem”, Lorenzo Maroni gargalhou. “Olha quem apareceu do túmulo. Pensei ter enterrado você, velho amigo.”

“Sempre o teatro, Lorenzo”, comentou o pai, parecendo divertido.

Lorenzo riu. “Você deveria ter deixado os esqueletos adormecidos em paz.”

“Por que você nos ligou?”, Gabriel cortou as besteiras.

O pai dela balançou a cabeça. “Eu queria perguntar sobre o comércio. Armas e crianças hoje em dia, não é verdade, Lorenzo?”

“Não essa música antiga, Reaper”, Lorenzo olhou para a bengala de seu amigo. “Você se lembra da última vez que ameaçou me expor?”

“Muito claramente”, afirmou o pai. “Você não é o único que convoquei para esta reunião.”

Morana observou, surpresa, Dante entrar no armazém e encostar-se a um dos pilares, fumando casualmente um cigarro. “Olá, Pai.”

Tristan inalou acima dela, seu coração ainda firme contra a orelha dela. Morana sentiu seu próprio palpitar. Ela tinha um mau pressentimento sobre isso.

Lorenzo Maroni pareceu um pouco assustado por um segundo antes de se recuperar. “É bom ver você, filho.”

Dante deu um sorriso vazio, como nunca tinha visto em seu rosto bonito. “Gostaria de poder dizer o mesmo, especialmente depois de ver os resultados de sua depravação nos últimos dias, pai.”

Lorenzo parou antes de se virar para Reaper. “Por que nos chamou aqui?”

O pai dela se apoiou na bengala e se levantou, o corpo magro na frente do corpo de Lorenzo. “Para lhe dizer que, nos

últimos anos, desmontei o seu negócio. Para lhe dizer que planejo isso há mais de vinte anos. Você é o verdadeiro mal, Lorenzo. E você não merece viver."

Antes que alguém pudesse se mover, o pai torceu a ponta da bengala, tirando uma lâmina escondida e passou-a na garganta de Lorenzo Maroni. Morana mal conteve um suspiro, os dedos agarrando a camiseta de Tristan quando ele mirou e apontou a arma para o local, vigilante.

"Isso é por Elaina", afirmou o pai, com a voz fria. "Isso é por matar meu amor e meu bebê, por tirar minha garotinha, Lorenzo."

Dante simplesmente fumava no canto, vendo seu pai borbulhando, vendo seus joelhos tremendo, vendo sua camisa branca e brilhante ficando feia e vermelha.

Maroni caiu sobre o pai, pegando algo do próprio bolso. Foi uma lâmina que ele o esfaqueou quando desceu.

"Não!" Morana sussurrou antes que ela pudesse controlá-lo, seus olhos se arregalando.

Maroni apertou o pescoço, tentando falar, os olhos saltando. Seu pai segurou a ferida aberta no peito e continuou falando através de respirações difíceis. "Esta é a sua justiça", continuou o pai, sangrando. "Você sangra até a morte enquanto seu filho assiste sem remorso. Foi isso que você criou."

Gabriel, que estava olhando chocado para seu antigo parceiro, de repente se abaixou e sacudiu o moribundo. “Onde está minha filha?”, ele exigiu, sacudindo-o. “Ela está viva? Maldito seja, Lorenzo, diga-me onde ela está?!”

Maroni se engasgou, em choque, os olhos esbugalhados e caiu mole no chão. Poucos minutos depois da meia-noite, Bloodhound Maroni morreu em uma poça de seu próprio sangue.

Morana observou tudo isso em choque. Tudo isso aconteceu a menos de três metros de onde ela estava.

Tristan estremeceu contra ela. "Fique aqui", ele sussurrou em seus cabelos antes de sair para o corpo a corpo. Ela viu quando Dante olhou para cima e viu Tristan sair, as sobrancelhas levantadas, mas silenciosas. Ele jogou o cigarro fora. Os dois homens aproximaram-se do verdadeiro pai em sincronia, curvando-se para ver o corpo dele.

Dante deu um tapinha no peito clinicamente e tirou um envelope, trocando um olhar com Tristan.

Seu pai resmungou algo que Tristan se inclinou para ouvir, antes de ele e Dante se levantarem e caminharem até a porta do armazém, conversando baixinho. Morana não sabia o que estava no envelope e, no momento, ela realmente não se importava.

Gabriel continuou sacudindo um Lorenzo morto, perguntando sobre o paradeiro da filha.

“Nós dois sabemos a dor de perder uma filha”, Gabriel murmurou de joelhos no sangue de Lorenzo. “Só que você sabe que sua filha está segura e eu não. Agora eu nunca vou.”

O pai dela não respondeu.

Gabriel começou a rir, o som ganhando volume, ficando cada vez mais histérico.

Morana saiu de trás do pilar, observando-o, consciente de Dante e Tristan se virando para observá-lo também.

Tristan olhou para ela e balançou a cabeça. “Vamos embora, Morana.”

Os olhos de Gabriel caíram sobre ela e ele riu. “Morana, a putinha da cama dele.”

Ele ficou de joelhos no sangue, sorrindo como um louco. “Você não é minha Morana! Eu nem sei quem você é, porra!”

Morana levantou a arma e apontou para a cabeça dele, com o coração doendo. “Você sequestrou garotas e as negociou vinte anos atrás?”, ela perguntou, sua voz trêmula.

Mas Gabriel estava longe demais para responder.

“Minha Morana está perdida. Minha Morana se foi. Minha Morana nem *existe!* E eu? Eu mataria você todos os dias que pudesse. Queria que você sentisse a dor que minha garota estava sentindo em algum lugar. Eu queria que você sangrasse como ela sangrou. Queria que você questionasse

por que papai não a amava como meu bebê deve ter se perguntado."

Morana deu um passo à frente, com o coração sangrando, sofrendo, por uma garota que nunca conhecera, por si mesma e por todas as outras garotas que haviam sido brutalizadas por esses homens. "Você sequestrou garotas há vinte anos?"

Ela estava ciente dos olhos de Tristan nela, de Dante assistindo a cena em alerta, mas ela não conseguia desviar o olhar dos olhos do homem que amou como pai por tantos anos.

Aqueles olhos escureceram quando chegaram a ela e sua risada piorou.

"Sua puta", ele cuspiu aos pés dela. "Você não merece ser feliz, não quando meu bebê não foi."

"Eu era criança", disse Morana, com os olhos ardendo. "Uma criança inocente."

"E eu era pai!", ele gritou, saliva voando de sua boca. "Fui pai de uma linda menina que foi substituída da noite para o dia! Foi! E você tomou o lugar dela. Você não é ela! Você nunca será ela!"

"Você sequestrou garotas há vinte anos?", ela continuou perguntando incansavelmente, seus braços tremendo com a tensão em sua mente e seus músculos.

Ele se levantou, dando um passo em sua direção, o ódio em seus olhos a queimando, sem responder a sua pergunta. “Toda vez que eu olhava para você, isso me lembrava meu bebê. Como ela deve ter sofrido. Como ela deve ter chorado por mim. Você não merecia a vida dela.”

Morana sentiu cada palavra assaltá-la como uma bala, encontrando sua marca, cavando sua pele.

No segundo em que ela precisou processar suas palavras, Gabriel pegou sua arma e apontou para a cabeça dela, seus olhos escuros voltados para ela. “Oh, ele tem uma arma em mim. Ele pode me matar, mas eu dou o meu tiro. E acertarei bem entre os olhos.”

Morana olhou para os olhos escuros e odiosos, imóveis. “Você sequestrou Luna Caine?”

“Estou louco há muito tempo, mas tive que fingir, pelo bem da minha filha, pela esperança de que um dia Lorenzo me dissesse onde estava.”

Morana ergueu o próprio braço, apontando-o para a testa.

A voz calma de Tristan veio da direita dela. “Não faça isso, Morana.”

“Oh, faça isso, Morana”, a voz de Gabriel zombou de seu nome. “Seu pai está morto. Sua mãe está morta. Eu vou matar seu amante também. E seus filhos...”

“Não deixe ele chegar até você”, a voz de Tristan veio da periferia, fria e calma. “Eu o peguei. Você não quer fazer isso.”

"Oh, você quer fazer isso, não é, Morana?" Gabriel persuadiu, seus olhos selvagens como ela nunca tinha visto antes. “Você sabe que se tiver filhas, eu vou roubá-las...”

“Morana, não dê ouvidos a ele...”

“...e colocá-las no comércio. Assim como eu fiz vinte anos atrás...”

“Eu o peguei, não faça isso.”

“Pare com isso!” Morana gritou com as duas vozes que vinham para ela, com as mãos trêmulas, toda a sua forma tremendo de dor e raiva que apenas se acumulavam dentro de seu corpo. Ela sentiu o gelo e o fogo batalharem dentro dela, levando-a do desapego a sangue frio à fúria ardente em momentos.

“Você levou Luna Caine?”, ela berrou para Gabriel, com a voz embargada.

Gabriel riu. “Sim eu fiz!”

Isso aconteceu em uma fração de segundo.

Antes que ela percebesse, seus dedos apertaram o gatilho, o recuo a atingiu com força, a visão de um buraco na cabeça do homem que tinha sido o único pai que ela conhecera por toda a vida.

Um uivo atormentado deixou sua garganta enquanto seus joelhos desabavam.

“Porra!”

Braços a envolveram, puxando-a para cima, enquanto seus olhos olhavam para toda a morte ao seu redor. Lorenzo Maroni deitado em uma poça de sangue, com a garganta cortada. O pai biológico, um homem que ela conheceu há dez minutos, mas que a protegera a vida toda, morto com um leve sorriso no rosto, a camisa encharcada de sangue. Gabriel Vitalio, um homem que enlouqueceu depois de perder sua filha, um monstro, seu pai, morto por ela.

Morana absorveu tudo e desmaiou.



Consequência

Foi o som de vozes baixas que penetraram em sua consciência.

Piscando os olhos abertos, Morana olhou para o teto familiar da sala de estar da cabana e tentou se sentar, com a cabeça doendo. Um copo de água apareceu na frente dela e ela o pegou, engolindo o líquido frio na garganta ressecada, olhando para cima e viu Tristan olhando para ela solenemente. Seus olhos se voltaram para o outro ocupante na sala, Dante, que a observava com a mesma solenidade.

De repente, tudo voltou correndo para ela. Tomando uma grande quantidade de ar, o peito subitamente apertado, Morana olhou para os dois, piscando as lágrimas.

“Eles estão todos mortos?”, ela resmungou, colocando o copo na mesa à sua frente.

Os dois homens, para seu alívio, assentiram com a cabeça. Dante elaborou: “Vai haver uma tempestade de merda.”

Morana concentrou-se em sua respiração, tanto colidindo e desmoronando dentro dela que ela não sabia como pensar em nada disso. As coisas estavam congelando. O sangue dela estava esfriando. O gelo deslizava lentamente

em suas veias. Assentindo uma vez, ela se levantou, precisando de espaço, precisando de distância, para enterrar tudo.

“Eu preciso de um banho.”

Sem esperar pela resposta, saiu calmamente da sala e subiu as escadas, indo ao banheiro e trancando a porta. Ela agarrou o balcão de granito com os nós dos dedos, apoiando-se nos braços, olhando para o espelho e vendo seu reflexo olhando de volta para ela.

Quem era ela?

Quem diabos ela era?

Ela não teve mãe. Sua verdadeira mãe morreu brutalmente com a irmã no ventre. O pai dela não disse o nome dela nos poucos minutos que passaram juntos. Seu pai, que estava em busca de vingança por duas décadas, a observava há anos e sentia orgulho dela. E o homem que ela amara toda a vida como pai, o homem cuja aprovação ela ansiava, tinha sido um monstro do mal que havia destruído tantas vidas. Ela o matou.

Seu bíceps começou a tremer, seu reflexo embaçando quando sua respiração ficou mais difícil de respirar.

Uma batida soou na porta atrás dela.

Morana abriu a boca para responder, mas nenhum som saiu. Ela olhou, com olhos arregalados, para seu próprio

reflexo, tentando gritar, mas sua garganta se fechou, uma bola se alojando ali, sufocando-a.

"Morana, abra a porta", uísque e pecado vieram do outro lado. Como ela poderia enfrentá-lo? Como ela pôde quando seu pai destruiu sua vida e levou sua irmã embora, enviando-o em espiral no escuro? E se ela olhasse nos olhos dele e visse um verdadeiro ódio por si mesma? Ela não aguentou. Porra, ela não podia vê-lo. Mas ela queria se virar e abrir a maçaneta. Ela precisava. Ela não conseguia se mexer.

As batidas se tornaram mais insistentes. "Morana, abra a porra da porta!"

Ela realmente, realmente queria. Ela queria se lançar em seus braços e pedir que ele dissesse que ele não a odiava. Mas como ela poderia enfrentá-lo?

"Juro por Deus, se você não abrir essa maldita porta agora..."

Soltando os dedos do balcão, ela conseguiu se virar e encontrou os joelhos travando juntos. Manchas negras dançavam na frente de seus olhos, seus lábios se abrindo para respirar o ar tão necessário. Ela não conseguia respirar.

Ela ouviu um baque alto, depois outro antes que a porta se abrisse e sua forma furiosa estivesse ali.

"Jesus...", ele olhou para ela e entrou, pegando-a nos braços e carregando-a para o chuveiro, abrindo todas as torneiras e se sentando no banco com ela em seus braços.

A água fria sacudiu seu sistema, sacudindo seu corpo. Morana enterrou o rosto no pescoço dele, encontrando aquele ponto bem no momento do ombro dele e tentou engolir ar.

Os braços dele a apertaram e ele a manteve perto. “Está bem. É apenas um ataque de pânico. Isso vai passar. Apenas se concentre na minha voz e respire comigo, Morana.”

Ela fez. Ela se concentrou na voz dele, no uísque que a embebedou e no pecado que a fez se sentir viva. Ela respirou com ele, sentindo a lenta expansão e deflação do peito dele e combinou a dela com ele.

A boca dela tremia. “Deveria ter sido eu.”

"O que você quer dizer?", ele perguntou suavemente, ficando completamente molhado com ela.

“Sua irmã estava comigo. Ela deveria estar aqui. A verdadeira Morana deveria estar aqui. Eu não. Eu nem sei quem eu sou.”

Uma mão agarrou seus cabelos molhados e puxou a cabeça para trás com firmeza, outra envolvendo sua garganta, exigindo sua atenção.

Morana fechou os olhos.

“Olhe para mim”, ele ordenou, apertando o pescoço dela uma vez.

Ela não queria. Ela estava com medo de olhar para ele, ele não sabia disso.

O aperto em seu pescoço aumentou, e ela abriu os olhos, encarando a garganta dele.

“Olhos”, a demanda encontrou seu caminho através da névoa.

Lentamente, com o coração batendo forte no peito, Morana olhou para ele.

E encontrou aqueles lindos e magníficos olhos azuis olhando para ela com qualquer coisa, menos ódio.

“Você está exatamente onde deveria estar”, ele disse a ela, sua voz não deixando espaço para dúvidas. “Eu sei exatamente quem você é.”

“Quem sou eu?”

“Minha.”

Morana sentiu o queixo tremer, os olhos ardendo.

“Você pode ter nascido com outro nome, mas é Morana. Minha Morana. Você é a garota pela qual matei e você é a mulher pela qual eu morreria. Você é minha e está exatamente onde deveria estar. Nunca mais questione isso, entendeu?”

Morana entendeu as palavras dele, mas suas fundações haviam desmoronado, sua vida inteira abalada, seu futuro em branco. Naquele momento, sentada no chuveiro frio com ele completamente vestido, olhando em seus olhos azuis, havia apenas uma coisa que importava.

“Não me odeie novamente.”

A mão dele flexionou sua garganta. “Você sabe por que eu gosto de abraçar você assim?”

Ela balançou a cabeça.

“Eu posso sentir sua vida sob a minha mão”, afirmou, seus olhos ardendo nos dela, seus dedos travando a vida dela para ele. “Seu corpo, sua vida, seu coração – agora são todos meus. Confie em mim para manter todos eles seguros.”

E Morana caiu em seu peito e quebrou por tudo o que haviam perdido, os dois segurando a única coisa que haviam encontrado.



“Eu quero que as coisas fiquem claras daqui para frente”, esclareceu Dante, olhando para cada um dos homens e poucas mulheres na sala, com o olhar sombrio. “Vou assumir todos os negócios a partir da semana que vem e quero que vocês se apresentem e relatem diretamente para mim tudo o que estavam guardando debaixo do tapete para o meu pai. Não é assim que as coisas vão funcionar agora e se vocês tiverem um problema com isso, existe a porta. Deem o fora daqui.”

Dante mudou. Ela não sabia o que tinha acontecido ou o que ele tinha visto no envelope, mas o homem com um sorriso fácil estava indo em direção a uma explosão que ela não achava que ele estava ciente.

Morana observou-o do outro lado da mesa na mansão, sentado ali, não na capacidade de seu amigo, mas como o herdeiro de Vitalio sobrevivente no Oeste. O resto dos homens da Outfit se reuniram ao redor da sala, ambos em choque com a morte de Lorenzo e com o retorno de Dante da vida após a morte.

Tristan sentou-se tão gravemente ao lado dele, seus olhos afiados sem perder a reação dos rostos de ninguém. Ninguém saiu. Dante assentiu. "Bom. Vamos velar meu pai esta semana. Obrigado por terem vindo."

As pessoas saíram lentamente da sala, sem murmurar, sem discutir nada. Morana observou Leo Mancini, o irmão mais novo de Maroni, dar um olhar amargo para Dante antes de sair.

"Ele vai ser um problema", Morana comentou quando todos saíram.

Dante levantou-se da cadeira e caminhou até a janela, olhando as pessoas do lado de fora. Enquanto Dante voltava a vestir-se perfeitamente, ele não se barbeava completamente desde que voltara, e a barba lhe convinha. Seu perfil parecia severo, duro e um pouco intimidador, se Morana estivesse sendo honesta.

“Eu sei”, disse ele, os olhos do lado de fora. “Leo sempre teve fome de poder e queria sair da sombra do meu pai. Eu vou cuidar dele.”

Ela não duvidou disso.

Morana olhou para Tristan, para vê-lo observando Dante com uma leve carranca.

“Então qual é o plano?” Morana perguntou com entusiasmo extra, tentando aumentar um pouco a energia da sala.

“Você quer administrar uma família mafiosa?”

Morana piscou com a pergunta. “Hum, não. Não particularmente.”

Dante finalmente sorriu, virando-se para olhá-la, encostando-se na janela. “Vocês dois vão se casar?”

Espere, o quê?

Morana olhou para Tristan com os olhos arregalados, sem saber como responder a essa pergunta. Tristan balançou a cabeça. “Não até encontrarmos Luna.”

Dante assentiu, seu olhar pensativo. “Você sabe, há uma razão pela qual a Aliança floresceu tanto tempo nesses três. Meu pai e Gabriel cuidaram dos negócios, e seu pai cuidou das informações.”

"Eu posso lidar com os negócios em Shadow Port", a voz de Tristan veio de onde ele estava sentado. Dante entrou na conversa. “E eu posso lidar com os negócios em Tenebrae.”

Morana assentiu, entendendo. “E eu posso lidar com a informação.”

Dante caminhou até a mesa do pai, agora dele, e pegou uma garrafa de uísque vintage, cortada em cristal, despejando-a em três copos e entregando aos dois um.

“Para a Aliança”, ele levantou a torrada.

“Para encontrar as meninas desaparecidas”, Tristan correspondeu.

“Para o futuro”, Morana piscou os copos, olhando os dois homens nos olhos.

Eles eram a família dela agora.

E eles tinham um longo caminho pela frente.



Epílogo

Porra.

Tristan assistiu a mecha de cabelos escuros tremer enquanto a mulher ao seu lado expirava, fazendo-a flutuar antes de descansar contra sua pele macia. Dormindo assim, ela era subjugada. Frágil. Lembrando-o da menininha que um dia sorriu para ele.

A qualquer momento, ela acordaria e ele veria o fogo que vivia dentro dela naqueles olhos polidos. Aqueles olhos sempre fizeram tanto em seu interior. Quando menino, ele não tinha entendido o peso do peito. Como homem, ele estava aprendendo. Ela olhou para ele com as garras à mostra para o mundo, seu ódio, seu calor e agora seu coração, todo dele.

Ela não o tripulou, essa pequena mulher com a alma de um guerreiro. Ele era um cara inteligente, mas o cérebro dela era diferente de qualquer um que ele já conheceu, e ocasionalmente o fazia se sentir um idiota. Ele não se importava nem um pouco.

Ele passou um dedo gentilmente por cima do ombro dela, maravilhado com a suavidade de sua pele íntima, até seu estômago, seus lábios se curvando. Ele sabia que ela às vezes sugava seu estômago, tentando achatar a barriga que ela tinha. Ela não sabia, não entendia que poderia ganhar

centímetros e ainda seria a coisa mais linda que ele já tinha visto.

E para uma mulher tão esperta, ainda o deixava tropeçando que ela o escolheu repetidamente. Ele.

Ela beijou as mãos dele banhadas em sangue, tocou suas cicatrizes ganhadas de dor e olhou para ele para ver apenas o homem. Ela sempre foi assim, a Morana dele. E embora ele nunca tivesse sido capaz de lhe dar nada, ele tentava todos os dias. Se ela se arrependesse de sua escolha, ele não queria examinar o que faria de perto.

O telefone tocou ao lado.

Ela se mexeu, fazendo um barulho bonitinho de irritação antes de se acomodar confortavelmente na curva do pescoço dele, suas respirações aquecendo a pele dele. Ele sorriu, verificando a mensagem.

Está aqui.

Satisfação como ele nunca pensou que se encontraria sobre ele como um cobertor confortável, aquecendo-o por dentro. Pressionando um beijo na testa, ele se desembaraçou dela e se levantou para ir embora.

“Aonde você vai?”, as palavras esmagaram seu travesseiro.

Porra, ela era fofa de manhã.

“Eu tenho algo para você.”

Ele viu a curiosidade melhorar e ela abriu um olho antes de gemer. “É melhor não ser sexo, porque eu vou te matar, Tristan. Você chega perto da minha boceta por uma semana e eu te mato.”

Seus lábios se contraíram antes que ele pudesse se ajudar. “Eu não ouvi você reclamando ontem à noite.”

“Eu fiz”, ela argumentou, movendo-se, a luz atingindo seu pescoço e ele viu as marcas cobrindo sua pele. Satisfação bateu nele. Ele gosta disso. Ele gosta muito disso.

Balançando a cabeça, ele puxou as persianas, banhando o quarto da cobertura com a luz do sol.

Morana estreitou os olhos antes de cair no travesseiro, gemendo. “Não consigo me mexer. Estou dolorida.”

Tristan se abaixou, pegando-a nos braços, lençóis e tudo, e a levou para o banheiro espaçoso. Colocando-a de pé, ele deu um beijo suave em seus lábios inchados, quase certo de que ela morderia a língua dele se ele a aprofundasse. Ele não achava que ela tinha ideia do quanto o divertia, a emoção com a qual ele nunca havia se familiarizado até ela.

Seu peito estava mais leve do que nunca, ele arrumou um banho para ela, sabendo que tinha sido muito intenso ontem à noite. Mas então, ele teve um bom motivo.

Derramando alguns dos sais de banho que agora estavam empilhados nas prateleiras, ele lhe deu outro beijo suave, olhando em seus olhos lânguidos e extremamente satisfeitos.

“Venha me encontrar depois que terminar”, ele murmurou contra seus lábios e a deixou em paz para acalmar seu corpo. Tirando os lençóis sujos, ele arrumou a cama, cantarolando um pouco e parou quando percebeu que estava cantarolando.

Era assim que a felicidade era?

Balançando a cabeça, ele foi ao banheiro de hóspedes, tomou banho e se barbeou, preparando-se para o dia. Como se tornara rotina com eles, ele foi preparar o café da manhã enquanto ela se arrumava. Muitas pessoas não sabiam o quanto ele gostava de cozinhar. Havia algo tão gratificante em criar algo delicioso a partir de simples ingredientes crus.

Alimentando Morana embora? Era quase um ponto alto que ele desejava. Ele adorava ler o rosto dela. Desde o começo, ele a alimentou e soube exatamente como ela gostava da comida dele. Ver os olhos dela fecharem e prender a respiração, quando dava a primeira mordida, sempre o deixava um pouco duro. Mas, mais do que isso, era a alegria de se conectar com ela, saber que algo que ele estava fazendo estava lhe dando felicidade. Ele ansiava por isso.

Batendo alguns ovos, Tristan se perguntou como as coisas mudariam agora. Ontem à noite havia sido uma festa

para anunciar oficialmente Morana e ele assumindo o negócio da máfia Shadow Port. Com a morte de ambos os líderes na semana passada, as coisas foram um pouco turbulentas, para dizer o mínimo.

Depois de discutir as coisas, Dante estava assumindo as funções em Tenebrae, enquanto Tristan precisava lidar com Shadow Port. Esta seria uma nova Aliança, uma nova era, entre irmãos. Foi perfeito, realmente. Tristan nunca tinha amado Tenebrae, a cidade fervilhava com muitas lembranças para ele que ele preferiria guardar. E Morana adorava essa cobertura em Shadow Port, amava a cidade se fosse honesta. Ela adorava especialmente que a motocicleta dele estivesse aqui, como ela havia dito depois que ele a levou algumas noites atrás.

Este edifício já era dele, mas agora se tornaria a sede da máfia da cidade. Ele precisava de pessoal, segurança e ampliação do local. Se eles iam fazer a vida aqui, ele precisava descansar sabendo que era o mais seguro possível.

Batendo os ovos, ele deixou seus pensamentos vagarem para Dante, um pouco preocupado com ele. Ele gostava do imbecil e, ultimamente, sentira algo mais sombrio nele do que nunca. Ele tentou falar com ele sobre isso, tentou fazê-lo se abrir sobre o que tinha acontecido quando ele entrou no submundo, mas Dante estava de boca fechada sobre isso. E com Amara ao vento, Tristan estava preocupado – não apenas por ela, porque ele também gostava dela, mas também por Dante.

O som de passos o fez olhar para a mulher que tinha sido sua razão de existir por tanto tempo que ele não sabia mais onde ele começava e ela terminava. Ele se colocou no lugar de Dante, imaginando o que ele faria se ela desaparecesse sem dizer uma palavra agora.

O vidro na mão quebrou.

“Que porra é essa!”, ela exclamou, correndo os degraus para ele enquanto ele respirava por suas narinas, entorpecendo sua dor por pura vontade e olhando para ela. Com o cabelo em um coque bagunçado na cabeça, ligeiramente torto, os óculos retangulares no nariz, o corpo em um simples vestido esvoaçante com flores, ela tirou o fôlego.

“Isso dói? Merda!”

Segurando a mão direita cortada, ela abriu a torneira e a água fria correu pela palma da mão, os cortes ardendo momentaneamente. Tristan olhou para a única mulher que já se importou se ele tinha dor e pressionou os lábios na cabeça dela, tentando conter tudo o que estava sentindo. Alguns dias, ele sentiu que explodiria com as emoções que ela puxou de seu coração que estava morto.

Sem noção do tumulto dentro dele, ela pegou a outra mão e estava prestes a colocá-la debaixo d'água também quando viu a fita no dedo dele.

Ele não tinha planejado mostrá-la até mais tarde, mas quando ela olhou para ele com olhos curiosos e bonitos, sua gata selvagem que apenas ronronava por ele, ele sentiu algo em seu peito derreter.

“Eu sou cínico, Morana”, ele disse, segurando a mão dela e sua atenção. “Eu não acredito em casamentos. Não acredito em homens que usam seus anéis com as esposas para tirá-los mais tarde. Mas acredito em lealdade. Eu acredito em compromisso.”

Ele viu os olhos dela brilhando, sabia que ela já havia descoberto. Ele não estava surpreso – às vezes ela o conhecia melhor do que ele. Ela era seu presente para uma vida fodida, essa mulher de fogo que aquecia seus ossos frios e solitários.

“Não posso me casar com você”, ele disse a ela, “até que cumpra a promessa que fiz à minha irmã.”

Ela assentiu em compreensão.

“Mas eu nunca, nunca quero que você entre em uma sala e não saiba que todas as minhas partes, homem fodido e garoto perdido, pertencem a você.”

Ele podia ver o efeito que suas palavras estavam causando nela. Seus lábios tremeram quando ela quebrou o olhar e olhou para a mão dele. Respirando fundo, uma que empurrou a mordida que ele lhe dera em seu decote em um alívio severo, ela traçou a fita no dedo anelar esquerdo com mãos trêmulas.

E então ela tirou com cuidado, vendo a pequena tatuagem que ele fez duas noites atrás.

Ele olhou para ele próprio, satisfeito com a curvatura, a única palavra alta e clara.

Morana.

“Oh merda”, ele a ouviu ofegar antes que ela olhasse para ele, chorando abertamente agora, suas lágrimas fazendo seus olhos apertarem de uma maneira adorável. Embora ele estivesse certo de que ela o chutaria se ele dissesse isso.

“Eu estou tão apaixonada por você, Tristan Caine”, ela chorou, atacando seu peito com o rosto e pressionando beijos contra seu coração batendo. Ele reprimiu a descrença imediata que sentiu com as palavras dela e respirou fundo, aceitando que ela – a linda e inteligente Morana Vitalio, que poderia fazer um milhão de vezes melhor que ele – amava sua bunda ferida. Pena que ele nunca iria deixá-la perceber isso. Ela estava fodidamente presa com ele agora.

Ele deu um beijinho no topo da cabeça dela, apreciando o quão pequena ela se sentia contra ele. Às vezes, ele esquecia, o quão feroz ela era, que era pequena.

Ele queria dizer a ela que a amava também.

E ele não sabia como dizer isso, como verbalizar isso. Talvez um dia ele o fizesse. Ele esperava que algum dia pudesse. Até então, ele poderia apenas mostrar a ela.

Ele a levou para um encontro no *Crimson*.

Parecia apropriado, dado que tudo havia começado ali. Ele comeu a comida, depois a levou ao banheiro e a saboreou porque ela estava muito dolorida para levá-lo e ele não pôde se conter. Mas ele gostou daquele olhar nos olhos dela, aquele logo depois que ela desceu de um orgasmo. Ela olhou para ele com um sorriso idiota que fez algo roncar na cavidade do peito dele. Ele iria mantê-la no topo dessa merda, apenas para continuar recebendo aquele sorriso em particular todos os dias de sua vida.

Agora, parado no estacionamento da cobertura, ele a observava enquanto ela olhava para o presente dele.

“Você deve estar brincando comigo!” A mulher ao lado dele pulou de empolgação, dando-lhe um sorriso tão brilhante que fodidamente soltou sua respiração.

Os três caras atrás dele riram. Ele ainda não gostava muito deles, mas eles o seguiram até Shadow Port de Tenebrae por seus próprios motivos e um deles, Vin, era realmente muito bom com facas. Dante confiava nele implicitamente e isso era bom o suficiente para Tristan. Enquanto ele montou o sistema na cidade, ele queria ter alguns rostos familiares nos quais podia confiar.

No momento, a única coisa que o impedia de dar um soco neles era o fato de que todos podiam ver os pequenos chupões que Tristan havia deixado na nuca dela na noite passada. Eles sabiam que ela era dele. Isso o agradava imensamente.

Porra, ele realmente era o homem das cavernas que ela o chamava.

Foi exatamente essa necessidade primordial de reivindicá-la, mostrar que ela era dele, depois da festa da noite passada que levou à noite inteira da maratona sexual que o drenou de toda última gota de esperma e suor. Ele a atacou assim que entraram na cobertura, transando com ela contra aquelas malditas janelas que ela tanto amava, no balcão da cozinha, nas escadas, antes de finalmente entrar no quarto. Dizer que ele estava exausto até o final seria um eufemismo.

Ele observou enquanto ela olhava para o Mustang vermelho 69, uma réplica exata de seu carro antigo, a mão tocando o metal do carro. Ele sabia que ela sentia falta do carro velho, sabia que estava ligada a ele.

Ele indicou para os caras deixá-los sozinhos e avançou para onde ela estava.

“Você gosta disso?” Ele perguntou, precisando saber que sua escolha não foi em vão.

Ela assentiu.

Antes que ele pudesse dizer algo, ela pegou a mão dele e a puxou para o elevador, apertando o botão de voltar para casa.

“Obrigada pelo adorável primeiro encontro, Sr. Caine”, ela olhou para ele por trás dos óculos. Ele traçou seus lábios inchados com os olhos e se virou para ver seus reflexos no espelho. Nunca cansava. A primeira vez que ele se recostou na parede e os observou juntos, naquela primeira noite em que ela ficou em seu território, algo tremulou dentro de seu peito, vendo sua forma minúscula ao lado da dele.

Ela parecia a mesma coisa, mas ela sorria mais agora. Ele achou que ela nem percebeu, mas ele a pegou mordendo mais o lábio, falando mais, movendo as mãos mais enquanto ela falava. Ela estava mais viva, e vê-la dessa maneira o fez se sentir tão bem. Ele sabia que estava danificado. Ele sabia que nunca seria completamente capaz de lhe dar tudo o que ela merecia. Mas ele gostava de tentar, e toda vez que ela sorria, era sua recompensa.

Foi exatamente o que o pai dela o fez prometer com aquele suspiro moribundo.

“Cuide dela”, o homem dissera e Tristan, naquele momento, havia se conectado com ele. Ambos conheciam a clareza de perder tudo o que consideravam querido, ambos sabiam a esperança que os mantinham à beira da sanidade. Ele vira o homem ao longo dos anos algumas vezes, toda vez

que perseguia a filha. Não que ele nunca lhe dissesse a profundidade de sua obsessão. Não, isso não faria.

As portas se abriram, trazendo-o de volta ao momento e, como um farol, ela foi direto para as janelas, olhando a espetacular vista noturna enquanto um trovão estalava no céu.

Ela tirou os saltos e jogou-os para o lado, sentando-se em frente à janela, o quarto escuro como na noite em que sua vida mudou.

Ela deu um tapinha no espaço a seu lado, olhando para ele com olhos brilhantes.

E ele seguiu como a mariposa enlouquecida que ele era, pronto e disposto a queimar nos poços do inferno, desde que ela o olhasse assim.

“Eu também tenho uma coisa para você”, ela disse suavemente, abrindo a bolsa preta e entregando um envelope comum a ele.

Tristan olhou para ela, confuso.

“Eu encontrei o cara do aeroporto hoje”, explicou ela e Tristan sentiu um aperto no estômago, como sempre fazia quando outro homem era mencionado. Embora ele tentasse mantê-lo contido, o fato era que ele conhecia o tipo de homem que vivia neste mundo – homens sem moral, sem escrúpulos e sem decência. Eles a veriam e a roubariam sem pensar em seus desejos. A única coisa que a mantinha segura, por mais

que a irritasse, era sua reputação. Eles a roubariam, mas não o atravessariam.

Ele ainda não gostou. Porra.

“Eu fiz um acordo com ele, então contei a ele um pouco do que ele queria saber e ele me deu isso”, continuou ela, completamente alheia ao fogo possessivo que corria através de seu sangue.

Tristan olhou nos olhos dela por um longo minuto, lendo cada pedacinho de azeitona sobre o marrom claro, seu coração à mostra para ele ver. Foda-se alguém tentando tirar essa luz dele. Ele os separaria com as próprias mãos. Respirando fundo, acalmando sua bunda territorial, ele olhou para o envelope em suas mãos e o rasgou, tirando um único pedaço de papel.

Era um endereço.

Seu coração batia mais alto do que em muito tempo, enquanto olhava para o endereço simples escrito à mão, um local a cinco horas da cidade, e a olhava.

“Eu já verifiquei o endereço”, ela disse, com a voz trêmula enquanto sabia o que isso poderia significar. É uma casa. Nós vamos amanhã.

Ele queria agradecê-la, contar-lhe o que ela havia feito por ele, ainda estava fazendo ele se sentir como o bastardo mais sortudo do planeta. As palavras, como sempre, nunca

saíram de seus lábios. Mas ela entendeu. Ela sempre entende.

Ele queria dizer a ela que o amor era uma palavra muito mansa para tudo o que acontecia dentro dele em relação a ela. Ela o havia mudado, realinhado de dentro para fora. Como um planeta que repentinamente puxa uma lua para a sua órbita, ela o ligara a ela, lhe dera instruções por mais tempo do que ela sabia, dando-lhe um propósito de existir.

Ela era sua gravidade, seu maldito planeta, e ele estava perdido sem ela.

Com passados banhados na morte, com fundamentos banhados em sangue, ele encontrou algo tão precioso que se perguntava às vezes se não passaria por tudo de novo apenas para encontrá-la.

A chuva caía nas janelas do lado de fora, trovões retumbando, e ele se inclinou para a frente, dizendo-lhe tudo com os lábios da única maneira que podia. Ela o segurou.

Ela sempre o segura.

E com uma mulher que ele amava ao lado dele, procurando a outra que havia perdido, Tristan se sentiu amado, aceito.

Todo.

E ele passaria por tudo de novo, só por ela.

A série Dark Verse continua com a história de Dante e Amara em ***The Emperor****, em* ***dezembro de 2020.***

Obrigada por escolher meu livro. Espero que tenham gostado da jornada de Tristan e Morana. Embora não seja o fim e você os veja novamente, isso me deixa emocionada. Por favor, considere deixar uma crítica / classificação antes de avançar para a sua próxima aventura de livros. Eu realmente aprecio muito isso.

Agradecimentos

Escrever não era algo que eu jamais pensei que faria, apenas alguns anos atrás, quando minha saúde mental entrou em colapso e a narrativa se tornou meu refúgio. Por esse motivo, meus primeiros agradecimentos sempre serão para as pessoas incríveis que estão comigo desde o início, minha família de fãs que me apoiaram com seu amor de pessoas que eu nunca conheci. Você é a razão pela qual descobri quem sou e você me fortalece todos os dias.

Em segundo lugar, para meus pais – eu não seria quem sou sem você. Você me fez acreditar que posso voar todos os céus, mergulhar em todos os oceanos, falhar ou ter sucesso, e você me amaria da mesma forma. Vocês são meus pilares, não importa onde eu esteja no mundo, e tenho sorte de ser seu.

Também quero agradecer a toda a comunidade do livro que me aceitou de braços abertos. A todos os blogueiros e criadores de livros que se assustaram comigo e comemoraram meu livro, obrigado. Compartilhar meu próprio amor por tudo o que é romance, ver o talento em suas edições e fotos e simplesmente conversar com você tem sido um presente. A todos os amigos que fiz na comunidade que me fazem sorrir e aww... grata pelo seu amor. Vocês não sabem o que isso significa para mim.

E para Nelly. Minha amiga incrível, talentosa e visionária, que me disse generosamente que sim quando perguntei se ela desenharia a capa do meu livro. Você é uma joia e agradeço minhas estrelas da sorte todos os dias por você. Toda vez que você cria algo, isso assombra minha mente. Acho que nunca serei capaz de verbalizar o amor que sinto por você e como sou grato todos os dias por você tolerar minha bunda. Obrigado. Eu não poderia imaginar alguém fazendo justiça a essa história como você. Não havia escolha a fazer.

Para meus amigos, você sabe quem você é. Obrigado por ter sido tão paciente comigo quando eu desapareci por dias e era um amigo de merda basicamente. Eu te amo tanto.

Para minha tribo de leitores, os presentes com os quais você me honrou me deixam sem palavras. A abundância que você derrama sobre mim enche minha vida todos os dias. Muito obrigada. Você faz do meu mundo um lugar melhor.

Mais importante, quero agradecer a você, meu leitor, por pegar meu livro e escolher me ler. Se você chegou até aqui, sou eternamente grato a você. Espero que tenham gostado, mas mesmo se não gostaram, obrigado por escolher. Agradeço por você dedicar tanto tempo. Por favor, considere deixar um comentário antes de entrar no seu próximo mundo dos livros.

Muito obrigada!